

# UMA LONGA QUEDA

"O melhor  
romance  
de Hornby  
até agora."  
*The Sunday  
Times*



Nick  
Hornby

  
COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

NICK HORNBY  
Uma longa queda

*Tradução*  
Christian Schwartz



*Para Amanda*

*A cura para a infelicidade é a felicidade, não importa o que digam.*

Elizabeth McCracken  
*Niagara Falls All Over Again*

## PARTE 1

MARTIN

Se consigo explicar por que queria pular do alto de um prédio? Claro que consigo explicar por que queria pular do alto de um prédio. Não sou um completo idiota. Consigo explicar porque não tinha nada de inexplicável: foi uma decisão lógica, tomada após a devida reflexão. Nenhuma reflexão lá muito séria também. Não que tenha sido um capricho — só quis dizer que não foi nada terrivelmente complicado ou angustiante. Vamos imaginar o seguinte: digamos que o sujeito fosse, sei lá, o subgerente de um banco em Guildford. E que estivesse pensando em deixar o país, e aí recebesse uma proposta de trabalho pra assumir uma gerência em Sidney. Ora, mesmo sendo uma decisão bem fácil, o cara ainda assim daria uma pensadinha, não daria? No mínimo ia precisar refletir se suportaria uma mudança dessas, se conseguiria deixar pra trás amigos e colegas, se seria capaz de deslocar mulher e filhos para uma terra estrangeira. Talvez sentasse com um pedaço de papel pra fazer uma lista de prós e contras. Algo como: *CONTRAS — pais idosos, amigos, golfe.*

*PRÓS — mais dinheiro, melhor qualidade de vida (casa com piscina, churrascos etc.), mar, sol, nada de conselhos comunitários com tendências esquerdistas querendo banir canções de ninar politicamente incorretas, ou diretivas do Mercado Comum Europeu tentando proibir a venda de salsichas britânicas etc.*

Nem tem o que pensar, certo? Golfe! Dá um tempo. Pais idosos, claro, pedem um momento de ponderação, mas não mais do que isso — uma

paradinha pra refletir, e rápida. Em dez minutos o sujeito já estaria ao telefone falando com seu agente de viagens.

Pois esse cara era eu. Simplesmente não havia razões suficientes pra me arrependeu, e havia um montão delas pra pular. A única coisa na minha lista de contras seriam as crianças, mas a Cindy não me deixaria vê-las de novo mesmo. Não tenho pais idosos nem jogo golfe. O suicídio era minha Sidney. E digo isso sem a menor intenção de ofender o simpático povo de Sidney.

MAUREEN

Eu disse a ele que ia a uma festa de Ano-Novo. Avisei em outubro. Não sei se as pessoas mandam convites para festas de Ano-Novo em outubro. Provavelmente não. (Como eu poderia saber? Desde 1984 não ia a uma festa de Ano-Novo. A June e o Brian, que moravam aqui em frente, fizeram uma pouco antes de se mudar. E, mesmo aquela vez, dei apenas uma passadinha, depois de ele já ter ido dormir, e só fiquei uma hora e pouco.) Mas eu não podia esperar mais. Andava pensando naquilo desde maio ou junho, e ficava me coçando para contar. Uma ideia idiota, na verdade. Ele não entende, tenho certeza que não. Me dizem para continuar falando, mas a gente percebe que nada entra ali. E logo o que foi me dar coceira de contar! Só mostra o tipo de coisa que eu tinha pela frente, não é mesmo?

No momento em que falava com ele, desejei sair dali direto para o confessionário. Ora, eu tinha mentido, não tinha? Tinha mentido para o meu próprio filho. Ah, só uma mentirinha boba: disse a ele, com meses de antecedência, que ia a uma festa, uma festa inventada. E planejei tudo direitinho. Falei de quem era a festa, e por que eu tinha sido convidada, e por que queria ir, e quem mais estaria lá. (A festa era da Bridgid, da Bridgid da igreja. E eu tinha sido convidada porque a irmã dela estava vindo de Cork, a irmã que escreveu perguntando por mim em uma ou duas cartas. E a razão de eu querer ir à festa era que a irmã da Bridgid tinha levado a sogra até Lourdes, e eu queria que ela me contasse tudo a respeito porque pretendia levar o Matty.) Mas a confissão não era possível, pois eu sabia

que aquele pecado, a mentira, precisaria ser repetido e repetido até o final do ano. E não apenas para o Matty, mas para o pessoal da clínica, e para... Bom, não tem mais ninguém, na verdade. Talvez alguém da igreja, ou com quem eu esbarrasse em alguma loja. Pensando bem, é quase cômico. Quando a gente passa dia e noite cuidando de um filho doente, as chances de pecar são muito pequenas, então nada que eu tivesse feito nos últimos não sei quantos anos era digno do confessionário. E saí disso para um pecado tão terrível que nem conseguia contar ao padre, porque continuaria a pecar e pecar até o dia da minha morte, quando cometeria o maior de todos os pecados. (E por que esse é o maior de todos os pecados? A vida inteira nos dizem que, ao morrer, vamos para um lugar maravilhoso. E a única coisa que se pode fazer para chegar lá mais rápido é algo que fecha, definitivamente, as portas desse mesmo lugar para quem o faz. Ah, sim, entendo que é meio como furar a fila. Mas, se alguém fura a fila nos Correios, o pessoal chia. Ou, às vezes, alguém diz: “Desculpa, mas eu estava aqui antes”. Ninguém sai com um: “Você vai queimar no fogo do inferno por toda a eternidade”. Seria meio forte demais.) O que não me impedia de ir à igreja. Mas só continuei a ir porque, se parasse, o pessoal acharia que alguma coisa estava errada.

À medida que a data se aproximava, eu ia passando ao Matty umas informações soltas, como se tivesse acabado de ficar sabendo delas. Todo domingo fingia ter novidades, porque era aos domingos que encontrava a Bridgid. “A Bridgid falou que vai ter dança.” “A Bridgid está preocupada que nem todo mundo goste de vinho ou cerveja, então resolveu providenciar destilados também.” “A Bridgid não sabe quantos convidados já terão jantado quando chegarem.” Se o Matty fosse capaz de entender alguma coisa, acharia que a tal da Bridgid era uma lunática, encucada daquele jeito com uma festinha. Eu ficava vermelha toda vez que a encontrava na igreja. E, claro, queria saber o que, de fato, ela ia fazer no Ano-Novo, mas nunca perguntei. Ela podia acabar se sentindo obrigada a me convidar, caso estivesse mesmo planejando dar uma festa.

Fico envergonhada, pensando agora. Não pelas mentiras — já me acostumei a mentir, a esta altura. Não, me envergonho de como tudo aquilo era patético. Certo domingo, me peguei contando ao Matty onde a Bridgid ia comprar o presunto para os sanduíches. Mas não me saía da cabeça, a noite do Ano-Novo, não saía, claro, e aquele era um jeito de falar sobre a ocasião sem dizer nada de fato. E passei eu mesma, acho, a acreditar um pouco na história da festa, daquele jeito como passamos a acreditar numa história lida num livro. De vez em quando imaginava que roupa usaria, o quanto beberia, a que horas iria embora. Se voltaria para casa de táxi. Esse tipo de coisa. No fim, foi como se tivesse ido de verdade. Mesmo na imaginação, porém, não conseguia me ver conversando com ninguém na festa. Ficava sempre bastante feliz de ir embora dali.

JESS

Eu estava numa festa lá embaixo, num apartamento invadido. Uma bosta de festa, cheia de uns velhos rabugentos sentados no chão bebendo sidra e fumando uns baseados enormes e escutando um reggae viajandão esquisito. À meia-noite, um deles bateu palmas, sarcástico, outros deram risada, e foi isso — feliz Ano-Novo pra vocês também. Você podia ser a pessoa mais feliz de Londres e, chegando numa festa dessas, ainda assim ia ter vontade de pular do terraço à meia-noite e cinco. Mas eu não era a pessoa mais feliz de Londres. Claro.

Só fui porque alguém da faculdade tinha me dito que o Chas ia estar lá, mas ele não estava. Tentei ligar no celular pela zilionésima vez, mas ele tinha desligado. Logo que a gente terminou, ele me chamou de *stalker*, mas essa palavra exige uma intensidade emocional, né? Não acho que se possa dizer que alguém está te perseguindo quando nada aconteceu além de telefonemas, cartas, e-mails e algumas batidas na porta. E só apareci no trabalho dele duas vezes. Três, se contar a festa de Natal, que pra mim não conta, porque, enfim, o Chas tinha me convidado pra ir com ele nessa festa. Um *stalker* é alguém que vai atrás da pessoa numa loja ou nas férias dela, né? Bom, nunca cheguei nem perto de loja nenhuma. E, também,

não acho que seja um caso de *stalker* se a pessoa te deve uma explicação. Alguém te devendo uma explicação é como alguém te devendo grana, e bem mais do que cinco pilas, aliás. Estaria mais pra quinhentos ou seiscentos mangos, no mínimo. Se alguém estivesse te devendo no mínimo quinhentos ou seiscentos mangos, e essa pessoa andasse te evitando, você ia acabar batendo na porta dela tarde da noite, quando sabe que ela vai estar em casa. As pessoas levam a sério uma grana dessas. Acionam cobradores e quebram as pernas das outras, mas nunca cheguei a tanto. Mostrei que tenho algum controle.

Então, mesmo vendo de cara que ele não estava na festa, fiquei por ali um pouco. Aonde mais podia ir? Estava me sentindo mal por mim mesma. Como é que pode alguém ter dezoito anos e nenhum lugar pra ir na noite de Ano-Novo além de uma bosta de festa numa bosta de apartamento invadido onde você não conhece ninguém? Mas foi isso que tive a manha de fazer, que pareço ter a manha de fazer todo ano. Faço novos amigos com facilidade, mas aí deixo eles putos, e disso já me toquei, só não sei bem como ou por que isso acontece. E é quando desaparecem as pessoas e as festas.

Deixei a Jen puta, tenho certeza. Ela desapareceu, como todo mundo.

MARTIN

Eu tinha passado os meses anteriores dando uma olhada em matérias sobre suicídio na internet, só por curiosidade. E em quase todos os casos o legista dizia: “Ele tirou a própria vida num momento de perturbação do equilíbrio mental”. Aí vinha a história do pobre infeliz: a mulher indo pra cama com o melhor amigo, o sujeito que perdia o emprego, a filha morta num acidente de carro meses antes... Acorda, sr. Legista! Sinto muito, amigo, mas não tem nada de perturbação do equilíbrio mental aí. Eu diria que o suicida simplesmente fez o que devia fazer. Desgraça em cima de desgraça em cima de desgraça até não aguentar mais, então o cara pega a perua da família e vai até o estacionamento da loja de departamentos mais próxima com uma mangueira de borracha de boa extensão. Nada mais

justo, certo? Será que o relato do legista não deveria conter algo como: “Ele tirou a própria vida depois de refletir sóbria e cuidadosamente sobre a merda que tal vida tinha se tornado”?

Nem uma única vez li numa dessas matérias algo que me convencesse de que o sujeito estava fora do ar. Como: “O atacante do Manchester United, que estava noivo da atual miss Suécia, recentemente conquistara uma inédita dobradinha: é o único, até hoje, a ter levado a Copa da Inglaterra e o Oscar de melhor ator num mesmo ano. Os direitos de filmagem de seu primeiro romance haviam acabado de ser vendidos, por soma não revelada, a Steven Spielberg. Ele foi encontrado por um dos empregados pendendo de uma viga do teto num dos estábulos de sua propriedade”. Ora, nunca vi um relato do tipo, mas, se existissem casos de gente feliz, bem-sucedida e talentosa que tira a própria vida, certamente se poderia deduzir que o equilíbrio, ali, andava mesmo perturbado. E não estou dizendo que jogar pelo Manchester United, estar noivo da miss Suécia e ganhar um Oscar sejam vacinas contra a depressão — tenho certeza de que não são. Só estou dizendo que essas coisas ajudam. Deem uma olhada nas estatísticas. A pessoa tem mais chances de dar cabo de si mesma se tiver acabado de se divorciar. Ou se for anoréxica. Ou se estiver desempregada. Ou se viver de prostituição. Ou se tiver lutado numa guerra, ou sido estuprada, ou perdido alguém... São muitos e muitos os fatores que levam à beira do precipício; é improvável que algum deles faça a pessoa se sentir outra coisa que não fodida e infeliz.

Dois anos atrás, Martin Sharp não se encontraria sentado sobre um minúsculo parapeito no meio da noite, olhando pra calçada de concreto mais de trinta metros abaixo, pensando se daria pra escutar o ruído de seus ossos se quebrando em pedacinhos. Mas Martin Sharp era uma pessoa diferente dois anos atrás. Eu ainda tinha um emprego. Ainda tinha uma mulher. Não tinha ido pra cama com uma menina de quinze anos. Não tinha estado na prisão. Não tinha sido obrigado a conversar com minhas filhas pequenas sobre uma matéria na primeira página de um tabloide com

a palavra CANALHA! como manchete, que vinha ilustrada por uma foto minha largado na calçada em frente a uma conhecida boate londrina. (Como seria a manchete se eu tivesse partido pra sempre? A ÚLTIMA DO CANALHA!, talvez. Ou, quem sabe, FIM DE CASO!) É justo dizer que, antes disso tudo acontecer, havia menos motivos pra eu estar sentado sobre um minúsculo parapeito. Então não venham me dizer que meu equilíbrio mental estava perturbado, porque não era assim que eu me sentia. (E, também, o que tem a ver esse troço de “equilíbrio mental”? É algo rigorosamente científico? A mente de fato se dobra de cima a baixo feito escama de peixe conforme a viagem que acontece na cabeça do sujeito?) Querer me matar era a reação adequada e razoável pra toda uma série de eventos desafortunados que tinha tornado minha vida insuportável. Ah, pois é, sei que os psicólogos vão dizer que podiam ter ajudado, mas é aí que nasce a metade dos problemas deste país, certo? Ninguém quer encarar suas responsabilidades. É sempre culpa dos outros. Buá, buá, buá. Pois sou um desses raros indivíduos que acreditam que o que rolou entre minha mãe e meu pai não tem nada a ver com eu ter trepado com uma menina de quinze anos. Acho, aliás, que teria ido pra cama com ela independentemente de ter sido amamentado no peito ou não, e já era tempo de encarar as consequências do que eu tinha feito.

Caguei minha vida, foi isso que eu fiz. Literalmente. Bom, não *literalmente*. Não que, sabem, eu tivesse transformado minha vida em fezes que acumulei no intestino, e assim por diante. Mas sentia como se tivesse cagado minha vida, do mesmo jeito que é possível cagar com dinheiro. Eu antes tive uma vida, repleta de filhos, esposas, empregos e toda essa coisa normal, e aí, não sei como, perdi a direção. Não, vejam bem, não foi exatamente assim. Eu sabia pra onde estava conduzindo minha vida, assim como a gente sabe pra onde está indo o dinheiro quando caga com ele. Não tinha perdido a direção coisa nenhuma. Tinha jogado fora. Jogado fora minhas filhas, meu emprego e minha esposa, tudo em troca de boates e meninas adolescentes. Essas coisas têm um preço, que

alegremente paguei, e de repente minha vida não existia mais. O que eu estaria deixando pra trás? Na noite de Ano-Novo, a sensação era de estar dando adeus a uma forma difusa de consciência e a um sistema digestivo que funcionava apenas parcialmente — sinais de vida, certo, mas nada com conteúdo. Eu nem mesmo me sentia particularmente triste. Me sentia apenas um tremendo idiota, e muito puto.

Não é porque subitamente tive uma luz que continuo por aqui. A razão pra eu continuar nesta vida é que aquela noite acabou se tornando uma confusão tão grande quanto todo o resto. Consegui foder com tudo até quando resolvi pular do alto de uma porra de um prédio.

MAUREEN

Na noite de Ano-Novo, a clínica mandou a ambulância buscá-lo. Tinha que pagar um extra por isso, mas não liguei. E como poderia? No fim, o Matty ia custar a eles mais do que eu estava pagando. Eu só ia ter que pagar por uma noite, mas, enquanto ele vivesse, a clínica teria que arcar com os custos.

Pensei em esconder algumas das coisas do Matty, talvez estranhassem aqueles objetos, mas ninguém precisava saber que eram dele. Afinal, não podiam saber que eu não tinha uma penca de filhos, então deixei tudo lá. Chegaram em torno das seis, dois jovens que o levaram na cadeira de rodas. Nem pude chorar quando ele foi embora, porque senão os rapazes perceberiam que tinha algo errado; na cabeça deles, eu passaria para pegar o Matty às onze da manhã seguinte. Apenas dei-lhe um beijo no cocuruto, disse que se comportasse na clínica e me segurei até que tivessem partido. Então chorei e chorei, durante mais ou menos uma hora. Matty tinha arruinado minha vida, mas ainda assim era meu filho e não consegui me despedir direito. Vi um pouco de tevê e até bebi umas tacinhas de xerez, pois sabia que estaria frio lá fora.

Esperei dez minutos no ponto do ônibus, mas então decidi ir caminhando. Quando a gente sabe que quer morrer, fica um pouco menos assustada. Eu nem sonharia em sair andando o caminho todo tarde da

noite, especialmente com as ruas cheias de bêbados, mas o que importava àquela altura? Embora, claro, eu agora me pegasse preocupada imaginando que poderia ser atacada sem que me matassem — abandonada como morta sem, porém, estar. Porque aí seria levada para o hospital e me identificariam e descobririam sobre o Matty, e todos aqueles meses de planejamento teriam sido uma completa perda de tempo, eu estaria devendo milhares de libras para a clínica quando tivesse alta, e de onde tiraria um dinheiro desses? Mas ninguém me atacou. Algumas pessoas me desejaram Feliz Ano-Novo, nada mais. Não tem muita coisa que se precise temer por aí. Lembro de ter pensado como era engraçado descobrir isso naquele momento, a última noite da minha vida; até ali, tinha passado o tempo todo com medo de tudo.

Era a primeira vez que eu entrava no Toppers' House. Tinha só passado por ali, uma ou duas vezes, de ônibus. Nem estava muito certa se era possível entrar e subir até o terraço, mas encontrei a porta aberta e simplesmente fui indo pelas escadas até não ter mais para onde subir. Não sei por que não havia me ocorrido que não era só chegar lá e pular a hora que bem entendesse, mas me dei conta, quando vi a situação, de que não iam permitir que fosse fácil assim. Tinham colocado uma cerca de arame e, bem lá no alto, estacas pontiagudas curvadas para dentro... bom, foi aí que comecei a entrar em pânico. Não sou alta nem muito forte, também não sou mais tão jovem. Não conseguia pensar num jeito de passar por cima daquela proteção toda, e tinha que ser naquela noite que o Matty ficaria na clínica e tudo mais. Então passei a enumerar as outras opções, e nenhuma delas era muito boa. Não queria fazer aquilo na sala de casa, onde alguém conhecido encontraria meu corpo. Queria que um estranho me descobrisse. E não queria pular na frente de um trem, pois tinha visto um programa na tevê sobre os coitados dos condutores e como os suicídios os deprimem. E não tinha um carro, então não podia dirigir até algum lugar quieto e inalar a fumaça do escapamento...

Foi quando avistei o Martin, exatamente do lado oposto do terraço. Me recolhi a uma sombra e fiquei espiando. Dava para perceber que ele havia preparado tudo direitinho: tinha levado uma escadinha portátil e um alicate para cortar o arame, e foi assim que conseguiu escalar até o topo. E lá estava ele, sentado no parapeito, os pés balançando, olhando para baixo e dando uns tragos de uma garrafinha metálica de uísque, fumando, pensativo, enquanto eu esperava. E ele fumou e fumou, e eu esperei e esperei um pouco mais, até que não pude mais esperar. A escadinha podia ser do Martin, mas eu precisava dela. Logo não teria muita utilidade para ele.

Jamais fiz menção de empurrá-lo para baixo. Não sou durona a esse ponto, empurrar um homem-feito do parapeito de um prédio. E nem tentaria também. Não seria direito; era ele quem tinha de decidir se pulava ou não. O que fiz foi subir na escadinha, passar minha mão pelo vão do arame e tocá-lo no ombro. Só queria perguntar se ia demorar muito.

JESS

Quando cheguei no apartamento invadido, nem tinha a intenção de subir pro terraço. Na boa. Tinha esquecido a fama toda do Toppers' House até começar a conversar com um cara lá. Acho que ele estava a fim de mim, o que não quer dizer muita coisa, considerando que, ali, eu era praticamente a única representante do sexo feminino com menos de trinta anos que conseguia parar em pé. Ele me deu um cigarro e disse que seu nome era Pipeta, e, quando perguntei por que se chamava assim, o cara contou que era porque sempre fumava maconha nesse troço, um tipo de cachimbo. Falei: Quer dizer que todo o resto do pessoal aqui se chama Baseado? Mas ele, tipo, foi explicando, Não, aquele ali é o Mike Maluco. E aquele outro é o Poça. E o outro lá é o Nicky Esterco. E assim por diante, até ter apresentado todo mundo que estava na sala.

Mas os dez minutos que passei conversando com o Pipeta fizeram história. Bom, não aquele tipo de história tipo 55 a.C. ou 1939. Não história histórica, a menos que um de nós tivesse inventado uma máquina

do tempo ou impedido a Inglaterra de ser atacada pela Al-Qaeda ou algo assim. Mas sabe lá o que aconteceria com a gente se o Pipeta não tivesse ficado a fim de mim. Porque, antes de ele chegar pra puxar papo, eu já estava tomando o rumo de casa, e a Maureen e o Martin estariam mortos agora, provavelmente, e... bom, tudo teria sido diferente.

Quando o Pipeta terminou a lista de apresentações, olhou pra mim e disse: Você não tá pensando em subir pro terraço, né? Eu pensei: Não com você, seu chapado. E ele: Porque dá pra ver nos seus olhos a dor e o desespero. Eu já estava mais pra lá do que pra cá àquela altura, então, pensando agora, acho que o que ele estava vendo nos meus olhos eram sete garrafinhas de Bacardi Breezers e duas latas de Special Brew. Respondi simplesmente, Ah, sério? E ele: É, sabe, me deixaram encarregado da prevenção dos suicídios, fico de olho em pessoas que vêm aqui só pra ir lá pra cima. E eu falei, tipo, O que é que tem lá em cima? Ele riu e disse: Você tá zoando, né? Aqui é o Toppers' House. O lugar onde o pessoal vem pra se matar. E eu nunca teria pensado nisso se ele não tivesse falado. De repente tudo fez sentido. Porque, ainda que eu já estivesse de saída, não tinha a menor ideia do que fazer quando chegasse em casa, e não conseguia nem imaginar o que seria acordar na manhã seguinte. Eu queria o Chas e ele não me queria, e de repente saquei que a melhor coisa que podia fazer era encurtar minha vida o máximo possível. Quase comecei a rir, era tão óbvio: queria encurtar a vida e estava numa festa no Toppers' House, coincidência demais. Feito uma mensagem dos céus. Tá, era decepcionante que tudo o que Deus tinha pra dizer fosse, tipo, pule do terraço, mas não era culpa Dele. Dizer o que mais?

Pude sentir, ali, o peso de todas as coisas — o peso da solidão, de tudo que tinha dado errado. Senti que era um ato heroico subir aqueles derradeiros lances de escada do prédio, arrastando comigo aquele peso todo. Pular parecia o único jeito de me livrar dele, o único jeito de fazer o peso funcionar a meu favor em vez de contra mim; eu me sentia tão pesada

que sabia que num instante chegaria ao chão. Bateria o recorde mundial de salto de prédio.

MARTIN

Se ela não tivesse tentado me matar, eu estaria morto, sem dúvida. Mas todo mundo tem um instinto de preservação, certo? Mesmo que seja pra dar as caras quando a gente está tentando se matar. Só sei que senti aquele empurrãozinho nas costas, então me virei, agarrei na proteção e comecei a gritar. Àquela altura já estava bêbado. Fazia um tempo que estava ali, bebericando da velha garrafinha metálica, e já tinha saído de casa de cara cheia. (Eu sei, eu sei, não devia ter dirigido. Mas não ia carregar a porra da escadinha num ônibus.) Então, certo, é provável que eu tenha perdido as estribeiras e dito algumas coisas. Se soubesse que era a Maureen, e conhecesse o jeito dela, provavelmente teria maneirado um pouco no tom, mas não fiz isso; acho até que usei aquela palavrinha com “p”, mas depois pedi desculpas. É preciso reconhecer que aquela era uma situação peculiar.

Levantei e dei meia-volta com cuidado, porque não queria cair lá embaixo até ter resolvido que queria, então comecei a berrar com ela, que só me encarava.

“Eu te conheço”, ela falou.

“De onde?” Eu estava meio lesado. As pessoas me abordam em restaurantes, lojas, teatros, estacionamentos e mictórios na Inglaterra inteira com a frase “Eu te conheço”, e o que querem dizer é, invariavelmente, o contrário; querem dizer: “Não te conheço. Mas te vi na tevê”. E querem um autógrafo, ou conversar sobre como é a Penny Chambers na vida real. Mas, naquela noite, eu simplesmente não esperava que acontecesse. Aquela coisa toda, aquele lado da vida, parecia meio sem sentido.

“Da televisão.”

“Ah, pelo amor de Deus. Estava aqui prestes a me matar, mas não tem problema, sempre há tempo pra um autógrafo. Tem uma caneta aí? Ou

um pedaço de papel? E, antes que você pergunte, ela é uma perfeita de uma vagabunda que cheira o que aparecer pela frente e dá pra qualquer um. Mas o que mesmo você está fazendo aqui?”

“Eu ia... ia pular também. Queria sua escada emprestada.”

É a isso que tudo se resume: escadas. Bom, não literalmente; a paz no Oriente Médio não se resume a escadas, tampouco o mercado financeiro. Mas uma coisa que aprendi com os entrevistados do meu programa é que se pode reduzir os assuntos mais complexos a suas menores partes, como se a vida fosse a miniatura de algo que a gente monta. Escutei de um líder religioso que sua fé podia ser atribuída a ter sido flagrado no depósito de uma casa (ele acabou preso por uma noite quando jovem, e Deus o guiou na escuridão); ouvi um refém contar que sobreviveu porque seus sequestradores ficaram fascinados com a carteirinha de descontos pra famílias do zoológico de Londres que ele guardava na carteira. A gente quer falar de grandes temas, mas são os flagrantes nos depósitos e as carteirinhas de desconto do zoológico de Londres que rendem audiência; sem isso, não saberia nem por onde começar. Pelo menos se o programa for *Bom dia com Penny e Martin*, enfim. A Maureen e eu não podíamos conversar sobre por que estávamos tão infelizes a ponto de querer que nossos cérebros virassem milk-shake do McDonald's espalhado na calçada lá embaixo, então, em vez disso, falamos da escada.

“Fique à vontade.”

“Vou esperar até... Bom, vou esperar.”

“Quer dizer que vai ficar aí parada, só assistindo?”

“Não. Claro que não. Você quer fazer isso sozinho, imagino.”

“Imaginou certo.”

“Vou pra lá.” Ela apontou o outro lado do terraço.

“Dou um grito quando estiver caindo.”

Eu ri, mas ela não.

“Ah, vai. Essa foi boa. Considerando as circunstâncias.”

“Acho que não estou no clima, sr. Sharp.”

Não acho que estivesse tentando ser engraçada, mas o que ela falou me fez rir ainda mais. A Maureen foi pro outro lado e sentou encostada na amurada oposta do terraço. Dei meia-volta e sentei outra vez no parapeito. Mas não conseguia me concentrar. O momento tinha passado. Vocês provavelmente estão pensando: que concentração é essa de que um cara precisa pra pular do topo de um prédio? Pois ficariam surpresos ao descobrir. Antes da Maureen chegar, eu estava no ponto; me jogar seria fácil. Estava completamente focado nas razões pelas quais tinha subido ali, pra começar; compreendia com terrível clareza a impossibilidade de retomar minha vida lá embaixo. Mas a conversa com ela me distraiu, me atirou de volta ao mundo, ao frio, ao vento e ao ruído grave e pulsante que vinha de sete andares abaixo. Eu não conseguia voltar ao estado anterior; foi como se uma das crianças tivesse acordado bem quando a Cindy e eu começávamos a fazer amor. Não tinha mudado de ideia e sabia que ainda teria de fazer aquilo em algum momento. Só que também sabia que, nos cinco minutos seguintes, não conseguiria fazer.

Gritei pra Maureen.

“Ei! Quer ir na minha vez? Ver como é que você se sai?” E dei outra risada. Eu participava de uma esquete humorística, era o que sentia, suficientemente bêbado — e suficientemente lesado, penso — pra achar que qualquer coisa que dissesse soaria hilariante.

A Maureen saiu da sombra e se aproximou cautelosamente do buraco na cerca de arame.

“Quero ficar sozinha também”, falou.

“Você vai ficar. Tem vinte minutos. Depois quero meu lugar.”

“Como é que você vai voltar pra cá?”

Não tinha pensado nisso. A escadinha de fato só servia pra descer até o parapeito: ali, do lado da cerca de proteção onde eu estava, não havia espaço pra abri-la.

“Você vai ter que segurar pra mim.”

“Como assim?”

“Passa pra cá por cima da cerca. Vou apoiar bem na proteção. Você segura firme desse lado aí.”

“Nunca vou conseguir manter a escada firme. Você é muito pesado.”

E ela era leve demais. Era pequena, não pesava nada; me perguntei se não estava a fim de se matar por não querer morrer uma morte longa e dolorosa de alguma doença.

“Então você vai ser obrigada a aguentar minha companhia.”

E, também, eu não tinha muita certeza se queria escalar de volta pro outro lado. A cerca de proteção demarcava uma fronteira, agora: o terraço levava às escadas, e as escadas à rua, e a rua à Cindy e às crianças, e à Danielle e ao pai dela, e a tudo o que tinha me impulsionado ali pra cima feito um pacote de salgadinho numa lufada de vento. O parapeito dava uma sensação de segurança. Ali não havia humilhação nem vergonha — pra além da humilhação e da vergonha já esperadas por estar sentado, sozinho, na noite de Ano-Novo, no parapeito de um prédio.

“Não dá pra você contornar a beirada até o outro lado do terraço?”

“Por que você não faz isso? A escada é minha.”

“Você não está sendo muito cavalheiro.”

“Não, não sou mesmo a porra de um cavalheiro. Essa é uma das razões pra eu estar aqui, na verdade. Você não lê os jornais?”

“Dou uma olhada no noticiário local, de vez em quando.”

“Então o que você sabe a meu respeito?”

“Que você tinha um programa na tevê.”

“Só isso?”

“Acho que sim.” Ela pensou por um momento. “Você foi casado com alguém do ABBA?”

“Não.”

“Ou com alguma outra cantora?”

“Não.”

“Ah. E você gosta de cogumelos, isso eu sei.”

“Cogumelos?”

“Você falou. Eu lembro. Um desses chefs foi no programa e te deu um negócio pra provar, e você falou: ‘Huuuum! Amo cogumelos. Sou capaz de passar um dia inteiro comendo isso’. Era você nesse programa?”

“Pode ser. Mas é só isso que você é capaz de desencavar da memória?”

“Só.”

“Então por que acha que quero me matar?”

“Não faço ideia.”

“Você está me sacaneando.”

“Será que dá pra você manear a língua? Está sendo grosseiro.”

“Desculpe.”

Mas não dava pra acreditar. Não dava pra acreditar que tinha encontrado alguém que não sabia. Antes de ir pra cadeia, era comum eu acordar de manhã e a escória dos tabloides já estar de plantão na minha porta. Tive reuniões de gerenciamento de crise com agentes, gerentes e executivos da tevê. Parecia impossível que existisse, na Inglaterra, alguém que não estivesse interessado no que eu tinha feito, principalmente porque eu vivia num mundo em que, aparentemente, essa era a única coisa que importava. Talvez a Maureen vivesse naquele terraço, pensei. Ali não seria difícil perder contato com o mundo.

“E esse cinto aí?” Ela apontou com o queixo pra minha cintura. Do ponto de vista da Maureen, aqueles eram seus últimos momentos neste mundo. Ela não queria gastá-los falando da minha paixão por cogumelos (uma paixão que, desconfio, pode ter sido inventada só porque eu estava em frente às câmeras). Ela queria fazer a coisa andar.

“Que é que tem?”

“Tire o cinto e passe em torno da escada. Aí prenda do seu lado da cerca.”

Entendi a ideia dela e vi que ia funcionar. Nos minutos seguintes, trabalhamos num silêncio solidário; ela me passou a escada por cima da cerca, eu tirei meu cinto, passei-o em torno da escada e da própria cerca, preendi bem, afivelei e dei uma sacudidela pra ver se o conjunto estava

seguro. Não queria morrer caindo de costas, não mesmo. Escalei pro outro lado, desafivelamos o cinto, colocamos a escada de volta no lugar.

E eu já estava pronto pra deixar a Maureen pular em paz quando apareceu aquela porra daquela lunática correndo, aos berros, na nossa direção.

JESS

Eu não devia ter feito barulho. Foi esse o meu erro. Erro se a ideia era me matar, enfim. Podia ter, rápida e calmamente, em silêncio, caminhado até onde estava a escadinha, na parte do arame cortada pelo Martin, e simplesmente pulado. Mas não. Berrei, tipo, Saiam da frente, seus cretinos!, e em seguida o grito de guerra dos peles-vermelhas, como se tudo fosse uma brincadeira — e pra mim, a certa altura, era mesmo —, e o Martin me derrubou com um lance de rúgbi antes que eu chegasse na metade do caminho. Aí ele, tipo, me prendeu com o joelho e segurou meu rosto contra o chão, essa espécie de imitação de asfalto que colocam no topo dos prédios. E foi quando eu desejei mesmo estar morta.

Não sabia que era o Martin. Não cheguei a ver nada, na verdade, até o momento em que ele já esfregava meu nariz no chão sujo, e aí só enxerguei sujeira. Mas sabia o que aqueles dois estavam fazendo no terraço na hora que cheguei lá. Nem precisava ser, tipo, um gênio pra sacar a situação. Então, com ele ainda em cima de mim, falei, Por que vocês dois podem se matar e eu não? E ele: Porque você é muito jovem. A gente já fodeu com as nossas vidas. Você ainda não. E respondi: Como é que você sabe? E ele falou: Ninguém já está com a vida fodida na sua idade. E eu, tipo, E se eu já tiver matado dez pessoas? Incluindo meus pais e, sei lá, meus bebês gêmeos? E ele: Certo. Você matou? E eu disse: Matei. (Mesmo não tendo feito isso. Só queria ver o que ele ia dizer.) E ele: Bom, se você está aqui, é porque se safou dessa, certo? Se eu fosse você, estaria embarcando num avião pro Brasil. Eu falei: E se eu quiser pagar com a vida pelo que fiz? E aí ele disse: Cala a boca.

MARTIN

A primeira coisa que pensei, depois de ter feito a Jess se estatelar comigo no chão, foi que não queria que a Maureen escapulisse pra se atirar sozinha. Nada a ver com tentar salvar a vida dela; é só que teria me deixado puto ela aproveitar minha distração pra pular. Ah, nada disso faz muito sentido; dois minutos antes, eu estava praticamente levando ela pela mão pra beirada. Mas não entendia por que devia me responsabilizar pela Jess e ela não, tampouco por que devia ser ela a usar a escada que eu tinha carregado até lá em cima. Ou seja, minhas razões eram essencialmente egoístas; nada de novo nisso, diria a Cindy.

Passada minha conversa idiota com a Jess sobre o monte de pessoas que ela tinha matado, gritei pra Maureen vir me ajudar. Ela parecia apavorada, e foi se arrastando até onde estávamos.

“Anda logo, caramba.”

“O que você quer que eu faça?”

“Senta em cima dela.”

A Maureen sentou sobre a bunda da Jess, e mantive os braços seguros ajoelhado sobre eles.

“Me solta, seu velho tarado filho da mãe. Tá aproveitando pra tirar uma casquinha, né?”

Bom, claro que essa doeu um pouco, considerando os eventos recentes. Até pensei que a Jess talvez soubesse quem eu era, mas nem eu sou tão paranoico. Uma pessoa derrubada com um lance de rúgbi no meio da noite, bem quando estava prestes a se atirar do alto de um prédio, provavelmente não teria na cabeça, nesse momento, um apresentador de programa matinal de tevê. (O que, pros apresentadores de programas matinais de tevê, deve ser chocante descobrir — a maioria acredita resolutamente que as pessoas só pensam em termos de programa da manhã, programa do almoço e programa do jantar.) Tive maturidade suficiente pra me colocar acima das alfinetadas da Jess, mesmo louco pra quebrar os braços dela.

“Se a gente te soltar, você vai se comportar?”

“Vou.”

Então a Maureen ficou de pé e, como era monotonamente previsível, a Jess saiu desabalada em direção à escadinha e precisei fazer com que ela se estatelasse no chão outra vez.

“E agora?”, a Maureen perguntou, como se eu fosse um veterano de situações daquele tipo e, tendo enfrentado um sem-número delas, manjasse tudo ali.

“Sei lá, caramba.”

Não faço ideia de por que não ocorreu a nenhum de nós que ir a um bem conhecido local de suicídios na noite de Ano-Novo seria como passar a data em Piccadilly Circus, mas tinha acabado por aceitar, àquela altura dos acontecimentos, a realidade da nossa situação: estávamos em vias de transformar um momento solene e íntimo numa farsa estrelada por milhares.

E, nesse exato momento, de três passamos a ser quatro. Uma tossidinha por educação e, quando nos viramos pra olhar, vimos um cara alto, bem apanhando, cabelo comprido, talvez uns dez anos mais novo que eu, capacete debaixo de um braço, um daqueles recipientes térmicos grandes debaixo do outro.

“Alguém pediu pizza?”

MAUREEN

Nunca tinha conhecido um americano, acho. Também não tinha bem certeza de que ele fosse um até que os outros disseram. A gente não espera ver americanos entregando pizza, não é verdade? Bom, eu não, mas talvez simplesmente esteja por fora. Não costumo pedir pizza, mas, todas as vezes que pedi, a entrega foi feita por uma pessoa que não falava inglês. Americanos não trabalham de entregadores, não é mesmo? Nem como vendedores em lojas ou cobradores de ônibus. Acho que devem fazer isso nos Estados Unidos, mas não aqui. Indianos e caribenhos, um monte de australianos no hospital onde levo o Matty, mas americanos não. Portanto, de início pensamos, provavelmente, que ele fosse meio maluco. Era a

única explicação. E parecia mesmo, com aquele cabelo. E achando que tivéssemos pedido pizza no terraço do Toppers' House.

“Como é que a gente teria pedido pizza daqui?”, a Jess perguntou ao rapaz. Ainda estávamos em cima dela, o que fazia sua voz sair engraçada.

“Do celu”, ele disse.

“Que celu?”, a Jess perguntou.

“Do celular, enfim.”

Ele estava certo. A gente podia ter feito isso.

“Você é americano?”, a Jess quis saber.

“Pode crer.”

“E o que é que está fazendo entregando pizza?”

“O que é que vocês estão fazendo em cima dela?”

“Eles estão em cima de mim porque isto aqui não é um país livre”, a Jess respondeu. “A gente não pode fazer o que quer.”

“E o que é que você queria fazer?”

Ela não disse nada.

“Ela ia pular daqui”, o Martin respondeu.

“E você também!”

Ele a ignorou.

“Todo mundo aqui ia pular?”, o rapaz da pizza nos perguntou.

Não dissemos nada.

“Se fu...”, o rapaz disse.

“Se fu...?”, a Jess falou. “Que é isso, ‘Se fu...?’”

“É uma abreviação dos americanos”, o Martin explicou. ‘Se fu...’ é ‘Vai se foder!’. Nos Estados Unidos, o pessoal é tão ocupado que nem se dá ao trabalho de dizer tudo.”

“Será que dá pra manear nos palavrões, por favor?”, eu disse a eles. “Nem todo mundo aqui foi criado num chiqueiro.”

O rapaz da pizza simplesmente sentou no chão e ficou balançando a cabeça. Pensei que estava se sentindo mal pela gente, só que mais tarde ele nos contou que não era nada disso.

“Tá”, falou, depois de um tempo. “Larga ela.”

Não nos movemos do lugar.

“Ei, você. Não tá me ouvindo, p...? Vou ter que ir até aí pra te fazer ouvir?” Ele levantou e veio andando até onde estávamos.

“Acho que ela está legal agora, Maureen”, o Martin disse, como se tivesse decidido por conta própria que ia se levantar, e não porque o americano talvez lhe desse um soco. O Martin ficou de pé, eu fiquei de pé e a Jess, com muitos palavrões, ficou de pé e deu umas batidas na roupa. Então ela encarou o Martin.

“Você é aquele cara”, falou. “O cara do programa matinal de tevê. O que foi pra cama com uma menina de quinze anos. Martin Sharp. C...! Martin Sharp estava em cima de mim. Seu velho tarado!”

Bom, claro que eu não sabia nada de nenhuma menina de quinze anos. Não leio esse tipo de jornal, só na cabeleireira, ou quando alguém deixa um exemplar no ônibus.

“Tá de sacanagem”, disse o rapaz da pizza. “O cara que foi pra cadeia? Li sobre ele.”

O Martin soltou um gemido. “Está todo mundo sabendo nos Estados Unidos também?”, ele perguntou.

“Claro”, respondeu o rapaz da pizza. “Li a história no *New York Times*.”

“Ah, meu Deus”, falou o Martin, mas dava para sentir que tinha gostado de saber.

“Tô te sacaneando”, disse o rapaz da pizza. “Você apresentava um programa matinal na Inglaterra. Ninguém te conhece nos Estados Unidos. Cai na real.”

“Dá uma pizza pra gente, então”, falou a Jess. “Quais sabores tem aí?”

“Não sei”, falou o rapaz da pizza.

“Deixa eu dar uma olhada, então”, a Jess disse.

“Não é isso, é que... Elas não são minhas, saca?”

“Ah, deixa de ser bundão”, a Jess respondeu. (Sério. Foi isso que ela disse. Não sei por quê.) Ela se adiantou, pegou o recipiente térmico dele e tirou as pizzas de dentro. Então abriu as caixas e começou a fuçar.

“Essa é de pepperoni. Mas essa aqui, não sei. Vegetais.”

“Vegetariana”, falou o rapaz da pizza.

“Que seja”, disse a Jess. “Quem quer o quê?”

Pedi a vegetariana. A de pepperoni talvez não me caísse bem.

JJ

Contei pra umas pessoas aí sobre aquela noite, e o que é engraçado é que elas sacam a parte do suicídio, mas não a parte da pizza. A maioria das pessoas saca isso de se suicidar, acho; a maioria, mesmo que a coisa esteja escondidinha bem lá no fundo em algum lugar, lembra de um momento da vida em que pensou se queria mesmo acordar no dia seguinte. Querer morrer parece que talvez seja meio que parte de estar vivo. Aí, enfim, conto pras pessoas a história da noite de Ano-Novo e ninguém reage dizendo, tipo, “O quêêêêê? Se matar?”. É mais, saca, “Ah, tá certo, sua banda tinha ido pro saco, fim da linha pra sua música, que era tudo o que você queria fazer na vida, e AINDA POR CIMA terminou com a namorada, única razão pra estar nesta porra de país, pra começo de conversa... Claro, posso entender por que você tinha subido lá”. Mas aí, tipo, no minuto seguinte, o que o pessoal quer saber é como é que um cara como eu trabalhava entregando a porra daquelas pizzas.

Tá, vocês não me conhecem, então vão ter que acreditar em mim quando digo que não sou idiota. Leio qualquer porra de livro que me caia nas mãos. Gosto de Faulkner, Dickens, Vonnegut, Brendan Behan e Dylan Thomas. No começo daquela semana — no dia de Natal, mais precisamente — tinha terminado *Foi apenas um sonho*, do Richard Yates, que é um romance totalmente incrível. Na verdade eu ia pular com um exemplar — não só porque teria sido, saca, muito legal, e acrescentado um pouquinho de mística à minha morte, mas porque talvez fosse uma boa maneira de levar mais pessoas a lerem o livro. Mas, do jeito que as coisas

saíram, não tive tempo nenhum de me preparar e acabei deixando o exemplar em casa. Tenho que dizer, porém, que não recomendaria terminar esse romance no dia de Natal e, saca, num quartinho alugado, sem água quente, numa cidade onde você na verdade não conhece ninguém. Isso provavelmente não contribuiu pro meu bem-estar geral, se vocês me entendem, porque o final é bem deprê.

Enfim, o negócio é que as pessoas logo concluem que qualquer um circulando pelo norte de Londres numa porra de uma motoca na noite de Ano-Novo em troca de salário mínimo é claramente um fracasso, e quase com certeza alguém com uma vida que só pode acabar em pizza. Bom, tá certo, somos fracassos por definição, porque entregador de pizza é um emprego pra fracassados. Mas não somos todos uns imbecis. Na verdade, mesmo levando em conta Faulkner e Dickens, eu provavelmente era o mais burro entre todos os caras do trabalho, ou pelo menos o que tinha a pior formação. Lá a gente encontrava médicos africanos, advogados albaneses, químicos iraquianos... Eu era o único que não tinha diploma universitário. (Não entendo como é que não acontecem mais incidentes violentos relacionados a pizzas na nossa sociedade. Pensem só: o cara é top em qualquer coisa no Zimbábue, neurocirurgião ou sei lá o que, e aí vem pra Inglaterra porque o regime fascista do país quer comer o rabo dele, e então acaba tendo que aguentar, às três da manhã, as gracinhas de algum adolescente filho da puta, chapado e com larica... Pô, vocês não acham que o cara devia ter direito, legalmente, de arreentar a fuça do moleque?) Enfim. Tem mais de um jeito de ser um fracasso. E certamente mais de um jeito de se dar mal na vida.

Aí eu podia dizer que trabalhava entregando pizzas porque a Inglaterra é um saco, e as garotas inglesas, mais especificamente, são um saco, e que só conseguia subemprego, porque não sou inglês. Nem italiano, nem espanhol, nem mesmo a porra de um finlandês ou sei lá o quê. Então trabalhava com a única coisa que pude arranjar; o Ivan, lituano que era o dono da Casa Luigi, na Holloway Road, não estava nem aí que eu fosse de

Chicago, e não de Helsinque. E outro jeito de explicar a parada é dizer que sempre pode dar merda, e que não há limites pra capacidade das pessoas de rastejar e se enfiar em lugares pequenos, escuros, claustrofóbicos e desprovidos de qualquer pingo de esperança.

O problema com a minha geração é que todos pensamos que somos umas porras de uns gênios. Produzir alguma coisa não basta pra gente, nem vender alguma coisa, ensinar alguma coisa, ou mesmo simplesmente fazer alguma coisa; precisamos *ser* alguma coisa. É nosso direito inalienável, como cidadãos do século XXI. Se a Christina Aguilera ou a Britney ou um babaca qualquer do *American Idol* podem ser alguma coisa, por que não eu? Cadê a minha fatia do bolo, pô? Tá, pois é, minha banda, a gente fazia os melhores shows já vistos em qualquer bar, e gravamos dois discos, que agradaram um monte de críticos e não muitas pessoas reais. Mas ter talento nunca é suficiente pra fazer a gente feliz, saca? Deveria, né, porque um talento é uma dádiva, e o certo seria a gente agradecer a Deus por isso, mas eu não. Eu simplesmente ficava puto por não ser bem pago pelo que fazia e por não estar na capa da *Rolling Stone*.

O Oscar Wilde certa vez disse que a vida real de uma pessoa é, quase sempre, aquela que ela não está vivendo. Pô, caralho, Oscar, acertou na mosca. Minha vida real era feita de um monte de shows como atração principal em Wembley e no Madison Square Garden, e ainda discos de platina, e Grammys, e não era essa a vida que eu estava vivendo, o que talvez fosse a razão por que parecia que tudo bem me livrar dela. A vida que eu estava vivendo não me permitia ser, sei lá... ser quem eu pensava que era. Não me permitia nem mesmo ficar direito em pé. Parecia que eu estava descendo num túnel que se tornava cada vez mais estreito, e mais escuro, e que tivesse começado a verter água, e eu ali, todo curvado, e com uma parede de pedra na minha frente, quando as únicas ferramentas disponíveis eram minhas unhas. E talvez todo mundo se sinta assim, mas não é motivo pra aceitar. Enfim, na noite de Ano-Novo, eu tinha me enchido disso tudo. Minhas unhas não existiam mais, e a ponta dos meus

dedos estava estropeada. Não conseguia mais cavar. A banda já era, então só me restava como meio de expressão dar o fora daquela minha vida irreal: ia voar de cima daquela porra de terraço feito o Super-Homem. Só que, claro, as coisas não aconteceram bem desse jeito.

Algumas pessoas mortas, pessoas que eram sensíveis demais pra continuar vivendo: Sylvia Plath, Van Gogh, Virginia Woolf, Jackson Pollock, Primo Levi, Kurt Cobain, claro. Algumas pessoas vivas: George W. Bush, Arnold Schwarzenegger, Osama bin Laden. Assinalem aquelas com quem vocês gostariam de sair pra beber, depois reparem se estão do lado dos mortos ou dos vivos. Ah, pode crer, vocês talvez digam que estou trapaceando, que tem uma ou duas pessoas faltando na minha lista dos vivos que seriam bem capazes de foder com meu argumento, uns poetas e músicos e tal. E podiam dizer também que Stálin e Hitler não foram lá essas maravilhas, e já não estão entre nós. Mas, enfim, me deem essa chance: vocês sabem do que estou falando. Pra pessoas sensíveis, é mais difícil continuar por aqui.

Pois foi chocante de verdade descobrir que a Maureen, a Jess e o Martin Sharp estavam ali, prestes a tomar o mesmo rumo de Van Gogh e cair fora deste mundo. (E, claro, valeu, já sei que o Vincent não se atirou do alto de um prédio no norte de Londres.) Uma mulher de meia-idade que parecia uma faxineira, uma adolescente lunática e gritona e o apresentador superbronzado de um talk show... Aquilo não combinava. O suicídio não foi feito para aquele tipo de gente. Foi inventado pra pessoas como a Virginia Woolf e o Nick Drake. E eu. Suicídio era pra ser um negócio descolado.

Ano-Novo é a noite dos fracassados sentimentais. Foi culpa do imbecil aqui. Claro que acabaria por encontrar lá em cima um bando de manés. Devia ter escolhido uma data mais fina — tipo 28 de março, o dia que a Virginia Woolf fez o caminho até o rio, ou o 25 de novembro do Nick Drake. Se, em datas como essas, tivesse mais alguém naquele terraço, provavelmente seriam almas gêmeas minhas, e não uns manés fodidos que,

por algum motivo, tinham se convencido de que o final de um ano no calendário era, sei lá, significativo. Acontece simplesmente que, quando veio o pedido de entrega para aqueles apartamentos invadidos do Toppers' House, a oportunidade me pareceu boa demais pra ser desperdiçada. Meu plano era dar um rolê no terraço, sacar o lugar pra ir me acostumando, voltar pra entregar as pizzas e aí Mandar Ver.

E de repente lá estava eu com três potenciais suicidas devorando as pizzas que eu deveria entregar e olhando pra minha cara. Aparentemente esperavam que eu desse uma de Abraham Lincoln e discursasse sobre por que valia a pena que eles continuassem a viver sua vida estropiada e sem sentido. O que era irônico, sério, considerando que eu estava pouco me fodendo se eles iam pular ou não. Nunca tinha visto mais gordos, e nenhum deles me parecia capaz de contribuir grande coisa pra soma total das realizações humanas.

“Então”, falei. “Ótimo. Pizza. Das pequenas coisas que fazem bem numa noite como esta.” Raymond Carver, como vocês provavelmente sabem, mas era gastar saliva à toa com aquele pessoal.

“E agora, qual vai ser?”, a Jess disse.

“A gente come as pizzas.”

“E depois?”

“Vamos só dar mais uma meia hora, tá bom? Aí a gente vê qual é.” Não sei de onde veio aquilo. Por que meia hora? Era pra acontecer o quê, até lá?

“Todo mundo precisa de um intervalo. Parece que as coisas aqui em cima estavam tomando um rumo pouco digno. Trinta minutos? Fechou?”

Um por um eles deram de ombros, depois fizeram que sim, e voltamos a mastigar nossas pizzas em silêncio. Era a primeira vez que eu provava uma pizza do Ivan. Um troço intragável, talvez até venenoso.

“Porra nenhuma que eu vou ficar aqui meia hora sentada, olhando pra cara de merda de vocês”, a Jess falou.

“Foi o que você acabou de concordar em fazer”, o Martin lembrou pra ela.

“E daí?”

“Qual é a lógica de concordar em fazer alguma coisa e em seguida não fazer?”

“Nenhuma.” A Jess não pareceu incomodada por dar o braço a torcer.

“A coerência é o último refúgio dos sem imaginação”, falei. Wilde de novo. Não pude resistir.

A Jess me encarou.

“Ele está sendo gentil com você”, disse o Martin.

“Mas nada tem lógica nenhuma, né?”, retomou ela. “É por isso que a gente está aqui.”

Taí, aquele era um argumento filosófico bem interessante. O que a Jess estava dizendo era que, uma vez que a gente estava naquele terraço, todo mundo agora era anarquista. Não nos sujeitávamos mais a regras, nenhuma lei se aplicava ali. Podíamos estuprar e matar uns aos outros que ninguém daria a mínima.

“Pra viver fora da lei tem que ser honesto”, eu disse.

“Que porra significa isso?”, a Jess falou.

Eu, pra falar a verdade, nunca soube, saca, que porra significa essa frase. Não é minha, é do Bob Dylan, e sempre achei que soava bem. Mas aquela foi a primeira situação em que pude testar a ideia, e deu pra ver que não funcionava. A gente estava vivendo fora da lei ali, podia mentir adoidado e o quanto quisesse, e eu não tinha muita certeza de por que a gente não deveria fazer isso.

“Nada”, falei.

“Cala a boca então, iaque.”

E me calei. Restavam aproximadamente vinte e oito minutos do nosso intervalo.

JESS

Faz um tempão, quando eu tinha oito ou nove anos, vi na tevê um programa sobre a história dos Beatles. A Jen gostava dos Beatles, então foi ela que me fez ver, mas não liguei. (Só que provavelmente devo ter dito pra ela que ligava, sim. Provavelmente fiz a maior onda e enchi o saco dela.) Enfim, na hora que aparecia o Ringo entrando pra banda, dava, tipo, um arrepio na gente, porque ali fechou, ali estavam os quatro, prontos pra ir lá e virar a banda mais famosa da história. Bom, foi assim que me senti quando o JJ apareceu no terraço com as pizzas. Sei que vocês vão pensar ah, ela só está falando isso porque soa bacana, mas não é verdade. Na boa, eu saquei. Ajudou o fato de ele parecer um rockstar, com aquele cabelo e a jaqueta de couro e tudo mais, mas o que senti não tinha nada a ver com música; só quero dizer que estava claro que a gente precisava do JJ, e, quando ele pintou lá, as coisas pareceram se encaixar. Mas ele não era nenhum Ringo. Estava mais pra Paul. A Maureen era o Ringo, só que sem graça. Eu era o George, exceto por não ser tímida nem espirituosa. O Martin era o John, mas sem o talento e o jeito descolado. Pensando bem, talvez a gente estivesse mais pra outra banda de quatro integrantes.

Sei lá, apenas parecia que alguma coisa podia acontecer ali, alguma coisa interessante, e eu não conseguia entender por que continuávamos sentados comendo pizza. Aí falei, tipo, A gente devia conversar, e o Martin: Sobre o quê, nossas angústias? E ele fez uma cara pra dizer que, tipo, eu estava falando besteira, então chamei ele de puto, e aí a Maureen fez tsc, tsc e perguntou se por acaso eu falava aquelas coisas em casa (eu falo), então chamei ela de travadona, e o Martin me chamou de garotinha desagradável e idiota, aí cuspi nele, o que não devia ter feito e, aliás, é coisa que hoje em dia nem de longe me atrevo a fazer, e então ele ameaçou voar no meu pescoço, ao que o JJ reagiu se metendo entre nós dois, e pro Martin não fez diferença, porque não acho que ele fosse mesmo me agredir, enquanto eu, quase com certeza absoluta, ia socar, morder e arranhar ele. Depois desse pequeno surto de atividade, a gente voltou a sentar, ofegante, bufando, odiando um ao outro por um tempo.

E aí, quando todo mundo estava se acalmando, o JJ disse alguma coisa tipo, Não entendi direito que mal pode ter a gente compartilhar a experiência de cada um aqui, só que falou isso de um jeito bem mais americano. E o Martin, tipo, Ora, e quem se interessa pela sua experiência? Experiência com entrega de pizzas? E o JJ retrucou, Bom, então que sejam as suas. Mas era tarde, e já estava claro que aquilo que ele tinha dito sobre compartilhar nossas experiências era por estar ali pelas mesmas razões de todo mundo. Aí falei, Você subiu aqui pra se atirar, né? E o JJ não disse nada, e o Martin e a Maureen olhando pra ele. E o Martin vira e diz, Você ia pular com as pizzas? Porque alguém deve estar esperando a entrega. Ainda que fosse só uma piada do Martin, tipo, o orgulho profissional do JJ tinha sido atingido, porque ele falou pra gente que só estava ali em cima pra fazer um reconhecimento da área, e que ia descer pra entregar as pizzas e só depois subir de volta. E eu disse: Pois agora a gente já comeu. E o Martin: Caramba, você não faz o tipo de quem pretende pular, e o JJ respondeu, Se vocês fazem o tipo, nem posso dizer que sinto muito por isso. Como vocês podem ver, o clima estava pesado.

Então tentei de novo. Ah, vamos lá, vamos conversar, falei. Ninguém precisa dividir as angústias. Só dizer, tipo, o nome e por que veio parar aqui. Talvez saia coisa interessante. A gente pode acabar aprendendo alguma coisa. Encontrando uma luz, sei lá. E tenho que admitir que, tipo, aquilo era parte de um plano meu. Meu plano era que eles me ajudassem a achar o Chas, e que o Chas e eu voltássemos, e aí eu me sentiria melhor.

Mas o pessoal me fez esperar, porque queriam que a Maureen falasse primeiro.

MAUREEN

Acho que me escolheram porque eu não tinha dito nada ainda, na verdade, nem batido de frente com ninguém. E também, talvez, porque eu fosse um mistério maior que os demais. O Martin parecia que todo mundo já conhecia dos jornais. E a Jess, Deus tenha piedade... Fazia só meia hora

que a gente se conhecia, mas já era possível afirmar que aquela era uma garota problemática. Quanto ao JJ, de quem eu não sabia nada, intuía que talvez fosse gay, por causa do cabelo comprido e do sotaque americano. Tem uma porção de americanos gays, não é mesmo? Sei que não foram eles que inventaram isso de ser gay, porque dizem que foram os gregos. Mas foram os americanos que ajudaram a fazer virar moda outra vez. Com os gays aconteceu meio que a mesma coisa que com as Olimpíadas: desapareceram na Antiguidade e então, no século XX, voltaram. Enfim, eu não sabia nada sobre gays, então simplesmente imaginei que todos fossem infelizes e quisessem se matar. Mas eu... Não dava para alguém dizer o que quer que fosse sobre mim só de me ver, o que deixou os outros curiosos, acho.

Não me importei de falar, pois sabia que não precisava dizer muita coisa. Ninguém ali ia querer uma vida como a minha. Fiquei me perguntando se entenderiam como é que consegui aguentar tanto tempo quanto aguentei. É sempre a parte das idas ao banheiro que deprime as pessoas. Toda vez que tinha que fazer drama — para conseguir outra receita de antidepressivos, por exemplo — usava a parte das idas ao banheiro, a limpeza necessária quase todo dia. É engraçado, porque com isso estou acostumada. Não consigo me acostumar é com a ideia de que minha vida acabou, não tem sentido, é dura demais; nem me importo com a limpeza, na verdade. Mas é sempre ela que leva o médico a decidir pegar a caneta.

“Ah, tô ligada”, a Jess falou, quando terminei de contar. “Não tem nem o que pensar. Não desista de pular. Você só vai se arrepender.”

“Tem gente que consegue superar”, o Martin disse.

“Quem?”, retrucou a Jess.

“Uma mulher que foi no meu programa estava com o marido em coma há vinte e cinco anos.”

“E essa foi a recompensa, né? Aparecer no programa matinal de tevê?”

“Não. Foi um exemplo.”

“Um exemplo de quê?”

“De que é possível.”

“Mas por que é possível, isso você não diz, né?”

“Quem sabe porque ela amasse o cara.”

Eles falavam rápido, o Martin, a Jess e o JJ. Como personagens de novela, pá-pum. Como gente que sabe o que dizer. Eu nunca conseguiria falar rápido daquele jeito, não ali, pelo menos; o que fez me dar conta de que pouco falei nos últimos vinte anos. E de que a pessoa com quem mais falei era incapaz de responder.

“E o que tinha ali pra ser amado?”, a Jess estava dizendo. “O cara era um vegetal. E nem um vegetal acordado ele era. Era um vegetal em coma.”

“Não seria um vegetal se não estivesse em coma, certo?”, falou o Martin.

“Amo meu filho”, eu disse. Não queria que eles pensassem que não amava.

“Sim”, o Martin respondeu. “Claro que ama. Não foi nossa intenção dizer o contrário.”

“Você quer que a gente mate ele pra você?”, a Jess perguntou. “Vou lá e faço isso hoje à noite mesmo, se você quiser. Antes de me matar. Não me incomode. Tanto faz. Ele não tem muito por que continuar vivo mesmo, né? Se pudesse falar, provavelmente ia me agradecer, o coitado.”

Meus olhos se encheram de lágrimas, e o JJ percebeu.

“Você tem problema, ô, retardada do c...?”, ele disse para a Jess. “Olha só o que você fez.”

“Foi... foi mal”, a Jess falou. “Foi só uma ideia.”

Mas não era por isso que eu estava chorando. Estava chorando porque tudo que eu queria no mundo, a única coisa que me faria querer continuar vivendo, era a morte do Matty. E saber por que eu estava chorando só me fazia querer chorar ainda mais.

MARTIN

Como todo mundo já sabia a merda toda a meu respeito, eu não via razão pra fazer aquele auê, e falei isso pro pessoal.

“Ah, qual é, cara”, o JJ respondeu com aquele jeito americano irritante dele. Não precisa muito, a meu ver, pra um ianque ser irritante. Sei que temos relações amigáveis e tudo mais, e que lá os caras respeitam quem é bem-sucedido, ao contrário dos ingratos nativos deste nosso banhado fedendo a peixe, mas esse papinho de qual-é-cara me dá nos nervos. Pô, vocês precisavam ter visto o garoto. Era capaz de pensarem que ele estava ali, naquele terraço, pra promover seu filme mais recente. Mas não, ele circulava por Archway entregando pizzas.

“A gente só quer ouvir a sua versão da história”, a Jess falou.

“Não existe a ‘minha versão’. Fui um idiota escroto e estou pagando por isso.”

“Então você não quer se defender? Porque aqui você tá entre amigos”, disse o JJ.

“Ela acabou de cuspir em mim”, observei. “Que tipo de amigo é esse?”

“Ah, deixa de ser chorão”, a Jess falou. “Meus amigos vivem cuspidando em mim. Nunca encaro como ofensa pessoal.”

“Talvez devesse. Talvez seja essa a intenção deles.”

A Jess desdenhou. “Se levasse pra esse lado, eu não teria mais amigo nenhum.”

Ninguém deu resposta, e a frase ficou no ar.

“E o que você quer saber que já não saiba?”

“Toda história tem dois lados”, a Jess respondeu. “A gente só conhece o lado negativo.”

“Eu não sabia que ela tinha quinze anos”, falei. “Ela me disse que tinha dezoito. Parecia ter dezoito.” Pronto. Esse era o lado positivo da história.

“Então se ela fosse, tipo, seis meses mais velha, você não estaria aqui agora?”

“Acho que não. Porque não teria feito nada ilegal. Não teria sido preso. Não teria perdido meu emprego, minha mulher não teria ficado

sabendo...”

“Você está dizendo que foi só azar, então.”

“Diria que a coisa envolveu certo grau de culpabilidade.” E a frase era, nem preciso dizer, uma tentativa empolada de subterfúgio; eu ainda não sabia, àquela altura, que não tinha nada que deixasse a Jess mais feliz do que chafurdar na lama de alguma obviedade.

“Só porque você engoliu uma porra de um dicionário não significa que não tenha errado”, disse ela.

“É isso que ‘culpabilidade’...”

“Porque certos homens casados não trepariam com aquela menina, pouco importando a idade dela. E você tem filhos e tudo mais, não tem?”

“Tenho, sim.”

“Pois esse negócio não tem nada a ver com azar.”

“Ah, puta que pariu. Por que você acha que eu estava lá, balançando os pés sentado naquela beirada, sua débil mental? Porque fodi com tudo. Não estou tentando arranjar nenhuma desculpa. Estou tão fodido que quero morrer.”

“É bom mesmo.”

“Obrigado. E obrigado também pela terapia. Muito útil. Tão... reparadora.”

Outra palavra difícil, nova cara feia.

“Tem uma parada que me interessa aí”, falou o JJ.

“Manda.”

“Por que é mais fácil, saca, se atirar no vazio do que encarar as consequências do que você fez?”

“Estar aqui é encarar as consequências.”

“Tem um monte de gente que trepa com meninas e abandona mulher e filhos. Esses caras não saem todos por aí pulando do alto de prédios, cara.”

“Não. Mas, como disse a Jess, talvez deversem.”

“Sério? Você acha que todo mundo que faz uma besteira desse tipo tinha que morrer? Uau. Isso é que falar merda”, ele disse.

E eu pensava aquilo mesmo? Talvez. Ou talvez tivesse pensado, um dia. Como devem saber alguns de vocês, escrevi pra jornais dizendo coisas mais ou menos parecidas. Isso antes de cair em desgraça, claro. Defendi a volta da pena de morte, por exemplo. Defendi renúncias, castrações químicas, penas de prisão, humilhações públicas e penitências de todas as ordens. E talvez estivesse sendo sincero quando afirmei que caras que não são capazes de manter o zíper fechado deveriam ser... Não lembro, na verdade, qual punição que eu achava mais adequada a compulsivos sexuais e adúlteros contumazes. Precisaria procurar o artigo em questão. Mas o fato é que eu estava praticando aquilo que condenava. Não tinha sido capaz de manter o zíper fechado, o que agora me obrigava a pular. Tinha me tornado escravo da minha própria lógica. Era o preço a pagar por um colunista de tabloide que extrapola limites estabelecidos por ele mesmo.

“Não vale pra qualquer erro. Mas, pra esse, talvez sim.”

“Jesus”, falou o JJ. “Você pega bem pesado com você mesmo.”

“Também não é só isso, enfim. Tem a exposição pública. A humilhação. O prazer da humilhação. Aquele programa da tevê a cabo que três pessoas veem. Tudo junto. Eu... acabei encurralado. Não consigo ver como seguir adiante, nem tenho como voltar atrás.”

Houve um silêncio pensativo, que durou uns dez segundos.

“Certo”, retomou a Jess. “Minha vez.”

JESS

Entreí no jogo. Fui dizendo Meu nome é Jess, tenho dezoito anos e, sabe, estou aqui porque tive uns problemas familiares que nem preciso comentar. Aí terminei com um cara. O Chas. E ele me deve uma explicação. Porque não falou nada. Simplesmente foi embora. Mas, se tivesse me dado alguma explicação, eu me sentiria melhor, acho, porque esse cara partiu meu coração. Só que não consigo encontrar ele. Eu estava

numa festa aí embaixo, procurando, mas ele não estava lá. Então vim aqui pra cima.

E o Martin, todo sarcástico, Você ia se matar porque o Chas não apareceu numa festa? Meu Deus.

Ora, em nenhum momento foi o que eu disse, e falei isso pra ele. Aí ele respondeu, tipo, Certo, então você veio parar aqui em cima porque quer uma explicação. É isso?

Ele estava tentando me fazer parecer uma idiota, e isso não era justo, porque qualquer um ali podia fazer o mesmo com os demais. Tipo, dizer, por exemplo, ó, mimimi, tiraram meu programa de tevê. Ó, mimimi, meu filho é um vegetal e não converso com ninguém e tenho que ficar limpando o... Tá, tá certo, não dava pra fazer a Maureen soar idiota. Mas me parecia que tirar com a cara dos outros não estava com nada. Era possível tirar com a cara de qualquer um de nós quatro; é possível tirar com a cara de qualquer pessoa que esteja infeliz, basta ser suficientemente cruel.

Então continuei: Também não foi isso que eu disse. Falei que talvez uma explicação evitasse a minha presença aqui, e não que estou aqui por causa disso. Pensa, a gente podia te algemar naquela cerca de proteção e te impedir de pular. Mas não quer dizer que você veio parar aqui porque ninguém te algemou antes, né?

Ele ficou sem resposta. Gostei disso.

O JJ foi mais legal. Falou que tinha entendido: o que eu queria era encontrar o Chas, aí respondi, tipo, Dã, pois é, só que não devia ter começado com aquele *dã*, porque ele estava sendo legal e *dã*, na verdade, é tirar com a cara do outro, né? Mas ele ignorou o *dã* e perguntou onde estava o Chas, e respondi que não sabia, em alguma festa por aí, e ele disse, Bom, por que você não vai procurar o cara, em vez de ficar de babaquice aqui em cima?, e falei que era porque minha energia e minha esperança tinham acabado, e sabia que era verdade quando disse isso.

Não conheço vocês. A única coisa que sei é que estão lendo isto aqui. Não sei se são felizes ou não; não sei se são jovens ou não. Meio que espero que vocês sejam jovens e tristes. Se forem velhos e felizes, posso imaginar que talvez esbocem um sorriso ao me ouvir dizer Ele partiu meu coração. Vão se lembrar de alguém que partiu o coração de vocês e pensar consigo mesmos: ah, lembro bem como é se sentir assim. Mas não lembram, não, seus velhos malas e convencidos. Podem até se lembrar de ter sentido, tipo, uma tristeza gostosa. Podem se lembrar de ter ouvido música e comido chocolate no quarto, ou de ter caminhado sozinhos à beira do Tâmis no inverno, encasacados e se sentindo solitários e corajosos. Mas se lembram de alguma vez sentir que cada garfada de comida era como cravar os dentes no próprio estômago? Se lembram do gosto do vinho tinto regurgitado descendo pela privada? Se lembram de sonhar toda noite que vocês continuavam juntos, que ele falava em tom suave e te fazia carinho, e então a cada manhã, ao acordar, sentir que lá vinha tudo de novo? Se lembram de gravar as iniciais dele no próprio braço com uma faca? Se lembram de ter ficado parados perto demais da beirada de uma plataforma de embarque do metrô? Não? Bom, então tratem de calar a boca, porra. E enfiem esse sorrisinho no seu rabo velho e caído.

JJ

Eu já ia, saca, soltar o verbo, contar tudo o que eles precisavam saber — sobre o Big Yellow, a Lizzie, a parada toda. Não tinha necessidade de mentir. Acho que fiquei meio nauseado ouvindo a galera falar, porque as razões deles pra estarem ali pareciam bem sólidas. Jesus, qualquer pessoa sacava por que a vida da Maureen não valia a pena. E, claro, o Martin tinha meio que cavado a própria cova, mas, mesmo assim, chegar àquele nível de humilhação e vergonha... Tenho minhas dúvidas se, no lugar dele, eu teria aguentado continuar por aí durante tanto tempo. E a Jess era muito infeliz e bem pirada. Não que o pessoal estivesse, tipo, querendo competir, exatamente, mas rolava ali uma... não sei como chamar isso... demarcação de território? E talvez eu estivesse me sentindo meio inseguro

porque o Martin tinha invadido minha área. Eu é que devia ser o cara da vergonha e da humilhação, mas minha vergonha e minha humilhação estavam começando a parecer um pouquinho fracas. O cara tinha sido preso por ter ido pra cama com uma garota de quinze anos e tomado no cu nos tabloides; eu tinha sido chutado por uma garota e minha banda estava sem rumo. Grande merda.

Ainda assim, não pensei em mentir, até aparecer o problema do meu nome. A Jess era agressiva pra caralho, e eu simplesmente perdi as estribeiras.

“Então”, falei. “Eu sou o JJ e...”

“JJ significa o quê?”

As pessoas sempre querem saber o que significam minhas iniciais, e nunca conto. Odeio meu nome. O que aconteceu foi que meu pai era um desses autodidatas e tinha, saca, uma verdadeira adoração pela BBC, e aí passou tempo demais da vida dele ouvindo o serviço mundial da emissora no radião de ondas curtas que ficava na nossa sala, e ele era amarradão de verdade nesse carinha que estava o tempo todo no ar nos anos 60, o John Julius Norwich, que era um lorde ou coisa do tipo, e que escreveu milhões de livros sobre igrejas e essas paradas, saca? E aqui estou eu com essa porra de nome: John Julius. Virei um lorde, ou um apresentador de rádio, ou mesmo um inglês? Não. Larguei a escola pra formar uma banda? Pode crer. John Julius é um bom nome pra um desertor do ensino médio? Não. Mas JJ é o.k. JJ já fica legal.

“Isso é assunto meu. Enfim, sou o JJ e estou aqui porque...”

“Vou descobrir seu nome.”

“Como?”

“Vou na sua casa e revisto até encontrar alguma coisa que revele seu nome completo. Seu passaporte ou um documento do banco ou outra coisa. E, se não conseguir achar nada, roubo um troço que você ama muito, e só devolvo quando você confessar.”

Jesus Cristo. Qual era a pira daquela garota?

“Você prefere fazer isso do que me chamar pelas iniciais?”

“É. Claro. Odeio não saber as coisas.”

“Não te conheço muito bem”, falou o Martin, “mas, se você realmente se incomoda com a própria ignorância, imagino que deve ter uma ou duas coisas mais importantes pra descobrir do que o nome do JJ.”

“O que isso tem a ver?”

“Você sabe o nome do ministro da Economia? Ou quem escreveu *Moby Dick*?”

“Não”, a Jess respondeu. “Claro que não.” Como se qualquer pessoa que soubesse esse tipo de coisa fosse um mané. “Mas isso aí não é *segredo*, né? Não gosto de não saber *segredos*. Posso descobrir essas outras coisas na hora que estiver a fim, e não estou.”

“Se ele não quer contar pra gente, não quer e pronto. Seus amigos te chamam de JJ?”

“Pode crer.”

“Então pra gente não tem problema te chamar assim também.”

“Pra mim tem problema”, retrucou a Jess.

“Vê se fecha essa matraca e deixa ele falar”, disse o Martin.

Mas, pra mim, o embalo tinha passado. O embalo da verdade, enfim, haha. Já tinha sacado que ali ninguém ia me dar ouvidos como eu merecia; a Jess e o Martin emanavam ondas de hostilidade que podiam quebrar em qualquer lugar.

Encarei os outros por um minuto.

“E aí?”, falou a Jess. “Esqueceu por que ia se matar, ou o quê?”

“Claro que não esqueci”, eu disse.

“Bom, desembucha então.”

“Estou morrendo”, falei.

É que, saca, achei que nunca mais ia ver aquele pessoal. Tinha certeza de que, cedo ou tarde, a gente trocava apertos de mão, desejaria uns aos outros um feliz sei-lá-o-que e, a depender do humor, da personalidade, do tamanho dos problemas etc., cada um ou se arrastaria escada abaixo, ou

pularia daquela porra de terraço. Sério, jamais passou pela minha cabeça ter que ficar arrotando aquela relação não sei quanto tempo, tipo o pickles de um Big Mac.

“É, você não parece lá muito bem”, a Jess falou. “O que é que você tem? Aids?”

Aids encaixava. Todo mundo sabe que é possível andar por aí com aids durante meses; todo mundo sabe que é incurável. E ainda assim... tive um ou dois amigos que morreram disso, e não é o tipo de coisa pra ficar brincando. Eu sabia que aids era uma porra de uma parada pra deixar quieto. Mas também — e isso tudo passou pela minha cabeça nos trinta segundos após a pergunta da Jess — que outra doença fatal era mais apropriada à ocasião? Leucemia? O vírus Ebola? Na real não dá pra imaginar nenhuma delas dizendo, saca: “Não, não, vai nessa, cara, pode mandar ver. Sou só uma doença de brincadeirainha. Não sou tão séria que possa ofender alguém”.

“Tenho uma parada no cérebro. CCR.” Que, claro, significa Creedence Clearwater Revival, uma das minhas bandas favoritas de todos os tempos e grande inspiração pra mim. Pensei que nenhum deles ali tinha cara de ser um grande fã do Creedence. A Jess era muito nova, com a Maureen eu não precisava me preocupar, e o Martin era o tipo do cara que só chegaria a ficar com a pulga atrás da orelha se eu dissesse que ia morrer de uma doença incurável chamada ABBA.

“O nome é Corno Cranial alguma coisa.” Fiquei orgulhoso do “cranial”. Soava convincente. Já o “corno” era fraco, admito.

“E não tem cura?”, a Maureen quis saber.

“Ah, tem”, retrucou a Jess. “Tem cura, sim. Basta tomar uns comprimidos. É só que ele não está com saco. Dã.”

“Eles acham que é por causa de abuso de drogas. Drogas e álcool. Então é tudo culpa minha, essa porra.”

“Você deve estar se sentindo um cretino, então”, disse a Jess.

“Estou”, falei. “Se com ‘cretino’ você quer dizer ‘imbecil’.”

“É. Enfim, não importa a palavra, o título é seu.”

O que vinha confirmar, de uma vez por todas, que a parada ali era um pouco competitiva mesmo.

“Sério?” Fiquei satisfeito.

“Ah, sim. Morrendo? Porra. Isso é tipo, sabe... Tipo ouros ou espadas ou... O curinga! Você tirou o curinga, cara.”

“Eu diria que ter uma doença fatal só pode ser uma coisa boa neste jogo aqui”, falou o Martin. “Um jogo pra ver quem é o filho da mãe mais fodido. Não tem muita serventia em outra situação.”

“Faz quanto tempo que você tem isso?”, perguntou a Jess.

“Não sei.”

“Mais ou menos. Põe esses miolos pra funcionar.”

“Cala a boca, Jess”, disse o Martin.

“O que foi que eu fiz agora? Só queria saber com que tipo de coisa estamos lidando.”

“*Nós* não estamos lidando com coisa nenhuma”, falei. “*Eu* estou lidando.”

“E não muito bem”, respondeu a Jess.

“Ah, não estou, é? E isso vindo da garota que não consegue lidar com o fato de ter sido chutada.”

Baixou um silêncio hostil.

“Bom”, falou o Martin. “É isso. Aqui estamos nós, então.”

“E agora?”, disse a Jess.

“Pra começar, você vai pra casa”, o Martin respondeu.

“Porra nenhuma. Por que deveria?”

“Porque a gente vai te levar.”

“Vou pra casa com uma condição.”

“Qual?”

“Que vocês me ajudem a encontrar o Chas.”

“Todos nós?”

“É. Ou então vou me matar de verdade. E sou jovem demais pra fazer isso. Foi você que disse.”

“Pensando bem, não estou certo de que eu tinha razão”, o Martin falou. “Você é bem madura pra sua idade. Posso ver isso agora.”

“Então tudo bem se eu pular?” Ela foi caminhando em direção à beirada do terraço.

“Volta aqui”, eu disse.

“Tô pouco me fodendo, sabe”, ela falou. “Tanto posso pular quanto a gente pode ir procurar o Chas. Dá na mesma pra mim.”

E pronto, foi isso, porque a gente acreditou nela. Talvez outras pessoas em outras noites não tivessem acreditado, mas nós três, naquela noite, não tivemos dúvida. Não que a gente achasse que ela estava, mesmo, a ponto de se suicidar; era só que parecia que a Jess, em qualquer momento, só faria o que quisesse e, se o que queria era pular do alto do prédio pra ver como era, ela ia fazer isso. Uma vez desvendado o funcionamento da parada, era só uma questão do quanto a gente se importava com o que podia acontecer.

“Mas você não precisa da nossa ajuda”, falei. “A gente não sabe nem por onde começar a procurar o Chas. Você é a única que pode achar o cara.”

“É, mas fico esquisita quando estou sozinha. Confusa. É meio que por isso que vim parar aqui.”

“O que vocês acham?”, o Martin perguntou pra nós.

“Eu não vou a lugar nenhum”, a Maureen falou. “Não vou sair deste terraço e não vou mudar de ideia.”

“Tudo bem. A gente não ia te pedir isso.”

“Porque eles vão vir atrás de mim.”

“Quem?”

“O pessoal da clínica.”

“E daí?”, perguntou a Jess. “O que ele vão fazer se não te encontrarem?”

“Vão colocar o Matty num lugar horrível.”

“Esse Matty é aquele que é um vegetal? E ele se importa pra onde vai ou deixa de ir, por acaso?”

A Maureen lançou um olhar impotente pro Martin.

“É por causa do dinheiro?”, quis saber o Martin. “É por isso que você precisa estar morta amanhã de manhã?”

A Jess desdenhou, mas entendi por que ele perguntava aquilo.

“Paguei por uma noite apenas”, a Maureen falou.

“Você tem dinheiro pra mais de uma noite?”

“Tenho, claro.” A sugestão de que talvez não tivesse pareceu deixar ela meio puta. Irritada. Que seja.

“Então liga pros caras e diz que ele vai ficar duas noites.”

A Maureen olhou de novo pro Martin com a mesma expressão desconsolada. “Por quê?”

“Porque sim”, disse a Jess. “Tem uma porrada de coisa pra gente fazer aqui, né?”

O Martin meio que riu.

“E não tem?”, perguntou a Jess.

“Não consigo pensar em nada”, falou o Martin. “Fora o óbvio.”

“Ah, aquilo”, respondeu a Jess. “Esquece. Já vi que perdemos o embalo. Então precisamos arranjar alguma outra coisa pra fazer.”

“Se você tá certa e a gente perdeu mesmo o embalo”, falei, “por que temos que fazer alguma coisa juntos? Por que cada um não vai pra casa ver tevê?”

“Porque fico esquisita quando estou sozinha. Já falei.”

“E por que isso deveria ser da nossa conta? A gente nem te conhecia meia hora atrás. Não tô ligando muito pra isso de você se sentir esquisita sozinha.”

“Então você não sente uma coisa, tipo, uma ligação entre a gente por passar por isso juntos?”

“Nada.”

“Vai sentir. Posso ver a gente bem velhinhos e ainda amigos.”

Silêncio. Claramente não era uma visão compartilhada por todos ali.

MAUREEN

Não me agradou que eles estivessem me fazendo parecer pão-dura. Não tinha nada a ver com dinheiro. Eu precisava de uma noite, então paguei por uma noite. E depois outra pessoa teria de continuar a pagar, mas eu não estaria mais por aqui para saber.

Eles não entendiam, percebi. Ou melhor, entendiam que eu era infeliz. Mas não viam a lógica. O ponto de vista deles era o seguinte: se eu morresse, o Matty seria mandado para um abrigo qualquer. Então por que eu simplesmente não o colocava num abrigo e continuava viva? Qual era a diferença? Mas isso só mostra que eles não me entendiam, nem entendiam o Matty, nem o padre Anthony, nem ninguém da igreja. Ninguém que eu conheço pensa desse jeito.

Aquele pessoal, porém, o Martin, o JJ e a Jess, eles são diferentes de qualquer pessoa que eu conheça. São mais parecidos com o pessoal da televisão, com os personagens do *EastEnders* e de outros programas nos quais as pessoas sempre sabem o que dizer. Não estou dizendo que são pessoas más. Só estou dizendo que são diferentes. Não se preocupariam tanto com o Matty, se fosse filho deles. Não têm o mesmo senso de responsabilidade. Não frequentam a igreja. Simplesmente diriam “Que diferença faz?”, e deixariam por isso mesmo, e talvez estivessem certos, mas eles não são iguais a mim, e eu não sabia como lhes dizer isso.

Eles não são iguais a mim, mas eu queria ser igual a eles. Talvez não igual, exatamente, porque eles também não são muito felizes. Mas queria ser uma dessas pessoas que sabem o que dizer, que acham que nada faz diferença. Porque, me parece, é mais fácil ter uma vida que a gente consiga suportar sendo como eles.

De modo que não soube o que dizer quando o Martin me perguntou se eu queria mesmo morrer. A resposta óbvia era: sim, sim, claro que quero, seu tonto, foi por isso que subi todos aqueles lances de escada, foi por isso

que inventei, para um menino — Deus meu, um homem — que não pode me ouvir, toda uma história sobre uma festa de Ano-Novo. Mas há outra resposta também, não é mesmo? E essa outra resposta é: não, claro que não, seu tonto. Por favor me impeça de fazer isso. Por favor me ajude. Por favor me transforme no tipo de pessoa que deseja viver, no tipo de pessoa para quem falta só alguma coisinha. No tipo de pessoa capaz de dizer: “Tenho direito a algo mais”. Não muito mais; apenas o bastante, em vez de menos que o bastante. Porque era por isso que eu estava ali — não tinha o bastante para não estar.

“E então?”, falou o Martin. “Você está preparada para esperar até amanhã à noite?”

“O que vou dizer ao pessoal da clínica?”

“Você tem o número aí?”

“É muito tarde pra ligar.”

“Sempre tem alguém de plantão. Me dê o número.” O Martin tirou um daqueles minúsculos telefones celulares do bolso e o ligou. Começou a tocar, ele apertou um botão e colocou o aparelho no ouvido. Estava ouvindo uma mensagem, acho.

“Alguém te ama”, a Jess falou, mas ele a ignorou.

O endereço e o telefone estavam anotados no bilhete que pesquei do bolso. Mas não dava para ler no escuro.

“Me dá aqui”, disse o Martin.

Poxa, fiquei envergonhada. Aquele era meu bilhete, minha cartinha, e não queria que ninguém lesse bem na minha frente, mas não soube como dizer isso e, quando vi, o Martin já tinha esticado o braço e tirado o papel de mim.

“Ah, meu Deus”, ele falou, ao ver o que era. Senti que tinha ficado vermelha. “Isto aqui é seu bilhete de suicídio?”

“Legal. Lê pra gente”, falou a Jess. “Os meus são um lixo, mas aposto que o dela é pior.”

“São um lixo?”, perguntou o JJ. “Quer dizer que você tem, tipo, centenas deles?”

“Estou sempre escrevendo algum”, disse a Jess. Pareceu ficar bem animada com isso. Os dois rapazes olharam para ela, mas não disseram nada. Dava para saber o que estavam pensando, porém.

“Que foi?”, a Jess falou.

“Imagino que a maioria de nós só escreveu um”, disse o Martin.

“Toda hora mudo de ideia a respeito”, respondeu a Jess. “Nada de errado com isso. É uma decisão importante.”

“Das mais importantes”, disse o Martin. “Está com certeza entre as dez mais.” Ele era daquelas pessoas que, às vezes, pareciam estar brincando quando não estavam, ou não estar brincando quando estavam.

“Enfim. Não vou ler isto aqui pra vocês.” Forçava a vista para ver se conseguia ler o número, que digitou em seguida. E, alguns segundos depois, estava resolvido. Desculpou-se por estar ligando tão tarde, disse que tinha surgido um imprevisto e que o Matty ia ficar mais uma noite, e pronto. Do jeito como falou, parecia que sabia que não perguntariam mais nada. Se fosse eu ligando, começaria uma longa explicação sobre o porquê daquele telefonema às quatro da manhã, algo que precisaria ter planejado durante meses para dizer, e aí suspeitariam de mim e eu precisaria confessar e acabaria indo buscar o Matty algumas horas antes do combinado, em vez de um dia depois.

“Então”, disse o JJ, “com a Maureen, tudo certo. Falta o Martin resolver. Você vai com a gente?”

“Bom, e onde é que está esse Chas?”, quis saber o Martin.

“Não sei”, respondeu a Jess. “Em alguma festa por aí. Ir junto procurar depende disso? De onde ele está?”

“Depende. Prefiro a porra do suicídio do que pegar um táxi pra algum lugar no sul de Londres às quatro da manhã”, falou o Martin.

“Ele não conhece ninguém no sul de Londres”, disse a Jess.

“Que bom”, respondeu o Martin. E, quando falou isso, todo mundo já sabia que, em vez de se matar, a gente ia descer juntos daquele terraço e sair em busca do namorado da Jess, ou seja lá o que ele fosse dela. Não chegava bem a ser um plano, na verdade. Mas era o único que tínhamos, de modo que tudo o que nos restava era tentar fazê-lo funcionar.

“Me dá seu celular pra eu fazer umas ligações”, a Jess falou.

Então o Martin passou o celular para ela, que foi até o outro lado do terraço, onde ninguém podia ouvi-la, e a gente ficou esperando para saber aonde estávamos indo.

MARTIN

Sei o que vocês estão pensando, vocês todos, gente metida a sofisticada que lê o *Guardian*, compra livros na Waterstone's e acha que ver o programa matinal de tevê é como comprar cigarros pros filhos pequenos. Vocês estão pensando: ah, esse cara estava dando o golpe. Queria era um fotógrafo de tabloide pra registrar seu, aspas, apelo por socorro, e aí poder vender com exclusividade o depoimento “Descida ao inferno do suicídio” pro *Sun*. A ESCAPADA DO CANALHA. E posso entender por que talvez vocês estejam pensando isso, meus amigos. Subo aquelas escadas, tomo uns tragos de uísque da garrafinha enquanto balanço os pés sentado num parapeito e então, quando surge uma garota bocó e me pede pra ajudar a encontrar o ex-namorado em alguma festa por aí, dou de ombros e vou com ela. Cadê o suicida?

Primeiro, pra informação de vocês, minha pontuação é altíssima no Índice de Propensão ao Suicídio criado por Aaron T. Beck. Aposto que vocês nem sabiam que existia esse índice. Bom, existe, e parece que cheguei em vinte e um pontos de trinta possíveis, o que me deixou bastante satisfeito, como vocês podem imaginar. Sim, a ideia de suicídio vinha sendo acalentada por mais de três horas antes do momento da tentativa. Sim, eu tinha certeza de que viria a morrer mesmo que recebesse cuidados médicos: o Toppers' House tem mais de quinze andares, e parece que o cálculo é de que dez dão conta do recado em quase todos os casos.

Sim, houve preparação ativa: escada, alicate *etc.* É perguntar e pontuar. As únicas duas perguntas nas quais talvez eu não tivesse pontuação máxima são as duas primeiras, que tratam do que Aaron T. Beck chama de isolamento e momento certo. “Ninguém próximo, a distância suficiente para contato visual ou vocal” é a alternativa com maior pontuação, assim como “Interferência altamente improvável”. Vocês poderiam retrucar que, escolhendo um dos locais de suicídio mais populares do norte de Londres, numa das noites do ano mais populares para suicídios, alguma interferência era quase inevitável; respondo dizendo que apenas fomos burros. Burros ou grotescamente autocentrados, vocês escolhem.

E ainda assim, claro, se não fosse pela superlotação lá em cima, eu não estaria aqui hoje, então talvez o velho Beck tenha acertado na mosca. Talvez a gente não estivesse contando que alguém fosse aparecer pra nos salvar, mas, assim que deparamos uns com os outros, com certeza surgiu um desejo coletivo — nascido, mais do que qualquer coisa, do constrangimento — de esquecer a história toda, pelo menos por aquela noite. Nenhum de nós desceu de volta aquelas escadas achando que a vida era uma coisa linda e preciosa; se bobear, estávamos um pouquinho mais infelizes na descida do que quando subimos, porque a única solução que tínhamos encontrado pros nossos vários infortúnios não era possível, pelo menos por enquanto. E tínhamos experimentado um tipo esquisito de entusiasmo lá no terraço; vivemos, por algumas horas, numa espécie de Estado independente em que as leis lá de baixo não se aplicavam. Ainda que nossos problemas tivessem nos levado até ali, era como se, de alguma forma, como os daleks do *Doctor Who*, eles não fossem capazes de subir escadas. E agora éramos obrigados a descer e enfrentá-los outra vez. Mas não parecia que tivéssemos outra escolha. Mesmo sem nada mais em comum além disso, esse único fato era suficiente pra nos fazer sentir que não havia nada mais — dinheiro, classe social, formação, idade, interesses culturais — que valesse um puto; tínhamos formado, de repente, uma nação, naquelas poucas horas, e por enquanto só queríamos estar com

nossos novos compatriotas. Eu mal tinha trocado duas palavras com a Maureen e nem mesmo sabia o sobrenome dela; mas ela me entendia melhor do que minha mulher tinha sido capaz de entender nos últimos cinco anos do nosso casamento. Por causa do lugar onde nos conhecemos, a Maureen sabia que eu era infeliz, e isso significava que sabia a coisa mais importante sobre mim; a Cindy sempre se declarava espantada com tudo o que eu fizesse ou dissesse.

Teria sido perfeito eu me apaixonar pela Maureen, não? Já posso até ver a manchete: DE CASO NOVO!, seguida da história de como o Velho Canalha tinha se dado conta do rumo errado de sua vida e decidido tomar jeito junto de uma boa mulher mais velha, bem caseira, em vez de andar na cola de colegas e aspirantes a atrizes siliconadas. Tá, tá certo. Pode ir sonhando.

JJ

Enquanto a Jess dava um alô pra todo mundo que ela conhecia tentando descobrir onde estava o tal do Chas, me encostei na parede e fiquei olhando pra cidade pelo vão do arame, tentando pensar no que estaria ouvindo se tivesse um iPod ou um discman. A primeira coisa que me veio na cabeça foi “Abominable Snowman in the Market”, talvez porque fosse bobo e engraçadinho, e me lembrasse de uma época da minha vida em que eu podia me dar ao luxo de ser assim. E aí comecei a cantarolar “In Between Days”, do Cure, que ali fazia um pouco mais de sentido. Aquela situação toda no terraço não era hoje e não era amanhã, e não era ano passado nem ano que vem, era meio que o limbo da letra do Cure, considerando que a gente não tinha ainda decidido pra onde levar nossas almas imortais.

A Jess passou dez minutos consultando fontes próximas ao Chas e voltou com aquele que seria o melhor palpite: ele devia estar numa festa em Shoreditch. Descemos quinze lances de escadas, ao ritmo de um batidão eletrônico e sentindo cheiro de mijo, e saímos pra rua, onde ficamos parados, trêmulos de frio, à espera de que aparecesse um daqueles

táxis pretos grandes. Ninguém falava muito, com exceção da Jess, que fazia isso por todos nós juntos. Ela contou pra gente de quem era a festa e quem provavelmente ia estar lá.

“A Tessa e aquela galera toda.”

“Ah”, falou o Martin. “Aquela galera toda.”

“E o Alfie e a Tabitha e o povo que vai na Ocean aos sábados. E o Pete Cabeça-de-Ácido e o resto do pessoal do design gráfico.”

O Martin soltou um gemido; a Maureen parecia mareada.

Um jovem taxista africano, dirigindo um velho Ford caindo aos pedaços, estacionou na nossa frente. Baixou o vidro do passageiro e se inclinou pra perguntar.

“Estão indo pra onde?”

“Shoreditch.”

“Trinta libras.”

“Vai se foder”, falou a Jess.

“Cala a boca”, respondeu o Martin, e embarcou na frente. “É por minha conta”, ele disse.

Entramos atrás, nós três.

“Feliz Ano-Novo”, disse o taxista.

Nenhum de nós respondeu.

“Festa?”, ele quis saber.

“Por acaso você conhece o Pete Cabeça-de-Ácido?”, o Martin perguntou. “Bom, é que a gente estava querendo ver se esbarra com ele por aí. Promete ser bem prazenteiro.”

“Prazenteiro”, desdenhou a Jess. “Por que você é tão pedante?” Se alguém quisesse brincar com a Jess, ironizando, tinha que avisar ela bem antes.

Já eram, talvez, umas quatro e meia, àquela altura, mas tinha uma porrada de gente na rua, de carro, de táxi e a pé. Todo mundo parecia estar com um grupo. Às vezes acenavam pra gente, e a Jess acenava de volta.

“E você?”, ela quis saber do taxista. “Vai trabalhar a noite inteira? Ou vai sair pra tomar umas em algum lugar?”

“Trabalhar, *toute la nuit*”, ele respondeu. “Noite inteira.”

“Que azar”, a Jess disse.

O taxista riu com gosto.

“É. Azar.”

“A patroa não liga?”

“Oi?”

“A patroa. *La femme*. Ela não liga? De você trabalhar a noite inteira?”

“Não, ela não se importa não. Agora não mais. Lá no lugar onde tá.”

Qualquer um com alguma sensibilidade podia sentir que o clima no táxi tinha ficado sinistro pra valer. Qualquer um com alguma experiência de vida teria sacado que aquele era um cara com uma história, e que essa história, fosse qual fosse, dificilmente seria do tipo festivo. Qualquer um com desconfiômetro teria parado por ali mesmo.

“Ah”, disse a Jess. “Bandida, hein?”

Engoli em seco, e tenho certeza de que os outros também. A Jess tinha uma boca muito grande...

“Bandida não. Falecida.” O taxista disse isso sem ênfase, como se estivesse apenas corrigindo, com fatos, o que a Jess tinha dito — como se fosse um mal-entendido rotineiro naquele trabalho, dois endereços que as pessoas costumavam confundir, “bandida”, “falecida”.

“Ah.”

“É. Homens maus mataram ela. Ela, a mãe dela, o pai dela.”

“Ah.”

“É. No meu país.”

“Certo.”

E foi certo que a Jess resolveu parar por ali: exatamente no ponto em que o constrangimento dela virava silêncio. Seguimos com nossos pensamentos. E eu apostaria um milhão de doletas que neles, no emaranhado deles, a gente se perguntava as mesmas perguntas: por que

esse cara não estava lá em cima, naquele terraço? Ou será que ele tinha subido e descido, como nós? Se a gente contasse nossos problemas, será que ele ia desdenhar deles? Como é que conseguia ser tão... *determinado?*

Quando chegamos no destino, o Martin deu uma supergorjeta, e ele ficou satisfeito e agradecido, e chamou a gente de amigos. Até gostaria de ser amigo dele, mas ele, se conhecesse a gente um pouco melhor, não teria tanta vontade, provavelmente.

A Maureen não queria entrar com a gente, mas conduzimos ela porta adentro e escada acima pra uma sala que era o mais próximo de um loft nova-iorquino que eu já vi desde que estou aqui. Custaria uma fortuna, se fosse em Nova York, o que significa que, sendo em Londres, devia custar uma fortuna mais trinta por cento. O lugar ainda estava lotado, mesmo às quatro da manhã, e lotado do tipo de gente que menos aprecio: uns estudantes de arte escrotos. Tá, a Jess já tinha avisado, mas ainda assim foi um choque. Aquelas boinas de lã, bigodes com uma parte faltando, todos aqueles sapatos de plástico e tatuagens... Sou um cara liberal, saca, não queria que o Bush tivesse bombardeado o Iraque e curto um beque como qualquer um, mas aquela gente me enchia o coração de medo e ódio, principalmente porque sei que eles não gostariam da minha banda. Quando a gente tocava numa cidade com muitos universitários e encarava uma galera daquele tipo, eu já sabia que íamos ter problemas. Esse pessoal não gosta de música de verdade. Não curte Ramones, Temptations ou 'Mats; o que eles curtem é o DJ TushTush e a porra do batidão idiota do cara. Ou então todos fingem que são gangstas e ouvem hip-hop que só fala de piranha e revólver.

Daí que fiquei de mau humor logo de cara. Estava preocupado de acabar arrumando encrenca, e já tinha até decidido o motivo da briga: seria pra defender o Martin ou a Maureen das gracinhas de algum escroto de cavanhaque ou de alguma mulher de bigode. Mas nada disso aconteceu. A coisa mais estranha foi que o Martin, de terno e bronzado artificial, e a

Maureen, com seu sobretudo impermeável e sapatos combinando, de alguma forma se encaixavam no cenário. Tinham a aparência tão certinha que acabavam parecendo *descolados*, saca? O Martin e seu penteado televisivo lembrava o Kraftwerk, e a Maureen era uma versão esquisitona da Mo Tucker, do Velvet Underground. Quanto a mim, vestido com uma calça preta desbotada, uma jaqueta de couro e uma camiseta velha da Gitanes, me sentia um *freak* ali.

Teve um incidente, apenas, que me fez pensar que talvez precisasse quebrar a cara de alguém. O Martin estava lá parado, bebendo direto do gargalo de uma garrafa de vinho, e dois caras começaram a reparar nele.

“É o Martin Sharp! Tá ligado, do programa de tevê!”

Estremeci. Era a primeira vez, na real, que eu dava umas bandas com uma celebridade, e não tinha me ocorrido que entrar numa festa com o Martin seria como aparecer pelado lá: até estudantes de arte iam reparar. Mas aquilo ali era mais complicado do que ser reconhecido, simplesmente.

“Rá! Boa!”, disse o outro cara.

“Ei, Sharp!”

O Martin sorriu pra eles, simpático.

“O pessoal deve te chamar assim toda hora”, um dos caras falou.

“O quê?”

“Tá ligado? Ei, Sharp e tal.”

“Bom, é”, o Martin falou. “Chamam, sim.”

“Que azar, hein? Com tanta gente na tevê, ser parecido com aquele babaca.”

O Martin deu de ombros, divertido, como quem diz “O que é que eu posso fazer?”, e se virou pra mim.

“Você tá bem?”

“É a vida”, ele disse, e me encarou. Tinha conseguido que, de alguma forma, um velho clichê ganhasse nova profundidade.

A Maureen, enquanto isso, estava absolutamente petrificada. Tinha sobressaltos cada vez que alguém soltava uma risada, ou xingava, ou

quebrava alguma coisa; olhava pros convidados da festa como se fossem a Diane Arbus em fotos projetadas num telão Imax de quinze metros.

“Quer beber alguma coisa?”

“Cadê a Jess?”

“Procurando o Chas.”

“E aí a gente pode ir?”

“Claro.”

“Que bom. Não estou gostando daqui.”

“Eu também não.”

“Pra onde você acha que vamos depois?”

“Não sei.”

“Mas você acha que vamos todos juntos?”

“Acho que sim. Não é o combinado? Até a gente encontrar o tal cara.”

“Espero que a gente não encontre”, disse a Maureen. “Não logo. Queria uma dose de xerez, por favor, se você conseguir achar.”

“Sabe, tô achando que não tem xerez aqui. Esse pessoal não parece ter muita cara de quem bebe xerez.”

“Vinho branco? Será que tem?”

Encontrei dois copos de papelão e uma garrafa em que ainda tinha sobrado alguma coisa.

“Saúde.”

“Saúde.”

“Todo Ano-Novo é a mesma coisa, né?”

“Como assim?”

“Saca? Vinho branco morno, uma porcaria de festa cheia de babacas. E eu tinha prometido pra mim mesmo que as coisas iam ser diferentes este ano.”

“Onde você estava no ano passado, a esta hora?”

“Numa festa em casa. Com a Lizzie, minha ex.”

“Boa festa?”

“É, foi o.k. E você?”

“Em casa. Com o Matty.”

“Pode crer. E você já pensava, um ano atrás...”

“Já”, ela respondeu rápido. “Ah, já.”

“Pode crer.” E, na real, eu não sabia mais como continuar o papo, então a gente ficou bebendo e observando os babacas.

MAUREEN

Viver num lugar sem paredes não pode ser algo higiênico. Mesmo quem mora em quitinetes normalmente tem um banheiro apropriado, com porta, janela e paredes. Aquele lugar, o lugar onde estava acontecendo a festa, nem isso tinha. O banheiro era como o de uma estação de trem, mas nem era separado do masculino. Apenas uma paredinha dividia a banheira e a privada do resto da casa, e eu não conseguia usar aquilo, mesmo precisando; qualquer um podia dar a volta na parede e me ver ali. E nem preciso descrever como era insalubre. Minha mãe costumava dizer que o mau cheiro é simplesmente o gás dos germes; bom, fosse quem fosse o dono daquele apartamento, devia ter germes em todo canto. E, também, usar o banheiro não era tão fácil assim. Quando fui procurar onde era, tinha alguém ajoelhado no assoalho cheirando a privada. Não faço ideia do porquê de alguém querer cheirar a privada (e com outra pessoa vendo! Imaginem só!). Mas acho que as pessoas têm todo tipo de perversões. Era um pouco isso que eu esperava quando entrei naquela festa e ouvi o barulho e vi o tipo de gente ali; se me perguntassem o que eu pensava que gente daquele tipo costumava fazer num banheiro, talvez eu dissesse mesmo que era cheirar privada.

Quando voltei, a Jess estava lá, chorando, e à nossa volta o resto da festa liberava algum espaço. A Jess soube por um rapaz que o Chas tinha ido embora, e com alguém da festa, uma moça. Ela queria que a gente fosse até a casa dessa moça, e o JJ tentava convencê-la de que não era uma boa ideia.

“Tá tudo bem”, a Jess falou. “Eu conheço ela. Provavelmente foi algum mal-entendido. Ela não devia saber da minha história com o Chas.”

“E se soubesse?”, o JJ perguntou.

“Bom”, disse a Jess. “Nesse caso eu não posso deixar barato, né?”

“O que você quer dizer com isso?”

“Não vou matar ela. Não sou tão louca. Mas preciso machucar ela um pouco. Talvez uns cortezinhos.”

Quando o Frank terminou o noivado, pensei que nunca ia superar. Me sentia mal por ele quase tanto quanto por mim, porque não facilitei muito as coisas. A gente estava no Ambler Arms, só que o pub não tem mais esse nome, perto da máquina de caça-níqueis, e o dono veio até nossa mesa e pediu para o Frank me levar para casa, porque ninguém ia chegar perto da máquina e gastar dinheiro comigo ali uivando e balindo feito louca, e o caça-níqueis costumava render bem em noites de pouco movimento.

Quase dei cabo da minha vida naquela época — certamente considereei a possibilidade. Mas achei que conseguiria superar, achei que as coisas podiam melhorar. Imaginem o trabalho que teria me poupado, se tivesse feito logo aquilo! Teria matado nós dois, o Matty e eu, mas claro que não sabia disso, àquela altura.

Nem reparei nas bobagens sobre cortar as pessoas que a Jess estava dizendo. Inventei um monte de desculpas quando o Frank e eu terminamos; falei para as pessoas que ele era doente da cabeça, que era um bêbado e tinha me batido. Nada disso era verdade. O Frank era um rapaz bonzinho cujo crime maior foi não ter me amado o suficiente, e, portanto, como isso não era bem um crime, tive de inventar outros e maiores.

“Vocês estavam noivos?”, perguntei à Jess, e imediatamente desejei não ter perguntado.

“Noivos?”, a Jess respondeu. “Noivos? E isto aqui agora é a p... do *Orgulho e preconceito*? ‘Ó, sr. Darcy Bunda-Mole. Permitiríeis que vos confesse meus propósitos?’ ‘Ora, pois sim, srta. Burralda Cu-Doce, encantar-me-ia, por certo.’” Essa última parte ela fez com uma voz de boba, mas vocês provavelmente já estavam imaginando isso.

“Ainda tem gente que fica noivo”, o Martin falou. “A pergunta não era idiota.”

“Quem é que fica noivo?”

“Eu fiquei”, falei. Mas bem rápido, porque estava com medo da Jess, então ela me fez repetir.

“Você ficou noiva? Sério? Tudo bem, mas qual é a pessoa viva que fica noiva? Não estou interessada em gente do arco-da-velha. Não me interessam pessoas que usam, que usam, tipo, sapatos e sobretudoos impermeáveis e sei lá o quê.”

Eu quis perguntar à Jess o que ela achava que se devia usar em vez de sapatos, mas já tinha aprendido minha lição.

“Enfim, de quem c... você ficou noiva?”

Eu não queria nada daquilo. Não parecia justo, quando a gente estava ali tentando ajudar.

“Você trepou com ele? Aposto que trepou. Como ele gostava? Tipo cachorrinho? Pra não precisar olhar pra sua cara?”

E então o Martin agarrou a Jess e a arrastou para a rua.

JESS

Quando o Martin me arrastou pra fora, usei aquele truque de decidir me tornar outra pessoa. Era um negócio que eu conseguia fazer a hora que quisesse. E não é o que todo mundo faz, quando sente que está perdendo o controle? Aquela história: você diz pra si mesma, tá, agora virei alguém que gosta de livros, então vai até a biblioteca, pega alguns e fica andando com eles por aí durante um tempo. Ou então: certo, agora curto drogas, e passa a fumar um monte de erva. Ou qualquer coisa assim. E aquilo faz você se sentir diferente. Quando a gente empresta de outras pessoas as roupas ou os interesses ou as palavras, o que elas dizem, consegue dar um tempo de si mesma, acho.

Já era hora de me sentir diferente. Sei lá por que falei aquele negócio pra Maureen; metade das vezes não sei por que digo as coisas. Sabia que tinha passado do limite, mas não consegui me segurar. Fico puta e, depois

que começou, é como se eu estivesse passando mal. Fico vomitando em cima de alguém, sem conseguir parar até ter botado tudo pra fora. Gostei do Martin ter me arrastado pra rua. Precisava que alguém me parasse. Muitas vezes preciso. Então decidi que, dali em diante, seria uma pessoa mais, tipo, de antigamente. Prometi não xingar, haha, nem cuspir; prometi não perguntar pra senhoras idosas e inofensivas, claramente quase virgens, se já tinham trepado na posição de cachorrinho.

O Martin ficou bem puto comigo, falou que eu era uma vaca idiota e perguntou o que é que a Maureen tinha feito pra mim nessa vida. E minhas respostas se limitaram a Sim, senhor e Não, senhor e Sinto muito, senhor, sem tirar os olhos da calçada, nunca olhando pra ele, só pra provar que, de fato, queria me desculpar. E ele disse, Que porra é essa agora? Isso de sim, senhor e não, senhor? Aí falei pra ele que ia parar de ser eu mesma, e que ninguém ali nunca mais teria notícias do meu velho eu, e ele não soube o que responder. Não queria que perdessem de vez a paciência comigo. Porque as pessoas costumam perder, já reparei. O Chas perdeu a paciência comigo, por exemplo. E, sério, preciso que isso pare de acontecer, senão vou acabar sem ninguém. Com o Chas, acho que exagerei, simplesmente; fui intensa demais, rápido demais, e ele se apavorou. Tipo o que rolou na Tate Modern. Aquilo foi um erro, com certeza. Porque a *vibe* lá dentro... Tá certo, tem coisas ali bem esquisitas e exageradas, mas só por isso não significava que eu tivesse que ficar esquisita e exagerada também. Foi um comportamento inapropriado, diria a Jen. Devia ter esperado até a gente terminar de ver os quadros e as instalações, e só explodir lá fora.

Acho que a Jen perdeu a paciência comigo também.

E teve ainda a história do cinema, que, olhando agora, talvez tenha sido a gota d'água. Comportamento inapropriado, de novo. Ou talvez não, daquela vez, porque a gente precisava mesmo ter aquela conversa uma hora ou outra, mas o lugar (o Holloway Odeon) não era o mais indicado, nem a hora (no meio do filme) nem o volume da discussão (alto). Uma das

observações do Chas naquela noite foi que eu não era madura o suficiente pra ser mãe, e hoje consigo entender que berrando daquele jeito sobre ter um bebê, com *Moulin Rouge* passando na tela, eu só provava que ele tinha razão.

Enfim. O Martin perdeu a cabeça comigo por um tempo, e aí simplesmente pareceu murchar, como se fosse um balão e tivesse sido furado. Algum problema, meu bom senhor?, eu disse, mas ele ficou lá, só balançando a cabeça, e entendi tudo. Ali estava ele, no meio da noite, na porta de uma festa cheia de gente que não conhecia, gritando com alguém que não conhecia, e isso algumas horas depois de ter se sentado no parapeito de um terraço pensando em se matar. Ah, claro, e tinha a mulher e as filhas, que odiavam ele. Em qualquer outra situação, eu diria que ele tinha, de repente, perdido a vontade de viver. Cheguei perto e coloquei minha mão no ombro dele, que olhou pra mim e me viu como uma pessoa, e não um motivo pra se irritar, e ali a gente quase viveu, tipo, um Momento Especial — não do tipo romântico, do tipo que o Ross e a Rachel viveriam (como se fosse possível), mas um Momento de Entendimento Mútuo. Só que aí fomos interrompidos e o Momento passou.

JJ

Quero contar pra vocês da minha antiga banda — talvez porque eu já estava começando a pensar que eu e aquela galera ali formávamos uma nova. Na outra, éramos quatro caras, e a gente se chamava Big Yellow. No começo era Big Pink, em homenagem ao disco do The Band, mas aí todo mundo achava que era uma banda gay, então trocamos de cor. Eu e o Eddie formamos a banda no colégio, e a gente compunha juntos e éramos como irmãos, até o exato dia em que deixamos de ser. E o Billy era o batera e o Jesse, o baixista, e... merda, vocês não estão nem aí pra isso, né? Tudo o que precisam saber é o seguinte: a gente tinha uma coisa que ninguém mais tinha. Talvez uns caras de outra época — os Stones, o Clash, o Who. Mas ninguém que eu tenha visto. Queria que vocês tivessem ido num dos

nossos shows, porque aí iam saber que não estou trucando, mas vão ter mesmo que acreditar na minha palavra: nas melhores noites, a gente era capaz de engolir a plateia e cuspir de volta a uns trinta quilômetros de distância. Até hoje gosto dos nossos discos, mas é dos shows que a galera lembra; tem umas bandas que, ao vivo, vão lá e mandam as músicas um pouco mais alto e mais rápido, mas descobrimos um jeito de fazer mais do que isso; a gente acelerava e aí diminuía a pegada, e também costumava tocar uns *covers* de coisas que a gente adorava, e que sabia que a galera que vinha ver a gente também ia adorar, o que acabou transformando nossos shows em algo *significativo*, algo que os shows não conseguem mais ser hoje em dia. Quando o Big Yellow subia no palco, parecia culto evangélico; em vez de aplausos e assobios e gritinhos, eram lágrimas, ranger de dentes e transe na plateia. A gente salvava almas. Se o cara amava rock 'n' roll, tudo no rock, de Elvis a James Brown a White Stripes, ia querer largar o emprego pra vir morar dentro dos nossos amplificadores até as duas orelhas caírem. Aqueles shows eram minha razão de viver, e sei, agora, que isso não é mera figura de linguagem.

Quem dera eu estivesse me iludindo. Na boa. Ajudaria. Mas a gente mantinha no nosso site um espaço pra comentários, que eu lia de vez em quando, e dava pra ver ali que a galera sentia a mesma coisa que a gente; e eu olhava os comentários nos sites de outras bandas também, e elas não tinham o mesmo tipo de fã. Todo mundo, saca, tem fãs que gostam do trabalho, senão não seriam fãs, né? Mas dava pra perceber, lendo os comentários postados pras outras bandas, que a nossa galera saía dos shows sentindo alguma coisa especial. A gente sentia e eles sentiam. Só não tinha uma quantidade suficiente de fãs, acho. Enfim.

A Maureen bambeou depois da cacetada que tomou da Jess, mas também! Jesus. Até eu ia precisar sentar um pouco com uma porrada daquelas, e olha que sou um cara rodado. Levei ela pra fora, num terracinho em que parecia que nunca batia sol em hora nenhuma do dia e em nenhuma época do ano, mas mesmo assim tinha uma mesa de

piquenique e uma pequena churrasqueira ali. Em tudo que é lugar da Inglaterra tem esse negócio, né? O que, pra mim, passou a representar a vitória da esperança sobre a realidade, uma vez que a gente não pode fazer nada além de ficar olhando da janela a churrasqueira tomar chuva lá fora. Tinha umas pessoas ocupando a mesa de piquenique, mas, quando sacaram que a Maureen não estava passando muito bem, levantaram e voltaram pra dentro, e a gente sentou. Me ofereci pra ir buscar um copo d'água, mas ela não queria nada, então só ficamos ali por um tempo. E aí a gente ouviu um tipo de um assobio vindo da sombra do outro lado do terraço, perto da churrasqueira, e logo sacamos que tinha um cara lá. Era jovem, tinha cabelo comprido e um bigode medonho, e estava agachado no escuro, tentando chamar nossa atenção.

“Ei, por favor”, ele sussurrou o mais alto que podia arriscar.

“Se quer falar com a gente, vem aqui.”

“Não posso aparecer.”

“O que acontece?”

“Tem maluco à solta que pode tentar me matar.”

“Só tem a Maureen e eu aqui.”

“Mas o perigo é onipresente.”

“Que nem Deus”, falei.

Andei até o outro lado do terraço e me agachei junto dele.

“Como é que eu posso te ajudar?”

“Você é americano?”

“Sou.”

“Ah. O que é que tá rolando, cara?” Tudo o que vocês precisam saber sobre o figura é que ele se divertiu dizendo isso. “Escuta, será que você podia ir dar uma olhada, lá na festa, se o perigo já foi embora?”

“Que cara ele tem?”

“Ela. Tá, eu sei, mas é que ela assusta de verdade. Um camarada meu que viu e falou pra eu ficar escondido aqui até a garota ir embora. Saí com

ela uma vez. Não, tipo, ‘saí com ela uma época’. Foi uma vez só mesmo. Mas parei porque a garota é maluca, e...”

Era muita sorte.

“Você é o Chas, né?”

“Como é que você sabe?”

“Sou amigo da Jess.”

Cara, se vocês tivessem visto a cara dele. O Chas ficou de pé num pulo e começou a procurar um jeito de fugir pulando o muro dos fundos. Cheguei a pensar que ia tentar escalar na corrida, feito um esquilo.

“Merda”, ele disse. “Porra. Desculpa. Merda. Você me ajuda a escalar aqui?”

“Não. Quero que você venha falar com ela. A Jess teve... teve uma noite difícil, e talvez um papo ajude ela a se acalmar.”

O Chas riu. Era o riso vazio e desesperado de um cara que sabia que, no caso da Jess, uma dose pra elefante de tranquilizantes seria muito mais útil do que um papo.

“Você sabe que não faço sexo desde aquela noite em que saí com ela, não sabe?”

“Não, não sabia não, Chas. E como poderia? Como é que teria ficado sabendo disso?”

“Vivo assustado demais. Não posso cometer o mesmo erro outra vez. Não vou aguentar outra mulher aos berros comigo no cinema. Sabe, não me importo se nunca mais fizer sexo. Melhor assim. Tenho vinte e dois anos. E, bom, aos sessenta a gente não se sente mais assim, né? Então são só quarenta anos pela frente. Menos. Dá pra encarar. As mulheres são umas loucas do caralho, cara.”

“Não fala uma merda dessa, cara. Você só teve um pouco de azar.”

Falei isso porque sabia que era a coisa certa a dizer, não porque minha experiência estivesse me mandando dizer outra coisa. Não era verdade que as mulheres são umas loucas do caralho, claro que não — só aquelas com quem eu e o Chas tínhamos ido pra cama.

“Olha só. Qual é a pior coisa que poderia acontecer, se vocês conversassem um pouco aqui fora?”

“Ela tentou me matar duas vezes e outra vez me fez ir para a cadeia. Também estou proibido de entrar em três pubs, dois museus e um cinema. E, ainda, um oficial de justiça já me avisou que...”

“Tá. Tá. Então o que você tá dizendo é que o pior que pode te acontecer é morrer de forma violenta e dolorosa. E te digo, meu amigo, que é melhor morrer como um homem do que ficar escondido debaixo dessa churrasqueira feito um rato.”

A Maureen tinha levantado da mesa e vindo se juntar a nós no canto escuro do churrasco.

“Se eu fosse a Jess tentaria te matar”, ela disse, a voz baixa — tão baixa que era difícil encaixar a violência das palavras com a timidez do tom.

“Taí. Você tá encrocado de todo lado.”

“Quem é essa aí agora, porra?”

“Sou a Maureen”, respondeu ela. “Por que você acha que tem o direito de se safar?”

“Me safar por quê? Não fiz nada.”

“Pensei que você tivesse dito que fez sexo com ela”, a Maureen falou. “Ou talvez não tenha dito assim, com todas as letras. Mas falou que, desde então, não fez mais sexo. Então acho que é porque foi pra cama com ela.”

“Bom, a gente fez sexo só aquela vez. Mas eu ainda não sabia que ela era uma louca do caralho.”

“Aí, quando descobre que a pobre da moça está confusa e vulnerável, você foge.”

“Fui obrigado a fugir. Ela estava me perseguindo. Metade do tempo com uma faca.”

“E por que ela estava te perseguindo?”

“Qual é? Por que isso te interessa?”

“Não gosto de ver os outros deprimidos.”

“Pois, e eu? Eu estou deprimido. Minha vida está um caos.”

Vejam bem, o Chas não tinha como saber, mas aquela não era uma boa estratégia de argumentação pra usar com ninguém da nossa galera, o Quarteto do Toppers' House. A gente era, por definição, os reis e as rainhas do caos. O Chas tinha desistido de fazer sexo, enquanto, no nosso caso, a decisão era se desistíamos ou não da merda das nossas vidas.

“Você precisa falar com ela”, disse a Maureen.

“Vai se foder”, o Chas respondeu. E aí, pau!, a Maureen deu nele o tabefe mais forte que podia dar.

Nem sei dizer quantas vezes vi o Eddie acertar alguém numa festa ou depois de um show. E ele provavelmente diria a mesma coisa de mim, ainda que, na minha memória, eu fosse o Cara da Paz, e só de vez em quando tivesse algum lapso de violência, e ele, o Senhor Encrenca, e só de vez em quando se permitisse um momento de calma e lucidez. E, tá, a Maureen era uma senhorinha, mas ver ela dando aquela porrada me fez sacar tudo.

A parada com a Maureen é a seguinte: ela tinha muito mais colhão do que eu. Ficar tanto tempo por aí, vendo como era não poder nunca viver a vida que tinha planejado pra ela. Não sei que planos seriam esses, mas ela tinha os seus como todo mundo, e ficou por aí uns vinte anos, depois que o Matty nasceu, esperando pra ver o que iam oferecer pra ela no lugar do que tinha planejado, e não ofereceram nada. Aquele tapa saiu carregado de sentimento, e eu também conseguia me imaginar acertando um em alguém quando tivesse a idade dela. Essa era uma das razões por que eu não pretendia nunca chegar à idade dela.

MAUREEN

O Frank é o pai do Matty. É engraçado pensar que talvez isso não fique imediatamente óbvio para alguém, uma vez que para mim é mais do que óbvio. Só tive relações sexuais com um homem, e só tive relações sexuais com esse homem uma vez, e dessa única vez em toda a minha vida que tive relações sexuais resultou o Matty. Qual é a probabilidade disso, hein? Uma em um milhão? Uma em dez milhões? Não sei. Mas, claro, mesmo

se for uma em dez milhões, tem uma porção de mulheres como eu pelo mundo. Não é o que a gente costuma pensar, quando pensa em uma em dez milhões. Não pensa que seja uma porção de gente.

O que acabei percebendo, ao longo dos anos, é que a gente está menos protegida do azar do que é capaz de imaginar. Porque, embora isso não pareça justo, ter relações sexuais apenas uma vez na vida e acabar com um filho que não pode andar nem falar nem me reconhecer... Bom, essas coisas não têm muito a ver com justiça, não é mesmo? A pessoa só precisa ter relações sexuais uma única vez mesmo para produzir uma criança, qualquer criança. Não existe uma lei que diga: uma criança como o Matty só nascerá de pais casados, ou de uma mulher que foi para a cama com uma porção de homens diferentes. Não existe esse tipo de lei, mesmo que a gente ache que deveria existir. E, quando se tem um filho como o Matty, é impossível não sentir que pronto!, é azar para uma vida inteira, minha má sorte toda ali, num só pacote. Mas não tenho certeza de que essa coisa de sorte funciona assim. O Matty não tem o poder de impedir que eu tenha câncer de mama, ou que seja atacada na rua. A gente pode achar que ele tem esse poder, mas não tem. De certo modo, fico feliz que não tive outro filho, um filho normal. Eu precisaria de mais garantias de Deus do que Ele seria capaz de me dar.

E, também, sou católica, então acredito mais em castigo do que em azar. Somos bons nisso de acreditar em castigo; os melhores do mundo. Pequei contra a Igreja, o preço a pagar por isso é o Matty. Pode parecer um preço alto, mas, afinal, pecar deve ter algum significado, não é mesmo? Então, de certa forma, não é muito surpreendente que eu tenha recebido isso. Por muito tempo cheguei até mesmo a ser grata, porque sentia que era uma possibilidade de redenção na Terra, e que não haveria mais cobrança depois. Mas agora não tenho certeza. Se o preço que a pessoa tem de pagar por um pecado é tão alto que ela acaba querendo se matar, cometendo um pecado ainda pior, alguém errou a conta. Alguém exagerou na dose.

Nunca bati em ninguém, nunca, na minha vida inteira, mesmo que muitas vezes tivesse vontade. Mas naquela noite foi diferente. Eu estava no limbo, em algum lugar entre a vida e a morte, e sentia que não importava o que fizesse até voltar ao Toppers' House. E foi quando primeiro me dei conta de que estava tirando umas férias de mim mesma. O que me fez querer dar outro tapa nele, só porque eu podia, mas não fiz isso. Um só tinha sido suficiente: o Chas tombou — mais pelo choque, acho, do que pela força, pois não sou tão forte assim — e ficou lá, no chão, com as mãos cobrindo a cabeça.

“Desculpem”, o Chas falou.

“Pelo quê?”, o JJ perguntou a ele.

“Não tenho certeza”, o Chas respondeu. “Qualquer coisa.”

“Uma vez tive um namorado como você”, contei a ele.

“Desculpe”, ele repetiu.

“Isso magoa. É uma coisa horrível de fazer, ter relações com alguém e aí desaparecer.”

“Agora consigo ver isso.”

“Consegue?”

“Acho que sim.”

“Daí debaixo você não consegue ver é nada”, falou o JJ. “Por que não levanta?”

“Não quero levar outro tapa, sério.”

“Posso dizer que você não é o cara mais corajoso deste mundo?”, o JJ perguntou a ele.

“Tem um monte de jeitos diferentes de alguém mostrar que é corajoso”, o Chas respondeu. “Se o que você está dizendo é que coragem pra enfrentamentos físicos não é meu forte... tá certo. Mas esse tipo de coragem é superestimado, acho.”

“Bom, saca, Chas, acho muito corajoso você, tipo, confessar que está com todo esse medo de uma senhorinha como a Maureen. Respeito sua honestidade, cara. Mas ela não vai te bater de novo, né, Maureen?”

Prometi que não ia, e o Chas ficou de pé. Era uma sensação estranha aquela, ver um homem fazer alguma coisa por minha causa.

“Isso não é vida, né, andar se escondendo debaixo da churrasqueira”, disse o JJ.

“Não é. Mas não vejo muita alternativa, sério.”

“Falar com a Jess, de repente?”

“Ah, não. Prefiro morar aqui pra sempre. Sério. Já estou até pensando em me mudar, sabe?”

“Pra onde, outro quintal? Quem sabe com um gramadinho?”

“Não”, o Chas respondeu. “Pra Manchester.”

“Olha só”, o JJ falou. “Eu sei que a Jess assusta. É por isso que você devia falar com ela agora. Com a gente junto. A gente pode, saca... mediar. Você não prefere fazer isso a ter que se mudar?”

“Mas conversar o quê?”

“Talvez a gente pudesse pensar em alguma coisa. Junto. Alguma coisa que fizesse ela sair do seu pé.”

“Tipo o quê?”

“Já tô ligado que ela casava com você, é só pedir.”

“Ah, não, tá vendo, é só...”

“Tô de sacanagem, Chas. Relaxa, cara.”

“Os tempos atuais não são muito, tipo, relaxantes. São tempos sombrios.”

“Sombrios mesmo. Vide a Jess, e ter que mudar pra Manchester, e ficar morando debaixo de uma churrasqueira, e as Torres Gêmeas, e tudo mais.”

“Isso aí.”

O JJ balançou a cabeça.

“Tá. Vamos ver o que é que você pode dizer pra ela que te tire dessa p... dessa confusão.”

E o JJ passou algumas falas para o Chas, como se ele fosse um ator e a gente estivesse numa novela.

MARTIN

Não sou avesso a um faça-você-mesmo de vez em quando. Eu decorei os quartos das meninas, aplicando adesivos e tudo mais. (E, sim, havia câmeras presentes e a produtora pagou até a última gota de tinta fosforescente, mas isso não diminui o tamanho do feito.) Enfim, se vocês também são entusiastas da coisa, sabem que, às vezes, a gente depara com furos grandes demais pra resolver na base da massa corrida, especialmente no banheiro. E, quando isso acontece, a gambiarra é tapar o buraco com o que conseguir arranjar — fósforos quebrados, pedaços de esponja, o que estiver à mão. Pois essa era a função do Chas naquela noite: ele foi nosso pedaço de esponja pra tapar o buraco. A história toda da Jess e do Chas era ridícula, claro, um desperdício de tempo e energia, um espetaculzinho banal; mas nos absorveu, fez a gente descer daquele terraço e, mesmo enquanto escutava a ridícula ladainha do rapaz, eu conseguia perceber o valor daquilo. Também conseguia perceber que precisaríamos de muitos outros pedaços de esponja nas semanas e nos meses seguintes. Talvez seja disso que todos precisamos, suicidas ou não. Talvez a vida seja simplesmente um furo grande demais pra tapar com massa corrida, e aí a gente precise de qualquer coisa que possa arranjar — lixas, plainas, meninas de quinze anos, qualquer coisa — pra resolver.

“Oi, Jess”, falou o Chas ao sair arrastado da festa pra rua. Ele tentava parecer animado, amistoso e descontraído, como se já estivesse esperando esbarrar com ela em algum momento da noite, mas o jeitão de quem fazia aquilo forçado não enganava ninguém; é complicado passar animação quando o cara está tão assustado que não consegue nem olhar pros outros. Ele me lembrava um gângster de baixo escalão que tinha sido apanhado roubando do chefão local da máfia num filme, sem jeito e tentando desesperadamente puxar o saco pra salvar a própria pele.

“Por que você se recusou a falar comigo?”

“Tá. Certo. Eu sabia que você ia perguntar. E estive pensando nisso. Estive pensando bastante, na verdade, porque, sabe, é que... Não me sinto bem com isso. É coisa de gente fraca. É uma fraqueza minha.”

“Não exagera, cara”, disse o JJ. Ninguém ali, aparentemente, tentaria fingir que aquilo parecia o mínimo que fosse com uma conversa normal.

“Não. Certo. Então. Primeiro, eu devia pedir desculpa, e dizer que isso não vai acontecer de novo. E, segundo, que te acho superbonita e boa companhia e...”

Desta vez o JJ ostensivamente deu umas tossidas.

“E, bom. O problema não sou eu, é você.” Ele se sobressaltou. “Desculpa. Desculpa. Sou eu, e não você.”

Nessa hora, bem quando tentava lembrar suas falas, ele bateu o olho em mim.

“Ei. Você parece aquele babaca da tevê. Martin Não-Sei-Quê.”

“É o próprio”, a Jess falou.

“E como é que você conhece ele, porra?”

“É uma longa história”, falei.

“A gente estava, os dois, no terraço do Toppers’ House, e ia se jogar de lá”, disse a Jess, tornando, assim, uma longa história consideravelmente mais curta e, justiça seja feita, deixando de fora bem poucas informações relevantes.

Quase deu pra enxergar o Chas assimilando a informação, feito uma cobra engolindo um ovo: dava pra ver o cérebro funcionando em câmera lenta. O Chas, tenho certeza, era uma personalidade com muitos atrativos, mas agilidade de pensamento não era um deles. “Por causa daquela menina com quem você trepou? E do pé na bunda que levou da sua mulher e das suas filhas e tudo mais?”, ele perguntou, finalmente.

“Por que você não pergunta pra Jess as razões dela pra querer se jogar? Não é mais relevante?”

“Cala a boca”, a Jess falou. “É assunto privado.”

“Ah, e os meus assuntos não são?”

“Não”, ela disse. “Não mais. Todo mundo já sabe.”

“Como é a Penny Chambers? Na vida real?”

“É disso que a gente veio falar aqui, Chas?”, o JJ sussurrou.

“Não. Certo. Desculpa. É que fico um pouco desconcentrado com um cara da tevê parado bem ali.”

“Quer que eu vá embora?”

“Não”, a Jess respondeu rápido. “Quero você aqui.”

“Nunca pensei que ele fizesse seu tipo”, disse o Chas. “Muito velho. E ainda por cima um babaca.” Ele foi sacudido por uma risada silenciosa, esperando que alguém risse e sacudisse com ele, mas nenhum de nós — ou melhor, nenhum deles, porque nem mesmo o Chas esperaria que eu risse da minha própria velhice e babaquice — estava se divertindo nem remotamente ali.

“Ah, certo. É isso então, né?”

E de repente, sim, era isso: a gente levava as coisas mais a sério que ele, em todos os sentidos.

E até a Jess percebeu.

“Você é o babaca aqui”, ela disse. “Nada disso tem a ver com você. E, porra, some da minha frente.” E aí ela chutou ele — à moda antiga, com a perna esticada e a ponta do pé bem na parte mais carnuda da bunda, como se os dois fossem personagens de um desenho.

E esse foi o fim do Chas.

JESS

Quando a gente está triste — tipo triste mesmo, triste de ir parar no Toppers’ House —, só quer ficar com outras pessoas que estejam tristes. Eu não sabia disso até aquela noite, mas, de repente, só de olhar pra cara do Chas, me dei conta. Não tinha nada ali. Era só a cara de um garoto de vinte e dois anos que nunca tinha feito nada além de mandar pra dentro uns comprimidos, nem pensado em nada além de onde podia conseguir a próxima cápsula, nem sentido nada além de uns baratos. Eram os olhos que entregavam o Chas: quando ele fez aquela brincadeira idiota sobre o Martin e ficou esperando que a gente risse, o olhar ficou totalmente perdido na piada, não sobrou mais nada ali. Aquele era só um olhar risonho, e não assustado ou perturbado — os olhos de um bebê com

cócega. Eu tinha reparado que quando os outros faziam alguma piada, se faziam (a Maureen não era lá uma grande comediante), ainda assim dava pra ver as razões por que foram parar naquele terraço, mesmo enquanto riam — tinha algo mais, alguma coisa que impedia que se entregassem ao momento. E vocês podem dizer que a gente nem devia ter subido lá, porque se matar é uma solução covarde, e que nenhum de nós tinha razões suficientes pra fazer isso. Mas não podem dizer que não tivesse sentimento ali, porque isso todo mundo tinha, e era o mais importante, mais do que qualquer coisa. O Chas nunca ia saber como era, só se também cruzasse essa fronteira.

Porque era isso que nós quatro tínhamos feito — cruzado uma fronteira. Não estou querendo dizer que a gente tinha feito algo de ruim. Apenas que alguma coisa tinha acontecido pra gente ser um grupo à parte de um monte de outras pessoas. A gente não tinha mais nada em comum além de ter ido parar naquele lugar, um quadrado de concreto lá em cima, e era a maior coisa que alguém podia ter em comum com outra pessoa. Dizer que a Maureen e eu não tínhamos nada em comum porque ela usava sobretudos impermeáveis e gostava de ouvir orquestras ou sei lá o que era o mesmo que dizer que, tipo, a única coisa que tenho em comum com tal garota são nossos pais. E eu não sabia de nada disso até o Chas falar aquele negócio do Martin ser um babaca.

O que também me dei conta é de que o Chas podia ter me dito qualquer coisa — que me amava, que me odiava, que tinha sido possuído por aliens e agora aquele Chas que eu conheci estava em outro planeta — que isso não faria diferença nenhuma. Eu ainda tinha direito a uma explicação, mas e daí? Que bem isso ia me trazer? Não me faria nem um pouco mais feliz. Era tipo se coçar quando está com catapora. Você acha que vai aliviar, mas a coceira muda de lugar, e depois muda de novo. Minha coceira parecia, de repente, ter ido pra bem longe, e nem com os braços mais longos do mundo eu conseguiria alcançar esse lugar. Quando me liguei disso, me deu medo de ficar com aquela coceira pra sempre, o

que eu não queria. Depois que o Chas saiu dali, mesmo sabendo de tudo o que o Martin tinha feito, ainda assim quis que ele me abraçasse. Não me importaria se ele tentasse alguma coisa, mas ele não tentou. O que o Martin fez foi, tipo, o contrário disso; me abraçou de um jeito todo engraçado, como se eu estivesse coberta de arame farpado.

Desculpa, eu falei. Desculpa por aquele merda ter te xingado. E ele disse que não era minha culpa, mas respondi que sim, claro que era, porque, se não tivesse me conhecido, ele não precisaria passar pela experiência de ser chamado de babaca na noite de Ano-Novo. E ele falou que muitas vezes é chamado de babaca. (E é verdade mesmo. Agora que conheço o Martin faz um tempo, eu diria que já ouvi pessoas, totais desconhecidos, chamando ele de babaca umas quinze vezes, de escroto umas dez, de viado o mesmo tanto e de imbecil em mais ou menos meia dúzia de situações. E ainda de cuzão, idiota, estúpido, mané, palhaço e trouxa.) Ninguém gosta dele, o que é esquisito, porque o Martin é famoso. Como é que pode uma pessoa ser famosa quando ninguém gosta dela?

O Martin diz que nada disso tem a ver com a menina de quinze anos; ele acha que, se bobear, a coisa melhorou depois da história, porque as pessoas que mais chamavam ele de babaca eram exatamente aquelas que não viam nada de errado em fazer sexo com menores de idade. Então, em vez de xingamentos, o que ele ouviu delas foi, tipo, Vai lá, garoto, Manda ver, Uhu *etc.* Em termos de ofensa pessoal, embora não dê pra dizer o mesmo quanto ao casamento, à relação dele com as filhas, à carreira ou à sanidade, ir pra cadeia na verdade fez algum bem ao Martin. Mas parece que tem gente famosa de todo tipo, mesmo sem fãs. O Tony Blair é um bom exemplo. E todos os outros apresentadores de programas matinais e de perguntas e respostas na tevê. O motivo pra ganharem tanto dinheiro, me parece, é que desconhecidos vivem gritando palavrões pra eles no meio da rua. Nem mesmo um fiscal de trânsito é chamado de babaca quando sai pra fazer compras com a família. Então acho que a única vantagem de

verdade de ser o Martin é a grana, e também os convites pras estreias dos filmes e pra baladas suspeitas. E é aí que o cara se mete em encrenca.

Isso aí eram só umas coisas que eu estava pensando enquanto o Martin me abraçava. Mas não ajudava muito. Fora dos meus pensamentos, eram cinco da manhã e todo mundo ali estava infeliz e não tinha pra onde ir.

Falei, tipo, E aí, e agora? E esfreguei as mãos, como se a gente estivesse curtindo demais e não quisesse deixar a noitada acabar — como se tivesse acabado de sair da maior curtição na Ocean pra ir até Bethnal Green comer *bagels* e tomar café, ou então até o apê de alguém pra uns baseados e mais curtição. Então perguntei Vamos pro cafofo de quem? Aposto que o seu é da hora, Martin. Aposto que tem umas jacuzzis e tudo mais. Acho que rola. E o Martin disse Não, não podemos ir pra lá. E, aliás, meus dias de jacuzzi já eram faz tempo. O que significava, acho, que ele estava quebrado, e não gordo demais pra entrar numa jacuzzi ou algo do tipo. Porque ele não é gordo, o Martin. É vaidoso demais pra engordar.

Aí falei, Bom, não faz mal, desde que lá tenha uma chaleira e cereal. E ele: Não tem, então eu, tipo, perguntei, O que você está tentando esconder? E ele respondeu Nada, mas falou de um jeito engraçado, meio envergonhado, de quem estivesse, tipo, tentando esconder algo. E então lembrei de uma coisa anterior que pensei que podia ser relevante e disse: Quem é que estava ligando e deixando aquelas mensagens no seu celular? E ele: Ninguém. E eu disse O sr. Ninguém ou a srta. Ninguém? E ele: Só ninguém. Aí eu quis saber por que o Martin não queria convidar a gente pra casa dele, e ele respondeu Porque não conheço você. E eu: Tá certo, do mesmo jeito que não conhecia aquela menina de quinze anos. E aí, como se tivesse ficado irritado, ele falou Tá. Tá bom. Vamos pra minha casa. Por que não?

E então fomos.

JJ

Sei que tive aquele momento de sintonia com a Maureen quando ela deu o tapão no Chas, mas, pra falar a verdade, eu já estava pensando

comigo mesmo que, se a gente continuasse juntos até a hora do café da manhã, minha nova banda ia por fim se separar alegando diferenças musicais. Chegar juntos ao café da manhã significaria que a gente teria alcançado uma nova alvorada, uma nova esperança, um novo ano, blabláblá. E, sem querer ofender, mas eu não queria mesmo ser visto à luz do dia com aquele pessoal, saca — especialmente com... alguns deles. Mas o café da manhã e a luz do dia ainda estavam a algumas horas dali, então me pareceu que eu não tinha escolha, na real, senão ir com a galera pra casa do Martin. Qualquer outra atitude seria cruel e hostil, e eu ainda não estava confiante de ser capaz de passar muito tempo sozinho.

O Martin morava numa parte de Islington que parecia uma vila, com a antiga casa do Tony Blair bem ali na outra esquina, e aquela não era uma vizinhança pra um cara que supostamente estava quebrado, como o Martin. Ele pagou a corrida de táxi e subiu, seguido pela gente, os degraus que levavam à porta da frente. Vi que tinha três ou quatro campainhas diferentes, então percebi que a casa não era só dele, mas eu não teria como pagar um lugar daqueles pra morar de qualquer jeito.

Antes de colocar a chave na fechadura, ele virou pra gente.

“Escutem só”, ele falou, e depois não disse mais nada, então ficamos escutando.

“Não estou ouvindo nada”, a Jess falou.

“Não, não quis dizer escutar nesse sentido. Quis dizer: escutem só, vou falar uma coisa pra vocês.”

“Vai lá, então”, falou a Jess. “Desembucha.”

“Está bem tarde. Então vamos... tratar de respeitar os vizinhos.”

“Só isso?”

“Não.” Ele respirou fundo. “Provavelmente vai ter mais alguém aí.”

“No seu apartamento?”

“É.”

“Quem?”

“Não sei bem como chamar. A mulher com quem saí. Sei lá.”

“Você estava com alguém ontem à noite?” Tentei manter um tom de voz neutro, mas, saca, Jesus... Que noite aquela mulher não teve? Uma hora estava lá, numa casa noturna ou sei lá onde com o cara, e quando vê ele desapareceu porque queria se atirar de um prédio.

“Sim. E daí?”

“Nada. É só que...” Nem precisava dizer mais. Podíamos deixar o resto por conta da imaginação.

“Putaquepariu”, disse a Jess. “Que tipo de encontro é esse, que acaba com o cara sentado na porra do parapeito de um prédio?”

“Um encontro malsucedido”, o Martin respondeu.

“Só pode mesmo ter sido a porra de um encontro malsucedido”, falou a Jess.

“Pois é”, disse o Martin. “Foi o que acabei de dizer.”

Ele abriu a porta do apartamento e fez a gente ir entrando na frente; e aí, um momento antes dele, vimos a garota sentada no sofá. Ela era talvez uns dez ou quinze anos mais nova que o Martin, e bonita, tipo essas loiras burras da previsão do tempo na tevê; vestia um vestido preto com pinta de ter custado uma nota, e a cara era de quem tinha chorado pra caramba. Ela olhou pra nós, depois pra ele.

“Onde você estava?” A garota tentava pegar leve, mas não estava conseguindo muito.

“Por aí. Conheci umas...” Ele fez um gesto apontando pra gente.

“Umas o quê?”

“Sabe como é. Umas pessoas.”

“E foi por isso que você me largou aqui no meio da noite?”

“Não. Quando saí eu não sabia que ia esbarrar nesse povo aqui.”

“E que povo é esse aí?”, perguntou a garota.

Eu queria ouvir o que o Martin ia responder, porque talvez fosse divertido, mas a Jess se meteu.

“Você é a Penny Chambers”, ela disse.

A garota não disse nada, provavelmente porque aquilo ela já sabia. Ficamos olhando pra ela.

“Penny Chambers”, a Maureen repetiu. Ela parecia um peixe com aquela porra de bocão aberto.

A Penny Chambers, pelas mesmas razões de antes, continuava sem dizer nada.

“*Bom dia com Penny e Martin*”, disse a Maureen.

Pela terceira vez, nada de resposta. Não manjo muito sobre as estrelas da tevê inglesa, mas já tinha sacado. Se o Martin fosse o Regis, a Penny seria a Kathy Lee. O Regis inglês estava pegando a Kathy Lee inglesa, aí desapareceu pra ir se matar. Vamos combinar: aquilo era hilariante pra caralho.

“Vocês estão juntos?”, a Jess perguntou pra garota.

“Melhor você perguntar pro Martin”, a Penny falou. “Foi ele que sumiu no meio do jantar.”

“Vocês estão juntos?”, a Jess perguntou pro Martin.

“Desculpa”, ele disse.

“Responde a pergunta”, a Penny falou. “Estou interessada.”

“Não é bem a hora pra gente falar disso”, o Martin respondeu.

“Então claramente existe uma dúvida”, disse a Penny. “O que pra mim é novidade.”

“A coisa é complicada”, o Martin falou. “Você sabia disso.”

“Não.”

“Você sabia que eu estava infeliz.”

“Sim, sabia que você não estava feliz. Mas não que estava infeliz comigo.”

“Eu não estava... Não é... A gente pode falar disso mais tarde? Em particular?”

Ele parou, e de novo gesticulou, apontando pros três rostos que observavam. Acho que posso falar por todos quando digo que, no geral, suicidas em potencial tendem a se tornar bem autocentrados: aquelas

semanas finais são meio que o tempo inteiro eu-eu-eu. Então, ali, só queríamos sorver aquela merda toda a. porque não tinha a ver com a gente e b. por não ser uma conversa propensa a nos deixar super pra baixo. Até aquele momento, era só uma briga de namorados, o que fazia a gente esquecer um pouco de nós mesmos.

“E quando vamos poder conversar em particular?”

“Logo. Mas provavelmente não já.”

“Certo. E sobre o que vamos conversar enquanto isso? Com nossos três amigos aí?”

Ninguém soube o que responder. O Martin era o anfitrião, então achar um ponto comum ali era com ele. E boa sorte.

“Acho que você devia ligar pro Tom e pra Christine”, a Penny falou.

“Sim, vou fazer isso. Amanhã.”

“Eles devem estar te achando um grosso.”

“Quem são Tom e Christine? As pessoas com quem você estava jantando?”

“Sim.”

“O que você falou pra eles?”

“Ele disse que ia ao banheiro”, contou a Penny.

A Jess caiu na risada. O Martin olhou de relance pra ela, voltou a pensar na desculpa esfarrapada que tinha dado e, por um momento, olhando pros próprios sapatos, esboçou um sorrisinho. Foi um momento estranhamente familiar. Sabe quando o moleque está tomando uma bronca do pai por causa de alguma besteira que fez e tem um amigo ali, vendo tudo e tentando não rir? E é melhor não olhar pro amigo naquela hora pra não cair na risada junto? Pois, então, foi mais ou menos isso. Enfim, a Penny percebeu o sorrisinho do moleque em questão, atravessou a sala e foi pra cima dele, que agarrou os pulsos dela pra evitar apanhar.

“Como você se atreve a achar graça?”

“Desculpa. Sério. Eu sei que não tem graça nenhuma.” Ele tentou agarrar a Penny, mas ela se soltou e saiu de perto pra ir sentar outra vez.

“Precisamos beber”, disse o Martin. “Você se importa que eles fiquem pra tomar alguma coisa com a gente?”

Costumo aceitar bebida de mais ou menos qualquer um que me ofereça e em mais ou menos qualquer situação, mas até eu estava meio em dúvida se aceitava ficar desta vez. Mas, no fim, estava simplesmente com sede.

MARTIN

Foi só quando a gente chegou no apartamento que consegui ter alguma lembrança de ter descrito a Penny como uma perfeita de uma vagabunda que cheira o que aparecer pela frente e dá pra qualquer um. Mas quando foi que tinha dito isso? Passei os trinta minutos seguintes rezando pra ter sido antes da Jess aparecer, quando estávamos só eu e a Maureen; se a Jess tivesse escutado, eu não tinha dúvidas de que minha opinião sobre a Penny seria passada adiante.

E, nem preciso dizer, aquela estava longe de ser uma opinião racional, enfim. A Penny e eu não vivemos juntos, mas estávamos juntos fazia alguns meses, mais ou menos desde que eu tinha saído da cadeia, e durante esse tempo, como vocês podem imaginar, ela vinha tendo que enfrentar um bom tanto de dificuldades. A gente não queria que a imprensa soubesse do nosso caso, então nunca saíamos pra lugar nenhum, e usávamos chapéus e óculos escuros com mais frequência do que seria estritamente necessário. Eu tinha — ainda tenho, sempre vou ter — uma ex-mulher e filhas. Estava apenas parcialmente empregado, numa porcaria de canal a cabo. E, conforme devo ter mencionado, não andava excepcionalmente animado.

E a gente tinha uma história. Um caso rápido quando ainda apresentávamos o programa juntos, mas ambos éramos casados, e por isso terminamos, de forma triste e dolorosa. E aí, por fim, depois de muitos desencontros e recriminações, voltamos a sair, mas o momento tinha passado. Eu era mercadoria estragada agora. Estava quebrado, acabado, um caco, raspando o fundo do meu próprio tacho; e ela, ainda no auge, linda, jovem e famosa, aparecendo na tevê pra milhões toda manhã. Não

conseguia acreditar que quisesse estar comigo por alguma outra razão além de nostalgia e pena, e ela também não conseguia me convencer do contrário. Alguns anos atrás, a Cindy entrou pra uma dessas porcarias de clube do livro onde lésbicas de classe média, reprimidas e infelizes, ficam cinco minutos falando sobre um romance que não entenderam pra, em seguida, passar o resto da noite resmungando sobre como os homens são horríveis. Enfim, ela leu um livro sobre um casal que estava apaixonado, mas passou trocentos anos sem poder ficar junto, até que, finalmente, conseguiu, os dois já com uns cem anos de idade. A Cindy adorou e me fez ler, e o tempo que demorei pra terminar o livro foi quase o mesmo que os personagens demoraram pra ter seu final feliz. Bom, minha relação com a Penny parecia mais ou menos isso, só que os velhotes da história se divertiam mais do que a gente estava se divertindo. Umas semanas antes do Natal, num surto de desespero e autorrecriação, falei pra ela sumir da minha frente, e foi o que ela fez naquela noite, acompanhada de um convidado do programa, um chef da tevê, que ofereceu a primeira carreira de cocaína da vida dela, e os dois acabaram na cama e, na manhã seguinte, ela foi me encontrar se debulhando em lágrimas. Foi por isso que falei pra Maureen que a Penny era uma perfeita de uma vagabunda que cheira o que aparecer pela frente e dá pra qualquer um. Agora percebo que fui um pouco duro.

Então foi assim, já perdida a conta das outras centenas de desabafos e chiliques, dezenas de separações temporárias e, aqui e ali, alguma cena de pugilato — da parte dela, vou logo esclarecendo —, foi assim que a Penny acabou sentada naquele sofá à minha espera. E ficaria esperando um tempão, não fosse nossa festinha improvisada naquele terraço. Não tinha nem me dado ao trabalho de escrever um bilhete pra ela, uma omissão que só agora começa a me causar algum remorso. Por que a gente insistia na ilusão patética de que aquela relação era de alguma forma viável? Não sei bem. Quando perguntei pra Penny o porquê daquilo tudo, ela respondeu simplesmente que me amava, o que me pegou de surpresa como o tipo de

resposta que mais confunde e embaralha do que esclarece. Quanto a mim... Bom, eu associava a Penny, talvez compreensivelmente, a uma época anterior a tudo começar a dar errado: antes da Cindy, antes das meninas de quinze anos, antes da cadeia. Tinha dado um jeito de convencer a mim mesmo de que, se as coisas dessem certo com a Penny, então eu seria capaz de fazer o resto dar certo também — conseguiria, de alguma forma, recuperar quem eu era, como se a juventude fosse um lugar que o sujeito pode visitar a hora que estiver a fim. Pois tenho uma notícia bombástica pra vocês: não é. Quem diria?

Meu problema imediato era como explicar minha ligação com a Maureen, o JJ e a Jess. Dizer a verdade ia magoar e irritar a Penny, e era difícil pensar numa mentira que tivesse a mínima chance de colar. Que relação era possível que tivéssemos uns com os outros? Não parecíamos colegas, amantes de poesia, frequentadores de discotecas ou viciados em drogas; sou obrigado a dizer que o problema, em mais ou menos todos os aspectos, era a Maureen, se é que não conseguir parecer um viciado possa, algum dia, ser considerado problema. E, ainda que aqueles ali fossem meus colegas ou companheiros de vício, ainda assim seria complicado explicar o aparente desespero naquele meu desejo de sair pra vê-los. Eu tinha dito pra Penny e pras pessoas da festa que ia ao banheiro; por que é que, em seguida, meia hora antes da virada do ano, teria escapulado pela porta da frente a fim de comparecer ao encontro anual de alguma sociedade anônima?

Então decidi simplesmente tocar em frente, como se não tivesse nada que explicar.

“Desculpem: Penny, esses são o JJ, a Maureen e a Jess; JJ, Maureen, Jess, essa é a Penny.”

A Penny pareceu desconfiar até das apresentações, como se eu já tivesse começado a mentir.

“Mas você ainda não me disse quem são eles.”

“Quem são no sentido...?”

“No sentido de como vocês se conhecem.”

“É uma longa história.”

“Legal.”

“A Maureen, eu conheço da... Onde mesmo a gente se conheceu, Maureen? A primeira vez que nos vimos?”

A Maureen ficou me olhando.

“Faz um tempão já, não faz? Daqui a pouco a gente se lembra. O JJ era da turma do velho Channel 5, e a Jess é a namorada dele.”

A Jess enlaçou o JJ com um toque mais caricatural do que eu gostaria.

“E onde é que todos eles estavam ontem à noite?”

“Eles não são surdos, sabe? Ou idiotas. Não são... uns surdos idiotas.”

“Onde é que vocês todos estavam?”

“Numa... saca... festa”, tateou o JJ.

“Onde?”

“Em Shoreditch.”

“Festa de quem?”

“De quem era mesmo, Jess?”

A Jess deu de ombros como quem não estava nem aí e a noitada tivesse sido muito louca.

“E por que você quis ir pra lá? Às onze e meia? No meio de um jantar? Sem mim?”

“Isso eu não sei dizer.” E tentei parecer ao mesmo tempo desamparado e arrependido. Esperava que estivéssemos cruzando, ali, a fronteira que levava ao país da complexidade e da imprevisibilidade psicológicas, uma terra onde a ignorância e o pasmo eram permitidos.

“Você está saindo com outra pessoa, não está?”

Saindo com outra pessoa? E como é que isso poderia explicar o que acontecia ali? Por que estar saindo com outra pessoa me faria trazer pra casa uma mulher de meia-idade, uma adolescente punk e um americano que usava jaqueta de couro e cabelo igual ao do Rod Stewart? Que história estaria por trás daquilo? Mas aí, refletindo um pouco, percebi que a Penny

provavelmente já tinha passado por isso, e portanto sabia que a infidelidade normalmente é a resposta pra qualquer enigma doméstico. Se eu tivesse adentrado o apartamento com a Sheena Easton e o Donald Rumsfeld, era provável que a Penny, depois de coçar a cabeça por alguns segundos, dissesse exatamente a mesma coisa.

Em outras circunstâncias, a noite sendo outra, teria sido a conclusão mais acertada também; eu costumava lançar mão dos mais variados truques quando traía a Cindy, confesso. Uma vez enfiei uma BMW num muro só porque precisava explicar um atraso de quatro horas na volta do trabalho pra casa. A Cindy foi até a rua conferir o estrago na lataria, virou pra mim e disse: “Você está saindo com outra pessoa, não está?”. Neguei, claro. Mas aí qualquer coisa — detonar um carro novo, convencer o Donald Rumsfeld a aparecer num apartamento em Islington no amanhecer do primeiro dia do ano — é mais fácil do que contar a verdade, sério. Aquele olhar que o sujeito tem de encarar, um olhar que permite ver, lá dentro dos olhos, o lugar onde ela guarda toda a mágoa, toda a raiva e todo o rancor... Quem não iria um pouquinho mais longe pra evitá-lo?

“E então?”

Minha demora em responder foi consequência da conta mental bem complicada que eu fazia; estava tentando descobrir qual das duas somas dava o resultado negativo menor. Inevitavelmente, porém, a demora foi interpretada como admissão de culpa.

“Seu puto filho da mãe.”

Por um breve momento, fiquei tentado a argumentar que ela me devia uma, depois do infeliz incidente com a carreira de cocaína e o chef da tevê, mas isso só ia servir pra que ela demorasse mais a ir embora; queria, mais que qualquer coisa, ficar bêbado na minha casa, com meus amigos. Então não falei nada. Todo mundo deu um pulo quando ela bateu a porta, ao sair, mas eu já estava esperando.

MAUREEN

Vomitei no tapete da entrada do banheiro. Bom, digo “tapete” mas, na verdade, vomitei onde deveria haver um tapete e o Martin não tinha colocado nenhum. O que acabou sendo bom, porque foi muito mais fácil de limpar depois. Já vi uma porção desses programas que ensinam a decorar a casa e nunca entendi por que sempre mandam jogar fora os tapetes, mesmo os que estão bons e ainda conservam a textura macia e agradável. Mas agora fiquei pensando se não decidem isso vendo, antes de mais nada, se as pessoas da casa normalmente vomitam ou não. Reparei que um monte de gente jovem mantém o assoalho sem nada e, claro, esse pessoal tende a vomitar mais no chão do que gente velha, com toda a cerveja que bebem e tudo mais. E com as drogas que tomam hoje em dia, imagino. (Drogas fazem a pessoa vomitar? Eu diria que sim, vocês não?) E algumas das famílias mais jovens de Islington também parecem que não são muito de tapetes. Mas a gente pode pensar que é por causa dos bebês, que vomitam o tempo inteiro em todo lugar. Então talvez o Martin seja do tipo que costuma vomitar. Ou quem sabe só tenha muitos amigos desse tipo. Como eu. Vomitei porque não estou acostumada com bebida, e também porque não comia nada há mais de um dia. Estava nervosa demais para comer na noite de Ano-Novo, e comer àquela altura não parecia fazer muito sentido, afinal. Nem a papinha do Matty eu quis comer. Para que serve a comida? É combustível, não é mesmo? Faz a gente continuar funcionando. E eu não queria continuar funcionando. Pular do Toppers’ House de estômago cheio ia ser desperdício, como vender um carro abastecido. De modo que eu estava tonta antes mesmo da gente começar a beber o uísque, por causa do vinho branco na festa, e bastou tomar uma ou duas doses para que a sala começasse a girar e girar.

Ficamos em silêncio por um tempo depois que a Penny saiu. Não sabíamos se devíamos nos sentir tristes ou não. A Jess se ofereceu para sair atrás dela e contar que o Martin não tinha saído com outra pessoa naquela noite, mas ele perguntou como ela ia explicar o que a gente fazia ali, e a Jess falou que dizer a verdade não seria tão ruim assim, e o Martin

respondeu que preferia que a Penny pensasse mal dele do que soubesse que ele tinha pensado em se matar.

“Você está louco”, a Jess falou. “Ela ia ficar toda com peninha quando descobrisse como a gente se conheceu. E você provavelmente ganharia uma trepada em solidariedade.”

O Martin riu. “Acho que não é assim que as coisas funcionam, Jess”, ele disse.

“Por que não?”

“Porque, se ela soubesse como a gente se conheceu, ia ficar chateada de verdade. Ia achar que era responsável, de alguma forma. Uma coisa terrível, descobrir que o parceiro está tão infeliz que quer morrer. Seria um momento de autorreflexão.”

“Tá. E daí?”

“E daí que eu ia ter que ficar segurando a mão dela durante horas. E não estou a fim de ficar segurando a mão dela.”

“Mesmo assim você terminaria ganhando uma trepada em solidariedade. Não falei que seria fácil.”

Às vezes ficava difícil lembrar que a Jess também era infeliz. O resto de nós ainda estava bem abalado. Eu não sabia como tinha ido parar na sala de uma conhecida personalidade da tevê, bebendo uísque, quando na verdade tinha saído de casa para me suicidar, e era possível perceber que o JJ e o Martin estavam igualmente confusos com os acontecimentos daquela noite. Mas, para a Jess, toda aquela atribulação no terraço foi como um pequeno acidente, o tipo de coisa para dar uma coçada na cabeça, sentar um pouco, tomar um chá bem docinho e levar adiante o resto do dia. Quando falava em ter relações sexuais por solidariedade e qualquer outro nonsense que vinha à cabeça dela, a gente não percebia o que, afinal, tinha feito a Jess subir aquelas escadas até o terraço — os olhos brilhavam e ela estava cheia de energia, era visível que estava se divertindo. Não íamos mais nos matar, mas também não estávamos ali para nos divertir. Tínhamos chegado perto de pular. E, de todos nós, a Jess era quem

tinha chegado mais perto. O JJ mal passou da saída das escadas para o terraço. O Martin até ficou sentado na beirada, com os pés balançando, mas na verdade não tinha reunido coragem suficiente para se jogar. Eu mesma nem cheguei ao outro lado da cerca. Mas, se o Martin não tivesse segurado a Jess, ela teria ido até o fim, tenho certeza.

“Vamos jogar um jogo”, ela disse.

“Vai se f...”, falou o Martin.

Era impossível continuar a me ofender com os palavrões. Não queria chegar ao ponto de eu mesma começar a xingar, então fiquei muito satisfeita porque aquela noite se encaminhava para o fim. Mas me acostumar com a situação me fez perceber uma coisa. Que, para mim, nada jamais tinha mudado. Ali, no apartamento do Martin, pude olhar para mim mesma — para o que eu era algumas horas antes — e pensar: “Nossa, antes eu era diferente. Ficar chateada por causa de alguns palavrões, imagina!”. Tinha envelhecido no decorrer de apenas uma noite. Quando jovem, a gente está acostumada a isso, à sensação de que, de repente, mudou. Acorda de manhã e não consegue acreditar que foi apaixonada por determinada pessoa, ou que costumava gostar de certo tipo de música, mesmo que tenha sido só algumas semanas antes. Mas, quando tive o Matty, tudo parou e nunca mais seguiu adiante. Isso é o que mata por dentro e, com o tempo, faz a pessoa querer se matar de verdade também. Há todo tipo de motivo para se ter filhos, sei disso, mas uma dessas razões deve ser que crianças crescendo dão uma sensação de que a vida avança — crianças fazem a gente embarcar numa jornada. Mas o Matty e eu ficamos no ponto do ônibus. Ele não aprendeu a andar nem a falar, que dirá a ler ou escrever. Continuou o mesmo a cada dia que passava, e a vida continuou a mesma a cada dia, e eu continuei a mesma também. Sei que não é muita coisa, mas ouvir a palavra “f...” centenas de vezes na mesma noite, bom, já era algo diferente para mim, uma coisa nova. Logo que conheci o Martin no terraço, as palavras que ele usava me repeliavam fisicamente, e agora eu simplesmente deixava que me atingissem,

como se eu usasse um capacete de proteção. Bom, tinha que ser assim mesmo, não é? Só alguém muito tolo para se deixar afetar trezentas vezes na mesma noite. O que me fez pensar sobre o que mais mudaria em mim se continuasse a viver daquele jeito por mais alguns dias. Já tinha estapeado uma pessoa, agora estava bebendo uísque com coca. Sabe quando dizem na tevê que você deveria se soltar mais? Começava a entender o que isso significava.

“Filho da mãe desgraçado”, disse a Jess.

“Bom, pois é”, o Martin falou. “Exato. Dã, como diria você.”

“Que foi que eu disse desta vez?”

“Me acusou de ser um filho da mãe desgraçado. E apenas pontuei que, neste momento da minha vida, em particular, e principalmente nesta noite, na verdade, ‘desgraçado’ é um adjetivo bastante apropriado. Sou um filho da mãe bastante desgraçado, de fato, como acho que vocês já perceberam a esta altura.”

“Como assim? Ainda?”

O Martin riu. “Sim. Ainda. Mesmo depois de tudo o que a gente se divertiu hoje. O que você diria que mudou nas últimas poucas horas? Não continua a ser verdade que estive preso? Acredito que sim. Que fui pra cama com uma menina de quinze anos? Infelizmente nada parece ter mudado muito nesse quesito. Minha carreira não continua destruída e minhas filhas, inacessíveis pra mim? Infelizmente sim e sim. E isso apesar da festinha em Shoreditch com seus amigos divertidos, onde fui chamado de babaca. Como é que eu posso estar infeliz, né?”

“Pensei que a gente tinha animado uns aos outros.”

“Sério? É o que você acha mesmo, de verdade?”

“É.”

“Entendi. Compartilhar é como dividir um problema e, como somos quatro pessoas, cada um ficou só com um quarto? Tipo assim?”

“Bom, vocês todos fizeram eu me sentir melhor.”

“Certo. Bom.”

“O que você está querendo dizer?”

“Nada. Fico feliz que a gente tenha feito você se sentir melhor. Sua depressão era claramente mais... tolerável do que a nossa. Menos incontornável. Você tem muita sorte. Infelizmente, o JJ ainda está condenado à morte, a Maureen continua a ter um filho com deficiência grave e minha vida não deixou de ser uma porra de um caos completo e absoluto. Pra ser honesto com você, Jess, não vejo como uns drinques e uma rodada de Banco Imobiliário podem ajudar. Tá a fim de um joguinho, JJ? Vai dar uma força pra tua CCR? Ou, na verdade, não?”

Fiquei chocada, mas o JJ pareceu nem ligar. Simplesmente sorriu e disse: “Acho que não”.

“Não estava pensando em Banco Imobiliário”, a Jess falou. “Banco Imobiliário demora muito.”

E aí o Martin gritou com ela alguma coisa que não escutei porque estava começando a ter ânsia de vômito, então cobri a boca com a mão e corri para o banheiro. Mas, como eu disse, não deu tempo de chegar.

“Deus do céu, pqp”, disse o Martin quando viu a porcaria que eu tinha feito. Eu não conseguia me acostumar, porém, com esse tipo de xingamento, o tipo que envolvia o nome Dele. Acho que isso nunca vai me parecer direito.

JJ

Eu estava começando a me arrepender daquela armação toda de CCR, então não achei ruim a Maureen ter vomitado todo o uísque com coca no assoalho de madeira clara do Martin. Já sentia o impulso de confessar, e começar o ano com uma confissão dessas teria sido um péssimo pontapé inicial. E isso com o péssimo pontapé inicial que eu já tinha dado, saca, pensando em me jogar do alto de um prédio, depois mentindo que tinha CCR, pra começo de conversa. Enfim, foi bom, de repente, todo mundo correr pra Maureen, dando tapinhas nas costas e oferecendo copos d’água pra ela, porque aí o momento confissão passou.

A verdade é que não me sentia um moribundo; me sentia um cara que, aqui e ali, queria morrer, o que é diferente. Um cara que quer morrer se sente raivoso e cheio de vida e desesperado e entediado e exausto, tudo ao mesmo tempo; quer brigar com todo mundo, e quer também se enrodilhar até virar uma bola e se esconder debaixo de um armário em algum lugar. Quer se desculpar com todo mundo, e quer também que todo mundo saiba o quanto o decepcionaram. Não consigo acreditar que moribundos se sintam assim, a menos que morrer seja pior do que pensei que fosse. (E por que não deveria ser? Tudo quanto é a porra de outra coisa é pior do que eu pensava que fosse, então por que morrer deveria ser diferente?) “Queria minhas pastilhas de menta”, ela disse. “Estão na minha bolsa.”

“Onde está sua bolsa?”

Ela ficou um tempinho em silêncio, então gemeu baixinho.

“Se você vai vomitar de novo, podia me fazer o favor de rastejar esses últimos metros até o banheiro?”, o Martin falou.

“Não é isso”, a Maureen respondeu. “Minha bolsa. Ficou no terraço. No canto, bem ao lado do buraco que o Martin abriu na cerca. Tem só minhas chaves, as pastilhas e umas moedas lá.”

“Podemos conseguir alguma coisa pra você tirar o gosto, se é isso que te preocupa.”

“Tenho uns chicletes aqui”, ofereceu a Jess.

“Não sou muito de chicletes”, disse a Maureen. “É que tenho uma prótese meio solta. E não me preocupei em ir consertar porque...”

Ela não terminou a frase. Não precisava. Acho que todo mundo ali tinha umas paradas que não se preocupou em consertar, por razões óbvias.

“Então vamos te arranjar umas pastilhas”, decidiu o Martin. “Ou você pode escovar os dentes, se quiser. Pode usar a escova da Penny.”

“Obrigado.”

Ela levantou e aí voltou a sentar no chão.

“O que é que eu vou fazer? Com a história da bolsa?”

A pergunta era pra todos, mas eu e o Martin olhamos pra Jess esperando a resposta. Ou melhor, a gente sabia a resposta, mas viria na forma de outra pergunta, e ambos já tínhamos aprendido, durante aquela noite, que a Jess, com sua falta de tato, era a pessoa certa pra perguntar.

“A questão é”, disse a Jess, pegando a deixo, “você precisa dessa bolsa?”

“Ah”, a Maureen falou, como se começasse a digerir as implicações daquilo.

“Entende o que eu quero dizer?”

“Sim. Entendo, entendo.”

“Se você não sabe se vai precisar dela, é só dizer. Porque, tipo, é uma questão importante, e a gente não quer que você se apresse pra responder. Mas, se sabe com certeza que não vai precisar, então provavelmente é melhor dizer também. Porque ia evitar a gente ir até lá à toa, sabe.”

“Não pediria a vocês pra irem comigo.”

“A gente ia querer te acompanhar”, a Jess respondeu. “Não ia?”

“E se você já sabe que não quer de volta as chaves, pode ficar aqui hoje”, ofereceu o Martin.

“Não se preocupe com as chaves.”

“Entendo”, disse a Maureen. “Certo. Na verdade, eu não tinha... Pensei que... Sei lá. Ia passar algumas horas sem pensar nisso.”

“Tá”, decidiu o Martin. “Tudo bem. Vamos voltar lá.”

“Vocês não se importam?”

“De jeito nenhum. Seria uma bobagem você se matar só porque ficou sem sua bolsa.”

Quando a gente chegou no Toppers' House, me dei conta de que tinha abandonado a motoca do Ivan na noite anterior. Não estava mais lá, o que fez eu me sentir mal, porque ele não é má pessoa, o Ivan, e também não é um desses porras desses capitalistas que andam por aí dirigindo um Rolls-Royce e fumando charuto. O cara é bem pobre. Na verdade, pilota uma das próprias motocas. Enfim, agora nunca mais eu ia poder olhar na cara dele de novo, ainda que trabalhar ganhando salário mínimo e sem registro

fosse aquela coisa bacana: dá pra tirar mais ou menos o mesmo dinheiro limpando para-brisas no farol.

“Deixei meu carro aqui também”, disse o Martin.

“E também sumiu?”

“A porta estava destravada e a chave na ignição. Era pra ser um ato de caridade. E foi meu último.”

A bolsa da Maureen continuava onde tinha sido deixada, porém, no mesmo canto do terraço. Só quando chegamos lá no alto é que percebemos que quase amanhecia. E era um amanhecer de verdade, com sol e céu azul. Demos um rolê pelo terraço pra ver o que dava pra enxergar em torno, e os outros me conduziram num tour pra americanos em Londres: a catedral de St. Paul, a roda-gigante na beira do rio, a casa da Jess.

“Essa coisa não me assusta mais”, o Martin falou.

“Não?”, disse a Jess. “Já deu uma olhada pra baixo? Puta merda. Melhor a vista dessa porra no escuro, se você quer saber.”

“Não estou falando da altura”, o Martin explicou. “Quis dizer Londres. É uma vista legal.”

“É linda”, disse a Maureen. “Não consigo lembrar quando foi a última vez que enxerguei tão longe.”

“Não é disso que estou falando também. O que estou querendo dizer é... sei lá. Aqueles fogos todos, e pessoas pra lá e pra cá, e a gente espremido aqui em cima porque não tinha nenhum outro lugar pra ir.”

“Pode crer. Seria diferente se a gente tivesse um jantar de Ano-Novo pra ir”, falei. “Como você.”

“Eu não conhecia ninguém lá. Tinha sido convidado por pena. Não estava enturmado.”

“E agora está?”

“Não tem nada lá embaixo pra fazer a gente se sentir excluído. Voltou a ser só uma cidade grande. Aquele cara ali está sozinho. Aquela moça lá também.”

“Aquela é uma porra de uma guarda de trânsito”, observou a Jess.

“É, e está sozinha, e tem, hoje, menos companhia até do que eu. Mas ontem à noite estava dançando em cima de uma mesa em algum lugar, provavelmente.”

“Com outras guardas de trânsito, provavelmente”, a Jess falou.

“E eu não estava com outros apresentadores de tevê”, o Martin respondeu.

“Ou tarados”, disse a Jess.

“Não. Tá certo. Estava sozinho.”

“Você e mais as outras pessoas do jantar”, falei. “Mas pode crer. A gente sabe qual era a situação. É por isso que suicidas gostam tanto da noite de Ano-Novo.”

“Quando é a próxima?”, perguntou a Jess.

“31 de dezembro”, disse o Martin.

“É, tá. Haha. A próxima data dos suicidas?”

“O Dia dos Namorados”, o Martin respondeu.

“Falta o quê? Umas seis semanas?”, disse a Jess. “Então vamos esperar mais seis semanas. Que tal? A gente provavelmente vai estar se sentindo péssimo no Dia dos Namorados.”

Todos ficamos apreciando a vista, pensativos. Seis semanas parecia um tempo legal. Seis semanas não parecia tanto assim. A vida podia mudar em seis semanas — a menos que a pessoa precisasse tomar conta de um filho com deficiência grave. Ou cuja porra da carreira tivesse virado fumaça. Ou se o cara fosse motivo de piada nacional.

“Você sabe como vai estar se sentindo daqui a seis semanas?”, a Maureen me perguntou.

Ah, sim. A menos que tivesse uma doença terminal. Mas a vida também não mudaria muito nesse caso. Dei de ombros. Porra, como é que eu podia saber como ia estar me sentindo? Aquela era uma doença novíssima. Ninguém era capaz de prever a progressão — nem mesmo eu, que tinha inventado a coisa.

“E aí, galera, a gente vai se ver de novo antes do Dia dos Namorados?”

“Desculpa, mas... Quando foi que a gente virou uma ‘galera’?”, perguntou o Martin. “E por que temos que nos encontrar daqui a seis semanas? Por que a gente não pode simplesmente se suicidar onde e quando quiser?”

“Ninguém está te segurando”, falou a Jess.

“Será que a razão toda disto aqui não é que alguém está me segurando? Todos estamos segurando uns aos outros.”

“Até o Dia dos Namorados, isso aí.”

“Então quando você disse que ninguém está me segurando, a intenção era dizer o contrário.”

“Olha só”, disse a Jess, “se você for pra casa agora e enfiar a cabeça no forno com o gás ligado, o que é que eu vou poder fazer a respeito?”

“Exato. E a razão disso que estamos fazendo aqui é...?”

“É o que eu estou perguntando, né? Porque, se a gente é uma galera, aí todo mundo aqui vai tentar viver de acordo com isso. E só tem uma regra, afinal. Regra número um: a gente não vai se matar nas próximas seis semanas. Mas, se não somos uma galera, aí, tipo. Sei lá. Então: somos ou não somos?”

“Não somos”, o Martin respondeu.

“Por que não?”

“Não me levem a mal, mas...” O Martin claramente esperava que essas três palavras, mais um aceno genérico na nossa direção, bastariam pra poupá-lo de se explicar. Mas eu não ia deixar barato não.

Eu também não me sentia parte da galera, até aquele momento. E agora passava a pertencer a uma galera de que o Martin não gostava muito, o que me tornou solidário.

“Mas o quê?”

“Bom. Vocês não são, sabe como é... Meu Tipo de Amizade.” Ele falou bem assim, juro. Deu pra escutar claramente cada maiúscula e minúscula.

“Vai se foder”, falei. “Como se eu fosse andar por aí com um babaca que nem você.”

“Pois taí. A gente devia trocar apertos de mão, agradecer uns aos outros pela noite bastante instrutiva e seguir cada um o seu caminho.”

“E morrer”, disse a Jess.

“Possivelmente”, falou o Martin.

“E é isso que você quer?”, eu perguntei.

“Bom, não é bem uma ambição há muito acalentada, verdade. Mas não estou revelando segredo nenhum quando digo que, recentemente, a ideia vem se tornando atrativa. Estou em conflito, como costumam dizer. Enfim, por que você se importa?”, ele perguntou pra Jess. “Tive a impressão de que, pra você, nada nem ninguém importa. Pensei que era esse o seu lance.”

A Jess ficou pensando por um momento. “Sabe aqueles filmes em que os caras brigam no alto do Empire State Building ou de uma montanha ou sei lá onde? E tem sempre aquela parte em que o vilão escorrega e o herói tenta salvar ele, mas, tipo, a manga do casaco rasga e o sujeito despenca, e a gente ouve, durante a queda, aquele Aaaaaaaaahhhh. É isso que eu quero fazer.”

“Quer ver minha queda ao encontro do destino.”

“Quero ter consciência de que fiz um esforço. Quero poder mostrar a manga rasgada pras pessoas.”

“Não sabia que você era uma samaritana profissional”, disse Martin.

“Não sou. É só minha filosofia pessoal.”

“Pra mim ficaria mais fácil se a gente se visse regularmente”, disse a Maureen, baixinho. “Todos nós. Ninguém sabe, na verdade, como eu me sinto sobre o que quer que seja na vida, só vocês três. E o Matty. Conto tudo pro Matty.”

“Ah, pelo amor de Deus”, o Martin falou. Ele usava aquele tipo de profanação porque sabia que tinha perdido a parada: dizer pra Maureen ir

se foder exigia maior coragem moral do que qualquer um de nós, ali, possuía.

“São só seis semanas”, disse a Jess. “A gente mesmo te joga daqui de cima no Dia dos Namorados, se isso ajudar.”

O Martin balançou a cabeça, pra sinalizar derrota, porém, mais do que recusa.

“Vamos nos arrepender disso. Quem viver verá”, ele disse.

“Ótimo”, a Jess falou. “Então todo mundo concorda?”

Dei de ombros. Não tinha exatamente um plano melhor.

“Não vou passar dessas seis semanas”, disse a Maureen.

“Ninguém vai te obrigar”, o Martin falou.

“Desde que seja o combinado de saída”, a Maureen respondeu.

“Certo”, disse o Martin.

“Excelente”, a Jess falou. “Então temos um trato.”

A gente trocou apertos de mão, a Maureen apanhou a bolsa dela e fomos todos tomar café da manhã. Ninguém conseguia pensar em nada pra dizer aos outros, mas ninguém pareceu se importar muito com isso também.

## PARTE 2

JESS

Não demorou muito pros jornais descobrirem. Uns dias, talvez. Estava no quarto e meu pai me chamou lá embaixo pra perguntar o que eu tinha feito na noite de Ano-Novo. E eu disse: Nada demais, e ele: Bom, não é o que os jornais pensam. E eu, tipo, Jornais? E ele: Pois é, aparentemente vão publicar uma matéria sobre você e o Martin Sharp. Você conhece esse cara? E eu, tipo, É, a gente meio que se encontrou numa festa no Ano-Novo, não conheço ele muito bem. E aí meu pai disse: Que tipo de festa era essa pra você ter encontrado o Martin Sharp? E não consegui pensar que tipo de festa seria, então não falei nada. E meu pai, tipo, E aconteceu... Alguma coisa lá que... Todo encucado ou sei lá o que, tipo assim, então escancarei. Se eu trepei com ele? Não, não trepei! Valeu! Cacete! Martin Sharp! Que nojo! E tal e coisa, até ele pegar a ideia.

Foi o puto do Chas, claro, quem telefonou pros jornais. Provavelmente já tinha tentado antes, o merdinha, mas a história só comigo não era tão boa. Já o irresistível combo Jess Crichton/ Martin Sharp... Quanto vocês acham que o cara fatura dos jornais por uma dessas? Uns duzentos pilas? Mais? Pra ser sincera, se fosse ele, eu teria feito o mesmo. Ele está sempre duro. Eu também. Se o Chas valesse alguma coisa nas rotas fluviais de contrabando, por mim ele já estaria a meio caminho do mar a essa hora.

Meu pai afastou a cortina pra dar uma espiada e tinha um sujeito lá fora. Eu queria sair pra dar uma dura nele, mas meu pai não deixou; falou que iam tirar uma foto minha com cara de louca e que eu ia parecer uma idiota e me arrepender. E disse que não era uma coisa digna da gente fazer,

gente da nossa posição, e que devíamos nos colocar acima da história toda e ignorar os caras. Eu falei, tipo, Quem aqui tem alguma posição? E ele respondeu: Bom, gostando ou não, você tem, e eu: A posição é sua, não minha, e ele: É sua também, e a gente ficou um tempo discutindo desse jeito. Mas, claro, levar adiante uma discussão como essa nunca muda nada e, sério, sei que ele tem razão. Se a posição não fosse minha também, os jornais não estariam interessados. Na boa, quanto mais me comporto como se não fosse ninguém, pior fica, não sei se vocês me entendem. Se eu simplesmente me trancasse no quarto pra ler, ou arranjasse um namorado, ninguém ia se interessar. Mas, indo pra cama com o Martin Sharp, ou me jogando de um terraço, o que acontece é o oposto da falta de interesse. Aí, sim, interessa.

Quando fui parar nos jornais, há uns dois anos, por causa do negócio com a Jen, acho que a impressão foi de que eu era Perturbada, e não Má. Enfim, furto não é a mesma coisa que assassinato, né? E estou falando de furto *pra valer*, escandaloso, no estilo Winona, bolsas e roupas e o caralho, não canetas e balas. Um ponto acima de pôneis e boy bands na hierarquia, um ponto abaixo de sexo e baseados. Mas dava pra sentir que, dessa vez, era diferente, e foi aí que comecei a refletir. Tá, tá, já sei. Antes tarde do que nunca, né? O que pensei foi o seguinte: se fosse pra história ir parar em todos os jornais, era melhor que minha mãe e meu pai pensassem que eu tinha trepado com o Martin do que soubessem a verdadeira razão pra gente estar juntos naquela noite. A verdade ia acabar com eles. Talvez literalmente. O que me tornaria o único membro da família a sobreviver e, mesmo se tratando de mim, fiquei indecisa sobre o que fazer. Se os jornais tinham entendido tudo errado, até que isso não era tão ruim. Óbvio que seria bem humilhante lá na faculdade, todo mundo pensando que trepei com o maior canalha da Inglaterra, mas seria por um bem maior, ou seja, manter meus pais vivos.

A questão era que, apesar de eu ter começado a refletir, não estava pensando direito. Podia ter evitado muito problema, era só me dar mais

dois minutos antes de abrir a boca, mas não. Comecei Pa-ai... E ele, tipo, Ah, não. E fiquei só olhando pra ele, que disse: Melhor você me contar tudo, e eu: Bom, não tem muito o que contar, sério. Simplesmente cheguei nessa festa e ele estava lá e bebi demais e a gente seguiu pra casa dele e foi isso. E ele, tipo, Só isso, fim? E eu: Bom, não, foi isso e, tipo, três pontinhos. Não preciso entrar em detalhes. E ele: Pelo amor de Deus, e sentou numa cadeira.

Mas esse é que o negócio: eu não precisava ter dito que trepei com ele, né? Podia ter dito que a gente deu uns pegas, ou que ele tinha tentado forçar a barra, ou qualquer coisa do tipo, mas não tive essa presença de espírito. Pensei: bom, se a escolha é entre suicídio e sexo, melhor ficar com sexo, mas as opções não eram necessariamente essas. Sexo era apenas uma sugestão de como servir, tipo assim, mas a gente não é obrigada a seguir exatamente o que diz na embalagem, né? Pode deixar de fora o arremate do prato, se quiser, e era isso que eu devia ter feito. (*Arremate* — que palavra estranha, né? Acho que nunca tinha usado ela antes.) Mas não fiz, né? E outra coisa que devia ter feito e não fiz: antes de contar o que quer que fosse pra ele, devia ter mandado ele descobrir que história os jornais estavam contando. Simplesmente pensei: tabloides, sexo... não sei o que passou pela minha cabeça, pra falar a verdade. Não muita coisa, pra variar.

Aí meu pai foi direto pro telefone, ligou pro escritório e contou pro pessoal lá o que eu tinha contado pra ele, e, feito isso, disse que ia sair e que eu não devia atender o telefone nem ir pra lugar nenhum nem fazer nada. Então vi tevê por alguns minutos, e aí dei uma olhada na janela pra ver se conseguia enxergar o cara lá fora, e consegui, mas ele não estava sozinho.

E então meu pai voltou com um jornal — tinha saído pra comprar um matutino. Ele parecia uns dez anos mais velho do que quando saiu de casa. E me mostrou o jornal com a manchete MARTIN SHARP E FILHA DE POLÍTICO EM PACTO SUICIDA.

Pois é, toda aquela parte da confissão sexual tinha sido a porra de uma total e completa perda de tempo.

JJ

Era a primeira vez que a gente ficava sabendo de alguma coisa da história da Jess, e sou obrigado a dizer que minha primeira reação foi achar aquilo hilariante pra caralho. Eu estava na banquinha perto de casa, comprando cigarro, e a Jess e o Martin ali, no caixa, olhando pra minha cara, e li a manchete e não segurei um uau! O que, sendo a notícia sobre um suposto pacto suicida, atraiu olhares. Assessor do ministro da Educação! Puta merda! Vocês têm que entender: a garota falava como se fosse filha de mãe drogada, sem um tostão, vivendo de auxílio do governo e mais nova do que ela mesma. E se comportava como se educação fosse um tipo de prostituição, uma parada a que só alguém esquisitão e desesperado ia recorrer.

Mas, quando li a matéria, não foi tão engraçado. Eu não sabia nada sobre a irmã mais velha da Jess, a Jennifer. Nenhum de nós sabia. Ela desapareceu faz alguns anos, quando tinha dezoito, e a Jess, quinze; pegou emprestado o carro da mãe, que foi encontrado abandonado na praia, perto de um lugar famoso pelos suicídios. A Jennifer tinha tirado carteira três dias antes, como se aquele fosse o motivo principal pra ter aprendido a dirigir. O corpo nunca foi encontrado. Não sei como isso afetou a Jess — mas não pode ter sido bom. E o velho... Jesus. Genitores de filhas suicidas acabam se tornando bem pessimistas quanto a essa questão toda de educação das crianças.

E aí, no dia seguinte, o negócio ficou muito menos divertido. Saiu outra manchete, que dizia ERAM QUATRO!, e na matéria que vinha embaixo tinha uma descrição dos outros dois *freaks* que, mais adiante, percebi que deviam ser a Maureen e eu. E, no final, um pedido de mais informações e um número de telefone. E até uma, saca, recompensa em dinheiro. Era quanto pagavam pela nossa cabeça, a minha e a da Maureen, cara!

A fonte da notícia era claramente aquele babaca daquele Chas; dava pra ouvir o tom irritante da voz dele por trás da linguagem bizarra de tabloide inglês. Ainda assim, o cara tinha seus méritos, acho. Pra mim, aquela noite tinha se resumido a quatro infelizes fracassando ridiculamente naquilo que planejaram fazer — algo que, vamos ser honestos, nem é difícil de dar conta. Mas o Chas tinha enxergado algo mais ali: tinha enxergado uma história, uma parada com a qual podia faturar uns trocados. Tá, talvez ele soubesse do pai da Jess, mas, saca, palmas pro cara. Foi ele que juntou as peças.

Vou falar a verdade pra vocês aqui: a história me deixou um pouquinho eufórico. Era meio que gratificante, ironicamente, ler sobre mim mesmo, o que faz sentido, se a gente parar pra pensar. Vejam, uma das coisas que tinham me colocado pra baixo foi a incapacidade de deixar minha marca no mundo pela música — em outras palavras, eu era um suicida por não ser famoso. Talvez esteja sendo duro comigo mesmo, porque sei que era um pouco mais complicado, mas isso certamente fazia parte do pacote. Pois reconhecer que eu estava em fim de carreira acabou me levando às primeiras páginas dos jornais, e pode ser que tenha uma lição aí em algum lugar.

Então lá estava eu, curtindo a história no meu apartamento, tomando um café e fumando, satisfeito por ser meio que famoso e completamente anônimo, tudo ao mesmo tempo, quando a porra da campanha tocou e dei um pulo.

“Quem é?”

“É o JJ?” A voz de uma mulher jovem.

“Quem é?”

“Posso trocar umas palavrinhas com você? Sobre a noite de Ano-Novo?”

“Como você conseguiu meu endereço?”

“Era você uma das pessoas que estavam com Jess Crichton e Martin Sharp naquela noite, quando eles tentaram se matar, conforme fiquei sabendo?”

“Tá desinformada, moça.” Era a primeira coisa dita por um de nós dois que não vinha com uma interrogação no fim. A entonação baixa dessa minha última frase era um alívio, como um espirro.

“De qual *parte* estou desinformada?”

“De tudo. Tocou a campainha errada.”

“Acho que não.”

“Como você sabe?”

“Porque você não negou que se chamava JJ. E perguntou como consegui o endereço.”

Ponto pra ela. Essa galera é profissional mesmo.

“Mas não disse *meu* endereço, certo?”

Houve uma pausa, durante a qual ambos deixamos no ar a completa idiotice da minha observação.

Ela não falou nada. Imaginei a moça parada ali, na rua, balançando a cabeça em desconsolo pelas minhas patéticas evasivas. Jurei não abrir a boca até ela ir embora.

“Escuta”, ela disse. “Teve algum motivo pra vocês descerem daquele terraço?”

“Que tipo de motivo?”

“Não sei. Alguma coisa que possa animar nossos leitores. Talvez, sei lá, vocês terem dado força uns aos outros pra seguir adiante.”

“Não sei de nada disso.”

“Vocês quatro, vendo Londres lá de cima, terem percebido como o mundo é belo. Qualquer coisa assim. Qualquer coisa que possa ser inspiradora pros leitores.”

Tinha qualquer coisa de inspirador na gente ter saído atrás do Chas? Se teve, eu não conseguia ver.

“Martin Sharp disse alguma coisa que te deu motivos pra continuar a viver, por exemplo? As pessoas querem saber, se foi esse o caso.”

Tentei pensar se o Martin tinha nos oferecido algumas palavras de conforto que ela pudesse usar. Ele chamou a Jess de uma idiota de merda,

mas isso serviu mais pra gente se divertir do que pra salvar vidas. E contou da convidada do programa que estava casada com um cara em coma há vinte e cinco anos, o que também não foi de grande ajuda.

“Não consigo pensar em nada, não.”

“Vou deixar um cartão com meus telefones, tá? Me liga quando estiver preparado pra falar disso.”

Quase corri atrás da repórter — já estava com saudades dela. Tinha gostado de ser, temporariamente, o centro do mundo dela. Merda, tinha gostado era de ser, temporariamente, o centro do meu mundo, porque ultimamente não tinha muita coisa ali, e pouco ficou depois que a moça foi embora.

MAUREEN

Então voltei para casa, liguei a tevê, preparei uma xícara de chá, telefonei para a clínica, os dois rapazes trouxeram o Matty, eu o coloquei na frente da tevê e começou tudo de novo. Era difícil vislumbrar como eu faria para sobreviver mais seis semanas. Sei que a gente tinha um trato, mas nunca pensei que fosse ver algum deles outra vez. Ah, trocamos número de telefone, endereço e tudo mais. (O Martin precisou me explicar que, se eu não tinha um computador, também não devia ter um e-mail. Não estava segura se tinha um ou não. Achei que talvez tivesse chegado lá em casa num desses envelopes que a gente acaba jogando fora.) Mas não pensei que fôssemos usar os números e endereços. Juro por Deus que vou contar a verdade a vocês, mesmo que isso faça parecer que fico sentindo pena de mim mesma: achei que eles talvez voltassem a se ver, mas que me deixariam de fora. Eu era velha demais, e muito fora de moda, com meus sapatos e tudo. Tinha sido interessante ir àquelas festas e ver toda aquela gente esquisita, mas nada havia mudado. A rotina de ir buscar o Matty e não ter vida nenhuma para além daquela da qual eu estava cheia e cansada ia continuar a mesma. Vocês podem estar pensando: bom, e por que ela está chateada? Mas claro que estou. Não sei por que sempre finjo que não. A Igreja tem algo a ver com isso, acho. E talvez a minha idade, porque

éramos ensinados a não ficar reclamando, não é mesmo? Mas tem dias — a maioria deles — em que quero gritar, berrar, quebrar tudo e matar as pessoas. Ah, raiva existe, e bastante. Não é possível, estando condenada a uma vida dessas, não sentir raiva. Enfim. Uns dias mais tarde, o telefone tocou, uma voz de mulher falando num tom empolado: “É a Maureen?”

“Sim, sou eu.”

“Aqui é da polícia.”

“Ah, olá”, eu disse.

“Olá. Fomos informados de distúrbios causados pelo seu filho num shopping, na noite de Ano-Novo. Ele esteve furtando lojas, cheirando cola, atacando pessoas e assim por diante.”

“Desculpe, mas acho que não poderia ser meu filho”, falei, feito uma tola. “Ele tem deficiência.”

“E a senhora tem certeza de que ele não está fingindo essa deficiência?”

Até cheguei a pensar na pergunta durante meio segundo. Bom, é o que a gente faz quando se trata da polícia, não é mesmo? A gente quer ter certeza absoluta de que está dizendo absolutamente a verdade, para não ter problemas depois.

“Ele precisaria ser um ótimo ator pra estar fingindo.”

“E a senhora tem certeza de que ele não é um ótimo ator?”

“Ah, certeza. Sabe, a deficiência dele é muito grave pra que ele atue.”

“Mas e se essa, exatamente, for a encenação? É que o... é... como é que chama...? bate com a descrição do seu filho. O suspeito.”

“Qual é a descrição?” Não sei por que falei isso. Para ser prestativa, acho.

“Já chegaremos lá. A senhora é capaz de afirmar com certeza onde seu filho estava na noite de Ano-Novo? Vocês estavam juntos?”

Foi quando me deu um arrepio. Não tinha prestado atenção na data, de início. Estava sendo desmascarada. Não sabia se mentia ou não. Suponhamos que alguém da clínica tivesse saído com ele para usá-lo como

álibi, esse tipo de coisa? Um daqueles rapazes, digamos? Eles pareciam bem simpáticos, mas a gente nunca sabe, não é mesmo? Suponhamos que eles tivessem ido furtar lojas e escondido alguma coisa no cobertor do Matty? Suponhamos que tivessem saído para beber e levado o Matty junto, e que depois se meteram numa briga e empurraram a cadeira de rodas com tudo para cima da pessoa com quem estavam brigando? E que a polícia tenha visto isso, sem saber que o Matty não consegue se movimentar sozinho com a cadeira, e pensado que ele estava metido na confusão? E que estava só fingindo que era deficiente para se livrar da encrenca? Bom, atropelar alguém com uma cadeira de rodas pode machucar. Pode quebrar uma perna. E suponhamos... Na verdade, no meio desse meu pequeno pânico, não conseguia mesmo era entender como é que ele podia ter cheirado cola. Mas mesmo assim! Essas coisas todas passavam pela minha cabeça. Era só culpa, acho. Eu não tinha ficado com ele naquela noite, e deveria, e a razão por que não tinha ficado era que queria abandoná-lo para sempre.

“Não, eu não estava com ele. Ele estava sob cuidados.”

“Ah. Entendi.”

“Estava em perfeita segurança.”

“Tenho certeza de que estava, senhora. Mas não estamos falando da segurança *dele*, estamos? Estamos falando da segurança das pessoas naquele shopping em Wood Green.”

Wood Green! O Matty tinha ido parar em Wood Green!

“Não. Claro. Desculpe.”

“A senhora quer mesmo se desculpar? Quer mesmo mesmo mesmo vir agora com essa porra de pedido de desculpas?”

Eu não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Sabia, claro, que a polícia usa palavrões. Mas pensava que isso acontecesse mais quando os policiais estão sob estresse, lidando com terroristas e tipos assim, não ao telefone enquanto conversam com cidadãos comuns no curso de uma investigação rotineira. A menos, claro, que a moça estivesse mesmo

estressada. Seria possível que o Matty, ou quem quer que fosse que empurrou a cadeira, tivesse matado alguém? Uma criança, talvez?

“Maureen.”

“Sim, estou ouvindo.”

“Maureen, aqui não é da polícia. É a Jess.”

“Ah.” Pude sentir meu rosto vermelho de vergonha por ser tão idiota.

“Você acreditou em mim, é, sua velhota bobona?”

“É, acreditei.”

Ela percebeu, pela minha voz, que tinha me chateado, então não tentou continuar com as brincadeiras.

“Você viu os jornais?”

“Não. Nunca vejo.”

“A gente está neles.”

“Quem está neles?”

“A gente. Bom, meu nome e o do Martin aparecem. Que sarro, né?”

“E o que estão dizendo?”

“Que eu, o Martin e outras duas pessoas, tipo, misteriosas, fizemos um pacto suicida.”

“Não é verdade.”

“Dã. E também que eu sou filha do assessor do ministro da Educação.”

“E por que estão dizendo isso?”

“Porque sou mesmo.”

“Ah.”

“Só estou te contando pra você ficar por dentro do noticiário. Está surpresa?”

“Bom, você fala muitos palavrões, pra uma filha de político.”

“E uma repórter foi bater na porta do JJ querendo saber se a gente desceu do terraço por alguma razão inspiradora.”

“O que isso quer dizer?”

“A gente não sabe. Enfim. Vamos fazer uma reunião de emergência.”

“Quem?”

“Nós quatro. O grande reencontro. Talvez naquele lugar onde tomamos café da manhã.”

“Não posso ir a lugar nenhum.”

“Por que não?”

“Por causa do Matty. É um dos motivos de eu ter ido parar naquele terraço. Nunca posso ir a lugar nenhum.”

“A gente podia ir até aí.”

Comecei a ficar vermelha de novo. Não queria os três lá em casa.

“Não, não. Vou achar um jeito. Quando vocês estavam pensando em se encontrar?”

“Hoje, mais tarde.”

“Ah, não vou conseguir me organizar pra hoje.”

“Então vamos até aí.”

“Não, por favor. A casa está desarrumada.”

“Então arrume.”

“Nunca recebi alguém da televisão. Ou uma filha de político.”

“Não vou ficar de frescura. A gente se vê às cinco.”

O que me dava três horas para arrumar tudo, tirar tudo dali. Uma vida como a minha realmente enlouquece um pouquinho, acho. Tem de ser meio louco para querer se jogar do alto de um prédio. Tem de ser meio louco para acabar descendo de lá. Tem de ser mais do que meio louco para encarar o Matty, e a coisa de nunca poder sair, e a solidão. Mas acho que sou só um pouco louca. Se fosse louca de verdade, não teria me preocupado com arrumação. E se fosse louca de verdade, louca mesmo, não teria me preocupado com o que eles iam pensar.

MARTIN

Acho que até passou pela minha cabeça que eu ter dado uma passada no Toppers' House talvez interessasse a nossos amigos dos tabloides. Fui parar nas primeiras páginas por ter caído de bêbado na rua, Deus do céu, e há quem defenda que uma tentativa de queda do alto de um prédio é bem mais interessante. Quando a Jess contou pro Chas onde a gente tinha se

conhecido, cheguei a me perguntar se ele faria a gracinha de vender a informação, mas, como o Chas me pareceu um sujeito particularmente idiota, desconsidere o temor como apenas paranoia. Se soubesse que a própria Jess era alguém passível de virar notícia, teria me preparado.

Meu agente me ligou imediatamente e leu a matéria pra mim — hoje em dia, só me dou ao trabalho de assinar o *Telegraph*.

“Tem alguma verdade aqui?”, ele perguntou.

“Só entre nós?”

“Se você prefere.”

“Eu ia mesmo me jogar do alto de um prédio.”

“Minha nossa.”

Meu agente é jovem, mauricinho e ingênuo. Quando saí da cadeia, descobri que a agência tinha passado por uma, aspas, reorganização, e que o Theo, que antes era quem levava o café pro meu ex-agente, agora passaria a ser tudo o que me separava do ostracismo profissional. Foi ele quem arrumou meu atual emprego na FeetUpTV!, o pior canal a cabo do mundo. O Theo é formado em Religião Comparada e já teve seus poemas publicados. Suspeito que joga pro outro time, se é que vocês me entendem, embora não dê pra afirmar nem que sim nem que não. Em termos de competência, ficava próximo do zero à esquerda na escala.

“Conheci a garota lá em cima. Ela e outros dois. A gente desceu de volta. E aqui estou eu, na terra dos vivos.”

“Por que você ia se jogar do alto de um prédio?”

“Um troço totalmente imprevisto.”

“Tenho certeza de que alguma razão você teve.”

“Tive, sim, estava só brincando. Dê uma lida nos meus arquivos. Inteira-se um pouco dos eventos recentes.”

“Achamos que já tínhamos virado essa página.” É sempre comovente a insistência dele com a primeira pessoa do plural. Já ouvi de tudo: “Desde que saímos da cadeia...”, “Desde que tivemos aquele pequeno contratempo com a menina adolescente...”. Se fosse pra ter algo do que

me lamentar depois de uma tentativa de suicídio, seria nunca ouvir o Theo dizer: “Desde que nos suicidamos...”. Ou: “Desde o nosso funeral...”.

“Pois achamos errado.”

Ruminamos um pouco em silêncio.

“Bom. Minha nossa. E agora?”

“Você é o agente. Imaginei que essa história te proporcionaria infindáveis oportunidades criativas.”

“Vou dar uma pensadinha e te retorno. A propósito, o pai da Jess está atrás de você. Ligou aqui e eu disse que não fornecemos números de telefone particulares. Fiz a coisa certa?”

“Fez. Mas dê meu celular, de qualquer jeito. Imagino que não tenha como evitar falar com ele.”

“Quer ligar você? Ele deixou o número.”

“Diz aí, então.”

Enquanto eu estava no telefone com o Theo, tanto minha ex-mulher quanto minha ex-namorada deixaram mensagens. Não pensei em nenhuma das duas ao escutar a matéria lida pelo meu agente; agora me sentia mal. Estava começando a me dar conta de uma verdade importante sobre o suicídio: falhar na tentativa dói tanto quanto ser bem-sucedido, e é provável que provoque mais raiva, pois não há o sofrimento pra dar uma amenizada. Pelo tom das mensagens, eu estava numa merda sem tamanho.

Liguei primeiro pra Cindy.

“Seu puto idiota e egoísta”, ela disse.

“Você não sabe de nada além do que leu nos jornais.”

“Tudo o que os jornais dizem sobre você é verdade, você é um caso único. Se dizem que foi pra cama com uma menina de quinze anos, foi mesmo. Se dizem que estava caindo de bêbado na rua, é porque estava. Não precisam inventar nada.”

Uma observação muito perspicaz, na verdade. Ela tinha razão: nem uma única vez fui vítima de distorção ou histórias mal contadas. Se a gente parar pra pensar, esse era um dos aspectos mais humilhantes dos últimos

anos. Os jornais sempre recheados de merda a meu respeito, e cada palavra daquela merda era verdade.

“De modo que estou presumindo”, ela continuou, “que, outra vez, os jornais acertaram. Lá estava você, no alto de um prédio, pretendendo se atirar. E, em vez disso, desceu de lá com uma menina.”

“Em linhas gerais, foi isso.”

“E suas filhas nisso?”

“Elas estão sabendo?”

“Não ainda. Mas na escola vão contar. Alguém sempre conta. O que você quer que eu diga pra elas?”

“Talvez eu devesse conversar com as meninas.”

A Cindy soltou um latido que, suspeito, era pra ser uma risada satírica.

“Então diga pra elas o que você quiser”, falei. “Diga que o papai estava triste, mas aí ficou alegre de novo.”

“Maravilha. Seria a explicação perfeita, se elas tivessem dois anos de idade.”

“Sei lá, Cindy. Sabe, não posso ver as meninas, então o problema não é meu, certo? É você que tem que resolver isso.”

“Seu escroto.”

E foi esse o desfecho do primeiro telefonema. Argumentar que a recusa dela de que eu participasse da criação das minhas filhas me deixava sem opções pareceu reafirmar a porcaria de uma obviedade, mas tudo bem. Fez ela desligar.

Não sei o que mais devo às minhas filhas. Parei de fumar, anos atrás, porque naquele momento entendi que devia isso a elas. Mas aí, depois do tipo de encrenca em que me meti, cigarros parecem uma preocupação menor — razão pela qual voltei a fumar. Agora, foi um *longo* caminho: de parar de fumar — e isso porque a gente quer proteger as crianças pelo maior tempo possível de sofrer perdas — a discutir com a mãe delas a melhor abordagem pra explicar uma tentativa de suicídio. Ninguém fala nada sobre isso nos cursos de pais. O problema é a distância, claro. Fui me

afastando mais e mais, as meninas virando pontinhos cada vez menores, até que, uma hora, não consegui mais enxergar, literal ou metaforicamente. Não dá pra distinguir rostos, certo, quando eles se tornaram apenas minúsculos pontos, e então não é mais preciso se preocupar se estão tristes ou alegres. É por isso que somos capazes de matar formigas. Aí, depois de um tempo, o suicídio já é algo que a gente consegue imaginar, o que não seria possível se elas estivessem me olhando nos olhos todos os dias.

A Penny ainda chorava quando liguei pra ela.

“Pelo menos agora faz mais sentido”, ela disse, passado um momento.

“O quê?”

“Você ter abandonado o jantar pra subir lá. E depois ter descido de volta com aquelas pessoas. Eu não conseguia entender o que elas tinham a ver com a história.”

“Só o que você entendeu ali era que, de alguma forma, aquele pessoal tinha me ajudado a transar com outra pessoa.”

“Exato.” Ela soltou um suspiro pesaroso. Ela é legal, a Penny. Nada a ver com uma vagabunda. É da paz, modesta, amorosa... Daria uma ótima companheira pra alguém.

“Desculpe.”

“Fui eu que falhei, não fui?”

“Acho que meus erros são anteriores. E, aliás, os seus não foram nada. Estou dizendo: nada mesmo. Enfim, não teve falha nenhuma. Você tem sido fantástica comigo.”

“Como você está se sentindo hoje?”

Era uma pergunta que eu não tinha feito pra mim mesmo. Acordei com ressaca e o telefone tocando, e a partir daí pareceu que a vida seguiu adiante, indiferente. Não pensei em suicídio uma só vez a manhã toda.

“Tá. Não vou voltar lá em cima por enquanto, se é isso que você está perguntando.”

“Você conversa comigo antes, se for fazer alguma coisa?”

“Sobre essa questão toda?”

“É. Sobre essa questão toda.”

“Não sei. Não me parece o tipo de coisa que dê pra resolver na base da conversa.”

“Ah, eu sei, sei que não posso resolver. Só não quero ter que descobrir as coisas pelos jornais.”

“Você pode conseguir coisa melhor, Penny. Melhor do que eu.”

“Não quero.”

“Ah. Então você não discorda de que pode.”

“Tenho autoestima suficiente pra pensar que talvez exista, em algum lugar, um cara que prefere, sim, passar a noite de Ano-Novo comigo a saltar pra morte.”

“Então por que não tenta encontrar esse cara?”

“Faz alguma diferença pra você?”

“Bom. Me preocupar com questões desse tipo... Não é exatamente meu direito, certo?”

“Uau. Que honestidade.”

“É? Pensei que fosse simplesmente óbvio.”

“Então o que você quer que eu faça?”

“Não tenho certeza se tem muita coisa que você possa fazer.”

“Você me liga mais tarde?”

“Sim, claro.”

Isso, pelo menos, eu podia prometer.

Todo mundo — todo mundo menos o Chris Crichton, evidentemente — sabe onde eu moro. Todos têm meu telefone de casa, o celular, o e-mail. Quando saí da cadeia, passei todas as coordenadas pra qualquer um que mostrasse qualquer tipo de interesse: estava precisando trabalhar e, pra isso, ser notado. Nenhum dos escrotos jamais me procurou, claro, mas agora estavam todos ali, amontoados na porta de casa. Quando digo “todos”, me refiro a três ou quatro repórteres medíocres, de aparência algo esquelética, na maioria jovens, rapazes e moças de cara redonda que

começaram escrevendo matérias sobre gincanas escolares pro jornal local e agora mal conseguem acreditar na própria sorte. Passei no meio deles empurrando, embora pudesse muito confortavelmente ter contornado o grupo — quatro pessoas tremendo de frio na calçada, bebericando café de seus copos de isopor, não chegam a constituir uma turba midiática. Todos curtimos o esbarrão, porém. Me fez sentir importante, e pra eles foi como estar no centro dos acontecimentos. Distribuí sorrisos, disse bom-dia pra ninguém em particular e tirei um dos caras do caminho com um golpe de pasta executiva.

“É verdade que o senhor tentou se matar?”, perguntou uma moça particularmente sem atrativos, vestida com um impermeável bege.

“Bom, se tentei, claramente não deu certo”, respondi.

“O senhor conhece Jess Crichton?”

“Quem?”

“Jess Crichton, a filha do... assessor do ministro. Da Educação.”

“Sou amigo da família faz muitos anos. Passamos o Ano-Novo juntos. Talvez venha daí esse mal-entendido um pouco ridículo. Não foi um pacto suicida. Foi uma bebedeira. Duas coisas completamente diferentes.”

Estava começando a me divertir um pouco. Quase lamentei ter chegado à porta do Peugeot que, alugado pelos olhos da cara, estava usando em substituição à BMW que tinha perdido. E também não sabia pra onde estava indo. Mas, minutos depois, já tinha o resto do meu dia agendado: Chris Crichton me ligou no celular convidando pra um papo; e, logo em seguida, do mesmo telefone, a Jess, informando que íamos todos fazer uma visita pra Maureen. Tudo bem. Não tinha nada mais pra fazer.

Antes de bater na porta da casa da Jess, fiquei dentro do carro por alguns minutos fazendo um exame de consciência. Meu confronto anterior com um pai furioso tinha sido logo depois do malfadado encontro com Danielle (um metro e setenta e cinco de altura, passando dos cem de busto, quinze anos e duzentos e cinquenta dias de idade, e deixa eu dizer que esses cento e quinze dias fazem uma baita diferença). O local desse

último enfrentamento foi minha casa, o apartamento antigo e espaçoso da Gibson Square — e não, é claro, porque o pai da Danielle tivesse recebido um caloroso convite pra aparecer lá, mas porque estava me esperando na porta numa noite em que cheguei de fininho em casa. Não foi um encontro muito produtivo, e menos ainda pelo fato de eu ter levantado, na conversa, a questão da responsabilidade paterna e ele então ter tentado me bater. Ainda acho que eu tinha alguma razão. O que fazia uma menina de quinze anos cheirando cocaína no banheiro masculino da Melons à uma da manhã de uma terça-feira? Mas existe aí a possibilidade de que, se eu não tivesse sido tão enfático ao expressar minha opinião, ele acabasse não indo até o posto policial da esquina pra dar queixa sobre minha relação com a filha.

Desta vez, pensei, tentaria evitar aquela linha de argumentação em particular. Podia perceber que responsabilidade paterna era, de modo geral, um tema sensível na casa dos Crichton, considerando o histórico de uma garota adolescente desaparecida, possivelmente morta, e outra suicida, possivelmente maluca. E, afinal, eu tinha a consciência totalmente limpa. O único contato físico meu com a Jess tinha se dado quando sentei em cima dela, o que fiz por razões absolutamente alheias a sexo. Na verdade, não só alheias a sexo como altruístas. Heroicas, até.

Chris Crichton não tinha me preparado, infelizmente, uma recepção de herói. Não me ofereceu um aperto de mão ou uma xícara de café; fui conduzido à sala pra levar uma bronca, como se fosse um coitado de um secretário de político. Aparentemente estava sendo acusado de falta de bom senso — minha atitude deveria ter sido descobrir o sobrenome da Jess e o telefone da casa e ligar pra ele. E, de alguma forma, eu tinha me revelado alguém “de mau gosto” — o sr. Crichton parecia achar que a presença da filha dele nos tabloides era coisa minha, pelo simples fato de que sou o tipo de pessoa que aparece nesses jornais baratos. Quando tentei mostrar as várias falhas no raciocínio, ele alegou que eu provavelmente ia

faturar muito com aquilo tudo. Eu tinha acabado de levantar pra ir embora quando a Jess apareceu.

“Falei pra você ficar lá em cima.”

“É, eu sei. É só que faz um tempinho que não tenho mais sete anos de idade. Alguém já te disse que você é um idiota?”

Ele morria de medo dela, deu pra ver de cara. Apenas prezava a si mesmo suficientemente pra esconder isso atrás de um enfado sarcástico.

“Sou um político. Isso é o que me dizem praticamente o tempo todo.”

“Por que seria da sua conta onde passei o Ano-Novo?”

“Parece que vocês passaram juntos.”

“É, por acaso passamos, seu velho escroto e idiota.”

“É assim que ela fala comigo”, disse o pai, olhando pesaroso pra mim, como se minha longa relação com os dois me autorizasse, de alguma forma, a interceder em favor dele.

“Aposto que você se arrepende de não ter mandado ela pra uma escola particular.”

“Como é?”

“Muito admirável e tudo mais ela ter estudado na escola pública local. Mas é aquela história: a gente colhe o que plantou. E você colheu até um pouco menos.”

“A escola da Jess realiza um ótimo trabalho em circunstâncias muito complicadas”, falou Crichton. “Cinquenta e um por cento dos colegas dela tiraram notas C ou mais altas no exame de conclusão do ensino médio, onze por cento mais que no ano anterior.”

“Excelente. Deve ser um grande consolo pra você.” Ambos olhamos pra Jess, que nos mostrou o dedo do meio.

“A questão é que, naquela situação, a responsabilidade tutelar era sua”, disse o pai orgulhoso. Tinha esquecido que o sentimento da Jess em relação a palavras empoladas era como o dos racistas em relação aos negros: odiava palavras assim e queria mandá-las de volta pro lugar de onde tinham saído. Ela fulminou obscenamente o pai com o olhar.

“Pra começar, a Jess tem dezoito anos. Segundo, sentei em cima dela pra impedir que se jogasse lá do alto. O que pode não ter sido muito paternal, mas pelo menos foi eficaz. Desculpe não ter mandado o relatório completo no final da noite.”

“Você foi pra cama com ela?”

“Que te interessa, pai?”

Eu não ia entrar nessa. Não ia me envolver numa discussão sobre o direito da Jess à privacidade na vida sexual.

“De jeito nenhum.”

“Ei”, disse a Jess. “Não precisa falar assim.”

“Assim como?”

“Como se estivesse aliviado por isso ou coisa parecida. Seria um grande privilégio pra você.”

“Não quero complicar uma amizade que valorizo tanto.”

“Haha.”

“Você vai continuar se relacionando com a Jess?”

“Defina isso melhor.”

“Acho que você é quem devia definir.”

“Olha só, amigo. Vim aqui porque sabia o tamanho da sua preocupação. Mas, se vai ficar falando desse jeito comigo, vou cair fora dessa porra.” Brilho nos olhos da racista das palavras. O anglo-saxão se voltava contra os invasores.

“Desculpe. Mas agora você já conhece o histórico da família. Isso não torna as coisas muito fáceis pra mim.”

“Ha! Como se pra mim fosse fácil”, disse a Jess.

“É difícil pra todos nós.” Crichton tinha claramente decidido que faria um esforço.

“Sim, entendo a situação.”

“Então, o que podemos fazer? Por favor. Se você tiver alguma ideia...”

“A questão é que tenho meus próprios problemas”, falei.

“Dã”, a Jess falou. “A gente estava aqui se perguntando por que é que você tinha ido parar naquele terraço.”

“Sei disso, Martin.” Era óbvio que ele tinha recebido treinamento pra lidar com jornalistas, chamando-os pelo nome sempre que possível, como todos os demais robôs do Blair, querendo mostrar que era meu chapa. “Tenho uma intuição a seu respeito. Vejo que você tomou... *rumos errados* na vida...”

A Jess bufava.

“Mas não acho que seja um homem mau.”

“Obrigado.”

“A gente é tudo da mesma galera”, disse a Jess. “Né, Martin?”

“Somos, Jess”, falei, num tom que, esperava, o pai dela fosse reconhecer como enfadada falta de entusiasmo. “Somos amigos pra sempre.”

“Que tipo de galera?”, perguntou Crichton.

“A gente vai cuidar uns dos outros. Né, Martin?”

“Vamos, Jess.” Mais um pouquinho de enfado e minhas palavras não teriam forças nem pra subir da garganta à boca e sair. Dava pra imaginá-las escorregando de volta pro lugar de origem.

“Então, no fim das contas, você está assumindo a responsabilidade tutelar?”

“Não tenho certeza de que nossa turma seja isso”, falei. “A Galera da Responsabilidade Tutelar”... Nem soa muito bem, não é? E quais seriam nossos feitos? Encher de porrada a Turma da Opressão Familiar?

“Cala a boca, porra, e cala a boca, caralho”, disse a Jess pro pai dela e pra mim, respectivamente.

“O que estou dizendo”, retomou Crichton, “é que você vai continuar por perto.”

“Ele prometeu”, a Jess falou.

“E devo ficar tranquilo com isso.”

“Fique como quiser”, eu disse. “Não estou aqui tranquilizando ninguém a respeito de nada.”

“Você tem filhos também, pelo que sei.”

“Mais ou menos”, disse a Jess.

“Nem preciso entrar em detalhes do quanto andei preocupado com a Jess, e faria grande diferença saber que há um adulto sensato tomando conta dela.”

A Jess soltou uma gargalhada nada produtiva.

“Sei que pra você não seria... Você não é exatamente... Alguns tabloides diriam...”

“Ele está preocupado por você ir pra cama com meninas de quinze anos”, a Jess falou.

“Isto aqui não é uma entrevista de emprego”, eu disse. “Não quero a vaga e, se você me escolher pra ela, problema seu.”

“Tudo que quero que você diga é que, se perceber que a Jess está se metendo em sérios apuros, vai tentar impedir, ou me avisar.”

“Ele adoraria”, a Jess falou. “Mas está totalmente quebrado.”

“E o que isso tem a ver com dinheiro?”

“Digamos que, precisando ficar de olho em mim, ele vá até alguma casa noturna onde eu esteja ou coisa parecida, e que não deixem ele entrar porque está duro... E aí?”

“E aí o quê?”

“Eu podia ter uma overdose lá dentro. Ia morrer só porque você é um mão de vaca.”

De repente percebi aonde a Jess queria chegar: quando o cara ganha duzentas e cinquenta libras por semana do pior canal a cabo da Inglaterra, ele não apenas mantém a mente focada como é estimulado a ter empatia e imaginação. A Jess largada inconsciente num banheiro por causa de vinte pilas... Era uma imagem horripilante demais, se contemplada no espírito adequado.

“Quanto você quer?”, suspirou Crichton, como se tudo aquilo — a conversa que estávamos tendo, a noite de Ano-Novo, minha condenação à prisão — tivesse sido cuidadosamente planejado pra desembocar naquele momento.

“Não quero nada”, falei.

“Sim, você quer”, disse a Jess. “Sim, ele quer.”

“Quanto custa a entrada de uma dessas casas noturnas, hoje em dia?”, perguntou Crichton.

“Dá pra torrar uns cens pilas fácil”, a Jess falou.

Cem pilas? A gente ali se humilhando pelo preço de um jantar decente pra duas pessoas?

“Não tenho dúvidas de que você ‘torra’ cem pilas sem fazer força. Mas, no caso dele, não se trataria de ‘torrar’ coisa nenhuma, certo? O Martin só precisaria pagar a entrada, caso você estivesse tendo uma overdose. Estou presumindo que, com você entre a vida e a morte no banheiro, ele não daria uma paradinha no bar.”

“Então o que você está dizendo é que minha vida não vale cem pilas. Legal isso, depois do que aconteceu com a Jen. Até parece que você tem filhas sobrando pra arriscar.”

“Jess, isso não é justo.”

A porta da frente bateu em algum ponto entre o “não” e o “justo”, e Crichton e eu ficamos olhando um pra cara do outro.

“Conduzi mal a conversa”, ele disse, “não foi?”

Dei de ombros. “Ela estava te extorquindo na base da ameaça. Ou você dá o que ela pede toda vez, ou ela perde as estribeiras. E posso ver que talvez isso seja um pouco... sabe como é. Desconfortável. Dado o histórico da família.”

“Vou dar quanto ela pedir toda vez que pedir”, ele respondeu. “Por favor, vá atrás e a encontre.”

Saí da casa duzentas e cinquenta libras mais rico; a Jess esperava por mim no portão de saída dos carros.

“Aposto que ele te deu o dobro do que a gente pediu”, ela disse. “Basta falar da Jen, nunca falha.”

JESS

Vocês não vão acreditar nisso — acho que eu mesma já não acredito — mas, na minha cabeça, o que aconteceu com a Jen tinha uma puta relação com a história do Ano-Novo. Só que dava pra perceber, conversando com outras pessoas e lendo os jornais, que ninguém mais achava isso. Todo mundo dizia, tipo, ah, entendi, sua irmã desapareceu, aí você resolveu pular do alto de um prédio. Só que não foi bem assim. Tenho certeza de que a Jen era, tipo, um ingrediente da história, mas não a receita toda. Se eu fosse um espaguete à bolonhesa, ela seria os tomates. Talvez a cebola. Ou só o alho. Mas não a carne nem a massa.

Todo mundo reage a um troço desses de algum jeito, né? Tem gente que entra pra algum grupo de apoio e tudo mais; sei disso porque meu pai e minha mãe vivem tentando me apresentar pra alguma porra de grupo desses aí, principalmente se tiver sido criado por alguém que, por causa disso, descolou um título de qualquer coisa com a rainha. E aí tem outras pessoas que sentam, ligam a tevê e ficam vendo pelos vinte anos seguintes. No meu caso, simplesmente passei a zoar com tudo. Ou melhor, zoar passou a ser meio que meu emprego em tempo integral, enquanto antes era só um hobby. Um pouco eu já tinha zoadado, antes da Jen sumir. Vou falar a verdade aqui.

Mas, antes de continuar, quero responder as perguntas que todo mundo sempre me faz, pra vocês não ficarem aí, tipo, imaginando, sem se concentrar no que estou dizendo. Não, eu não sei onde ela está. Sim, acho que ela está viva. E por que acho isso: porque aquela história do carro largado no estacionamento me pareceu bem mandraque. Como é ter uma irmã desaparecida? Vou contar. Sabe quando a gente perde alguma coisa de valor, uma carteira ou uma joia, e aí não consegue mais se concentrar em nada? Bom, é assim que é, na maior parte do tempo, todos os dias.

Tem outra coisa que a galera pergunta: onde você acha que ela está? O que não é o mesmo que perguntar: você sabe onde ela está? No começo eu não entendia que as duas perguntas eram diferentes. E aí, quando saquei que eram, aquele “onde você acha que ela está?” me soava idiota. Tipo, bom, se eu soubesse, ia lá e tentava procurar. Mas agora vejo a pergunta com um sentido mais poético. Porque, na real, é um jeito de perguntarem como ela era. Se eu acho que ela está na África, ajudando pessoas? Ou curtindo uma longa e permanente rave, ou escrevendo poemas numa ilha escocesa, ou cruzando o deserto da Austrália? Pois lá vai. Acho que ela teve um bebê, talvez nos Estados Unidos, em algum lugar ensolarado, no Texas, digamos, ou na Califórnia, e que está vivendo com um cara que trabalha duro em alguma atividade braçal e cuida dela e ama ela. Então é isso que eu acabo dizendo pras pessoas, só que, claro, não sei se estou falando da Jen ou de mim mesma.

Ah, e mais uma coisa — especialmente pra vocês que estão lendo isto aqui no futuro, quando todo mundo já tiver esquecido a gente e o que aconteceu: podem esperar sentados, porque ela não vai surgir do nada mais adiante pra me salvar. Ela não vai voltar, tá? E também não acabamos descobrindo que ela está morta. Não acontece nada, então esqueçam essas ideias. Bom, não esqueçam a Jen, porque ela é importante. Mas esqueçam esse tipo de final. Não combina com esta história.

A Maureen mora a meio caminho entre o Toppers’ House e o Kentish Town, numa dessas ruazinhas apertadas, cheias de velhinhas e professores. Não tenho certeza de que são mesmo professores, mas tem um monte de bikes no lugar — bikes e latas de lixo reciclável. É uma merda esse negócio de reciclagem, né?, falei pro Martin, e ele, tipo, Se você diz que é. O Martin parecia um pouco cansado. Perguntei se não queria saber por que reciclagem é uma merda, mas ele não queria. Do mesmo jeito que antes não tinha se interessado em saber por que a França é uma merda. Acho que não estava muito a fim de papo.

Só estávamos eu e o Martin no carro, porque o JJ não quis carona, mesmo a gente tendo passado quase em frente ao apartamento dele. O JJ provavelmente teria ajudado a descontrair um pouco a conversa, acho. Eu queria conversar porque estava nervosa, e é provável que, com isso, tenha dito umas idiotices. Ou talvez essa não seja a palavra, porque não é idiota dizer que a França é uma merda. É só um pouco abrupto ou sei lá o quê. Se o JJ estivesse junto, ele podia servir, tipo, de anteparo pras minhas frases não caírem tão mal.

Eu estava nervosa porque sabia que a gente ia conhecer o Matty e não sou, tipo, muito boa com deficientes. Não é nada pessoal e não acho que seja preconceito, porque sei que eles têm direito a educação e passe livre nos ônibus e tal; é só que fico com o estômago meio revirado de ver. Aquele negócio todo de ter que fingir que eles são iguais à gente quando, na boa, não são, né? Não estou falando de deficientes tipo aquelas pessoas que têm uma perna só, digamos. Com essas não tenho problema. Estou falando dos deficientes que não batem bem, gritam e fazem careta. Como é que se pode dizer que são iguais a mim e a vocês? Tá, eu também grito e faço careta, mas acontece que sei quando estou fazendo essas coisas. Na maior parte das vezes, pelo menos. Com esse tipo de deficiente não dá pra prever, né? E eles estão por aí, em tudo quanto é lugar.

Mas, pra não ser injusta com ele, o Matty é quietinho. Ele é, tipo, *tão* deficiente que não tem problema, não sei se vocês me entendem. Só fica lá sentado. Provavelmente assim é melhor, do meu ponto de vista, embora eu consiga enxergar que, pra ele, é provável que não seja muito bom. Isso se ele tiver um ponto de vista, vai saber. E, se não tem, o meu é que conta, né? O Matty é bem alto e fica numa cadeira de rodas de onde pendem umas almofadas e seja lá o que for que tenha sido colocado atrás do pescoço pra segurar a cabeça dele. Como ele não olha pra gente nem pra lugar nenhum, até que não é tão perturbador. Depois de um tempo, a gente esquece que ele está ali, então consegui lidar com a situação melhor do que esperava. Mas puta que pariu. Coitada da Maureen. Vou falar uma

coisa pra vocês: se eu fosse ela, não ia ter o que me fizesse descer daquele terraço. Nem a pau.

O JJ já estava lá quando chegamos, o que deu um ar de reunião de família pro negócio, só que ninguém ali se parecia com os outros nem fingiu que estava feliz de se reencontrar. A Maureen preparou um chá pra gente, e o Martin e o JJ fizeram, por educação, umas perguntas sobre o Matty. Me limitei a dar uma olhada por ali, pois não queria escutar. Ela tinha mesmo arrumado a casa, como falou que ia fazer. Não tinha quase nada ali, fora a tevê e os lugares pra sentar. Era como se ela tivesse acabado de se mudar. Fiquei com a impressão de que tinha, na verdade, tirado as coisas dali, porque dava pra ver as marcas nas paredes. Mas aí o Martin já estava dizendo O que você acha, Jess?, então fui obrigada a parar de investigar pra participar da conversa. Tínhamos planos a elaborar.

JJ

Eu não queria ir pra casa da Maureen com o Martin e a Jess porque precisava de tempo pra pensar. Em outra época, cheguei a dar entrevistas pra jornalistas de música, mas eram fãs da banda, uns caras bacanas que saíam daqueles encontros totalmente pirados por terem sido presenteados com um CD demo e pelo privilégio de me pagar uma bebida. Mas aquela gente, tipo a moça que bateu na minha porta com aquele papo de “inspirar” os leitores... Cara, eu não sabia nada dessa galera. Tudo o que eu sabia era que tinham, de algum jeito, descoberto meu endereço em vinte e quatro horas, e, se eram capazes disso, do que não seriam? Era como se tivessem o nome e o endereço de todos os moradores da Inglaterra, só pro caso de um dia algum deles fazer qualquer coisa de interessante.

Enfim, a moça me deixou completamente paranoico. Se quisesse, ela podia ficar sabendo da banda em cinco minutos. E aí chegaria no Eddy e na Lizzie e ela ficaria sabendo que não estou à beira da morte coisa nenhuma — ou que, se estivesse, tinha resolvido não contar pra ninguém. E mais: ia descobrir que a doença da qual estou morrendo não existe.

Em outras palavras, eu estava suficientemente apavorado pra achar que tinha me metido numa encrenca. Peguei um ônibus até a casa da Maureen e, no caminho, decidi que ia ser honesto, ia contar tudo e, se não gostassem, que fossem se foder. Só não queria que acabassem lendo isso tudo nos jornais.

Demorou um pouco pra gente se acostumar com o som do coitado do Matty respirando, que era alto e parecia resultar de muito esforço. Todo mundo ali estava pensando a mesma coisa, acho: a gente se perguntava se, no lugar da Maureen, suportaria aquilo; tentava responder se alguma coisa nesse mundo teria nos convencido a descer daquele terraço.

“Jess”, o Martin falou. “Você quis que a gente se reunisse. Por que não dá início aos trabalhos?”

“Tá”, ela disse, e pigarreou. “Estamos reunidos aqui hoje...”

O Martin deu risada.

“Putaquepariu”, a Jess falou. “Eu só disse meia frase. Qual é a graça?”

O Martin balançou a cabeça.

“Não, sério. Se eu sou engraçada pra caralho desse jeito, quero saber por quê.”

“Talvez porque você começou com uma coisa que é mais comum a gente ouvir numa igreja.”

Houve uma longa pausa.

“É, tô ligada. Era bem esse o clima que eu estava pretendendo.”

“Por quê?”, perguntou o Martin.

“Maureen, você vai na igreja, né?”, disse a Jess.

“Eu ia, sim”, a Maureen falou.

“Pois é, táí. Eu estava tentando deixar a Maureen confortável.”

“Muito consciencioso da sua parte.”

“Por que você tem que foder com tudo que eu faço?”

“Nossa”, disse o Martin, “quase posso sentir o cheiro das velas.”

“Certo, você começa a conversa então, seu porra de...”

“Chega disso”, a Maureen falou. “Não na minha casa. Não na frente do meu filho.”

O Martin e eu nos olhamos, fizemos uma careta, prendemos a respiração, cruzamos os dedos, mas não adiantou. A Jess faria o comentário óbvio de qualquer jeito.

“Na frente do seu filho? Mas ele...”

“Eu não tenho CCR”, falei. Foi a única coisa que consegui pensar pra dizer. Óbvio que precisava ser dito, saca, mas eu tinha a intenção de me dar mais um tempinho até estar preparado.

Houve um silêncio. Esperava que eles fossem cair de pau em cima de mim.

“Ah, JJ!”, disse a Jess. “Isso é fantástico!”

Demorei um minuto pra me dar conta de que, no estranho mundo de Jess, não apenas a cura da CCR tinha sido descoberta durante as festas de final de ano como, pelas mãos de um anjo, batido à minha porta em algum momento entre a noite de Ano-Novo e o dia 2 de janeiro.

“Não sei se é bem isso que o JJ está dizendo”, o Martin falou.

“Não”, eu disse. “A questão é que eu nunca tive a doença.”

“Ah, não! Escrotos.”

“Quem?”

“Esses putos desses médicos.” Na casa da Maureen, “puto” virou o xingamento preferencial da Jess. “Você devia processar esses caras. Imagina se você tivesse se jogado? Por causa de um erro deles?”

Filha de uma puta. A coisa tinha que ser tão complicada assim?

“Também não sei se é bem isso que ele está dizendo”, disse o Martin.

“Não”, falei. “Vou tentar ser o mais claro possível: não existe essa parada de CCR e, mesmo que existisse, não estou morrendo disso. Inventei a história porque... sei lá. Em parte porque queria que vocês se solidarizassem comigo, em parte porque achei que vocês não iam entender qual era o meu problema de verdade. Desculpem.”

“Seu idiota”, disse a Jess.

“Isso é horrível”, a Maureen falou.

“Seu imbecil”, continuou a Jess.

O Martin sorria. Dizer pras pessoas que a gente tem uma doença incurável quando não tem está à altura, provavelmente, de seduzir meninas de quinze anos, daí ele estar curtindo meu embaraço. E, também, talvez ele tivesse direito a um pouquinho de superioridade moral por ter tomado a atitude mais decente quando foi humilhado: subir no terraço do Toppers’ House e ficar balançado os pés da beirada do prédio. Tá, ele não se jogou, mas, saca, mostrou que estava levando a coisa a sério. Quanto a mim, tinha primeiro pensado em me matar pra depois cair em desgraça. Tinha me tornado um babaca ainda maior desde a noite de Ano-Novo, o que era meio deprê.

“Então por que você inventou isso?”, perguntou a Jess.

“É”, disse o Martin. “Que problema era esse tão difícil de explicar?”

“É que... Sei lá. Tudo parecia tão objetivo, no caso de vocês. O Martin e a história da... saca. E a Maureen e o...” Ele fez um movimento de cabeça na direção do Matty.

“Meu caso não tinha nada de objetivo”, a Jess falou. “Fiquei me enrolando toda com aquelas explicações sobre o Chas.”

“É, mas... Sem querer ofender, você tem um parafuso a menos. O que você dissesse não interessava muito, na real.”

“E *qual* era o problema com você?”, a Maureen perguntou.

“Sei lá. Depressão, acho que dá pra chamar assim.”

“Ah, de depressão a gente entende”, disse o Martin. “Todo mundo aqui é deprimido.”

“É, eu sei. Mas é que a minha parecia muito... muito vaga, caralho. Desculpe, Maureen.”

Como é que tem gente que consegue, saca, não falar palavrão? Como é possível? Porque tem essas lacunas todas na fala onde a gente é obrigado a colocar um “porra”. Vou dizer pra vocês quem são as pessoas mais admiráveis desse mundo: âncoras de rádio e tevê. Se fosse eu, diria alguma

coisa tipo: “E os filhos de uma puta enfiaram a porra do avião nas Torres Gêmeas”. Como não fazer isso sendo humano? Talvez esse pessoal não seja tão admirável. Talvez seja um bando de robôs zumbis.

“Tenta contar pra gente”, o Martin falou. “Somos pessoas compreensivas.”

“Tá. Então aqui vai a versão resumida: tudo que eu sempre quis foi ter uma banda de rock ‘n’roll.”

“Rock ‘n’ roll? Tipo Bill Haley e seus Cometas?”, perguntou o Martin.

“Não, cara. Não é bem... Tipo, sei lá. Os Stones. Ou...”

“Mas eles não são, tipo, rock rock, das antigas”, disse a Jess. “Né? São outra coisa.”

“Tá, tá, tudo o que eu sempre quis foi ter uma banda assim. Tipo os Stones, ou... ou...”

“Música rebelde”, a Jess falou. Ela não estava sendo hostil. Só estava tentando esclarecer o que eu dizia.

“Que seja. Cacete. E aí, umas semanas antes do Natal, minha banda finalmente acabou pra sempre. E logo depois perdi minha garota. Ela era inglesa. É por isso que estou aqui.”

Houve um silêncio.

“Só isso?”

“Só.”

“Patético. Agora consigo entender por que você se saiu com aquela merda toda de doença. Você preferia morrer a não poder ter uma banda tipo os Stones? Pra mim é o contrário. Antes morrer do que ter essa banda. Alguém ainda curte eles nos Estados Unidos? Aqui ninguém mais curte.”

“O Mick Jagger é dos Rolling Stones, não é?”, perguntou a Maureen. “Eles são muito bons, não são? Fizeram uma boa carreira.”

“O Mick Jagger não acabou como o JJ, né, sentado aí comendo uns biscoitos velhos.”

“Estavam fresquinhos antes do Natal”, a Maureen explicou. “Talvez eu não tenha tampado direito a lata quando guardei.”

Eu começava a pensar que o foco na minha história estava se perdendo.

“Essa coisa dos Stones... Meio que não é importante. Foi, tipo, um exemplo da parada. Saca... canções, guitarras, energia.”

“O cara está com uns oitenta anos”, a Jess falou. “Não tem mais energia nenhuma.”

“Vi um show em 1990”, disse o Martin. “Na noite em que a Inglaterra perdeu pra Alemanha nos pênaltis, na Copa. Um cara da Guinness levou um grupo grande pra ver e todo mundo passou a noite toda de ouvido colado no rádio. Enfim, o Mick Jagger estava cheio de energia na época.”

“Tinha setenta ainda”, a Jess falou.

“Será que dá pra vocês calarem a boca, porra? Desculpa, Maureen.” (Daqui pra frente, simplesmente incluíam nas minhas falas alguns “porra”, “caralho” ou “filho de uma puta” e “Desculpa, Maureen”, tá?) “Estou aqui tentando contar pra vocês minha vida inteira.”

“Ninguém está te impedindo”, disse a Jess. “Mas você precisa tornar esse negócio mais interessante. Senão a gente se dispersa e fica falando de biscoitos.”

“Tá, tá certo. Olha só, não tenho mais nada. Não tenho estudo pra fazer qualquer outra coisa. Não terminei o ensino médio. Tudo o que eu tinha era a banda, e agora acabou, não ganhei um tostão com ela e vejo que estou condenado a virar hambúrguer na vida.”

A Jess soltou uma risada abafada.

“Que foi agora?”

“É que essas expressões de vocês, ianques, são engraçadas.”

“Acho que ele não quis dizer ‘virar’ no sentido de ‘se transformar’”, o Martin explicou. “Acho que era virar mesmo, fritar o hambúrguer dos dois lados. Que é o que eles fazem.”

“Ah”, disse a Jess.

“Estou preocupado porque acho que isso vai me matar.”

“Trabalho duro nunca matou ninguém”, a Maureen falou.

“O problema não é o trabalho duro, saca? Mas é que, quando a gente estava em turnê ou gravando... Era eu ali, aquilo é quem eu sou, e... e simplesmente sinto um vazio, fico frustrado e... e quando a gente sabe que é bom, pensa que isso vai ser suficiente, saca, que vai chegar lá, e quando vê que não... Como é que deve lidar com isso tudo? Onde é que a gente acomoda essa coisa, hein? Não tem onde pôr e... e era... Cara, a parada me consumia mesmo quando tudo estava indo bem, porque, mesmo quando estava indo bem, não dava pra eu estar no palco ou gravando, tipo, a cada minuto do dia, e às vezes parecia que eu precisava estar, senão ia explodir, saca? Aí, agora, agora não tem mesmo onde acomodar a parada. A gente tinha uma música...” Não faço ideia de por que comecei a falar disso. “A gente tinha uma música, um sonzinho assim, estilo Motown, chamada ‘I Got Your Back’, que eu e o Eddie compusemos juntos, juntos *mesmo*, o que normalmente a gente não fazia, e era tipo, saca, um tributo à nossa amizade e ao caminho que a gente percorreu e blablablá. Enfim, a canção está no nosso primeiro disco e tem, tipo, dois minutos e meio, e na real ninguém reparou nela, saca, a galera que comprou o disco nem reparava. Mas a gente começou a tocar ela ao vivo e meio que foi encompridando, e o Eddie bolou um solo bacana. Não era tipo um solo rock ‘n’ roll de guitarra; era mais uma parada que, saca, o Curtis Mayfield ou o Ernie Isley talvez fizessem. E tinha vezes, nos nossos shows em Chicago, quando os amigos subiam no palco pra uma *jam*, que a gente botava um solo de sax ou de piano ou até de *pedal steel* ou outra coisa, até que, depois de um ano ou dois, a parada virou o ponto alto dos shows, uns dez ou doze minutos interrompidos por aplausos e gritaria. E a gente então abria ou encerrava com essa canção, ou então colocava bem no meio, se estivesse fazendo um repertório mais longo, e pra mim aquilo virou a trilha sonora de uma puta felicidade, desculpa, Maureen, da pura felicidade, saca? Pura felicidade. A sensação de surfar, ou, sei lá, um barato natural. Surfar as cordas feito ondas. E eu vivia essa sensação talvez umas cem vezes por ano, quando não é muita gente que consegue isso uma só vez na

vida. E foi disso que tive que abrir mão, cara, desse poder de criar isso o tempo todo, quando estivesse a fim, como parte da minha rotina de trabalho, e... Saca, agora, quando penso nessa parada, entendo por que inventei aquela merda, desculpa, Maureen, sobre estar morrendo de alguma porra de doença, desculpa outra vez. Porque é assim que eu me sinto, morrendo de alguma doença que me seca o sangue todo das veias, toda a minha seiva, e... e tudo o que faz a gente se sentir vivo, e..."

"Certo, e?", disse o Martin. "Parece que você deixou de fora a parte sobre por que queria se matar."

"Era por isso", falei. "Por causa dessa doença que seca o sangue das veias da gente."

"Isso é o que acontece com todo mundo", o Martin respondeu. "Se chama 'ficar velho'. Eu já me sentia assim antes mesmo da cadeia. Antes mesmo de ter ido pra cama com aquela menina. Foi por isso, provavelmente, que transei com ela, pensando bem."

"Saquei", disse a Jess.

"Sacou?"

"Claro que sim. Você tá fodido." Ela fez um sinal de desculpas pra Maureen, feito um jogador de tênis reconhecendo que aquele toque na rede foi um lance de sorte. "Você achou que ia ser alguém, mas agora ficou óbvio que não é ninguém. Que não tem tanto talento quanto pensou que tinha, e que não tem um plano B, e que também não sabe fazer nada nem estudou, e aí você contempla quarenta ou cinquenta anos sem nada pela frente. Menos do que nada, provavelmente. É bem pesado. Pior do que sofrer daquele negócio no cérebro, porque isso agora vai demorar muito mais pra te matar. Você pode optar entre essa morte lenta e dolorosa e outra, piedosa e rápida."

Ela deu de ombros.

A Jess estava certa. Tinha sacado tudo.

MAUREEN

Eu teria me safado, caso a Jess não tivesse ido ao banheiro. Mas a gente não pode impedir as pessoas de irem ao banheiro, não é mesmo? Fui ingênua. Nunca me ocorreu que ela fosse ficar bisbilhotando no que não era da conta dela.

A Jess demorou um pouco a voltar, e veio com um sorriso idiota e imenso na cara e, nas mãos, dois pôsteres.

Numa mão ela trazia o pôster da garota e, na outra, daquele negro, jogador de futebol.

“E isto aqui, de quem é?”, perguntou.

Fiquei de pé e gritei pra ela: “Ponha lá de volta! Não são seus!”.

“Você, Maureen, nunca imaginei uma coisa dessas”, ela falou. “Então vamos tentar elucidar. Você é lésbica, mas tem uma quedinha por caras negros com coxas grossas. Exótico. Complexidades insuspeitadas.”

Era típico da Jess, pensei. A única imaginação que ela tem é imunda, o que é o mesmo que dizer que não tem imaginação nenhuma.

“Você pelo menos sabe quem são essas pessoas?”, ela perguntou.

São do Matty, os pôsteres, não meus. Ele não sabe que são dele, claro, mas são; fui eu que escolhi. Sabia que a garota se chamava Buffy porque era o que dizia no pôster, mas não sabia, na verdade, quem era Buffy; só pensei que seria bom para o Matty ter uma moça atraente por perto, pois ele está na idade. E sabia que o rapaz negro jogava pelo Arsenal, mas só consegui decorar o primeiro nome, Paddy. Peguei a dica com o John, da igreja, que ia ao Highbury toda semana, e ele disse que todo mundo adorava o Paddy, então perguntei se ele não traria uma foto para o meu menino, da próxima vez que fosse ao estádio. O John é um homem gentil, e comprou uma foto enorme e muito boa do Paddy comemorando um gol, e nem quis que eu pagasse, mas o clima ficou um pouco desconfortável depois. Por alguma razão, ele achou que meu menino era um menino pequeno, de dez ou doze anos, e prometeu levá-lo a um jogo. E às vezes, no domingo de manhã, quando o Arsenal tinha perdido no sábado, ele perguntava se o Matty tinha se conformado, e outras vezes, depois de uma

vitória num jogo importante, ele dizia: “Aposto que seu menino está feliz”, e assim por diante. E então, numa sexta-feira de manhã, quando eu voltava das compras empurrando o Matty na cadeira de rodas, esbarramos no John. E eu podia não ter dito nada, mas tem momentos em que a gente precisa admitir para si mesma e para todo mundo: *Esse é o Matty. É o meu menino.* E foi o que fiz, e o John nunca mais falou do Arsenal depois daquele dia. Não tem uma manhã de domingo em que isso me passe despercebido. A gente tem uma porção de razões para perder a fé.

Escolhi os pôsteres do mesmo jeito que escolhi todas as outras coisas que a Jess provavelmente tinha andado fuçando, as fitas, os livros, as chuteiras, os jogos de computador e os vídeos. As agendas e as cadernetas de endereços. (Cadernetas de endereços! Meu Deus! Mais do que qualquer outra coisa, isso diz tudo. Posso colocar uma fita para o Matty e ter esperança de que ele esteja escutando, mas como preencher numa caderneta de endereços? Nem eu tenho uma.) As canetas legais, a máquina fotográfica e o walkman. Pilhas de relógios. Havia toda uma vida adolescente por viver ali.

Tudo começou há alguns anos, quando decidi decorar o quarto dele. O Matty tinha oito anos e ainda dormia num quarto de bebê — palhaços nas cortinas, coelhinhos nas paredes, todas as coisas que eu tinha escolhido quando estava grávida e ainda não sabia o que meu filho seria. E estava descascando tudo, o quarto com uma aparência horrorosa, mas eu não fazia nada a respeito porque isso me levaria a pensar demais sobre o que não estava acontecendo com ele, sobre todos os aspectos de ele não estar crescendo. Trocar os coelhinhos pelo quê? Ele estava com oito anos, então talvez trens, foguetes e até jogadores de futebol fossem o tipo de coisa mais adequado — mas, claro, ele não sabia o que era nada disso, o que significava, para que servia. Mas os coelhinhos também não, ou os palhaços. Pois o que é que eu deveria fazer? Tudo ali era fingimento, não é mesmo? Para deixar de ser uma fantasia, o único jeito era pintar as paredes de branco e colocar cortinas neutras. O que seria uma maneira de dizer a

ele, a mim mesma e a todo mundo que entrasse ali que eu sabia que o Matty era um vegetal, um repolho, e não estava tentando esconder isso. Mas e aí, onde isso vai parar? Significa que eu não poderia nunca mais comprar para ele uma camiseta com alguma coisa escrita, ou com uma figura, porque ele nunca vai poder ler e não entende figuras? E quem pode dizer se o Matty consegue perceber cores ou formas? E nem preciso dizer que se torna ridículo falar com ele, sorrir para ele, beijar sua cabeça. Se tudo o que faço é fingimento, então por que não fingir direitinho?

No fim, optei por trens nas cortinas e o sujeito do *Star Wars* no abajur. E, logo depois, passei a comprar gibis de vez em quando, só para ver o que um moleque da idade dele poderia estar lendo ou no que poderia estar pensando. E a gente via juntos os programas de sábado de manhã na televisão, de modo que eu pudesse aprender um pouco sobre os cantores pop que talvez ele gostasse, e também, às vezes, sobre os programas de tevê que ele assistiria. Falei antes que uma das piores coisas é a vida nunca seguir adiante, e fingir que seguia não muda nada. Mas ajuda. Sem isso, o que sobraria? E, enfim, pensar nessas coisas me fazia, estranhamente, enxergar o Matty. Acho que deve ser assim que fazem nas séries de tevê, quando precisam inventar um novo personagem de *EastEnders*. Devem pensar: bom, do que essa pessoa gosta? O que ela escuta, quem são seus amigos, para que time de futebol ela torce? Foi o que fiz — inventei um filho. Ele torce para o Arsenal, gosta de pescar, embora não tenha uma vara. Gosta de música pop, mas não daquele tipo em que o pessoal aparece seminu e canta usando uma porção de palavrões. Bem de vez em quando me perguntam o que ele quer de aniversário ou de Natal, e então eu digo, e quem perguntou se controla para não parecer surpreso. A maior parte dos familiares mais distantes nunca conheceu o Matty nem pediu para conhecer. Tudo o que sabem é que ele tem problemas, que alguma coisa nele não é bem certa. Não querem saber muito mais, então nunca dizem “Ah, ele consegue pescar?”, ou, no caso do meu tio Michael, “Ah, ele sabe nadar, então pode olhar o relógio quando está lá embaixo?”. Ficam

agradecidos simplesmente por lhes dizerem o que fazer. No fim, o Matty tomou conta do apartamento. Vocês sabem como são as crianças. É coisa espalhada por todos os lados.

“Não interessa se sei ou não sei quem são”, falei. “Os pôsteres são do Matty.”

“Ah, ele é fanzão da...”

“Só ponha lá de volta como ela mandou”, disse o Martin. “Ponha de volta ou dê o fora. Pare de ser vaca.”

Um dia, acho, vou aprender a dizer essas coisas eu mesma.

MARTIN

Os pôsteres do Matty não voltaram a ser mencionados naquele dia. Todos estávamos curiosos, claro, mas a Jess tinha conseguido que o JJ e eu não pudéssemos expressar essa curiosidade: ela armava as situações pra que a gente ou ficasse a favor dela ou contra, e naquele particular, como em muitos outros, ficamos contra — o que significava não falar do assunto. Mas, como estávamos ressentidos por aquele silêncio forçado, nos tornamos agressivos e loquazes sobre qualquer outro assunto em que conseguíssemos pensar.

“Você não suporta seu pai, não é?”, perguntei pra ela.

“Não, claro que não. É um imbecil.”

“Mas você mora com ele.”

“E daí?”

“Como é que você consegue, cara?”, o JJ quis saber dela.

“Não tenho condições de ir morar sozinha. E, além disso, lá em casa tem faxineira, tevê a cabo e banda larga e tudo mais.”

“Ah, jovens idealistas e cheios de princípios!”, falei. “Antiglobalização, pró-faxineira, certo?”

“Tá, até parece que vou ficar ouvindo sermão de dois babacas como vocês. E tem outra coisa. O negócio da Jen. Eles se preocupam.”

Ah, sim. O negócio da Jen. O JJ e eu paramos um momento pra assimilar a lição. Vista de certo ângulo, a conversa acima poderia ser

resumida assim: um cara recém-saído da cadeia, onde esteve por ter feito sexo com uma menor de idade, e outro que tinha inventado uma doença fatal porque isso lhe pouparia tempo, problemas e algum embaraço, ridicularizavam uma adolescente enlutada por querer continuar morando com seus pais enlutados. Anotei mentalmente que reservaria algum tempo, mais tarde, para escrever uma sinopse diferente.

“Ficamos sabendo da sua irmã e lamentamos muito”, disse a Maureen.

“É, bom, não foi uma coisa que aconteceu ontem, né?”

“A gente lamenta de qualquer jeito”, o JJ falou, arrastado. Ceder a superioridade moral pra Jess significava simplesmente que ela ia cagar na cabeça de todo mundo até tomar outra dura.

“Já me acostumei agora.”

“Se acostumou?”, perguntei.

“Meio que já.”

“Deve ser uma coisa estranha com que se acostumar.”

“Um pouquinho.”

“Você não fica pensando nisso o tempo inteiro?”, o JJ perguntou pra ela.

“Não dá pra gente conversar sobre o que devia estar conversando?”

“Que é sobre o quê, exatamente?”

“Sobre o que a gente vai fazer. Com o negócio dos jornais e tudo mais.”

“E precisamos fazer alguma coisa?”

“Acho que sim”, disse o JJ.

“Logo logo vão esquecer a gente, sabe?”, falei. “Isso aí é só porque não tem porra nenhuma, desculpa, Maureen, acontecendo no começo do ano.”

“E se a gente não quiser que eles esqueçam?”, disse a Jess.

“Por que diabos a gente ia querer que lembrem?”, perguntei pra ela.

“Faturar algum. E seria alguma coisa pra fazer.”

“Fazer? *O quê?*”

“Sei lá. Eu só... Sinto que somos diferentes. Que a galera ia gostar da gente, ficaria interessada.”

“Você é maluca.”

“É. Exatamente. Por isso é que se interessariam por mim. Eu podia até interpretar um pouco, se você quiser.”

“Tenho certeza de que não seria necessário”, falei rápido, em nome dos outros três do grupo e, na verdade, de toda a população da Inglaterra. “Você já é ótima assim.”

A Jess sorriu, dócil, surpresa com o elogio inesperado. “Obrigado, Martin. Você também. E sobre você — iam querer saber como é que fodeu com a sua vida transando com aquela menina. E sobre você, JJ, a história das pizzas e tal. E, Maureen, você podia contar pra todo mundo como é uma merda viver com o Matty. Estão vendo, a gente ia ser como super-heróis, os X-Men, ou sei lá o quê. Todos aqui temos algum superpoder secreto.”

“Pode crer”, disse o JJ. “Matou a charada. Tenho o superpoder de entregar pizzas. E a Maureen, o superpoder de um filho deficiente.”

“Bom, tá certo, superpoder é a palavra errada. Mas, tipo. A gente tem alguma *coisa*.”

“Ah, sim. ‘Coisa’, *le mot juste*, como sempre.”

A Jess me fulminou, mas estava arrebatada demais pelo próprio discurso pra me lançar o insulto que meu conhecimento de uma expressão estrangeira pedia e merecia. “E a gente podia dizer que ainda não decidiu se vai mesmo se matar ou não — a galera ia gostar.”

“E se a gente vendesse os direitos de tevê pro Noite dos Namorados? Talvez eles quisessem transformar isso num Big Brother da vida. O pessoal ia poder votar em qual de nós queria que se jogasse do prédio”, o JJ falou.

A Jess pareceu ficar em dúvida. “Aí já não sei”, ela disse. “Mas você conhece os jornais e tal, Martin. A gente podia faturar uma grana com isso, né?”

“Passou pela sua cabeça que eu já tive problema suficiente com os jornais?”

“Ah, é sempre você que importa, né?”, disse a Jess. “E se essa história puder render uns trocados pra nós?”

“Mas qual é a história?”, perguntou o JJ. “Não tem história nenhuma. A gente subiu lá, desceu de volta, pronto. Deve ter gente fazendo a mesma coisa direto.”

“Já pensei nisso. E se a gente tivesse visto algo?”, disse a Jess.

“Tipo o quê? O que é que a gente teria visto?”

“Tá. Que tal se a gente tivesse visto um anjo?”

“Um anjo”, disse o JJ, nada empolgado.

“É.”

“Não vi nenhum anjo”, a Maureen falou. “Em que momento você viu um anjo?”

“Ninguém viu anjo nenhum”, expliquei. “A Jess está propondo que a gente invente que passou por uma experiência espiritual pra ter vantagens financeiras.”

“Isso é terrível”, disse a Maureen, como que apenas pra confirmar a reação que muito claramente se esperava dela.

“Na real, não vamos estar *inventando*, né?”

“Não? Em que sentido você viu um anjo de verdade?”

“Como é que chama isso em poesia?”

“Oi?”

“Sabe, nos poemas. Nas aulas de literatura. Às vezes a gente diz que isso é como se fosse aquilo, e às vezes que isso é aquilo. Tipo, meu amor é como a porra de uma rosa ou sei lá o quê.”

“Símiles e metáforas.”

“É. Exatamente. Foi Shakespeare que inventou, né? Por isso é que ele foi um gênio.”

“Não.”

“Por quê, então?”

“Deixa pra lá.”

“Por que Shakespeare foi um gênio? Por quê?”

“Outra hora.”

“Tá. Enfim. Então qual dos dois é quando a gente diz que isso *é* aquilo, tipo ‘Você é um puto’, mesmo que a pessoa não seja, na verdade, um puto. Tipo, um prostituto. Óbvio.”

A Maureen parecia prestes a cair no choro.

“Ah, pelo amor de Deus, Jess”, falei.

“Desculpa. Desculpa. Eu não sabia se precisava seguir as mesmas regras sobre palavrões quando a discussão é só sobre gramática e tal.”

“Precisa.”

“Certo. Desculpe, Maureen. Tá, então ‘Você é um porco’, quando a pessoa não é um porco.”

“Metáfora.”

“Exatamente. A gente não viu, literalmente, um anjo. Mas, metaforicamente, tipo, vimos.”

“Vimos um anjo, metaforicamente”, repetiu o JJ. O tom nada empolgado e descrente era automático agora.

“É. Isso. Tipo, alguma coisa fez a gente descer de lá. Algo que salvou nossa vida. Por que não um anjo?”

“Porque não teve nenhum.”

“Tá, a gente não viu. Mas dava pra dizer que qualquer coisa era o anjo. Uma garota qualquer, enfim. Eu, ou até a Maureen.”

“Uma garota qualquer podia ser o anjo.” De novo o JJ.

“É. Porque são anjos. Meninas.”

“Você já ouviu falar do Anjo Gabriel, por exemplo?”

“Não.”

“Bom, ele — *ele* — era um anjo.”

“Era?”

Perdi a paciência de repente, por alguma razão.

“Que besteiro é esse? Você parou pra se ouvir, Jess?”

“Que foi que eu disse agora?”

“Não vimos nenhum anjo, literal ou metaforicamente. E, aliás, ver alguma coisa metaforicamente, seja lá o que isso signifique, não é o mesmo que ver alguma coisa. Com os olhos. O que, se entendi, é o que você está propondo que a gente diga. Isso não é enfeitar a história. É falar merda mesmo, desculpa, Maureen. Pra ser sincero, se eu fosse você, manteria a boca fechada. Não contaria pra ninguém desse anjo. Nem mesmo pra imprensa nacional.”

“Mas digamos que a gente vá parar na tevê e tenha a chance de, tipo, disseminar nossa mensagem?”

Todos ficamos olhando pra ela.

“E que diabos é essa nossa mensagem?”

“Bom. Isso, tipo, a gente pode decidir, né?”

Como argumentar com uma cabeça daquelas? Nós três não chegamos a encontrar uma maneira, então nos contentamos com ridicularizar e usar de sarcasmo, e a tarde terminou no consenso não declarado de que, como três quartos do grupo não tinha apreciado aquele breve momento de exposição midiática, deixaríamos que a atual onda de interesse pela nossa saúde mental arrefecesse até desaparecer. E então, algumas horas depois de ter chegado em casa, o Theo me liga perguntando por que eu não tinha contado pra ele sobre a visão do anjo.

JESS

Eles não ficaram muito felizes. Com o Martin foi pior: o cara estava subindo pelas porras das paredes. Me ligou em casa e caiu de pau por uns dez minutos sem parar. Mas eu sabia que ele ia ficar numa boa com o negócio, porque foi meu pai que atendeu e o Martin não contou nada pra ele. Se tivesse contado, a história desmoronava. Era preciso que nós quatro seguissemos o plano e, desde que a gente fizesse isso, poderia dizer que viu qualquer coisa que quisesse ter visto. A questão é que era uma ideia muito boa pra ser jogada fora, né? E eles sabiam disso, o que me fez pensar que, no fim, voltariam atrás — o que eles, tipo, até fizeram. E, pra mim, aquele

era nosso primeiro grande teste como grupo. Todos tinham uma escolha objetiva a fazer: estavam do meu lado ou não? E, pra falar a verdade, se tivessem decidido que não estavam, me pergunto se eu teria alguma coisa mais que tratar com eles. Uma opção dessas diria muito sobre eles como pessoas, e a mensagem não seria nada boa.

Admito que fui um pouco traiçoeira. Primeiro, perguntei pro JJ o nome da moça que tinha aparecido naquela manhã pra conversar, e ele me passou o nome e, de bônus, o jornal onde ela trabalhava. O JJ achou que eu só estava jogando conversa fora, mas pensei que aquilo podia ser útil em algum momento. E aí cheguei em casa e liguei pro jornal. Disse que só falaria com aquela repórter e, quando revelei meu nome, me deram o celular dela.

A moça se chamava Linda e foi bem simpática. Pensei que ela pudesse achar tudo aquilo meio esquisito, mas não, ficou muito interessada e me incentivou bastante a falar, na verdade. Se tinha um defeito como jornalista, eu diria que era esse, de no mínimo incentivar demais. Acreditar e confiar em tudo o que eu dizia. A gente espera que um bom jornalista fique naquela, tipo, Como posso saber que você está dizendo a verdade?, mas eu podia ter dito qualquer coisa e ela publicaria. Aqui entre nós, a moça não era muito profissional.

Aí ela perguntou, tipo, E como era esse anjo, Jess? Ela usava Jess pra caramba, pra mostrar que éramos amigas.

Já tinha pensado no que dizer. A coisa mais idiota teria sido descrever ele — tinha decidido que seria ele, por causa do Anjo Gabriel — como um anjo de Igreja, com asas e tudo mais. Pensei que seria dar bandeira.

Nada do que a gente esperaria que fosse, eu disse. E a Linda: Como assim, nada de asas ou auréolas, Jess? E riu — tipo, quem é que seria imbecil a ponto de dizer que tinha visto um anjo com asas e auréola? Então saquei que tinha tomado a decisão certa. Ri também e disse: Não, ele tinha uma aparência toda moderna, e ela, tipo, Sério?

(Sempre faço isso, quando estou contando o que alguém disse. Fico repetindo Aí eu falei, tipo, E ela, tipo, tudo assim. Mas, quando a conversa se estende um pouco, fica um saco, né? Tipo, falou, tipo, disse. Então daqui pra frente vou escrever como se fosse uma peça, tá? Não sou muito boa pra pontuar diálogos ou sei lá o que, mas consigo lembrar como é uma peça porque li algumas na escola.) EU: É. Ele tinha um visual bem moderno. Parecia um cara de uma banda ou algo do tipo.

LINDA: Banda? Que banda?

EU: Sei lá. Do Radiohead, qualquer coisa assim.

LINDA: Por que do Radiohead?

(Não dava pra dizer nada sem que ela fizesse uma pergunta. Falei do Radiohead porque os caras não parecem nada de mais. São só uns caras, né?) EU: Sei lá. Ou do Blur. Ou... Como é que chama aquele cara? Daquele filme? Não o que é casado com a Jennifer Lopez, o outro daqueles dois que ganharam o Oscar, o que era bom em matemática, mas trabalhava na limpeza... O loiro. Matt.

LINDA: O anjo parecia com o Matt Damon?

EU: É, acho que sim. Um pouquinho.

LINDA: Certo. Um anjo bonito que parecia com o Matt Damon.

EU: Não que ele seja tudo isso, o Matt Damon. Mas, tá.

LINDA: E quando esse anjo apareceu?

EU: Quando?

LINDA: É, em que momento? Quero dizer, você já estava a ponto de... se jogar?

EU: Ah, tava quase pulando mesmo, cara. Ele apareceu no último segundo.

LINDA: Uau. Então vocês já estavam de pé na beiradinha? Todos vocês?

EU: É. A gente tinha decidido pular todo mundo junto. Pra fazer companhia uns pros outros, tipo. Aí a gente estava lá, na beirada, se despedindo e tal. E começando a contar um, dois, três, já, quando ouvimos a voz dele atrás de nós.

LINDA: Você devia estar mais do que apavorada.

EU: É.

LINDA: Foi um milagre não ter caído de lá.

EU: É.

LINDA: Aí vocês se viraram...

EU: É. A gente se virou e ele disse...

LINDA: Desculpa. Como ele estava vestido?

EU: Estava usando só um, tipo... Um terno folgado, tipo assim. Um terno branco folgado. Muito fashion, sério. Parecia ter custado uma boa grana.

LINDA: Um terno de marca?

EU: É.

LINDA: Gravata?

EU: Não. Sem gravata.

LINDA: Um anjo informal.

EU: É. Esporte fino, enfim.

LINDA: E você percebeu de cara que ele não era humano?

EU: Ah, sim.

LINDA: Como?

EU: Ele apareceu todo... borrado. Como se a imagem não estivesse bem sintonizada. E dava pra enxergar através da imagem. Não que desse pra ver o fígado dele ou alguma coisa assim. Só, tipo, os prédios do outro lado. Ah, é — e também ele estava flutuando acima do terraço.

LINDA: Alto?

EU: Bem alto, cara. Logo que vi ele, falei, tipo, esse cara tem cinco metros de altura. Mas, quando olhei pros pés, eles estavam a um metro do chão.

LINDA: Então ele tinha uns seis metros de altura?

EU: Os pés estavam flutuando a uns dois metros, vai.

LINDA: Então a altura dele era de quase três.

EU: É, três metros. Que seja.

LINDA: Então os pés ficavam acima da cabeça de vocês.

EU: (*Já puta por ela insistir no negócio de quantos metros, mas tentando não demonstrar.*) No mínimo. Mas aí ele, tipo, sacou que tinha exagerado nos efeitos e, tipo, desceu um pouco. Fiquei com a impressão que fazia um tempo que ele não flutuava. Estava um pouco enferrujado.

(Fui simplesmente inventando tudo enquanto falava. Tipo, sei que vocês já sabem que eu estava inventando. Mas, considerando que tinha ligado pra ela sem antes pensar muito na história, achei que estava me saindo muito bem. Pelo menos a Linda parecia estar curtindo.) LINDA: Incrível.

EU: É. Foi sim.

LINDA: E o que ele disse?

EU: Disse, tipo, Não pulem. Mas falou bem sereno. Calmamente. Ele parecia ter, tipo, uma sabedoria interior. Dava pra ver que era um mensageiro de Deus.

LINDA: Ele disse isso?

EU: Não com todas as letras. Mas dava pra sacar.

LINDA: Por causa da sabedoria interior.

EU: É. Ele tinha, tipo, uma aura, como se conhecesse Deus pessoalmente. Sinistro.

LINDA: E foi só aquilo que ele falou?

EU: Disse também, tipo, A hora de vocês ainda não chegou. Voltem e levem pras pessoas uma mensagem de conforto e alegria. E digam que a guerra é uma coisa idiota. Que é algo em que eu pessoalmente acredito.

(Esta última frase, isso de algo em que eu pessoalmente acredito, não faz parte da peça. Só estou dando uma informação extra, pra vocês entenderem melhor que tipo de pessoa eu sou.) LINDA: E vocês pretendem disseminar essa mensagem?

EU: É. Claro. É uma das razões por que queríamos dar essa entrevista. E, se alguns dos leitores de vocês forem líderes ou generais ou terroristas ou

sei lá o quê, deviam saber que Deus não está muito feliz no momento. Está é bem putado com essas histórias.

LINDA: Tenho certeza de que nossos leitores vão ter muito sobre o que refletir. E todos vocês viram o anjo?

EU: Ah, sim. Não dava pra não ver.

LINDA: Martin Sharp viu?

EU: Ah, claro. Ele viu, sim... viu mais do que qualquer um de nós.

(Eu não sabia muito bem o que isso significava, mas podia perceber que era importante pra ela que o Martin estivesse envolvido.) LINDA: E agora, o que vão fazer?

EU: Bom. A gente ainda precisa pensar.

LINDA: Claro. Você pretende falar com outros jornais?

EU: Ah, sim. Com certeza.

Fiquei satisfeita com o resultado. Consegui cinco paus, no fim das contas. Mas precisei prometer que ela teria oportunidade de falar com todo mundo.

JJ

Não parecia que ia ser muito complicado, no começo. Tá, nenhum de nós ficou muito entusiasmado com aquela história de anjo que a Jess inventou, mas começar uma discussão parecia não valer a pena. A gente ia cerrar os dentes, dizer que tinha visto o anjo, pegar a grana e tentar esquecer que isso tudo algum dia aconteceu. Mas então, no dia seguinte, lá estávamos nós, sentados na frente de uma jornalista, concordando muito sérios que a porra do anjo parecia com o Matt Damon, e aí a lealdade já parecia ter se tornado a mais imbecil das virtudes. E também, quando se trata da visão de um anjo, não dá pra simplesmente pegar carona com os outros. Não dá pra só ir lá e dizer: “Pode crer, blablablá, um anjo, que seja”. Ter visto um anjo é claramente uma parada importante, então o cara precisa agir de acordo, todo empolgado e de queixo caído de estupefação, e é difícil fazer cair o queixo com os dentes cerrados. A Maureen era, talvez, a única pessoa ali que podia convencer, porque meio que acreditava nessas

paradas. Mas, justamente porque acreditava, era quem mais tinha dificuldade de mentir. “Maureen”, disse a Jess, lenta e pacientemente, como se a outra estivesse simplesmente sendo idiota, e não temendo pela imortalidade de sua alma, “a gente está fazendo isso por *cinco mil libras*.”

O jornal organizou um esquema pra que alguém da clínica ficasse cuidando do Matty, e encontramos Linda no lugar onde tínhamos tomado café da manhã no primeiro dia do ano. Fizemos fotos nossas — a maioria de grupo, mas aí tiraram mais uma ou duas lá fora, com a gente apontando pro céu, queixos abobalhados de espanto. Acabaram não usando essas, provavelmente porque um ou outro de nós exagerou na pose, e porque um em especial não entrou no jogo de jeito nenhum. E aí, depois da sessão de fotos, Linda fez as perguntas.

Era o Martin que ela queria — o troféu era ele. Se Linda conseguisse fazer Martin Sharp declarar que um anjo tinha aparecido pra impedi-lo de se matar — ou seja, se conseguisse fazer Martin Sharp declarar: AGORA É OFICIAL: SOU PIRADO —, ela teria a primeira página. O Martin sabia disso também, então a performance dele foi heroica, ou o mais próximo possível do heroísmo, no caso de um canalha apresentador de talk show pra quem qualquer ato de heroísmo real é algo improvável. O Martin dizendo pra Linda que tinha visto um anjo me lembrava Sidney Carton, aquele cara do *Um conto de duas cidades*, indo pra guilhotina pela vida do amigo: a expressão no rosto era de um cara prestes a ter a cabeça decepada por um bem maior. O Sidney, porém, tinha encontrado em si certa nobreza, então provavelmente demonstrava isso, enquanto o Martin só parecia de saco cheio mesmo.

Apenas a Jess falou no começo, aí a jornalista se cansou dela e começou a fazer perguntas diretamente pro Martin.

“Então, quando essa figura começou a flutuar... Flutuar? É isso?”

“Flutuar”, a Jess confirmou. “Como eu falei, ele ficou flutuando muito alto, primeiro, por estar meio sem prática, mas aí encontrou a altura certa.”

O Martin estremeceu, como se a recusa do anjo de pôr os pés no chão de alguma forma tornasse a coisa mais constrangedora pra ele.

“Então, quando o anjo apareceu flutuando na sua frente, Martin, o que você pensou?”

“O que eu pensei?”, repetiu o Martin.

“A gente não ficou pensando muito, né?”, disse a Jess. “Foi chocante demais.”

“Isso”, o Martin falou.

“Mas você deve ter pensado alguma coisa”, disse Linda. “Mesmo que tenha sido só ‘Caramba, será que consigo levar esse cara no *Bom Dia com Penny e Martin?*’.” E ela riu, tentando fazer o Martin se animar.

“Bom”, ele respondeu. “Vamos lembrar que já tem um tempo que não apresento mais o programa. Então seria perda de tempo fazer o convite.”

“Mas você tem seu programa na tevê a cabo.”

“Sim.”

“Então talvez ele topasse fazer uma aparição lá”, ela riu de novo, ainda tentando encorajar o Martin.

“Normalmente a gente convida o pessoal do showbiz. Comediantes de stand-up, artistas de novela... Um ou outro esportista.”

“Então o que você está dizendo é que não o colocaria no ar.” Uma vez que tinha começado a entrevista com aquele tipo de pergunta, Linda parecia meio relutante em mudar.

“Não sei.”

“Não sabe?”, desdenhou ela. “Ora, seu programa não é o do David Letterman, certo? Não tem exatamente uma multidão te assediando pra aparecer lá.”

“O programa vai bem.”

Não pude evitar sentir que ela estava perdendo o principal da história. Um anjo — possivelmente um emissário do próprio Senhor, quem sabe? — aparecia num prédio em Archway pra impedir que nos matássemos e ela ali, querendo saber por que a figura não tinha sido convidada pra aparecer

num talk show. Sei lá, cara. Era de imaginar que essa pergunta fosse uma das últimas da entrevista.

“Enfim, seria a primeira pessoa de quem já se ouviu falar a participar do programa.”

“Você já tinha ouvido falar dele, é isso?”, o Martin falou. “Desse anjo que parece com o Matt Damon?”

“Já ouvi falar de *anjós*”, ela respondeu.

“Bom, tenho certeza de que já ouviu falar de *atrizes* também”, disse o Martin. “Várias delas já foram lá.”

“Aonde é que você quer chegar com isso?”, falei. “Na verdade, você quer escrever um artigo sobre por que o Anjo Matt não foi convidado pro programa do Martin?”

“É assim que vocês chamam ele?”, ela perguntou. “Anjo Matt?”

“Normalmente só de ‘O Anjo’”, a Jess explicou. “Mas...”

“Você se importaria se o Martin respondesse a algumas perguntas?”

“Você já perguntou um montão pra ele”, a Jess falou. “A Maureen ainda não disse nada. O JJ, muito pouco.”

“É do Martin que a maioria das pessoas já ouviu falar”, disse Linda. “Martin, é assim que vocês chamam ele?”

“Só de ‘O Anjo’”, o Martin respondeu. Ele parecia mais feliz na noite em que tentou se matar.

“Posso só confirmar uma coisa?”, continuou Linda. “Você viu ele, não viu, Martin?”

O Martin se remexeu na cadeira. Dava pra ver que estava vasculhando dentro da cabeça pra ter certeza de que não tinha deixado passar nenhuma possível rota de fuga.

“Ah, sim”, ele falou. “Vi, claro. Ele era... era incrível.”

E, com isso, finalmente entrou na gaiola que Linda tinha aberto pra ele. Agora estava à mercê do público, pra ser cutucado e xingado, e simplesmente teria de ficar ali e aguentar, feito as atrações de um show de horrores.

Mas a parada é que todos nós éramos parte desse show agora. Quando os amigos e a família abrissem os jornais na manhã seguinte, poderiam tirar duas conclusões: 1. que tínhamos todos entrado em parafuso ou 2. que éramos canastrões. Tá, havia uma terceira conclusão possível, estritamente falando — que estivéssemos dizendo a verdade. Tínhamos visto um anjo que parecia com o Matt Damon e que, por razões que ele mesmo saberia explicar melhor, mandou que a gente descesse daquele terraço. Mas já vou dizendo que não conheço ninguém que acreditaria nisso. Talvez minha tia-avó Ida, que mora no Alabama e manipula serpentes todo domingo na igreja, mas aí é porque ela é louca.

E sei lá, cara, mas pra mim parecia muita viagem. Se a gente fosse marcar num mapa, diria que financiamentos da casa própria, relacionamentos, empregos e essa parada toda, tudo o que constitui uma vida normal, ficavam, tipo, em New Orleans, e aparecer metido nessa merda de história, lá pra cima do Alasca. Quem vai dar emprego pra um cara que vê anjos? E quem vai dar emprego pra um cara que diz que vê anjos porque talvez possa ganhar uns trocados com isso? Não, aquele era nosso fim enquanto pessoas sérias. Tínhamos vendido nossa seriedade por mil duzentas e cinquenta dessas suas libras inglesas e, até onde eu podia ver, essa grana teria que segurar a onda pelo resto das nossas vidas, a menos que a gente visse Deus, ou o Elvis, ou a princesa Diana. E desta vez de verdade e com algumas fotos.

Pouco mais de dois anos atrás, o empresário do REM apareceu pra ver um show do Big Yellow e perguntou se a gente não teria interesse em ser representado pela empresa dele, e dissemos que estávamos satisfeitos com o que tínhamos. REM! Vinte e seis meses atrás! A gente lá, sentado naquele escritório chique, e era o cara, ele tentando *nós* convencer, saca? E agora eu estava ali, sentado com gente como a Maureen e a Jess, participando de uma tentativa patética de arrancar uns trocados de uma pessoa desesperada pra nos dar esse dinheiro, desde que estivéssemos dispostos ao constrangimento total. Uma coisa que os últimos dois anos me ensinaram é

que, tentando com afinco, não existe nada que não seja possível foder de vez.

Meu único consolo era não ter nem amigos nem parentes por perto; ninguém sabia quem eu era, com exceção, talvez, de uns fãs da banda, e gosto de pensar que eles não são o tipo de leitor do jornal pro qual aquela repórter trabalhava. E era possível que alguns dos caras da pizzaria até encontrassem um exemplar largado em algum canto, mas sentiriam o cheiro da grana envolvida, e também do desespero, o que faria que pouco ligassem pra humilhação.

Com isso, só sobrava a Lizzie, e, se fosse pra ela ver minha foto com cara de lunático, que visse logo. Sabem por que ela me deu um pé na bunda? Porque, no fim das contas, eu não ia virar um astro do rock. Porra, dá pra acreditar? Não, não dá, porque vai além dos limites do crível e, portanto, é inacreditável. “Merda, teu nome é Mulher.” Àquela altura eu achava, saca, que ela não ia ligar de ver a merda que tinha feito de mim. Na real, se pudesse me tornar invisível, uma das primeiras coisas que eu faria, depois de roubar um banco e entrar no vestiário feminino da academia e todas essas coisas óbvias, seria colocar o jornal na frente da Lizzie e ficar vendo enquanto ela lia.

Estão vendo? Eu não sabia nada de nada. Pensei que sacava muita coisa, mas não sacava.

MAUREEN

Não pensei que algum dia seria capaz de voltar à igreja, depois da entrevista com Linda. Um dia antes, fiquei refletindo um pouco sobre isso; sentia muita falta e me perguntei se Deus realmente se importaria, caso eu aparecesse apenas para me sentar lá no fundo e nem fosse me confessar — se desse um jeito de escapulir antes da comunhão. Mas, na hora em que contei a Linda que tinha visto um anjo, soube que teria de me afastar, que não poderia voltar até o dia da minha morte. Não sabia que pecado, exatamente, tinha cometido, mas com certeza pecados que envolvam inventar anjos são mortais.

Eu ainda achava que ia me matar quando se completassem as seis semanas; o que me faria mudar de ideia? Estava mais ocupada do que jamais estive na vida, com aquelas entrevistas para a imprensa e reuniões, e acho que isso me distraiu um pouco das outras coisas. Mas toda aquela correria simplesmente me dava a sensação de estar tomando providências de última hora, como se tivesse que deixar tudo pronto antes de sair de férias. Eu era isso, então: uma pessoa que logo ia se matar, assim que terminasse de aprontar tudo.

La dizer que naquele dia, no dia da entrevista com Linda, enxerguei a luz pela primeira vez, mas não foi bem assim, na verdade. Foi mais como se eu, tendo escolhido o que queria ver na tevê e já me preparando para o começo do programa, reparasse que havia outra coisa passando que talvez fosse mais interessante. Não sei como é com vocês, mas nem sempre quero poder escolher. A gente acaba pulando de um canal para o outro, sem conseguir ver nenhum programa direito. Não sei como o pessoal que tem tevê a cabo dá conta disso.

O que aconteceu foi que, depois daquela entrevista, acabei conversando com o JJ. Ele tomou o caminho de casa e eu, o do ponto de ônibus, e fomos andando juntos. Não tenho certeza se ele queria conversa, na verdade, porque a gente mal tinha trocado uma palavra desde o meu tapa naquele sujeito na noite de Ano-Novo, mas era uma dessas situações desconfortáveis em que ele parou para me esperar porque eu estava caminhando uns cinco passos atrás.

“A parada lá foi meio complicada, não foi?”, ele disse, e fiquei surpresa, pois pensei que só eu tinha achado difícil passar por aquilo.

“Odeio mentiras”, falei.

Ele olhou pra mim e riu, e então me lembrei da mentira dele.

“Não quis ofender”, eu disse. “Também menti. Menti sobre o anjo. E ainda menti pro Matty. Disse que ia numa festa de Ano-Novo. E pro pessoal da clínica.”

“Deus vai te perdoar por essas aí, acho.” Caminhamos juntos mais um pouco, e então ele falou, sem nenhuma razão que eu pudesse identificar: “O que te faria mudar de ideia?”.

“Sobre o quê?”

“Sobre... saca. A Vontade de Acabar com Tudo.”

Eu não sabia o que dizer.

“Se você pudesse fazer um acordo com Deus, essas paradas. Ele sentado lá, o Cara, do outro lado da mesa. E dizendo: ‘Tá, Maureen, gostamos de você, mas precisamos que fique firme aí na Terra, sério. O que podemos fazer pra te convencer? O que podemos oferecer?’”

“Deus, falando comigo pessoalmente?”

“Pode crer.”

“Se Ele viesse falar comigo pessoalmente, não precisaria oferecer nada.”

“Sério?”

“Se Deus, em Sua infinita sabedoria, quisesse que eu continuasse aqui na Terra, como é que eu poderia pedir alguma coisa?”

O JJ riu. “Tá, e se não fosse Deus?”

“Quem, então?”

“Tipo um... sei lá. Tipo um presidente cósmico, saca? Ou um primeiro-ministro. O Tony Blair. Alguém que tenha poder pra fazer as coisas acontecerem. Você não precisa fazer o que o Tony Blair mandar sem pedir algo em troca.”

“Ele é capaz de curar o Matty?”

“Não. Só o que ele consegue é *descolar* certas coisas.”

“Eu queria umas férias.”

“Deus do céu. Seu preço não é muito alto. Você aceitaria viver até morrer de velha em troca de uma semana na Flórida?”

“Eu gostaria de ir pro exterior. Nunca fui.”

“Você nunca saiu daqui?”

Ele disse isso como se eu devesse ter vergonha, e por um momento tive.

“Quando foi a última vez que você tirou férias?”

“Logo antes do Matty nascer.”

“E quantos anos ele tem?”

“Dezenove.”

“Tá. Na qualidade de seu representante, vou pedir ao Cara férias uma vez por ano. Talvez duas.”

“Você não pode fazer isso!” Fiquei escandalizada de verdade. Agora percebo que estava levando tudo aquilo muito a sério, mas é que me parecia real, e também me parecia que férias uma vez por ano era demais.

“Confia em mim”, disse o JJ. “Conheço o mercado. Nosso Tony Cósmico não vai nem piscar. Vamos lá, o que mais?”

“Ah, eu não conseguiria pedir mais nada.”

“Digamos que ele te dê duas semanas de folga por ano. Cinquenta semanas é um tempão de espera pelas férias, saca? E você não vai ter outra audiência com o Tony Cósmico. É um tiro só. Você tem que pedir tudo o que quer de uma vez.”

“Quero um emprego.”

“Você quer um emprego?”

“Sim. Claro.”

“Que tipo de emprego?”

“Qualquer coisa. Trabalhar numa loja, talvez. Qualquer coisa que me tire de casa.”

Antes do Matty nascer eu trabalhava. Tive um emprego numa loja de materiais de escritório em Tufnell Park. Gostava de lá; gostava de todas aquelas canetas diferentes e papéis e envelopes de todos os tamanhos. Gostava do meu chefe. Desde então não trabalhei mais.

“Tá. Que mais, que mais?”

“Talvez um pouquinho de vida social. Às vezes o pessoal da igreja organiza um jogo de perguntas e respostas. Como nos pubs, mas não num pub. Gostaria de tentar participar de um desses.”

“Certo, podemos conceder à senhora uma saída pra jogar perguntas e respostas.”

Tentei sorrir, pois sabia que o JJ estava brincando um pouco, mas aquela conversa era difícil para mim. Não conseguia pensar em muita coisa, na verdade, o que me irritou. E, de um jeito estranho, me fez sentir medo. Era como a gente encontrar na própria casa uma porta que até então nunca tinha visto. Vocês iam querer saber o que ela escondia? Algumas pessoas sim, tenho certeza, mas eu não. Não queria continuar falando de mim.

“E você?”, perguntei ao JJ. “O que diria ao Tony Cósmico?”

“Rá. Não tenho certeza, cara.” Ele chama todo mundo de “cara”, mesmo que não seja outro rapaz. A gente se acostuma. “Talvez, sei lá, viver de novo os últimos quinze anos ou algo assim. Terminar o ensino médio. Esquecer essa parada de música. Me tornar o tipo de pessoa que é feliz e se dedica àquilo que é, e não ao que quer ser, saca?”

“Mas isso o Tony Cósmico não pode arranjar pra você.”

“Não. Exato.”

“Então você está pior do que eu, na verdade. O Tony Cósmico é capaz de fazer certas coisas por mim, mas não por você.”

“Não, não, merda, desculpe, Maureen. Não quis dizer isso. Você tem uma... você leva uma vida difícil pra caramba, e nada disso é culpa sua, e tudo o que rolou comigo foi só por causa da minha própria imbecilidade, e... Não tem comparação. Sério. Sinto muito ter dito essas coisas.”

Mas eu não sentia muito. Estava gostando de pensar no Tony Cósmico muito mais do que gostava de pensar em Deus.

MARTIN

A manchete do jornal — primeira página, acompanhada de uma foto minha de cara no chão em frente a uma casa noturna — era: ANJO CAÍDO — DE BÊBADO. Na matéria, Linda não dava ênfase, conforme tinha prometido, à beleza e ao mistério da nossa experiência no terraço; em vez disso, preferia se concentrar em outro aspecto: a repentina, prazerosa e

divertida loucura de uma ex-personalidade da tevê. O jornalista em mim suspeita que Linda entendeu bem qual era a notícia ali.

“O que significa esse título?”, perguntou a Jess no telefone, naquela manhã.

“É um trocadilho com um antigo comercial de cerveja”, falei.

“E o que tem a ver cerveja com a história?”

“Nada. Mas fala de anjo caído. E de como andei caindo de bêbado, é isso.”

“Tá. Então o que tem a ver isso de anjo caído?”

“É uma coisa que dizem de alguns anjos.”

“É? Será que a gente devia ter dito isso do nosso? Pra parecer mais convincente?”

Disse pra ela que, na minha opinião, era improvável que acrescentar aquele detalhe ao perfil que criamos do Anjo Matt Damon tivesse ajudado a convencer as pessoas de sua autenticidade.

“E, afinal, por que tudo tem que girar em torno de você? A gente mal é citado nessa porra.”

Recebi muitos outros telefonemas ainda pela manhã — do Theo, que, com o grande interesse que a história tinha despertado, segundo ele, achava que finalmente eu lhe dava alguma coisa com que trabalhar, desde que me sentisse confortável pra falar em público sobre o que, claro, era um momento espiritual íntimo; da Penny, que queria que a gente se encontrasse pra conversar; e das minhas filhas.

Fazia semanas que eu não tinha permissão de falar com elas, mas o instinto materno da Cindy decidiu, claro, que o dia em que papai surgia nos jornais falando sobre ter visto mensageiros de Deus era um bom dia pra restabelecer contato.

“Você viu um anjo, papai?”

“Não.”

“A mamãe disse que você viu.”

“Pois é, mas não vi.”

“E por que a mamãe disse que você viu?”

“Melhor você perguntar pra ela.”

“Mamãe, por que você disse que o papai viu um anjo?”

Esperei pacientemente enquanto se desenrolava um breve diálogo paralelo à ligação.

“Ela disse que não falou. Ela disse que os jornais que estão falando.”

“Contei uma mentirinha, querida. Pra ganhar um dinheirinho.”

“Ah.”

“Aí vou poder comprar um presente legal no seu aniversário.”

“Ah. Por que você ganhou dinheiro pra dizer que viu um anjo?”

“Outra hora te explico.”

“Ah.”

E então a Cindy e eu falamos, mas não muito. Durante nossa curta conversa, consegui fazer referência a dois tipos diferentes de animais do sexo feminino.

Também recebi uma ligação do meu chefe no FeetUpTV. O telefonema era pra dizer que eu estava demitido.

“Você está brincando.”

“Gostaria, Sharp. Mas você não me deixa opção.”

“E o que foi que eu fiz, exatamente?”

“Você leu os jornais hoje?”

“Aquilo é um problema pra você?”

“Você aparece como alguém meio pirado ali, pra falar a verdade.”

“E a publicidade pro canal?”

“Só negativa, pra mim.”

“Você acha que é possível o FeetUpTV ter publicidade negativa?”

“Como assim?”

“Se ninguém nunca ouviu falar da gente? De vocês?”

Houve um longuíssimo silêncio, durante o qual foi possível ouvir as engrenagens enferrujadas do cérebro do pobre do Declan começando a funcionar.

“Ah, entendi. Muito esperto. Isso não tinha me ocorrido.”

“Não vou ficar implorando, Dec. Mas me pareceria meio idiota. Você me contrata quando ninguém mais no mundo daria alguma coisa por mim. E aí me demite quando sou a notícia do dia. Quantos dos seus apresentadores estão neste momento em todos os jornais?”

“Não, não, bem pensado, bem pensado. Percebo qual é a lógica. O que você está querendo dizer, se entendi corretamente, é que não é possível um canal a cabo... *novato* como o nosso ter publicidade negativa.”

“Claro que eu não seria capaz de uma explicação assim, tão elegante. Mas sim, em linha gerais, é isso.”

“Certo. Você me convenceu, Sharp. Quem vai estar no programa hoje à tarde?”

“Hoje à tarde?”

“É. Hoje é quinta.”

“Ah.”

“Você tinha esquecido?”

“É, na verdade, meio que tinha, sim.”

“Então não vem ninguém?”

“Acho que posso conseguir que o JJ, a Maureen e a Jess apareçam.”

“Quem são eles?”

“Os outros três.”

“Que outros três?”

“Você leu a matéria?”

“Só a parte sobre você ter visto um anjo.”

“Eles estavam lá em cima comigo.”

“Lá em cima?”

“Essa história toda de anjo, Declan, aconteceu porque eu ia me matar. E aí, no alto do prédio, esbarrei nessas três pessoas que estavam pensando em fazer o mesmo. E aí... Bom, pra encurtar a conversa, o anjo apareceu e disse pra gente descer de volta.”

“Putá merda.”

“Exato.”

“E você acha que consegue trazer os outros três?”

“Quase certo.”

“Meu Deus. Quanto você acha que eles vão querer?”

“Trezentas libras pros três, talvez? Mais despesas. Uma das pessoas é... Bom, ela é mãe solteira e vai precisar de alguém pra tomar conta do filho.”

“Vamos nessa, então. Foda-se. Foda-se a despesa.”

“Grande Dec.”

“Acho que é uma boa ideia. Estou gostando disso. O velho Declan ainda sabe das coisas, hein?”

“Certeza. Você é um cão farejador de notícias. O Cão Farejador de Notícias de Baskerville.”

“Só o que vocês precisam dizer pra si mesmos”, eu disse a eles, “é que ninguém vai estar vendo.”

“Uma das suas manhas de profissional, certo?”, o JJ falou, todo sabido.

“Não”, respondi. “Acredite. Literalmente ninguém vai estar vendo. Nunca conheci uma só pessoa que tenha visto meu programa algum dia.”

A sede mundial da FeetUpTV! — chamada pelos funcionários, inevitavelmente, de FútilTV! — fica numa espécie de barracão em Hoxton. A construção abriga uma pequena recepção, dois camarins e um estúdio, onde são feitos os quatro programas da casa, todos produção própria. Toda manhã, uma mulher chamada Candy-Ann vende cosméticos; divido as tardes de quinta com um sujeito que atende pelo nome de DJ Boas-Novas, o qual conversa com os mortos, em geral a pedido da recepcionista, do rapaz que limpa os vidros, do motorista de táxi chamado pra levá-lo pra casa ou de qualquer um que por acaso esteja de passagem por ali. “A letra A significa alguma coisa pra você, Asif?”, nessa linha. As outras tardes da semana são preenchidas com reprises de corridas de cachorro americanas — em algum momento, a intenção foi oferecer aos telespectadores a chance de apostar, mas não deu em nada, e na minha opinião, se não existe a possibilidade da aposta, as corridas de cachorro, especialmente

reprises das corridas de cachorro, perdem um pouco o encanto. Na parte da noite, duas mulheres aparecem conversando sobre (e trajando) roupas íntimas, enquanto a audiência envia mensagens lascivas que as duas ignoram. E é mais ou menos isso. O Declan gerencia o canal pra um misterioso empresário asiático, e a nós, que trabalhamos pra FeetUpTV!, resta apenas presumir que, de alguma forma, por caminhos obtusos e sofisticados demais que não somos capazes de decifrar, estamos envolvidos em coisas como tráfico de drogas pesadas e pornografia infantil. Uma das teorias é que os cachorros de corrida enviam mensagens codificadas a traficantes: se, digamos, o cachorro correndo na raia de fora vence, o recado é pra que, bem cedo na manhã seguinte, o contato da Tailândia envie dois quilos de heroína e quatro meninas de treze anos. Algo assim, pelo menos.

Meus convidados no *Conversa com Sharp* tendem a ser velhos amigos querendo fazer alguma coisa pra ajudar, ou ex-celebridades que entraram num tipo de barco não tão diferente do meu — furado e afundando rápido. Tem semanas em que consigo trazer gente que *foi* alguém, o que deixa todo mundo loucamente excitado, mas quase sempre são convidados que *poderiam ter sido* famosos. A Candy-Ann, o DJ Boas-Novas e as duas senhoras seminuas da noite já apareceram no programa, e não apenas uma, mas várias vezes, pra que os telespectadores pudessem ter a chance de conhecê-los um pouco melhor. (O *Conversa com Sharp* tem duas horas de duração e, embora o departamento de publicidade do programa, leia-se a Karen da recepção, faça o melhor que pode, raramente a conversa precisa ser interrompida por uma mensagem do nosso patrocinador. É altamente improvável que a hipotética audiência saia com a sensação de que o papo foi superficial.) Trazer gente do calibre da Maureen e da Jess era, portanto, uma espécie de trunfo: uma ocasião rara em que convidados vinham ao programa na mesma década em que tinham aparecido nos jornais.

Eu me orgulhava da minha habilidade como entrevistador. Ou melhor, ainda me orgulho, mas, num momento em que parecia não ser capaz de

fazer mais nada direito, me agarrava ao desempenho competente no estúdio como se fosse uma árvore à beira do penhasco. Nos bons tempos, entrevistei atores bêbados e choramingões às oito da manhã e jogadores de futebol bêbados e agressivos às oito da noite. Forcei políticos mentirosos a dizer alguma coisa parecida com a verdade e tive de lidar com mães cujo sofrimento resultava em verborragia, e nem uma só vez permiti que a coisa se tornasse sentimentalóide. O sofá do meu estúdio era minha sala de aula, e eu não tolerava indisciplina. Mesmo durante aqueles meses desesperadores de FeetUpTV!, dedicados a zés-ninguéns e quase-famosos, gente que não tinha nada pra dizer nem era capaz de dizer isso, era reconfortante pensar que havia algum setor da minha vida em que eu era competente. Então, quando a Jess e o JJ resolveram que meu programa era uma piada e passaram a agir segundo essa premissa, fui acometido de certa falência do senso de humor. Gostaria de não ter sofrido essa pane, claro; gostaria de ter conseguido reagir com menos pomposidade, relaxado um pouco mais. Verdade que eu estava tentando instigá-los a falar sobre uma inesquecível experiência que eles nunca tiveram, e que eu sabia que nunca tinham tido. E admito que tal inesquecível e imaginária experiência era ridícula. E ainda assim, apesar dos pesares, por alguma razão eu esperava deles mais profissionalismo.

Não quero me supervalorizar; fazer uma entrevista na tevê não é nenhuma porcaria de ciência balística. A gente conversa com os convidados antes, combina mais ou menos qual vai ser a linha, relembra pra eles algumas das histórias engraçadas que viveram e, no caso específico, os bem conhecidos fatos da ficção que íamos discutir, segundo a entrevista originalmente concedida pela Jess — ou seja, que o anjo parecia com o Matt Damon, flutuou acima do terraço e usava um terno branco folgado. “Não fodam com essa parte”, eu disse a eles, “senão a gente se complica.” E o que acontece? Praticamente no segundo seguinte? Pergunto pro JJ como o anjo estava vestido e ele diz que usava uma camiseta promocional do filme *Enquanto você dormia*, com a Sandra Bullock — um filme que,

por uma dessas sortes, a Jess tinha visto na tevê, e portanto era capaz de resumir com considerável nível de detalhes.

“Se vocês pudessem apenas não perder de vista nosso assunto”, falei. “Muita gente viu *Enquanto você dormia*. Muito poucos viram um anjo.”

“Vai se foder. Não tem ninguém vendo. Você mesmo disse.”

“Isso é só um macete dos profissionais de tevê.”

“Então agora a gente se complicou, porque acabei de dizer ‘vai se foder’. Você vai receber uma porrada de reclamações por causa disso.”

“Acho que nossos telespectadores têm sofisticação suficiente pra saber que experiências radicais às vezes levam a dizer coisas radicais.”

“Ótimo. Vaisefodervaisefodervaisefoder.” Ela fez o costumeiro sinal de desculpas pra Maureen, depois pra câmera, dirigindo-se ao indignado povo inglês. “Enfim, ver o lixo que são os filmes da Sandra Bullock não é uma experiência muito radical.”

“Estamos aqui pra falar do anjo, não da Sandra Bullock.”

“Que anjo?”

E por aí foi, até que o Declan entrou no estúdio trazendo a mulher dos cosméticos e nos tirou do ar, botou na rua e, no meu caso, no sentido literal e no figurado.

JESS

Alguém devia fazer uma música ou outra coisa com o título “Assim vocês me fodem, mãe e pai”. Tipo Assim vocês me fodem, mãe e pai. Me fazem sentir mal pra caralho, ai ai ai. Porque é o que eles fazem. Especialmente pais. Por isso a rima foi pra eles. O meu não ia gostar de escutar isso, mas, se não fosse por mim e pela Jen, ninguém nunca teria ouvido falar dele. É que ele não é, tipo, o chefe da área de Educação — o chefe é o ministro. E tem um monte de assessores e meu pai é só um deles, e trabalha na assessoria especial, o que me faz rir muito porque de especial ele não tem nada. Então meu pai é, tipo, um político fracassado, na real. Se isso tivesse acontecido por ele ter dado com a língua nos dentes e dito o que pensava sobre o Iraque ou sei lá o quê, ninguém se importaria, mas

não; meu pai só fala o que mandam, e mesmo assim não consegue se dar muito bem.

A maioria das pessoas tem cordas que ligam elas a outras pessoas, e o que importa é o quanto essas cordas conseguem ou não conseguem atar. (Conseguem atar. Matar. Sacaram?) Mas a gente nunca sabe o comprimento delas. A corda que liga a Maureen ao Matty tem uns quinze centímetros e está matando ela. A que liga o Martin às filhas dele parece uma coleira que ele, feito um cachorro idiota, pensa que não está ali. Sai correndo pra algum lugar — pra uma casa noturna atrás de alguma menina, pro terraço de um prédio, sei lá pra onde mais — e então, de repente, a corda fica curta e ele é estrangulado, e aí finge estar surpreso, só pra fazer a mesma coisa de novo no dia seguinte. Acho que o JJ tem uma corda ligando ele àquele tal de Eddie, de quem ele vive falando, o cara com quem tocava na banda.

E estou aprendendo que minha corda me liga à Jen, e não à minha mãe ou ao meu pai, ou à nossa casa, que é onde essas cordas normalmente estão atadas. A Jen também chegou a pensar que estava ligada a eles, tenho certeza. Ela se sentia segura simplesmente por ser uma criança que tinha pais, e aí foi andando e andando e andando até cair no precipício ou ir parar no meio do deserto ou no Texas com o mecânico dela. Achou que ia tomar um tranco da corda, mas não tinha corda nenhuma. E descobriu isso do pior jeito. Então eu, agora, estou atada à Jen, mas a Jen não é sólida como uma casa. Ela flutua, paira por aí, ninguém sabe onde está; é, tipo, uma porra de uma inútil, né?

Enfim, não devo nada pra minha mãe e pro meu pai. Minha mãe entende isso. Faz séculos que abandonou qualquer esperança do que quer que seja. Até hoje está arrasada por causa da Jen, odeia meu pai e desistiu de mim, então todas as cartas estão na mesa. Mas meu pai pensa, sério, que devo alguma coisa pra ele, o que é uma piada. Por exemplo: ficava me mostrando uns artigos que escreveram sobre ele, em que diziam que ele devia renunciar porque a filha estava fodida, como se fosse problema meu.

E eu, tipo, E daí? Renuncia. Ou não. Sei lá. Ele precisava era de aconselhamento profissional, e não da filha.

Não que a gente tenha aparecido nos jornais por muito tempo, enfim. Ainda tiramos uma grana de um talk show novo no Channel 5. Dessa vez íamos tentar fazer direito, de verdade, mas a entrevistadora me deu nos nervos, sério, então falei pra ela que o negócio era todo inventado pra faturar uma grana, aí ela passou um sermão na gente e saímos debaixo das vaias daquela plateia de velhotas descerebradas e idiotas. E foi isso, ninguém mais quis entrevistar a gente. Nosso passatempo voltava a ser nós mesmos. Não era muito difícil. Eu estava cheia de ideias.

Por exemplo: foi ideia minha a gente se encontrar regularmente pra um café — na casa da Maureen ou em algum lugar de Islington, quando conseguíssemos alguém pra tomar conta do Matty. Não nos importávamos de gastar um pouco do nosso dinheiro com babás ou sei lá como chamam; fingíamos que era pra Maureen poder dar um tempo que topávamos o esquema, mas na real era porque não queríamos ir na casa dela o tempo todo. Sem querer ofender, mas o Matty ali era, tipo, um negócio bem deprê em todos os sentidos.

O Martin, claro, não gostou da minha ideia. Primeiro quis saber o que eu queria dizer com “regularmente”, porque não estava a fim de compromisso. E eu, tipo, É, tá certo, sem filhas nem mulher nem namorada nem emprego, deve ser difícil encontrar tempo, e ele respondeu que não era questão de tempo, na verdade, mas de opção, então tive que lembrar ao Martin que ele tinha concordado em fazer parte da nossa galera. E ele, tipo, E daí?, e eu: Então qual é a lógica de concordar?, e ele: Nenhuma. E achou graça, porque era mais ou menos o que eu tinha dito no terraço, na noite de Ano-Novo. E falei, tipo, Bom, você é muito mais velho que eu, e acontece que minha jovem mente ainda não está completamente formada, e ele: Concordo plenamente.

E aí não conseguíamos entrar em acordo sobre onde seriam os encontros. Eu queria que fossem num Starbucks, porque gosto de

frappuccinos e tal, mas o JJ falou que não curtia franquias multinacionais, e o Martin tinha lido em alguma revista metida a besta sobre um café todo descolado entre a Essex Road e a Upper Street, onde aparentemente os caras plantavam os próprios grãos enquanto o cliente ficava esperando ou algo do tipo. Então, pra deixar ele feliz, a gente se encontrou lá.

Enfim, o lugar tinha acabado de mudar de nome e de estilo. O visual descolado não tinha dado certo, então o café não era mais metido a besta. Antes se chamava Três Marias, que é o nome de uma represa no Brasil, mas o cara que administrava o lugar achou que confundia as pessoas, afinal, o que tinha uma Maria a ver com café, que dirá três? E nem a primeira Maria estava à mão. Então agora o nome era Capitão Café e todo mundo entendia o que era vendido ali, mas não parecia ter feito muita diferença. Estava vazio do mesmo jeito.

A gente entrou. O cara que atendia estava usando um velho uniforme militar, nos cumprimentou e disse: Capitão Café às suas ordens. Achei engraçado, mas o Martin falou, tipo, Pelo amor de Deus, e queria cair fora, mas o Capitão Café não deixou, de tão desesperado que estava. Disse que o café era grátis na primeira visita, e ainda ganhávamos uma torta, se quiséssemos. Aí acabamos ficando, mas apareceu outro problema: o lugar era minúsculo. Tinha, tipo, três mesas, todas a uns quinze centímetros do balcão, o que significava que o Capitão Café, debruçado ali, ia ouvir tudo o que a gente dissesse.

E, considerando quem éramos e o que tinha acontecido conosco, queríamos falar de coisas pessoais, portanto era constrangedor ter aquele cara parado ali.

O Martin falou, tipo, Vamos tomar logo esse café e sair daqui. Mas o Capitão Café retrucou Qual é o problema agora? Então eu disse: A questão é que a gente precisa ter uma conversa particular, e ele respondeu que entendia perfeitamente e que ia esperar lá fora até a gente terminar. E eu disse: Mas, sério, tudo o que a gente conversar aqui é privado, por razões sobre as quais não posso falar. E ele respondeu que não tinha problema,

que ia esperar lá fora mesmo, a não ser que chegasse outro cliente. E foi o que fez, e por isso acabamos marcando nossos cafés no Starbucks. Era complicado manter a concentração no quanto éramos infelizes com aquele imbecil de uniforme militar parado do lado de fora, conferindo pela vitrine se a gente não estava roubando uns biscoitos, ou *biscuits*, como ele chamava. A galera fica falando que lugares como o Starbucks são impessoais e tal, mas e se é isso mesmo que você quer? Eu ia ficar perdida se gente como o JJ e esse pessoal ganhasse a parada e não existisse mais nada impessoal no mundo. Gosto de pensar que existem lugares enormes sem janelas, onde ninguém está nem aí. A pessoa precisa ser segura de si pra entrar em lugares pequenos com clientes habituais, pequenas livrarias e pequenas lojas de discos e pequenos restaurantes e cafés. Fico na maior felicidade numa Virgin Megastore, numa Borders, num Starbucks ou num Pizza Express, onde ninguém está nem aí, nem sabe quem você é. Minha mãe e meu pai vivem falando desses lugares, que não têm alma, e eu digo, tipo, dã. Aí é que está a graça.

O clube de leitura foi ideia do JJ. Ele disse que a galera faz muito isso nos Estados Unidos, leem livros e conversam sobre eles; o Martin ponderou que esses grupos estavam se tornando populares também por aqui, mas eu nunca tinha ouvido falar, então não deve ser coisa que esteja tão na moda assim, ou eu teria lido alguma coisa na *Dazed and Confused*. O lance, pra gente, era poder conversar sobre Outra Coisa, tipo assim, sem entrar em onda sobre quem era imbecil e quem era idiota, como geralmente terminavam nossas tardes no Starbucks. E o que decidimos foi que íamos ler livros de autores que tivessem se matado. Eram, tipo, gente nossa, então pensamos que devíamos descobrir o que tinha passado naquelas cabeças. O Martin falou que talvez a gente aprendesse mais com pessoas que não tivessem se suicidado — que devíamos ler sobre por que era tão bacana estar vivo, e não sobre as maravilhas de tirar a própria vida. Mas acontece que tem, tipo, um bilhão de autores que não se mataram, e três ou quatro que sim, então optamos

pelo mais fácil, pela pilha menor. Fizemos uma votação sobre se usaríamos nosso fundo de aparições na mídia pra comprar os livros.

Enfim, acabou que o caminho que escolhemos não era o mais fácil de jeito nenhum. Puta que pariu! Vocês deviam tentar ler os troços escritos por esse pessoal suicida! A gente começou com a Virginia Woolf, e li só, tipo, umas duas páginas de um livro sobre um farol, mas já foi suficiente pra saber por que ela se matou: foi porque não conseguia se fazer entender. Basta ler uma frase pra perceber. Meio que me identifiquei com ela, porque sofro disso às vezes, mas o erro da Virginia foi tornar o negócio público. Bom, sorte que ela fez isso, em certo sentido, porque deixou, tipo, uma memória pra que gente como nós pudesse aprender com as dificuldades e tal, mas pra ela foi azar. E, também, ela foi mesmo meio azarada, se parar pra pensar, porque antigamente qualquer um conseguia publicar um livro, pois nem tinha muita competição. Então a pessoa podia entrar numa editora e dizer, tipo, Quero que vocês publiquem isto aqui, e os caras, tipo, Ah, tudo bem então. Enquanto, hoje, iam dizer Não, querida, pode ir embora, ninguém vai entender você. Em vez de escrever, tente fazer pilates ou vá dançar salsa.

O JJ foi o único que achou o livro sensacional, aí tirei uma com a cara dele, que também tirou uma com a minha por eu não ter gostado. Ficou dizendo, tipo, É porque o seu pai gosta de livros? É por isso que você posa de burrinha? E essa era fácil de responder, porque meu pai não lê nada, sinto muito, e falei isso pro JJ. E aí eu disse É porque você saiu da escola? É por isso que acha que tudo quanto é livro é sensacional, quando alguns são uma bosta? Porque tem gente que é assim, né? Não se pode dizer nada sobre livros porque livros são livros, tipo, são Deus. Enfim, ele não gostou muito daquilo, o que significa que botei o dedo na ferida. Falou que já estava vendo no que ia dar aquele nosso grupo de leitura, que eu ia avacalhar com tudo, e como ele tinha sido idiota de esperar alguma coisa diferente. E eu, tipo, Não vou avacalhar com nada. Se um livro for uma bosta, vou dizer que é. E ele: Pode crer, só que você vai dizer que todos são

uma bosta, né, porque, porra, você é sempre do contra, desculpa, Maureen. E eu disse É, e você, como é um puxa-saco, vai dizer que todos são sensacionais. E ele: E são mesmo, e começou a falar de todo esse pessoal que a gente devia discutir nas reuniões do grupo — Sylvia Plath, Primo Levi, Hemingway. Aí eu disse: Qual é a graça dessas discussões, se você já sabe que todos são sensacionais? O que tem de divertido? E ele: Isto aqui não é que nem o *Pop Idol*, cara. Não é pra você votar no melhor. São todos bons, a gente já parte daí, e então conversa sobre as ideias dos autores. E eu, tipo, Bom, se o parâmetro é a Virginia, então acho que nem todos são sensacionais. Acho o contrário, sério. E o JJ ficou bem contrariado e rolou um clima desagradável, então o Martin se meteu e decidiu que a gente não ia mais falar de livros por um tempo, em outras palavras, nunca mais. Foi aí que resolvemos fazer uma tentativa com músicos suicidas. A Maureen nunca tinha ouvido falar do Kurt Cobain, dá pra acreditar?

Eu penso, sim. Sei que ninguém acredita, mas penso. É só que meu jeito de pensar é diferente do jeito de todo mundo. Antes de pensar, preciso ficar furiosa, talvez um pouquinho violenta, o que já saquei que é meio irritante pras outras pessoas, mas grande merda. Enfim, naquela noite, na cama, pensei no JJ e no que ele tinha dito, que eu odiava livros por meu pai ser leitor. E é verdade o que falei, que ele não é, na verdade não, embora, por causa da posição dele, tenha que fingir que é.

A Jen, sim, lia. Adorava seus livros, mas eles me metiam medo. Metiam medo quando ela ainda estava aqui e metem até mais medo agora. O que tinha neles? O que eles diziam pra ela quando estava infeliz e era só eles que ela escutava e ninguém mais — nem os amigos nem a irmã, ninguém? Saí da cama e fui até o quarto da Jen, que continua exatamente igual a como ela deixou no dia em que foi embora. (Direto a gente vê fazerem isso nos filmes e diz tá bom, como se ninguém pensasse em fazer ali um quarto de hóspedes, ou um lugar pra enfiar tralha. Mas quero ver vocês tentarem entrar num quarto desses pra zoar com tudo ali.) E lá estavam eles: **A**

*história secreta, Ardil-22, O sol é para todos, O apanhador no campo de centeio, Sem logo, A taça de ouro* (livro que, coincidência ou não, era um dos que o JJ queria que a gente lesse), *Crime e castigo, 1984, Os melhores lugares para quem quer desaparecer...* Só brincadeirainha, este último.

Não acho que eu chegaria a ser uma grande leitora, porque em casa ela é que era cabeça, não eu, mas tenho certeza de que teria sido uma leitora melhor se ela não tivesse me desanimado indo embora. Não era a primeira vez que eu ia até o quarto da Jen, e não seria a última, eu sabia, e os livros todos ali, olhando pra mim, e o que eu mais odiava era saber que talvez algum deles me ajudasse a entender. Não estou dizendo que vá encontrar alguma frase sublinhada que me dê uma pista de onde minha irmã está, embora eu tenha procurado, um tempo atrás. Dei uma folheada, só pro caso dela, tipo, ter colocado um ponto de interrogação ao lado de País de Gales, ou circulado Texas. Só estou dizendo que, se lesse tudo o que ela amava, e tudo o que tinha recebido alguma atenção dela naqueles meses finais, teria uma noção de onde andava a cabeça da minha irmã. Nem sei se esses livros são sérios ou tristes ou assustadores. E talvez vocês achem que eu devia querer descobrir, né, considerando o tanto que eu amava a Jen e tudo mais. Mas não quero. Não consigo. Não consigo porque sou preguiçosa e idiota demais, e nem mesmo sou capaz de fazer um esforço nesse sentido porque alguma coisa me impede. Os livros simplesmente continuam ali, olhando pra mim, dia após dia, e já sei que, dia desses, vou fazer uma grande pilha e queimar todos eles.

Portanto, não, não sou uma grande leitora.

JJ

Tive que levar nas costas nossa programação cultural, porque nenhum dos outros sabia nada de nada. A Maureen pegava livros na biblioteca a cada duas semanas, mas na real não lia umas paradas que a gente pudesse discutir, não sei se vocês me entendem, a não ser que fôssemos falar sobre se a enfermeira devia casar com o cara rico e mau ou com o cara pobre e

bonzinho. E o Martin não era um grande fã de literatura. Disse que tinha lido uma pá de livros na cadeia, mas a maioria biografias de gente que superou grandes adversidades, tipo o Nelson Mandela e essas figuras. Meu palpite é que o Nelson Mandela talvez não chegasse a considerar o Martin uma alma gêmea. Observando atentamente a vida dos dois, a gente percebe que acabaram presos por razões diferentes. E, acreditem em mim, vocês não vão querer saber qual era a opinião da Jess sobre livros. Achariam ofensiva.

Ela meio que tinha razão quanto a mim, porém. E como poderia não ter? Passei minha vida inteira com pessoas que não liam — meus velhos, minha irmã, a maior parte da banda, especialmente os dois da cozinha — e depois de um tempo isso acaba mesmo levando a gente a ficar na defensiva. Quantas vezes o cara aguenta ser chamado de viado antes de estourar? Não que eu me importe de ser chamado de viado e blabláblá, e alguns dos meus melhores amigos são blabláblá, mas pra mim ser viado tem a ver com gostar ou não de caras, e não com gostar ou não do Don DeLillo — que é um cara, tudo bem, mas é dos livros e não da bunda dele que eu gosto. Por que o hábito da leitura tira a galera do sério desse jeito? Claro, é possível que eu fosse bem antissocial nas turnês, mas, se passasse horas e horas jogando um Gameboy, ninguém ia pegar no meu pé. No meu círculo de convivência, ficar explodindo umas porras de uns monstros é socialmente aceitável, mas a *Pastoral americana*, não.

O Eddie era o pior de todos. A gente parecia um casal, e era como se pegar um livro fosse meu jeito de dizer pra ele, toda noite, que estava com dor de cabeça. E, como num casamento, quanto mais tempo juntos, pior isso ficava; mas, pensando agora, quanto mais tempo juntos, pior tudo ficava. A gente sabia que não ia dar certo, como banda e talvez nem como amigos, e aí os dois entramos em pânico. E me ver lendo só fazia o Eddie ficar ainda mais em pânico, porque acho que ele tinha essa ideia besta de que ler ia me ajudar a encontrar uma carreira diferente. Pode crer, como se fosse bem assim. “Ei, você gosta do Updike? Ah, então deve ser um cara

legal. Pode vir trabalhar na nossa agência de publicidade. Salário de cem mil dólares.” Passamos aqueles anos todos conversando sobre as paradas que tínhamos em comum, e os meses finais reparando em tudo o que tínhamos de diferente, o que partiu o coração de ambos.

E tudo isso pra explicar da forma mais pé-no-saco possível por que saí do sério com a Jess. Tinha deixado pra trás um bando de iletrados agressivos e, puta que pariu, certeza que agora é que não ia me juntar a outro bando igual. Quando a gente está infeliz, acho que tudo no mundo — ler, comer, dormir — guarda lá no fundo alguma coisa que aumenta ainda mais a infelicidade.

E pensei, por alguma razão, que com a música seria mais fácil, o que, considerando que sou músico, não foi uma ideia muito inteligente. Investi apenas um pouco nos livros, mas a vida inteira na música. Achei que não podia dar errado com o Nick Drake, especialmente num lugar cheio de gente deprê. Se vocês ainda não escutaram... Cara, parece que ele pôs no caldeirão toda a melancolia do mundo, todas as feridas e todos os sonhos fodidos e esquecidos, e dali tirou uma essência que guardou numa garrafinha minúscula fechada com uma rolha. E que, ao começar a tocar e cantar, ele tira a rolha e a gente sente o aroma. E fica grudado na cadeira, como se aquilo fosse uma parede de som, mas não — é parado e quieto, e a gente não quer nem respirar de medo de espantar a sensação dali. E, quando fomos ouvir o Nick Drake lá na Maureen, porque no Starbucks não podíamos colocar pra tocar nossa própria música, tinha o som do Matty respirando, e aquilo parecia um instrumento a mais, assustador, acompanhando a música. E eu ali, pensando: cara, isso vai mudar a vida dessa galera *pra sempre*.

No final da primeira canção, a Jess começou a enfiar o dedo na goela e fazer umas caretas.

“Mas esse cara é um *mala*”, ela disse. “É tipo, sei lá, um *poeta* ou alguma coisa assim.” O que pretendia ser um insulto: eu estava gastando

meus dias na companhia de alguém que achava que poetas eram criaturas cujo hábitat talvez fosse seu intestino grosso.

“Não me incomoda”, o Martin falou. “Se o cara estivesse tocando em algum wine bar, eu ficaria pra ouvir.”

“Eu não”, disse a Jess.

Me perguntei se seria possível socar ambos ao mesmo tempo, mas rejeitei a ideia porque assim acabaria com a parada rápido demais, sem que houvesse dor suficiente envolvida. Ia querer continuar a massacrar os dois depois de caídos, o que significava que teria que pegar um de cada vez. Isso se chama fúria musical, parecida com a fúria de trânsito, só que mais justificada. Quando o cara fica furioso no trânsito, uma partezinha dele sabe que aquilo é agir feito um babaca, mas a fúria musical é levar a cabo a vontade divina, e Deus quer que aquelas pessoas morram.

E aí aconteceu a parada mais esquisita, se é que dá pra chamar de esquisita uma reação profunda a *Five Leaves Left*.

“Você não sabe escutar?”, a Maureen falou de repente. “Não consegue perceber como ele está infeliz, e como são bonitas essas músicas?”

Olhamos pra ela, e então a Jess se voltou pra mim.

“Haha”, ela riu. “Você gosta de uma coisa que a Maureen gosta.” Ela cantarolou esta última frase, feito uma criancinha, nananá.

“Não finja ser mais boba do que você já é, Jess”, a Maureen falou. “Porque normalmente você já é muito.” Ela estava bufando. Também tinha sido tomada pela fúria musical. “Simplesmente pare um momento pra escutar e deixe de graça.”

E a Jess percebeu que ela falava sério e calou a boca, e aí a gente escutou o resto do disco em silêncio, e era possível, olhando atentamente pra Maureen, ver que os olhos dela brilhavam um pouco.

“Quando ele morreu?”

“Setenta e quatro. Tinha vinte e seis anos.”

“Vinte e seis.” Ela ficou calada por um momento, pensativa, e eu esperava, de verdade, que estivesse sentindo muito pelo Nick e pela família

dele. A outra possibilidade era que o invejasse por ter se poupado de todos aqueles anos a mais e desnecessários. A gente quer que as pessoas reajam, mas às vezes elas exageram na reação, saca?

“Ninguém quer ouvir isso, não é mesmo?”, ela disse.

Ninguém falou nada, pois não tivemos certeza do que a Maureen queria dizer.

“É assim que me sinto todos os dias, e ninguém quer saber. Preferem que eu me sinta como o Tom Jones faz a gente se sentir. Ou aquela moça australiana da série *Neighbours*. Mas é assim que me sinto, e ninguém toca isso no rádio, porque gente triste não tem vez.”

Nunca tínhamos ouvido a Maureen falar daquele jeito, nem sabíamos que ela era capaz disso, e nem mesmo a Jess quis interromper.

“É engraçado, porque as pessoas acham que é o Matty que me impede de ter uma vida. Mas não é bem ele o problema. Dá uma trabalhadeira, mas... O que me impede de viver é como o Matty faz eu me sentir. A gente nunca sabe o peso das coisas. Tem de adivinhar o tempo inteiro se o negócio está pesado ou leve, especialmente dentro da gente mesma, e se engana e irrita as pessoas. Estou cansada disso.”

E então, de repente, fiquei orgulhoso da Maureen, porque tinha entendido, e porque também sentia a fúria musical, e quis dizer a coisa certa pra ela.

“Você precisa de umas férias.”

Falei isso pra ser simpático, mas aí lembrei do Tony Cósmico, e me dei conta de que era ele quem tinha a grana.

“Ei. Que tal? Por que não?”, eu disse. “Vamos levar a Maureen pra tirar umas férias em algum lugar.”

O Martin caiu na risada.

“Tá, legal”, disse a Jess. “Agora a gente virou o quê? Voluntários de algum lar pra idosos ou algo assim?”

“A Maureen não é velha”, falei. “Quantos anos você tem, Maureen?”

“Cinquenta e um”, ela respondeu.

“Tá, então não é de um lar pra idosos. É de um lar pra chatos.”

“E o que faz de você a pessoa mais fascinante do planeta?”, perguntou o Martin.

“Pra começar, não tenho aquela cara ali. Enfim, pensei que você estava do meu lado.”

E quase que imperceptivelmente, em meio à risada e ao deboche geral, a Maureen tinha começado a chorar.

“Desculpa, Maureen”, o Martin falou. “Eu não queria ser deselegante. É só que não consegui imaginar nós quatro sentados à beira de uma piscina em traje de banho.”

“Não, não”, disse a Maureen. “Não fiquei ofendida. Não muito, enfim. E sei que ninguém quer sair de férias comigo, tudo bem. Apenas me emocionei um pouco do JJ sugerir. Faz tanto tempo que... Ninguém me... Eu não... É que foi gentil da parte dele, só isso.”

“Ah, puta que pariu”, o Martin falou, baixinho. Ora, “puta que pariu” pode significar um monte de coisas diferentes, saca, mas ali não teve ambiguidade nenhuma; todo mundo entendeu. O que o Martin queria dizer com “puta que pariu”, naquele contexto, se é que posso explicar uma obscenidade com outra, era que ele estava fodido. Porque que tipo de babaca ia virar pra Maureen e, saca, dizer: “Pode crer, bom, o que vale é a intenção. Espero que já seja suficiente pra você”.

E uns cinco dias depois estávamos num avião rumo a Tenerife.

MAUREEN

A decisão foi deles, não minha. Não me sentia no direito de decidir, não mesmo, ainda que um quarto do dinheiro me pertencesse. Como tudo aquilo tinha começado comigo, que fiz menção a férias na conversa com o JJ sobre o Tony Cósmico, achei que não era direito participar da votação. O que eu fiz, acho, foi me abster.

Mas também não houve nenhum grande debate. Todo mundo estava a favor. A única discussão era sobre se devíamos ir de uma vez ou esperar o verão, por causa do clima, mas o sentimento geral foi de que, levando tudo

em conta, era melhor a gente ir logo, antes do Dia dos Namorados. Por um momento eles acharam que tínhamos como bancar uma viagem para o Caribe, Barbados ou algum lugar assim, até o Martin observar que a despesa do Matty na clínica precisaria ser paga também com nosso dinheiro.

“Vamos sem a Maureen, então”, disse a Jess, e cheguei a ficar magoada, mas aí percebi que ela estava brincando.

Não consigo lembrar da última vez que chorei de felicidade. Não estou dizendo isso porque quero que sintam pena de mim; é só que aquela era uma sensação estranha. Quando o JJ falou que tinha uma ideia, e em seguida explicou qual era, eu nem sequer me permiti pensar naquilo, um momento que fosse, como uma possibilidade real.

Engraçado, mas até ali a gente nunca tinha tratado bem uns aos outros, na verdade. Era de imaginar que isso fosse parte da história, considerando como nos conhecemos. Era de imaginar que seria a história de quatro pessoas que se encontraram porque estavam infelizes e quiseram se ajudar. Mas não tinha sido isso até então, nem um pouco, nada parecido, a menos que se colocasse na conta o Martin e eu termos sentado em cima da Jess. E mesmo isso tinha sido uma espécie de crueldade do bem, mais do que se tratar bem, pura e simplesmente. Até aquele momento, era a história de quatro pessoas que se conheceram porque estavam infelizes e passaram a se xingar. Três delas, pelo menos.

Eu continuava soluçando um pouquinho, o que estava deixando todo mundo constrangido, inclusive eu mesma.

“P... que pariu”, disse a Jess. “É só uma semana nas porcarias das Ilhas Canárias. Já fui pra lá. Não tem nada de mais: praias e clubes e tal.”

Queria contar à Jess que nem mesmo uma praia da Inglaterra eu via desde que o Matty saiu da escola; costumavam levar os alunos numa excursão para Brighton todo ano, e fui com eles uma ou duas vezes. Não contei nada, porém. Posso não saber o peso de muitas coisas, mas senti qual era o peso ali, então guardei a coisa para mim. A gente sabe que a situação

não é boa quando não pode contar às pessoas nem os fatos mais banais da vida, simplesmente porque vão interpretar isso como um pedido de compaixão. Acho que é por isso que nos sentimos tão distantes de todos, no fim das contas; qualquer coisa que pensamos em contar só acaba por fazer com que os outros se sintam péssimos.

Quero descrever cada momento da viagem, pois tudo pareceu tão emocionante, mas isso provavelmente seria um erro também. Se vocês são como todo mundo, já sabem como é um aeroporto, os sons e os cheiros que tem, e, se eu fosse contar essas coisas, seria só outro jeito de dizer que passei dez anos sem ver o mar. Tirei um passaporte de um ano de validade na agência dos correios, e até isso já foi motivo de muita emoção, porque encontrei uma ou duas pessoas da igreja na fila e elas sabem que não sou muito de viajar. Uma dessas pessoas era a Bridgid, aquela que não me convidou para uma festa de Ano-Novo à qual não compareci; um dia, pensei, vou contar como foi que ela me ajudou a fazer minha primeira viagem ao exterior. Mas, antes de tentar fazer isso, eu precisaria, de verdade, saber o peso das coisas.

Vocês provavelmente sabem que a gente senta em fileiras de três assentos. Me deixaram sentar na janela, pois todos já tinham andado de avião antes. O Martin sentou na poltrona do meio e, durante uns minutos, o JJ na poltrona vizinha, do corredor. Um pouquinho depois, a Jess precisou trocar de lugar com o JJ porque tinha discutido com a mulher ao lado dela pelo saquinho de castanhas que os passageiros ganham, e saiu grito e alguma confusão. Outra coisa que vocês provavelmente sabem é que faz um barulho terrível durante a decolagem, e que às vezes o avião balança no ar. Bom, claro que eu não sabia de nada disso, e me deu um gelo no estômago, e o Martin precisou segurar minha mão e conversar um pouco comigo.

E vocês provavelmente também sabem que, quando a gente olha pela janela de um avião e vê o mundo encolher daquele jeito, não consegue evitar de pensar na vida inteira, do começo até ali, e em todo mundo que

já conheceu. E devem saber que pensar nessas coisas faz a gente se sentir agradecida a Deus por ter tudo isso, e furiosa com Ele por não nos ajudar a ter uma compreensão melhor de tudo, e acaba ficando terrivelmente confusa e precisando falar com um padre. Decidi que na volta não sentaria na janela. E esse pessoal da alta sociedade, que tem de voar uma ou duas vezes por ano? Não sei como conseguem, não sei mesmo.

Não ter o Matty comigo era como estar sem uma perna. Era estranho a esse ponto. Mas ao mesmo tempo apreciei aquela leveza, então provavelmente a sensação não era nem um pouco como a de não ter uma perna, pois não acho que alguém que tenha sido amputado aprecie muito a leveza de sua condição. E eu ia dizer que era muito mais fácil me deslocar sem o Matty, mas sem uma perna é muito mais difícil, não é mesmo? De modo que seria mais correto dizer que estar naquele avião sem o Matty era como não ter uma terceira perna, porque uma terceira perna, imagino, daria uma sensação de mais peso e de uma coisa atrapalhando, e a pessoa ficaria aliviada se a amputassem. Quando o avião estava balançando foi que senti mais falta do Matty; pensei que ia morrer, e não tinha me despedido dele. Aí entrei em pânico.

Na primeira noite, a gente não discutiu. Todo mundo estava feliz, até a Jess. O hotel era agradável e limpo, e cada um tinha seu próprio banheiro com chuveiro, o que eu não esperava. Quando abri as cortinas, a luz invadiu o quarto como uma torrente d'água arrebatando uma represa, e por pouco não fui nocauteada. Meus joelhos bambearam por um momento e precisei me apoiar na parede. O mar também era parte da vista, mas não tinha a força e o vigor da luz; estava parado e azul, fazendo um barulhinho murmurante. Algumas pessoas podem ter essa vista na hora que quiserem, pensei, mas então tive de parar, porque esse tipo de pensamento tomaria o lugar das coisas nas quais eu queria realmente pensar. Era um momento para me sentir agradecida, e não ficar cobiçando a mulher do próximo, ou sua vista do mar.

Comemos num restaurante da orla, não muito longe do hotel. Pedi um belo filé de peixe, os rapazes comeram lula e lagosta e a Jess, um hambúrguer, e também bebi duas ou três taças de vinho. Não vou contar a vocês quando tinha sido a última vez que eu tinha saído para comer fora ou bebido vinho numa refeição, estou aprendendo a não fazer isso. Nem aos outros eu tentei contar, porque pude eu mesma sentir o peso daquilo, e sabia que seria mais do que eles estavam dispostos a carregar. Enfim, eles sabiam, àquela altura, que há séculos eu não fazia nada além das coisas do dia a dia. Já nem perguntavam.

Mas gostaria de dizer uma coisa, e não me importa como vai soar: aquele foi o melhor jantar da minha vida, e talvez aquela tenha sido a melhor noite também. Será que é tão terrível assim dizer algo de positivo?

MARTIN

A primeira noite não foi tão ruim, acho. Fui reconhecido uma ou duas vezes, e acabei tendo que usar o boné de beisebol do JJ enterrado até os olhos, o que me deixou deprimido. Não sou do tipo que usa boné, e abomino pessoas que jantam com qualquer tipo de chapéu. Comemos uns frutos do mar bem meia-boca, num desses lugares da orla que são armadilhas pra turista, e a única razão pra eu não ter reclamado de mais ou menos tudo foi a expressão no rosto da Maureen: o linguado de microondas e o vinho branco morno que ela pediu a transportaram pra outra dimensão, e me pareceu que seria grosseria estragar a festa.

A Maureen nunca tinha ido a lugar nenhum, e poucos meses antes eu estava em viagem de férias. A Penny e eu passamos alguns dias em Maiorca depois que deixei a cadeia. Ficamos numa casa de campo nos arredores de Deya, e achei que aqueles seriam os melhores dias da minha vida, já que os três piores meses tinham ficado pra trás. Mas claro que não foram nada disso; descrever a cadeia como os piores três meses da vida de alguém é como dizer que um terrível acidente de carro foram os piores dez segundos. Parece lógico e cristalino; parece correto. Mas não é, porque o pior vem depois, quando o cara acorda no hospital e fica sabendo que a

mulher morreu, ou que teve as duas pernas amputadas, e que, portanto, o pior está apenas começando. Sei que é meio depressivo falar assim de férias numa ilha mediterrânea perfeitamente agradável, mas foi em Maiorca que me dei conta de que o pior não tinha nem de longe passado, e de que talvez nunca passasse. A cadeia foi humilhante e aterrorizante, um anestésico mental, brutalmente destrutivo espiritualmente, algo que a expressão “perdição da alma” não é capaz de expressar. Vocês sabem o que é o “joguinho de adivinhação” na cadeia? Eu também não sabia até minha primeira noite lá. São perguntas que os psicopatas berram de um bloco ao outro, todas elas versando sobre o que os participantes do jogo gostariam de ver acontecer a novatos impopulares e/ou célebres. Fui o alvo de um “joguinho de adivinhação” na primeira noite; não vou me dar ao trabalho de listar nem as sugestões mais imaginativas, mas basta dizer que não dormi muito bem e, pela primeira vez na vida, tive intensas fantasias de vingança. Foquei tudo no dia da minha libertação e, embora aquele primeiro amanhecer tenha trazido imenso alívio, a sensação não durou muito.

Criminosos cumprem suas penas, mas, com todo respeito aos meus companheiros da Ala B, eu não era um deles, na verdade; era um apresentador de tevê que tinha cometido um erro, o que significava, paradoxalmente, que jamais terminaria de pagar minha sentença. A questão era de classe e, me desculpem, mas não faz sentido fingir que não era. Vejam, os demais detentos iam acabar voltando pra sua vida de roubo e tráfico de drogas e, possivelmente, até a consertar telhados ou seja lá que diabo fosse que faziam até terem suas carreiras interrompidas; o tempo de cadeia não representaria impedimento nem social nem profissional. Era até possível, aliás, que os ajudasse nos negócios e melhorasse seu status.

Mas o cara não volta pra classe média depois de ter estado em cana. Acabou, está fora. Não vai até a chefia de programação diurna da emissora e diz que está pronto pra retomar o assento atrás da bancada do *Bom Dia*. Não bate na porta dos amigos e comunica que está aberto a convites pra

jantar. E nem se dá ao trabalho de informar à ex-mulher que quer ver as crianças. Duvido que a sra. Traficante fosse tentar impedi-lo de ter acesso aos filhos, e que os parceiros de pub dele se recolhessem num canto cochichando sua desaprovação ao amigo. Aposto que pagariam uma bebida e arrumariam uma mulher pra ele, isso sim. Pensei muito e por muito tempo nisso, e acabei por me tornar um radical nessa questão da reforma penal: cheguei à conclusão de que ninguém com vencimentos superiores a, digamos, setenta e cinco mil libras por ano devia ir pra cadeia, porque a punição será muito mais severa que o crime. O sujeito devia só frequentar um terapeuta, dar dinheiro pra caridade, ou algo do tipo.

Nas férias com a Penny, pela primeira vez tive noção do tamanho da minha encrenca, da qual jamais sairia. A casa de campo no final da rua onde nos hospedávamos era ocupada por pessoas que ambos conhecíamos, um casal dono de uma produtora que, nos bons tempos, chegou a oferecer trabalho a nós dois. Uma noite, esbarramos com eles num bar local, e fingiram que não conheciam a gente. Mais tarde, a mulher puxou a Penny de lado no supermercado e explicou que a precaução era com a filha adolescente do casal, uma garota de catorze anos particularmente pouco atraente e que, pra ser honesto, é improvável que venha a perder a virgindade por uns bons anos ainda, e certamente não comigo. Era tudo balela, claro: a preocupação da mulher comigo não era maior em relação à filha do que seria se me visse rondando sua bolsa. Era um jeito de me dizer, como muitos outros fizeram, que eu tinha sido expulso dos Jardins de Islington e condenado à peregrinação eterna no lixo das tevês a cabo.

Então aquele jantar, na primeira noite em Tenerife, só serviu pra me deixar pra baixo. Aquela não era minha turma. Eram apenas pessoas que aceitavam conversar comigo por estarmos no mesmo barco, e um barco no qual não era muito legal estar — um barquinho em mau estado, imprestável pra navegação, e que, percebi de repente, estava prestes a rachar ao meio e naufragar. Um barco feito pra passeios no lago do

Regent's Park, e a gente tentando chegar a Tenerife com ele. Só um idiota pra achar que se manteria à tona por muito mais tempo.

JESS

Não acho que tenha sido tudo minha culpa, no dia seguinte. Admito que em parte foi, mas ter reações exageradas quando as coisas dão errado só atrapalha, né? E acho que certas pessoas exageraram. Como meu pai é do Novo Trabalhismo e tudo mais, vive falando sobre tolerância com gente de culturas diferentes, e acho que o que rolou foi que certas pessoas, ou seja, o Martin, se mostraram intolerantes com a minha cultura, que é, tipo, mais a favor de beber, se drogar e trepar do que a cultura dele. Gosto de pensar que respeito os hábitos do Martin. Não fico dizendo pra ele ir encher a cara e ficar chapado pra caralho e pegar mais garotas. Pois ele devia respeitar mais os meus hábitos. Se eu fosse judia, ele não me mandaria comer porco, então por que dizer pra eu não fazer outras coisas?

Entre o primeiro e o último disco dos Beatles o intervalo é de apenas sete anos. Não é nada, sete anos, se a gente pensar no quanto os cortes de cabelo e a música deles mudaram nesse tempo. Tem banda, hoje em dia, que passa sete anos sem se dar ao trabalho de mudar o que quer que seja. Enfim, depois daqueles sete anos, eles provavelmente estavam por aqui uns dos outros, e dá pra perceber que queriam partir pra coisas novas. O John queria falar de dentro de um saco ou sei lá o quê, o Paul queria ir pra fazenda dele ou o que fosse, e é difícil ver como uma relação assim podia continuar quando os dois pensavam tão diferente, e um deles falava de dentro de um saco. Tá certo, nossa relação não tinha nem sete semanas, mas já éramos diferentes de saída, enquanto o John e o Paul gostavam do mesmo tipo de música e tinham estudado na mesma escola e tal. A gente não contava com nada disso. Nem do mesmo país a gente era. Então, olhando por esse lado, não admira que nossos sete anos tenham se resumido a mais ou menos três semanas.

O que aconteceu foi que, depois de tomar o café da manhã juntos, a gente decidiu pegar cada um o seu rumo até a noite, quando nos

encontraríamos de novo no bar do hotel, tomaríamos um coquetel e sairíamos pra achar um lugar onde comer. E então o JJ foi dar uma nadada na piscina, enquanto a Maureen ficou parada olhando pra gente, e aí resolvi sair sozinha.

Estávamos hospedados no norte da ilha, num lugar chamado Puerto de la Cruz, que era legal. Da outra vez que estive em Tenerife, ficamos no sul, que é doido pacas, mas provavelmente seria doido demais pra Maureen, e aquelas eram pra ser as férias dela, então não liguei muito. Só que eu estava bem a fim de comprar uma erva, e era mais difícil encontrar por ali do que lá embaixo, e foi assim que acabei me metendo na encrenca que, na minha opinião, o Martin não soube respeitar.

Dei uma chegada nuns bares à procura do tipo de galera que pudesse me vender um baseado e, no segundo que entrei, vi uma garota que era a cara da Jen. Não estou exagerando; quando ela olhou pra mim e não me reconheceu, achei que estava me zoando, até que reparei que os olhos não eram tão grandes quanto os da minha irmã e o cabelo estava descolorido; a Jen nunca teria descolorido o cabelo, por mais que quisesse se disfarçar. Enfim, a garota não gostou que fiquei encarando, e então precisei dizer umas pra ela, que era inglesa e, infelizmente, entendeu o que eu tinha dito, aí deu o troco soltando a boca pra cima de mim e eu, tipo, não deixei barato também. E, depois de um tempo que a gente estava nessa, disseram que nós duas íamos ter que sair dali. Vou falar a verdade aqui: eu já tinha mandado duas garrafinhas de Bacardi Breezers, ainda que fosse bem cedo pra isso, e acho que fiquei um pouco agressiva, embora ela não tenha topado sair na porrada quando intimei. E aí foi o de sempre: o irmão da garota-que-não-era-a-Jen, um bar, esse cara, grana, baseado e uns comprimidos, e eu, que não ia entrar nessa até bem mais tarde, acabei entrando ali mesmo, umas pessoas de um lugar chamado Nantwich, o tal cara, pirei, abandonada pirando sozinha. Vômito, largada na areia dormindo, aí acordo, piro de novo, volto pro hotel num carro da polícia. Acho que nunca tinha conhecido ninguém de Nantwich antes, e tudo

aconteceu durante o dia, mas fora isso não passou de uma balada como outra qualquer. Falei pra polícia que o Martin e a Maureen eram meus pais, o que não deixou o Martin muito feliz. Mas não acho que era necessário ele ter saído do hotel. A tormenta teria passado.

Estava me sentindo péssima na manhã seguinte, principalmente porque tinha ido pra cama sem comer nada, mas certeza que os comprimidos, as garrafinhas de Breezers e o baseado não ajudavam a melhorar meu estado. E estava deprê também. Com aquela sensação terrível que a gente tem quando percebe que não dá pra se livrar de quem a gente é, não tem o que fazer. Tipo, dá pra inventar personagens, como eu fiz quando dei uma de mocinha da Jane Austen, na noite de Ano-Novo, e isso dá uma aliviada. Mas é impossível levar a coisa por muito tempo, e aí lá vai você de novo vomitar na porta de uma casa noturna fuleira e chamar os outros pra porrada. Meu pai fica se perguntando por que escolhi ser desse jeito, mas a verdade é que a gente não tem escolha, e é por isso que dá vontade de se matar. Se tento pensar numa vida que não envolva vomitar na porta de casas noturnas fuleiras, não consigo; não me ocorre nada. Eu sou isso; essa é a minha voz, esse é o meu corpo, essa é a minha vida. Jess Crichton, essa é a sua vida, e temos aqui umas pessoas de Nantwich pra falar sobre você.

Uma vez perguntei pro meu pai o que ele seria se não tivesse se tornado político, e ele respondeu que seria político, o que queria dizer, acho, que qualquer coisa que ele fosse neste mundo, que qualquer coisa que fosse fazer, terminaria sempre sendo isso, do mesmo jeito que os gatos, dizem, acabam achando o caminho de volta quando mudam de casa. Ia trabalhar na associação de moradores, ou distribuir panfletos, ou algo do tipo. Qualquer coisa que tivesse a ver, era isso que ele faria. E meu pai falava com um pouco de tristeza; disse que, no fim, era falta de imaginação dele.

E é isso que eu sou: alguém que sofre de falta de imaginação. Podia fazer o que quisesse todos os dias da minha vida, e o que quero fazer,

aparentemente, é me arrebentar e arrumar brigas. Alguém vir me dizer que sou livre pra escolher o que fazer é como falar pra água da banheira, depois de aberto o ralo, que ela pode ir pra onde quiser. Tentem fazer isso e vejam o que acontece.

JJ

Aquele primeiro dia foi legal. De manhã fiquei lendo *The Sportswriter* na beira da piscina, e que porra de livro bacana. E aí pedi um sanduíche, e então... Pô, a verdade da parada é que pensei que já estava na hora de um procedimento de ressuscitação da minha libido, que fazia uns quatro ou cinco meses que respirava por aparelhos e não dava sinais exteriores de vida. Vocês já leram aquele livro que um cara escreveu piscando a pálpebra? Piscava cada vez que sei lá quem que estava ajudando ele apontava pra letra certa do alfabeto. História real. Enfim, a porra da minha libido não teria conseguido nem escrever aquele livro. Mas, sentado na beira da piscina de calção de banho, com o sol aquecendo partes de mim que há muito tempo estavam congeladas, em todos os sentidos da palavra, senti débeis mas inequívocos sinais de vida.

Não que eu tenha saído com a intenção expressa de fazer algo a respeito. Só pensei que podia dar uma volta, uma olhada por ali, talvez tentar retomar contato com aquele lado da vida. Mas primeiro voltei pro quarto pra me vestir. Não sou do tipo que sai sem camisa. Não peso nem, tipo, sessenta quilos, sou magrelo pra caralho, branco feito um fantasma, e não dá pro cara sair se medindo com uns bronzeadões com barriga de tanquinho quando tem uma aparência como a minha. Ainda que encontrasse uma mina do tipo que curte um magrelo fantasmático, ela nem ia se lembrar disso num contexto desses, saca? Se vocês curtissem a Dolly Parton e tocasse uma sonzeira do disco dela num show de hip-hop, simplesmente não ia soar legal. Você não ia, na real, nem conseguir *OUVIR* a porra da música. Então colocar meu jeans preto desbotado e minha velha camiseta dos Drive-By Truckers era meu jeito de me fazer ouvir pelas pessoas certas.

E saca só: não só fui ouvido, se me permitem continuar com o eufemismo, como fui ouvido por alguém que viu a banda ao vivo e curtia a gente. Pô, qual é a chance disso acontecer? Tá, a lembrança que ela tinha da gente não era muito clara, e meio que precisei dar a dica pra ela lembrar que tinha gostado, mas, saca. Mesmo assim. O que rolou foi que, no centro da cidade, topei com uma piscina de água salgada, uma parada bacana projetada por algum artista local, e parei pra uma cerveja e um sanduíche bem em frente. E tinha essa garota inglesa sentada ali, na mesa ao lado, sozinha, lendo um livro chamado *Bel canto*, então eu disse pra ela que também tinha lido o livro, e a gente começou a conversar sobre ele, e acabei passando pra mesa dela. E aí começamos a falar de música, porque *Bel canto* é meio que sobre isso — sobre ópera, enfim, que algumas pessoas pensam que é música —, e a garota falou que a praia dela era mais o rock ‘n’ roll do que a ópera, e eu quis saber, saca, quais bandas? E ela listou uma porrada, e uma delas, chamada Clockers, era uma banda com a qual a gente tinha feito uma turnê uns anos atrás. E a garota tinha ido ver os caras naquela turnê, em Manchester, onde ela mora, e achava que talvez tivesse chegado cedo no show, a tempo de ver a banda de abertura, e falei: “Então, era a gente”. E ela: “Ah, legal. Eu lembro, a banda era bacana”. Eu sei, eu sei, mas é que, naquele período da minha vida, o que viesse era lucro.

Acabamos passando a tarde juntos, e então dei os canos no jantar de família e passamos o início da noite juntos também, e aí, por fim, passamos o resto da noite juntos no meu quarto, porque ela estava dividindo o dela com uma amiga. E aquela era a primeira vez que eu me dava bem desde a última noite com a Lizzie, que foi quase necrofilia, na real.

Na manhã seguinte, a Kathy e eu tomamos o café juntos no restaurante do hotel, e a razão disso não foi só o fato do lugar não ser suficientemente estrelado pra ter serviço de quarto: eu meio que estava ansioso pra esbarrar no resto do pessoal. Por alguma razão achei que receberia aprovação — tá, talvez não da Maureen, mas do Martin, certamente, porque ele sacava

quando via uma garota bonita. E, não sei por quê, mas enfiei na cabeça que mesmo a Jess ia ficar meio que impressionada. Já podia ver os três do outro lado do salão, dois deles cochichando sacanagens, e eu voltando a me sentir um cara legal.

A Maureen foi a primeira a descer. Acenei pra ela quando entrou no salão, pra ser simpático, mas o gesto acabou mal interpretado como um convite pra ela vir sentar com a gente, e ela veio. Olhou desconfiada pra Kathy.

“Alguém do grupo não vem pro café?” Ela não estava sendo mal-educada. Só estava confusa.

“Não, olha só...” Mas aí eu não soube mais o que dizer.

“Eu sou a Kathy”, disse a Kathy, que também estava confusa. “Sou amiga do JJ.”

“O problema é que nesta mesa não tem lugar pra cinco, na verdade”, a Maureen falou.

“Se todo mundo aparecer, a Kathy e eu vamos pra outra”, eu disse.

“Quem é ‘todo mundo?’”, quis saber a Kathy, uma pergunta bem razoável, acho.

“O Martin e a Jess”, disse a Maureen. “Mas a Jess voltou pra casa num carro da polícia, ontem à noite. Então pode ser que durma até mais tarde.”

“Ah”, falei. Pô, queria saber por que a Jess tinha sido trazida pro hotel pela polícia. Mas não naquele exato momento.

“O que ela fez?”, perguntou a Kathy.

“O que é que ela não fez?”, a Maureen respondeu. A garçonete apareceu pra nos servir café, e a Maureen foi buscar croissant no bufê.

A Kathy ficou olhando pra mim. Tinha umas perguntas pra fazer, eu percebia.

“A Maureen é...” Mas aí não consegui pensar num jeito de terminar a frase. E também não precisei, porque a Jess chegou e foi sentando.

“Caralho”, ela disse, seu cartão de visita. “Tô me sentindo uma merda. Normalmente eu diria que uma boa vomitada ajuda a gente a se sentir melhor. Mas vomitei até a alma ontem à noite. Não sobrou nada.”

“Eu sou a Kathy”, disse a Kathy.

“Oi”, a Jess respondeu. “Tô num estado que nem percebi que não te conheço.”

“Sou amiga do JJ”, a Kathy falou, o que acendeu um brilho agourento nos olhos da Jess.

“Que tipo de amiga?”

“A gente se conheceu ontem.”

“E estão tomando café da manhã juntos?”

“Cala a boca, Jess.”

“O que foi que eu disse?”

“O problema é o que você vai dizer.”

“E o que é que eu vou dizer?”

“Não faço ideia.”

“Você já conheceu nossos pais, Kathy?”

O olhar da Kathy procurou nervoso pela Maureen.

“Você é mais corajoso que eu, JJ”, a Jess falou. “Eu é que não trazia um cara com quem tivesse ficado pra mesa do café da manhã da família. Moderno pra caralho, cara.”

“Aquela é sua mãe?”, perguntou a Kathy. Ela tentava agir bem naturalmente, mas dava pra perceber que estava um pouco em pânico.

“Claro que não é minha mãe. A gente nem é do mesmo país. A Jess está só...”

“Ele te falou que era músico?”, disse a Jess. “Aposto que falou. Sempre faz isso. É o único jeito de conseguir namorada. A gente vive dizendo pra ele não sair com essa, porque as pessoas sempre acabam descobrindo no final. E aí ficam decepcionadas. Aposto que disse que era vocalista, né?”

A Kathy fez que sim e me encarou.

“Uma piada. Canta pra ela, JJ. Você devia ouvir ele cantando. Puta que pariu.”

“A Kathy viu um show da minha banda”, falei. Mas, na mesma hora, lembrei que eu é que tinha falado pra Kathy do show, o que não era bem a mesma coisa que ela ter visto a banda. Ela virou pra mim e saquei que estava pensando exatamente nisso. Ah, cara.

A Maureen e seus croissants voltaram pra mesa.

“O que vamos fazer se o Martin descer? Não tem lugar.”

“Ah, não”, a Jess falou. “Aaaaaah. Socorro. Acho que simplesmente vamos entrar em pânico.”

“Acho que talvez seja melhor eu ir”, disse a Kathy. Ela levantou e mandou pra dentro um gole de café.

“A Anna deve estar se perguntando o que aconteceu comigo.”

“A gente podia mudar de mesa”, falei, mas sabia que estava acabado, destruído por uma força malevolente fora do meu controle.

“Até depois”, disse a Jess, animada.

E foi a última vez que vi a Kathy. Se eu fosse ela, estaria até agora repassando aquele diálogo na cabeça, passando as falas pro papel e pedindo a amigos pra encenar a conversa, procurando por algum tipo de pista que me ajudasse a dar sentido àquele café da manhã.

Nunca dá pra saber se a Jess é perspicaz ou se tem sorte. Uma metralhadora verbal que nem ela sempre acaba acertando alguma coisa em algum momento. Mas, seja como for, ela tinha razão: não haveria Kathy se não fosse pela música. Era pra ser uma injeçãozinha de ânimo, minha primeira depois do fim da banda — minha primeira vez sem ser músico, porque já tinha banda quando perdi a virgindade, e desde então sempre toquei numa. Então, depois que ela foi embora, comecei a me preocupar se aquilo algum dia ia dar certo, e se, saca, dali a quarenta anos eu não ia estar numa porra de um lar pra idosos contando pra uma velhinha sem dentes sobre aquela vez que o empresário do REM quis contratar a gente. Quando é que eu ia me tornar uma pessoa — alguém com um emprego,

talvez, e uma personalidade com que os outros pudessem se relacionar? Não serve pra porra nenhuma isso de desistir de uma parada sem colocar outra no lugar. Digamos que eu tivesse simplesmente continuado a falar dos livros que nós dois estávamos lendo, e que jamais tivéssemos mencionado o assunto música... Ainda assim a gente teria ido pra cama? Eu não conseguia ver essa possibilidade. Parecia que sem minha antiga vida eu não tinha vida nenhuma. A injeção de ânimo acabou fazendo eu me sentir totalmente fodido e desesperado.

MAUREEN

Não chegamos a achar nada de mais o Martin ter perdido o café da manhã, mesmo estando incluído na diária. Estava me acostumando com a ideia de que uma ou duas vezes por dia alguma coisa que eu não entendia ia acontecer. Não entendi o que a Jess tinha aprontado na noite anterior, e não entendi também por que havia uma mulher estranha — uma menina, na verdade — na nossa mesa. E agora não entendia onde o Martin tinha ido parar. Mas não entender não parecia importar muito. Às vezes, quando a gente vê um filme policial na tevê, não entende o começo, mas sabe que não é para entender mesmo. E ainda assim assiste, porque no final alguém vai explicar aquelas coisas, se a gente prestar bastante atenção. Eu estava tentando pensar naquela vida com a Jess, o JJ e o Martin como se fosse um filme policial; quando não entendia tudo, dizia a mim mesma para não entrar em pânico. Esperaria até alguém me dar uma pista. E, também, estava começando a ver que nem importava muito, na verdade, se eu não entendesse quase nada. Não tinha entendido bem por que precisávamos dizer que tínhamos visto um anjo, ou como isso tinha nos levado a aparecer na tevê. Mas tudo isso tinha sido esquecido agora, aparentemente, então por que me preocupar? Devo admitir que me preocupei que todos tivessem lugar na mesa do café, mas não porque estivesse confusa. Só não queria que o Martin pensasse que era falta de educação nossa.

Depois do café, tentei ligar para a clínica, mas não consegui sozinha. No fim, precisei pedir ao JJ que ligasse, e ele explicou que tinha que discar

um monte de números extras, e que outros tinham que ficar de fora, e não sei mais o quê. Eu não estava sendo abusada, porque os outros tinham dito que eu podia fazer uma ligação por dia, não importava quanto custasse; senão não ia conseguir relaxar direito.

E aquela ligação... Bom, fez tudo mudar. Aqueles dois ou três minutos, apenas. Mais coisa aconteceu na minha cabeça durante esse telefonema do que no tempo todo que passei naquele terraço. E não teve nada a ver com alguma má notícia, ou com qualquer tipo de notícia. O Matty estava bem. E como poderia não estar? Ele precisava de cuidados, estava sob cuidados, e não havia muito mais que eles pudessem me contar, não é mesmo? Tentei prolongar a conversa e, justiça seja feita, o enfermeiro tentou me ajudar nisso, Deus abençoe. Mas nenhum de nós conseguia pensar em alguma coisa para dizer. O Matty não faz nada ao longo de um dia, e não tinha feito nada naquele dia, em particular. Tinha ido dar uma volta ao ar livre na cadeira de rodas, e conversei com o enfermeiro sobre isso, mas falamos, na maior parte do tempo, sobre o clima e o jardim da clínica.

Agradei, desliguei e pensei por um momento, tentando não sentir pena de mim mesma. Amor, atenção e tudo mais, essas coisas que só uma mãe pode prover... Pela primeira vez na vida do Matty pude perceber, finalmente, que eram coisas que não serviam de nada para ele, de qualquer jeito. A razão de eu existir era a mesma de existirem pessoas como as da clínica. Ainda assim, eu provavelmente era melhor do que os outros nisso, porque tinha mais prática. Mas era capaz de ensinar tudo o que precisavam saber em umas poucas semanas.

O que significava que, quando eu morresse, o Matty ia ficar bem. E o que isso, por sua vez, significava era que a coisa que eu mais temia desde o nascimento dele não parecia mais nem um pouquinho assustadora. E eu não sabia se, sabendo disso, eu agora tinha mais ou menos vontade de me matar. Não sabia se minha vida inteira tinha sido perda de tempo ou não.

Desci e encontrei a Jess no saguão.

“O Martin saiu do hotel”, ela disse.

Sorri educada para ela, mas não parei, fui em frente. Não me importava que o Martin tivesse saído do hotel. Se não tivesse feito aquela ligação, me importaria, porque era ele quem estava com nosso dinheiro. Mas, caso ele tivesse fugido com o dinheiro, isso não teria grande importância, não é mesmo? Eu podia ficar hospedada ali ou não, comer ou não, beber ou não, voltar para casa ou não, e o que fizesse ou deixasse de fazer não teria importância nenhuma para ninguém. E caminhei o dia inteiro. As pessoas às vezes ficam tristes durante as férias? Posso imaginar que sim, com todo aquele tempo para pensar.

Pelo resto da semana tentei manter distância de todos. O Martin tinha ido embora, de qualquer forma, e o JJ não pareceu se importar. A Jess não gostou muito, e uma ou duas vezes tentou me fazer comer com ela, ou acompanhá-la até a praia. Mas eu apenas sorria e falava: não, obrigada. Não dizia: mas você sempre foi tão grosseira comigo! Por que quer conversar agora?

Peguei um livro emprestado da pequena estante da recepção, um bem bobinho, com uma capa rosa-shocking e o título de *Um gatinho para Beth*, sobre uma moça solteira cujo gato se transforma num belo rapaz. E esse jovem quer casar com ela, mas a menina não tem certeza, porque ele é um gato, então demora a se decidir. E às vezes eu ficava lendo essa história, às vezes dormia. Sempre fiquei bem sozinha.

E, no dia que pegamos o voo de volta, fui à missa pela primeira vez em um mês, mais ou menos. Havia uma igreja antiga e encantadora na cidade — muito mais bonita do que a nossa, que é moderna e quadrada. (Muitas vezes me perguntava se Deus ao menos conseguia localizar a nossa, mas acho que a essa altura Ele deve ter conseguido.) Entrar e ocupar um assento foi mais fácil do que pensei que seria, mas isso porque eu não conhecia ninguém ali. Só que, em seguida, tudo pareceu tão mais difícil, pois as pessoas eram tão estrangeiras, e quase sempre eu não sabia em que parte estávamos por causa da língua.

Mas me acostumei. Era como entrar num quarto escuro — e era escuro ali, mais escuro do que na nossa igreja. Passado um tempo, comecei a enxergar as coisas, e o que consegui ver foram as pessoas da minha própria paróquia. Não elas de verdade, mas suas versões de Tenerife. Tinha uma mulher que era que nem a Bridgid, conhecia todo mundo e ficava inspecionando as fileiras de gente sentada nos bancos, sorrindo e assentindo para as pessoas. E tinha esse sujeito, já meio cambaleando àquela hora do dia, que era o Pat deles.

E então vi eu mesma. Ela tinha a minha idade, sozinha, e numa cadeira de rodas estava o filho adulto que não entendia nada do que estava acontecendo, e por um momento fiquei olhando para eles, e a mulher me flagrou e achou, claro, que eu estava sendo mal-educada. Mas pareceu tão estranho, tanta coincidência, que até parei para pensar. E o que pensei foi que, provavelmente, se a gente entrar em qualquer igreja em qualquer lugar do mundo, vai encontrar uma mulher de meia-idade, nenhum marido à vista, empurrando um rapaz numa cadeira de rodas. É provável que seja esse um dos motivos por que as igrejas foram inventadas.

MARTIN

Nunca fui um cara particularmente introspectivo, e digo isso sem constrangimento. Alguém poderia argumentar que a introspecção é a causa da maior parte dos problemas do mundo. Não estou pensando aqui em coisas como guerra, fome, doença ou crimes violentos — não falo desse tipo de problema. Penso mais em coisas como artigos irritantes no jornal, convidados lamurientos em talk shows, e assim por diante. Mas hoje consigo ver que é difícil evitar a introspecção quando não se tem mais nada pra fazer além de sentar e pensar sobre si mesmo. O sujeito pode tentar pensar sobre outras pessoas, acho, mas as outras pessoas em quem eu tentava pensar tendiam a ser conhecidos, e pensar em conhecidos só servia pra me levar precisamente de volta ao lugar onde eu não queria estar.

Então, sob alguns aspectos, sair do hotel e ir embora sozinho foi um erro, porque, mesmo que a Jess me irritasse pra caramba e a Maureen me

deprimisse, elas ocupavam uma parte de mim que jamais deveria ficar vazia e abandonada. E também não era só isso: elas me faziam sentir relativamente bem-sucedido. Eu tinha realizado coisas e, com esse histórico, havia a possibilidade de que viesse a realizar outras. Elas não tinham feito nada, e não era difícil imaginar que continuariam sem fazer coisa nenhuma, o que dava a impressão e me fazia sentir que eu era um líder global, no comando diuturno de uma multinacional, escoteiro nos fins de semana.

Mudei pra um quarto mais ou menos idêntico àquele em que estava primeiro, só que dessa vez me permiti vista pro mar e sacada. E ali fiquei por dois dias ininterruptos, apreciando a vista e sendo introspectivo. Não posso afirmar que tenha sido particularmente inventivo nas conclusões que tirei desse meu recolhimento; ao final do primeiro dia, concluí que tinha feito uma mixórdia de praticamente tudo, que morto estaria melhor e que ninguém sentiria falta de mim ou lamentaria minha morte. E aí me embebedei.

O segundo dia foi apenas um tantinho mais produtivo; tendo concluído, na noite anterior, que ninguém sentiria minha falta se eu morresse, me dei conta com atraso de que meus infortúnios, em sua maioria, eram culpa de outras pessoas: era um estranho pras minhas filhas por causa da Cindy, ela também era a responsável pelo fim do meu casamento. Cometi um erro! Tá certo, foram nove. Nove erros em, digamos, cem tentativas! Acerto de noventa e um por cento e ainda assim não passo no teste! Fui preso a) por cair numa armadilha e b) porque as atitudes da sociedade em relação à sexualidade adolescente estão ultrapassadas. Perdi meu emprego por causa da hipocrisia e da deslealdade dos meus chefes. Portanto, ao final do segundo dia, já estava querendo matar outras pessoas, em vez de me suicidar, e isso só pode ser saudável, certo?

A Jess me achou no terceiro dia. Eu estava sentado num café lendo um exemplar de dois dias antes do *Daily Express*, tomando um *café con*

*leche*, quando ela chegou e parou na minha frente.

“Alguma coisa sobre a gente aí?”, disse.

“Imagino que sim”, falei. “Mas por enquanto só li o caderno de esportes e o horóscopo. Ainda não olhei a primeira página.”

“Engraçadinho. Posso sentar com você?”

“Não.”

Ela sentou mesmo assim.

“E então, pra que isso tudo?”

“Isso tudo o quê?”

“Essa... birra toda.”

“Você acha que é birra?”

“Que outro nome podemos dar, então?”

“Estou de saco cheio.”

“Que foi que nós fizemos?”

“Vocês, no plural, não. Você, singular. *Toi*, não *vous*.”

“Por causa do que rolou na outra noite?”

“É, por causa do que rolou na outra noite.”

“O que te desagradou foi simplesmente eu ter dito que você era meu pai, né? E tem idade pra ser.”

“Estou ciente disso.”

“Taí. Então supera. Toma um calmante.”

“Já superei. E já tomei.”

“Parece.”

“Jess, não estou fazendo birra. Você acha que mudei de hotel porque você disse que eu era seu pai?”

“Pode ser.”

“Por que você odeia ele? Ou por que seria uma vergonha ter uma filha dessas?”

“As duas coisas.”

Com a Jess é assim. Quando ela pensa que a gente está contemporizando, finge que parou pra pensar (e por pensar quero dizer

odiar a si mesma, único resultado possível, a meu ver, de alguma reflexão mais prolongada da parte dela). Decidi que não ia me deixar levar.

“Não vou cair nessa. Se manda.”

“Que foi que eu fiz agora? Puta que pariu.”

“Você está se passando por um ser humano capaz de remorso.”

“Como assim, capaz de remorso?”

“Quero dizer que você sente muito.”

“Por quê?”

“Vai embora.”

“Por quê?”

“Jess, quero umas férias. Mais do que tudo, quero férias de você.”

“Então você quer que eu saia daqui e vá encher a cara e me drogar.”

“Isso. Quero muito.”

“Ah, é. Só que se eu fizer isso depois tomo sermão.”

“Não. Sem sermão. Agora vai embora.”

“Estou entediada.”

“Vai procurar o JJ e a Maureen, então.”

“Eles são chatos.”

“E eu não?”

“Quais celebridades você conheceu? O Eminem?”

“Não.”

“Conheceu sim, mas não quer me contar.”

“Ah, pelo amor de Deus.”

Deixei algum dinheiro na mesa, levantei e saí andando. A Jess veio me seguindo pela rua. “Que tal uma partida de sinuca?”

“Não.”

“Sexo?”

“Não.”

“Você não me curte?”

“Não.”

“Alguns caras, sim.”

“Faça sexo com eles, então. Jess, sinto dizer isso, mas acho que nossa relação acabou.”

“Não se eu ficar te seguindo por aí o dia inteiro.”

“E você acha que isso vai funcionar a longo prazo?”

“Não estou nem aí pro longo prazo. E quanto ao que meu pai disse sobre você ficar de olho em mim? Eu achei que você fosse querer fazer isso. Podia substituir as filhas que você perdeu. Desse jeito pode encontrar a paz interior, tá vendo só? Tem uma porrada de filmes sobre isso.”

Ela fez essa última observação a sério, como se de alguma forma comprovasse que o cenário que tinha imaginado era real, e não o contrário.

“E você se oferecer pra transar comigo? Como isso se encaixa nessa história de substituir as filhas que eu perdi?”

“Aí seria, tipo, um lance diferente. Outro caminho. Um caminho diferente.”

Passávamos em frente a um bar medonho chamado New York City.

“Foi desse lugar que me expulsaram por ter brigado”, contou a Jess, orgulhosa. “Me matam se eu tentar entrar aí de novo.”

Como que pra ilustrar a história, o proprietário, um sujeito meio grisalho, estava parado à porta com uma expressão assassina na cara.

“Preciso mijar. Não saia daqui.”

Entrei no New York City, achei um toailete em algum lugar do Lower East Side, coloquei o caderno de televisão do *Express* sobre a privada, sentei e passei a tranca na porta. Por uma ou duas horas pude ouvi-la berrando comigo do outro lado da parede, mas os gritos acabaram cessando; mesmo presumindo que ela tivesse ido embora, continuei onde estava, em todo caso. Eram onze da manhã quando tranquei a porta e três da tarde quando saí dali. Não me importei com a perda de tempo. Que férias.

JJ

A última banda em que eu toquei acabou depois de um show no Hope and Anchor, em Islington, a apenas algumas quadras do meu atual

apartamento. Antes de subir no palco a gente já sabia que ia se separar, mas não tinha conversado sobre isso. Tocamos pra uma plateia bem pequena em Manchester, na noite anterior, e na volta pra Londres todo mundo estava um pouco agressivo, mas na maior parte do tempo só irritadiço e calado. A sensação era exatamente a mesma de terminar com uma mulher que se ama — o estômago embrulhado, a consciência de que nada que a gente disser vai fazer porra de diferença nenhuma — ou, se fizer, não será por mais do que, tipo, cinco minutos. Com uma banda é mais esquisito, porque a gente meio que sabe que não vai perder contato com as pessoas do mesmo jeito que acaba perdendo com uma namorada. Podíamos ter ido num bar juntos, nós quatro, na noite seguinte, e conversado sem brigar, mas ainda assim a banda deixaria de existir. Era mais do que quatro pessoas; era uma casa que nós, os moradores, tínhamos vendido, então não era mais nossa. Estou falando metaforicamente aqui, claro, pois ninguém teria nos dado a porra de um tostão nesse negócio.

Enfim, depois do show no Hope and Anchor — e foi um show com aquela intensidade triste de uma trepada desesperada de fim de namoro —, entramos na porcaria do camarim minúsculo do lugar, sentamos os quatro lado a lado numa fileira e o Eddie falou: “Parece que é isso, então”. E fez uma coisa que não era nem um pouco a cara dele: procurou de cada lado a mão do Jesse e a minha e as segurou e apertou. E o Jesse pegou na mão do Billy pra gente ficar unido uma última vez ali, e o Billy falou: “Vai se foder, viadinho”, e ficou de pé de um pulo, o que meio que diz pra vocês tudo o que precisam saber sobre bateristas.

Fazia só algumas semanas que eu conhecia meus parceiros de férias, mas senti aquele mesmo embrulho no estômago no trajeto do hotel até o aeroporto. Era a separação a caminho, dava pra farejar isso no ar, e ninguém dizia nada. E tudo acontecia pela mesma razão, ou seja, tínhamos levado a parada até onde podíamos, e não havia mais pra onde ir. É por isso que tudo termina, acho, bandas, amizades, casamentos, o que seja. Festas, bodas, qualquer coisa.

É engraçado, mas, quando a banda acabou, um dos motivos pra eu ficar mal foi estar preocupado com os outros caras. Que porra eles iam fazer da vida, saca? Nenhum de nós tinha lá muito estudo. O Billy não era muito chegado em ler e escrever, se é que vocês me entendem, o Eddie, saca, era briguento demais pra ficar num emprego por muito tempo, o Jesse curtia um baseado... A única pessoa que realmente não me preocupava era eu mesmo. Eu ia ficar bem. Era esperto, estável, tinha uma namorada, ainda que soubesse que sentiria falta da música fazendo parte de cada porra de dia da minha vida, mas mesmo assim podia ser algo ou alguém sem isso. E o que acontece? Umas poucas semanas mais tarde, o Billy e o Jesse, de volta em casa, descolam um show com uma banda cuja cozinha tinha caído fora, o Eddie começa a trabalhar com o pai, e sobre eu, entregando pizzas e quase me jogando da porra de um terraço.

Dessa vez, portanto, eu estava determinado a não me estressar pensando nos meus parceiros de banda. Eles iam ficar bem, falei pra mim mesmo. Talvez não parecesse muito, mas já tinham sobrevivido até ali, bem ou mal, e aquilo também não era problema meu.

No táxi a caminho do aeroporto, conversamos um pouco sobre o que a gente tinha feito, e o que tinha lido, e qual a primeira coisa que ia fazer quando chegasse em casa, essas merdas, e no avião todo mundo cochilou, porque o voo era bem cedo. E aí pegamos o metrô de Heathrow até King's Cross e, dali, um ônibus. Foi quando passamos a reconhecer que talvez não voltássemos a nos encontrar muito mais vezes.

“Por que não?”, a Jess quis saber.

“Porque não temos nada em comum”, o Martin falou. “Essas férias comprovaram isso.”

“Achei que correu tudo bem.”

O Martin desdenhou. “A gente nem se falava.”

“Você ficou se escondendo num banheiro a maior parte do tempo”, disse a Jess.

“E por que será, você acha? Porque somos almas gêmeas? Ou porque nossa relação não tem sido das mais gratificantes pra mim?”

“Pois é, mas qual é mesmo sua relação mais gratificante?”

“E a sua, qual é?”

A Jess pensou por um momento, aí deu de ombros.

“Minha relação com vocês”, ela disse.

Houve um silêncio que durou o suficiente pra que a gente percebesse o quanto isso era verdade pra ela. E, pra sorte de todos, o Martin retomou exatamente no ponto em que já começávamos a ver que talvez se aplicasse a nós também.

“É. Bom. Mas nós não devíamos ser isso pra você, certo?”

“Isso é um fora?”

“Se você quiser chamar assim. Jess, sobrevivemos a essas férias. Agora é hora de cada um seguir seu caminho.”

“E o Dia dos Namorados?”

“A gente pode se encontrar, se você quiser. É o que combinamos.”

“Lá no terraço?”

“Você ainda acha que talvez vá se jogar de lá?”

“Não sei. Todo dia mudo de ideia.”

“Eu gostaria de um encontro”, a Maureen falou.

“Acho que o Dia dos Namorados deve ser uma data bem importante pra você, Maureen”, disse a Jess. Falou como se estivesse conversando normalmente, mas a Maureen percebeu a malícia por trás da frase e não se deu ao trabalho de responder. Quase tudo o que a Jess dizia podia ser imediatamente usado contra ela, mas nenhum de nós tinha mais energia pra isso. Ficamos olhando pela janela o trânsito debaixo de chuva e, na altura de Angel, me despedi e descii. Enquanto observava o ônibus se afastar, ainda consegui ver a Maureen oferecer pastilhas de menta aos outros, à Jess também, e o gesto me pareceu meio que de partir o coração.

Na semana seguinte não fiz basicamente nada. Li bastante e circulei por Islington pra ver se encontrava algum sinal de subemprego pra mim.

Uma noite, torrei dez libras num ingresso pra ver uma banda chamada Fat Chance tocar na Union Chapel. Os caras começaram mais ou menos na mesma época que a gente e agora tinham conseguido um contrato decente, estavam falados e tal, mas eram fracos, na minha opinião. Subiram lá e tocaram suas músicas, o pessoal aplaudiu, teve um bis, e aí saíram do palco e eu não diria que alguém ali teve uma experiência enriquecedora.

Fui reconhecido na saída por um cara que devia ter seus quarenta e poucos anos.

“Beleza, JJ?”, ele disse.

“A gente se conhece?”

“Vi vocês no Hope and Anchor, ano passado. Ouvi falar que a banda acabou. Você está morando por aqui?”

“É, por enquanto.”

“O que anda fazendo? Vai partir pra carreira solo?”

“É, pode crer.”

“Legal.”

Nos encontramos às oito da noite no Dia dos Namorados, e todo mundo foi pontual. A Jess queria que fosse mais tarde, à meia-noite ou algo assim, pra atmosfera trágica ficar completa, mas ninguém achou que era grande ideia, e a Maureen não queria voltar tarde pra casa. Esbarrei nela na subida das escadas, e disse que ficava feliz de saber que ela estava planejando, dali, voltar pra casa.

“E pra onde mais eu iria?”

“Não, eu só quis dizer... Da outra vez aqui, você não ia voltar pra casa, saca? Não, tipo, de ônibus, pelo menos.”

“De ônibus?”

“Daquela vez você ia descer do jeito mais rápido.” Fiz meus dedos caminharem no ar e depois se lançarem pra baixo, como se estivessem pulando do terraço. “Mas hoje parece que você vai escolher a queda mais longa.”

“Ah. Sim. Bom. Ando um pouco melhor”, ela disse. “De cabeça, quero dizer.”

“Que ótimo.”

“Ainda sinto os bons efeitos das férias.”

“Com certeza.”

E aí a Maureen não quis mais conversar, porque o caminho era longo até o terraço e ela já estava sem fôlego.

O Martin e a Jess chegaram uns minutos depois, e nos cumprimentamos e ficamos os quatro ali, parados.

“Pra que mesmo a gente veio aqui?”, perguntou o Martin.

“A gente combinou de se encontrar e ver como cada um estava se sentindo e tudo mais”, a Jess respondeu.

“Ah.” Nossos pés estavam inquietos. “E como cada um está se sentindo?”

“A Maureen está legal”, falei. “Né, Maureen?”

“Estou. Estava dizendo pro JJ que acho que ainda sinto os bons efeitos das férias.”

“Que férias? Aquelas nossas?” O Martin olhou pra ela e balançou a cabeça, ao mesmo tempo incrédulo e admirado.

“E tu, Mart?”, eu quis saber. “Como é que tá?” Mas podia meio que adivinhar o tipo de resposta que viria.

“Ah, sabe como é. *Comme ci comme ça.*”

“Imbecil”, a Jess falou.

Os pés dos quatro ficaram ainda mais inquietos.

“Li uma coisa que acho que pode interessar a vocês”, disse o Martin.

“É?”

“Estava pensando... Talvez fosse legal a gente conversar sobre isso em algum outro lugar, não aqui. Num pub, digamos.”

“Pra mim parece uma boa”, falei. “Pô, talvez a gente devesse celebrar, enfim, saca?”

“Celebrar?”, perguntou o Martin, como se eu fosse maluco.

“Pode crer. Pô, a gente está vivo, e... e...”

A lista de motivos pra celebrar meio que acabava nesse item. Mas estar vivo parecia já valer uma rodada. Estar vivo parecia um bom motivo pra celebrar. Só se, claro, não fosse o que queríamos, e nesse caso... Ah, foda-se. De qualquer jeito eu queria beber. Se não desse pra pensar em nada mais, querer beber já era razão suficiente. Um desejo humano comum tinha surgido em meio ao nevoeiro da depressão e da indecisão.

“Maureen?”

“Tudo bem, pode ser.”

“Não me parece que ninguém vá se jogar daqui hoje”, eu disse. “Certo, Jess?”

Ela não estava ouvindo.

“Putá merda”, falou. “Meu Deus.”

Estava olhando pro outro lado do terraço, pro lugar onde o Martin tinha feito um buraco na cerca de arame na noite de Ano-Novo. Um cara estava sentado lá, exatamente na mesma beirada em que o Martin tinha sentado, e nos observava dali. Era talvez alguns anos mais velho que eu, e parecia assustado de verdade.

“Ei, cara”, falei, baixinho. “Ei. Não se mexe.”

Comecei a andar devagar na direção dele.

“Por favor, não chegue mais perto”, ele disse. Estava em pânico, quase chorando, tragando furioso um cigarro.

“Todo mundo aqui já passou por isso”, falei. “Vem pra cá que você pode se juntar à nossa galera. A gente marcou esse reencontro.” Experimentei dar mais uns passos. O cara não falava nada.

“É”, disse a Jess. “Olha pra gente. A gente tá legal. Você pensa que não vai dar pra sobreviver a esta noite, mas acaba conseguindo.”

“Não quero isso”, o cara falou.

“Diz pra gente qual é o problema”, falei. Me aproximei um pouquinho mais. “Pô, todo mundo aqui é especialista na área. A Maureen...”

Mas não cheguei a terminar frase. Ele atirou o cigarro e, com um gemido baixo, deu o impulso. E houve um silêncio, depois o ruído do corpo se chocando contra o asfalto, todos aqueles andares abaixo. E desde então, todo santo dia, ainda ouço esses dois sons, o gemido e o baque, e até agora não sei qual deles é o mais aterrorizante.

## PARTE 3

MARTIN

O cara que se atirou teve duas consequências profundas e aparentemente contraditórias sobre todos. Primeiro, levou a gente a se dar conta de que não era capaz de se suicidar. E, segundo, essa constatação nos fez voltar a ser suicidas em potencial.

Não é um paradoxo, quando se conhece alguma coisa sobre a perversidade da natureza humana. Há muito tempo, trabalhei com um alcoólatra — um cara que terá de permanecer anônimo porque vocês quase com certeza já ouviram falar dele. E esse cara me contou que o dia mais aterrorizante da vida dele foi quando pela primeira vez tentou e não conseguiu largar a cachaça. Sempre tinha pensado que, o dia que tentasse, seria capaz de parar de beber, como se tivesse essa opção guardada numa gaveta de meias em algum lugar no fundo da mente. Mas, quando descobriu que precisava da bebida, que aquela opção nunca tinha existido... Bom, quis acabar com a própria vida, se vocês me permitem misturar temporariamente os dois assuntos.

Não entendia direito o que ele quis dizer até ver aquele cara se jogar do terraço. Até ali, pular sempre aparecia como uma opção, uma saída, uma economia pra algum aperto. E aí, de repente, o dinheiro não existia mais — ou melhor, nunca tinha sido nosso, pra começo de conversa. Pertencia ao cara que se atirou e a pessoas como ele, porque ficar balançando os pés sobre o precipício não é nada, a menos que se esteja pronto a avançar aqueles centímetros a mais, e nenhum de nós estava. A gente podia até contar uma história diferente uns para os outros e para nós mesmos — ah,

eu teria pulado se ela não tivesse aparecido, ou se ele não estivesse lá, ou se não fosse fulano ter sentado em cima de mim —, mas o fato é que todos nós continuávamos ali, e depois de termos tido muitas oportunidades pra não continuar. Por que descemos de volta naquela noite? Descemos porque pensamos que precisávamos ir atrás de um imbecil chamado Chas, que acabou não tendo nenhuma importância extraordinária pra nossa história. Não tenho certeza se podíamos ter convencido nosso amigo, o do salto mortal, a ir atrás do Chas. A cabeça dele estava ocupada com outras coisas. Fico pensando qual teria sido a pontuação do sujeito no Índice de Propensão ao Suicídio de Aaron T. Beck. Bem alta, imagino, a não ser que Aaron T. Beck tenha errado. Ninguém poderia dizer que não havia propensão ali.

Demos o fora do terraço rapidinho, depois que ele caiu. Decidimos que era melhor não ficar pra explicar nossa participação, ou falta de, na morte do pobre camarada. Afinal, éramos um pouco reincidentes no Toppers', e confessando nossa presença ali só misturaria os dois casos. Com as pessoas sabendo que a gente já tinha passado por aquele terraço, a história — rapaz infeliz pula de prédio — perderia nitidez e entenderiam menos, e não mais, o que aconteceu. Não íamos querer uma coisa dessas.

Então nos desabalamos escada abaixo o mais rápido que nossos pulmões estragados e nossas pernas varicosas nos permitiram, e dali cada um tomou seu rumo. Estávamos nervosos demais pra ir beber em algum lugar próximo, e também pra pegar um táxi juntos, o que provocou a debandada assim que pisamos na calçada. (Como seria, pensei a caminho de casa, um pub perto do Toppers' House à noite? Cheio de infelizes se preparando pra subir, ou meio confusos, meio aliviados porque tinham acabado de descer? Ou uma incômoda mistura de gente dos dois tipos? E o dono, será que se dá conta da peculiaridade da sua clientela? Será que explora a atmosfera geral pra ganhar mais — oferecendo um Double dos Infelizes, por exemplo? Será que em algum momento tenta enturmar os clientes Premium — nesse contexto, os muito infelizes — com os

Standard? Ou os Premium entre eles? Será que o pub podia até mesmo ter levado a um casamento e, talvez, ao nascimento de uma criança?) Voltamos a nos encontrar na tarde seguinte no Starbucks, e todo mundo estava deprimido. Uns dias antes, logo depois das nossas férias, tinha ficado perfeitamente claro que não éramos mais de muita serventia uns pros outros; agora ficava difícil imaginar quem mais seria companhia adequada pra nós. Olhei em volta, no café, reparando nos frequentadores: jovens mães com carrinhos de bebê, rapazes e moças em trajes sociais com celulares e folhas de papel, estudantes estrangeiros... Tentei me imaginar conversando com algum deles, mas era impossível. Não iam querer me ouvir falar de gente que se joga do alto de prédios. Ninguém ia querer, exceto aquelas pessoas com quem eu estava sentado.

“Fiquei acordado a porra da noite inteira pensando no cara”, disse o JJ. “Cara. Que é que rolou ali?”

“Ele provavelmente era só um tipo, sabe, diva. Uma diva”, a Jess falou. “Parecia ser do tipo dramático.”

“Muito sagaz, Jess”, eu disse. “Pela breve impressão que pudemos ter dele, antes do mergulho pra morte, o cara não me chamou a atenção como alguém seriamente problemático. Não na mesma escala que você, enfim.”

“Vai sair no jornal local”, a Maureen comentou. “Normalmente sai. Eu costumava ler as matérias. Principalmente quando foi chegando o Ano-Novo. Ficava me comparando com aquelas pessoas.”

“E aí? Como você se saía?”

“Ah”, disse a Maureen. “Bem. Algumas coisas eu não conseguia entender.”

“Que tipo de coisa?”

“Dinheiro.”

“Devo dinheiro pra um monte de gente”, a Jess falou, orgulhosa.

“Talvez você devesse pensar em se matar”, eu disse.

“Não é muito”, ela respondeu. “Só umas vinte libras aqui, outras vinte libras ali.”

“Mesmo assim. Uma dívida é uma dívida. E se você não pode pagar... Talvez devesse partir pra uma saída honrosa.”

“Ei. Galera”, disse o JJ. “Que tal a gente manter o foco, hein?”

“No quê? Não é esse o problema? A gente não tem nada em que focar?”

“Vamos manter o foco no cara.”

“Não sabemos nada dele.”

“Não, mas, sei lá. Ele parece ter meio que uma importância pra mim. Era aquilo que a gente ia fazer.”

“Ia mesmo?”

“Eu ia”, a Jess falou.

“Mas não fez.”

“Você sentou em cima de mim.”

“Só que você não tentou mais nada desde então.”

“Bom. A gente foi naquela festa. E saiu de férias. E, tipo, foi uma coisa atrás da outra.”

“Terrível, não, como são as coisas? Você vai precisar reservar um espaço na agenda. Senão a vida vai continuar atrapalhando.”

“Cala a boca.”

“Galera, galera...”

Mais uma vez eu tinha me deixado arrastar pra um bate-boca inconveniente com a Jess. Decidi agir com mais elegância.

“Também passei uma longa noite meditando, como o JJ.”

“Imbecil.”

“E minha conclusão é que não somos suicidas sérios. Nunca fomos. Chegamos mais perto do que algumas pessoas, mas nada comparável a outras. E isso coloca a gente numa espécie de impasse.”

“Concordo. A gente tá fodido”, o JJ falou. “Desculpa, Maureen.”

“Não estou entendendo muito bem”, disse a Jess.

“É isso”, falei. “Nós somos isso.”

“Isso o quê?”

“Isso.” Fiz um gesto vago apontando o que me cercava, a companhia que tínhamos, a chuva lá fora, e tudo parecia ilustrar de forma eloquente nossa condição. “É isso. Não tem saída. Nem mesmo o fim é uma saída. Não pra nós.”

“Vão se foder com esse papo”, disse a Jess. “E não me desculpo, Maureen.”

“Aquela noite eu ia falar pra vocês de uma coisa que li numa revista. Sobre suicídio. Lembram? Enfim, tinha um cara lá que dizia que o período de crise dura noventa dias.”

“Que cara?”, o JJ quis saber.

“O suicidólogo lá.”

“Existe essa profissão?”

“Tudo pode virar profissão.”

“E daí?”, perguntou a Jess.

“Daí que já passaram quarenta e seis dos noventa dias.”

“E o que acontece depois dos noventa dias?”

“Nada *acontece*”, falei. “É só que... as coisas já estão diferentes. Mudam. Aquele arranjo específico que colocava tudo de um jeito que te fazia pensar que a vida era insuportável... De alguma forma esse arranjo mudou. É meio que uma espécie de versão vida real da astrologia.”

“Nada vai mudar pra você”, disse a Jess. “Você vai continuar sendo o coroa da tevê que foi pra cama com uma menina de quinze anos e depois pra cadeia. Ninguém nunca vai esquecer isso.”

“É. Bom. Tenho certeza de que o negócio dos noventa dias não se aplica ao meu caso”, falei. “Se isso te faz mais feliz.”

“Também não ajuda no caso da Maureen”, continuou a Jess. “Nem no do JJ. Mas eu posso mudar. Faço muito isso.”

“Enfim, minha ideia é que a gente devia adiar outra vez o prazo. Porque... Bom, não sei vocês. Mas me dei conta, hoje de manhã, que ainda não estou, sabe, bem pronto pra sair em voo solo. É engraçado, porque não gosto de verdade de ninguém aqui. Mas vocês parecem ser, sei

lá... O que eu preciso. Sabe quando às vezes a gente percebe que deveria comer mais repolho? Ou beber mais água? É mais ou menos isso.”

Os pés de todos ficaram inquietos, o que interpretei como uma declaração de relutante solidariedade.

“Valeu, cara”, disse o JJ. “Muito tocante. Quando acabam os noventa dias?”

“31 de março.”

“É meio coincidência demais, né?”, a Jess falou. “Exatamente três meses.”

“Como assim?”

“Bom. Não é muito científico, né?”

“O que, e oitenta e oito dias seria?”

“É, mais científico.”

“Peraí, saquei”, o JJ falou. “Três meses parece uma boa medida. Três meses são, tipo, uma estação.”

“Exatamente uma estação”, concordei. “Considerando que são quatro estações e doze meses num ano.”

“Então estamos atravessando juntos o inverno. Bacana. O inverno é quando a gente fica deprimido”, disse o JJ.

“Ao que parece”, falei.

“Mas a gente precisa *fazer* alguma coisa”, continuou o JJ. “Não podemos ficar simplesmente sentados esperando passar os três meses.”

“Tipicamente americano”, disse a Jess. “O que você quer fazer? Bombardear um pobre paisinho em algum lugar?”

“Claro. Um bombardeiozinho ajudaria a me distrair um pouco.”

“E o que é que a gente devia fazer?”, perguntei pra ele.

“Sei lá, cara. Só sei que, se a gente passar mais seis semanas à toa choramingando, não vamos estar nos ajudando.”

“A Jess tem razão”, falei. “Porcaria típica de americano. ‘Nos ajudando.’ Autoajuda. Você pode qualquer coisa se pensar positivo, certo? Pode virar presidente.”

“Que é que há com vocês, seus babacas? Não estou falando de virar presidente. Estou falando, saca, de achar algum emprego de garçom por aí.”

“Ótimo”, disse a Jess. “Ninguém mais se suicida porque acabamos de ganhar uma gorjeta de cinquenta pence.”

“Sem chance de uma porra dessas acontecer nesta porra de país”, o JJ falou. “Desculpa, Maureen.”

“Sempre existe a possibilidade de você simplesmente voltar pro lugar de onde veio”, a Jess respondeu. “Isso seria uma mudança. E, também, lá os prédios são mais altos, né?”

“Então”, falei, “mais quarenta dias.”

O artigo que li tinha ainda outra coisa: uma entrevista com um cara que sobreviveu depois de pular da Golden Gate Bridge, em San Francisco. Ele dizia que tinha se dado conta, dois segundos após se atirar, que nada na vida era impossível de resolver, não havia nenhum problema que ele não pudesse superar — exceto o problema que tinha acabado de arranjar pulando da ponte. Não sei por que não falei disso pros outros; parecia uma informação relevante. Mas queria guardar ela pra mim, por enquanto. Me parecia que era algo mais apropriado pra outra hora, quando a história tivesse terminado. Se chegasse a terminar.

#### MAUREEN

Saiu no jornal local na semana seguinte. Recortei a matéria e guardei, e lia de vez em quando só para tentar entender melhor o pobre rapaz. Não conseguia tirá-lo da cabeça. Ele se chamava David Fawley, e tinha se jogado por causa de problemas com a esposa e os filhos. Ela tinha conhecido outro e ido morar com ele, levando junto as crianças. O rapaz morava a apenas duas quadras de casa, o que me pareceu muito estranho, uma coincidência, até que me dei conta de que quem aparecia no jornalzinho era só gente do bairro, a menos que alguém estivesse em visita inaugurando uma escola ou algo assim. A Glenda Jackson visitou a escola do Matty uma vez, por exemplo.

O Martin estava certo. Ver o David pular me fez perceber que eu não estava pronta na noite de Ano-Novo. Estava pronta para os preparativos, porque assim me mantinha ocupada — aquela era, de um jeito meio esquisito, uma ocasião para a qual se preparar com expectativa. E, quando então encontrei algumas pessoas com quem conversar, fiquei feliz de poder fazer isso em vez de me jogar. Eles teriam me deixado pular, acho, assim que me ouvissem contar por que tinha ido parar ali. Não se colocariam no meu caminho nem sentariam em cima de mim. Mas, ainda assim, desci de volta e fui naquela festa. O pobre do David não quis conversar com a gente, isso foi uma coisa que reparei. Tinha ido lá para pular, não para bater papo. Achei que eu também tinha ido para pular, mas acabei batendo papo, enfim.

Se a gente for pensar, esse sujeito, o David, e eu éramos opostos. Ele tinha se suicidado porque levaram seus filhos embora, eu tinha pensado em me matar porque meu filho continuava comigo. Deve ter um monte disso. Deve ter gente que se mata porque o casamento acabou, e outros porque não conseguem achar um jeito de acabar um casamento. Fiquei me perguntando se não daria para pensar a mesma coisa de todo mundo, se a toda situação de infelicidade não corresponderia uma situação de infelicidade oposta. Mas isso não funcionava, a meu ver, com pessoas endividadas. Ninguém nunca se matou por ter dinheiro demais. Aqueles sheiks do petróleo não parecem cometer suicídio com muita frequência. Ou, se cometem, ninguém comenta. Enfim, talvez essa ideia dos opostos tivesse algum fundamento. Eu tinha alguém, o David não tinha ninguém, e ele pulou, eu não. Quando se trata de suicídio, não ter ninguém pesa mais do que ter alguém, não sei se vocês me entendem. A pessoa não tem uma corda para impedir a queda.

Rezei pela alma do David, ainda que soubesse que isso não o ajudaria muito, porque ele tinha cometido o pecado do desespero e minhas preces cairiam em ouvidos moucos. E aí deixei o Matty sozinho por cinco minutos, depois que ele já estava dormindo, e desci a rua para ver o lugar

onde o David tinha morado. Não sei por que fiz isso, ou o que esperava ver, mas não tinha nada lá, claro. Era uma dessas ruas cheias de casarões transformados em apartamentos, então foi o que descobri, que ele morava num apartamento. E aí já era hora de dar meia-volta e ir para casa.

Naquela noite, vi na tevê um programa sobre um detetive escocês que não se dava muito bem com a ex-mulher e pensei um pouco mais sobre o David, que acho que também não se dava muito bem com a ex-mulher dele. E não tenho certeza se a ideia do programa era essa, mas nele o detetive escocês não tinha muita ocasião de discutir com a ex-mulher, pois na maior parte do tempo precisava investigar quem tinha matado outra mulher e colocado o corpo na porta da casa do ex-marido dela, fazendo parecer que era ele o assassino. (Era outro ex-marido.) De modo que, num programa de uma hora de duração, provavelmente só uns dez minutos foram de discussão com a ex-mulher e os filhos, e, nos outros cinquenta, ele tentando descobrir quem tinha abandonado o corpo da mulher na lixeira. Quarenta, acho, tirando os comerciais. Reparei nisso porque estava um pouco mais interessada nas discussões do que no cadáver, e elas não pareciam acontecer com muita frequência.

O que aparentemente estava de bom tamanho, dez minutos em uma hora. Provavelmente de bom tamanho para o programa, porque o homem era um detetive, e era mais importante para ele e para os telespectadores que dedicasse a maior parte do seu tempo a investigar assassinatos. Mas acho que, mesmo quando não se está num programa de tevê, dez minutos em uma hora para resolver problemas pessoais está de bom tamanho. Aquele David Fawley estava desempregado, então havia uma boa chance de que passasse os sessenta minutos de uma hora pensando na ex-mulher e nos filhos, e a pessoa que faz isso acaba mesmo indo parar no Toppers' House.

Eu que o diga. Não fico tendo discussões, mas muitas vezes na vida não pude evitar que o Matty ocupasse sessenta minutos da minha hora. Não tinha mais nada em que pensar. Ultimamente andava com outras coisas na

cabeça, por causa dos outros três e do que se passava na vida deles. Mas, na maioria dos dias, na maior parte do tempo, éramos apenas meu filho e eu, ou seja, problemas à vista.

Enfim, passei aquela noite em confusão mental. Fiquei deitada na cama em estado de vigília, pensando no David e no detetive escocês, e revendo nossa descida do terraço para ir atrás do Chas, até que desenredei esses pensamentos e, ao acordar na manhã seguinte, decidi que seria uma boa ideia descobrir onde moravam a ex-mulher e as filhas do Martin, ir até lá falar com elas e ver se havia alguma chance de reunir a família novamente. Porque, se desse certo, o Martin não ficaria se remoendo tanto por causa de certas coisas, e de novo teria alguém, em vez de não ter ninguém, e eu passaria a me ocupar durante quarenta ou cinquenta minutos de uma hora, e isso ajudaria a todos.

Mas eu era uma detetive sem nenhum talento. Sabia que a esposa do Martin se chamava Cindy, então procurei por Cindy Sharp na lista telefônica e, vendo que o nome não constava, fiquei sem mais ideias. Então perguntei à Jess, porque achei que o JJ não aprovaria meu plano, e em mais ou menos cinco minutos ela encontrou todas as informações de que precisávamos. Mas aí a Jess queria ir junto comigo encontrar a Cindy, e eu disse que ela podia me acompanhar. Eu sei, eu sei. Mas experimentem negar à Jess alguma coisa que ela quer.

JESS

Entrei no computador do meu pai, digitei Cindy Sharp no Google e achei uma entrevista que ela tinha dado pra uma revista feminina quando o Martin estava na cadeia. Cindy Sharp fala pela primeira vez sobre seu sofrimento e tudo mais. Dava até pra clicar numa foto dela e das duas meninas. A Cindy parecia a Penny, só que mais velha e um pouco mais gorda, por já ter tido filhos e tal. E quanto vocês apostam que a menina de quinze anos parecia a Penny, só que ainda mais magra e com peitos maiores ou o que seja? Esses caras, caras que nem o Martin, são uns imbecis, né? Pensam que as mulheres são como uma porra de um laptop

ou sei lá o quê, tipo: o meu antigo está detonado, e agora tem uns que são ainda mais fininhos e equipados.

Aí eu li a entrevista, e dizia que ela morava num vilarejo chamado Torley Heath, a uns sessenta quilômetros de Londres. E, se estava tentando impedir que gente como nós batesse na porta dela pra dizer que reatasse com o marido, então cometeu um grande erro ali, porque a matéria descrevia a localização exata da casa no vilarejo — em frente a um armazém das antigas e quase vizinha à escola local. A entrevistadora contava tudo isso porque queria que soubéssemos como a vida da Cindy era bucólica ou sei lá o quê. Com exceção do marido estar na cadeia por ter ido pra cama com uma menina de quinze anos.

Decidimos não contar pro JJ. A gente tinha certeza de que, por alguma porcaria de razão ou outra, ele nos impediria de ir até lá. Ia dizer Isso aí não é assunto de vocês, ou Vocês vão foder com a única chance que ele ainda tem. Mas a Maureen e eu achávamos que tínhamos um bom argumento. Esse argumento era o seguinte. Talvez a Cindy odiasse mesmo o Martin por ele ser um baita safado que ia com qualquer uma em qualquer lugar. Mas, agora que ele era um suicida em potencial, provavelmente não iria com mais ninguém em lugar nenhum, ou pelo menos não por um tempo. Então, basicamente, se ela não queria reatar, precisava odiar muito o Martin, a ponto de querer que ele morresse. E isso é ódio pra caramba. Verdade que ele nunca tinha dito que queria voltar com ela, mas precisava de um ambiente doméstico seguro, de um lugar como Torley Heath. Se era pra ele ficar sem fazer nada, melhor num lugar onde não tinha nada pra fazer do que em Londres, onde encrenca é o que não falta — meninas adolescentes, casas noturnas e prédios altos. Foi o que a gente pensou.

Então saímos pro nosso passeio. A Maureen preparou, tipo, uns sanduíches horríveis à moda antiga, recheados com ovo e outros troços, que não consegui comer. E pegamos o metrô em Paddington, depois o trem em Newbury, e aí um ônibus até Torley Heath. Estava preocupada

que a gente não tivesse muito o que conversar uma com a outra, e que ficássemos bem entediadas e, por causa do tédio, acabássemos fazendo alguma besteira. Mas não foi assim, sério, principalmente por causa dos meus esforços. Decidi que ia agir que nem, tipo, uma entrevistadora, e que ia usar o trajeto todo pra descobrir coisas sobre a Maureen e a vida dela, não importava o quanto isso fosse chato ou deprimente. O único problema foi que, sério, o troço era chato e deprimente demais de ouvir, então eu meio que me desligava enquanto ela estava falando, já pensando na pergunta seguinte. Algumas vezes ela me olhava esquisito, então meu palpite é que não poucas vezes ela tinha acabado de me dizer alguma coisa que eu, em seguida, perguntava de novo. Tipo uma hora, quando desliguei e ela foi falando isso e aquilo e aquilo outro e que aí tinha conhecido o Frank. E eu Quando foi que você conheceu o Frank?, mas acho que o que ela tinha acabado de dizer era Foi quando conheci o Frank. Se quisesse me tornar uma entrevistadora, precisaria treinar mais. Só que, fala sério, também não ia ficar entrevistando gente que nunca tinha feito nada e com um filho deficiente, né? Aí seria mais fácil me concentrar, porque o entrevistado estaria falando sobre seu novo filme e outros troços que realmente interessassem.

Enfim, a questão é que fizemos aquela viagem toda até a porra do meio do nada, e em nenhum momento perguntei se ela tinha feito sexo tipo cachorrinho ou algo do tipo. E o que me dei conta, então, foi que eu tinha evoluído um monte desde a noite de Ano-Novo. Tinha crescido como pessoa. O que me fez pensar que nossa história estava meio que chegando ao fim, e que seria um final feliz. Porque eu tinha crescido como pessoa, e a gente estava num momento de começar a resolver os problemas uns dos outros, e não só ficar sentado se lamuriando. É quando as histórias costumam terminar, né? Quando as pessoas mostram que aprenderam coisas e problemas são resolvidos. Já vi uma porrada de filmes assim. Hoje a gente ia resolver a questão do Martin, depois se concentraria no JJ, depois em mim, depois na Maureen. E, completados os noventa dias, ia voltar a se

encontrar no terraço e se abraçar sorridente por saber que tínhamos evoluído.

O ponto do ônibus era bem na porta do armazém das antigas que aparecia na descrição da revista. Então a gente desceu, ficou parada ali em frente e olhou pro outro lado da rua, tentando ver alguma coisa. E o que a gente viu foi um lugar tipo chalezinho, com um muro baixo que permitia enxergar o jardim, onde tinha duas menininhas superagasalhadas, de cachecol, touca e tudo mais, brincando com um cachorro. Aí perguntei pra Maureen Você sabe os nomes das filhas do Martin? E ela, tipo, Elas se chamam Polly e Maisie — nomes que combinavam, pensei. Dava pra imaginar o Martin e a Cindy com filhas que se chamavam Polly e Maisie, que são, tipo, nomes antigos e burguesinhos, então todo mundo ia poder fingir que o sr. Darcy ou sei lá quem morava na vizinhança. Aí gritei Ei, Polly, Maisie! E as duas olharam na nossa direção e vieram até a gente, e meu trabalho de detetive estava terminado.

Batemos na porta e a Cindy atendeu, e olhou pra mim como se estivesse meio que me reconhecendo, e eu: Eu sou a Jess. Faço parte do Quarteto do Toppers' House, e disseram nos jornais que, tipo, tenho uma ligação com seu marido ou sei lá o quê. O que é mentira, aliás. (Eu estava dizendo pra ela, não pra vocês, que aquilo era mentira. Queria muito saber como dar fluência ou o que seja pro meu texto. Agora percebo a importância disso.) E ela falou Ex-marido, o que mostrava que aquele começo não era muito amigável nem ajudava muito.

E eu: Pois é, aí é que está, né?

E ela: É?

E eu: É. Porque ele não precisava ser seu ex-marido.

E ela: Ah, precisava sim.

E a gente nem tinha passado da porta de entrada ainda.

Nessa hora, a Maureen disse Será que a gente poderia entrar e conversar? Meu nome é Maureen. Também sou amiga do Martin. Pegamos um trem pra vir de Londres.

E um ônibus, falei. Só queria que ela soubesse do nosso esforço.

E a Cindy disse Desculpe, entrem. O que pensei que ela ia dizer não era um desculpe, e sim um deem meia-volta e vão se foder. Estava se desculpando pela falta de educação de ter feito a gente ficar parada na porta. Aí pensei, tipo, ah, vai ser moleza. Dez minutos e, de tanto eu encher o saco, ela aceita ele de volta.

Então entramos na casa, e era aconchegante lá dentro, mas não do tipo casa de revista, como pensei que seria. Os móveis não combinavam, na real, e eram velhos e cheiravam um pouco a cachorro. Ela nos levou até a sala e tinha um coroa sentado lá, perto da lareira. Bonitão, mais novo que ela, e pensei: ah, o cara está em casa. Porque ele ouvia um walkman e estava sem sapatos, e ninguém que esteja só de visita fica sem sapatos ouvindo um walkman na casa dos outros, né?

A Cindy foi até o cara, deu uma batidinha no ombro dele e falou Temos visitas, e o cara, tipo, Ah, desculpem. Eu estava ouvindo o Stephen Fry lendo Harry Potter. As crianças adoram, então achei que devia dar uma conferida. Vocês já escutaram? E eu, tipo, Claro, eu pareço ter nove anos de idade pra você? E o cara não soube o que responder. Tirou os fones e apertou um botão no aparelho.

E a Cindy disse Aquele cachorro que as crianças estão brincando é do Paul. E pensei, tipo, tá, e daí? Mas não falei nada.

A Cindy contou que éramos amigas do Martin, e o cara perguntou se ela queria que ele saísse, e ela falou Não, claro que não, seja lá o que for que elas vieram me dizer, quero que você ouça também. Aí falei Bom, a gente veio dizer pra Cindy que ela deveria voltar com o Martin, então talvez você não queira ouvir. E ele não soube o que responder outra vez.

A Maureen olhou pra mim e então disse Estamos preocupadas com ele. E a Cindy respondeu Sim, bom, não posso dizer que isso me surpreenda. E aí a Maureen contou pra ela do cara que tinha se matado, e que tinha sido por causa da mulher e dos filhos que abandonaram ele, e a Cindy perguntou Vocês sabem que foi o Martin que abandonou a gente,

né? Não fomos nós. E respondi, tipo, Pois é, por isso a gente veio. Porque, se você tivesse abandonado ele, essa viagem toda até aqui seria um desperdício de tempo. Mas, tipo, viemos pra te dizer que ele mudou de ideia e tal. E a Maureen falou Acho que ele sabe que foi um erro. E a Cindy disse Eu não tinha dúvida de que, no longo prazo, ele ia acabar percebendo, e também não tinha dúvida de que, quando percebesse, seria tarde demais. E eu: Nunca é tarde pra aprender. E ela: Pra ele é. E eu disse que achava que ela devia uma segunda chance ao Martin, e ela meio que sorriu e disse que discordava, e falei que discordava da discordância dela, e ela disse que a gente devia concordar em discordar. E eu, tipo, Então você quer que ele morra?

E aí a Cindy ficou um pouco quieta e pensei: peguei. Mas então ela disse Também pensei em me matar, um tempo atrás, quando as coisas estavam bem ruins. Mas não tinha essa opção, por causa das meninas. E o fato de ele ter mostra como são as coisas. O Martin não tem uma família. Ele odiava fazer parte de uma. E foi aí que resolvi que o problema era dele. Se tinha liberdade pra sair fodendo com tudo, então que tenha pra se matar também. Vocês não acham?

E respondi Bom, entendo por que você diz isso. O que foi um erro, porque não ajudava muito minha argumentação.

A Cindy perguntou O Martin disse pra vocês que não deixo que ele veja as meninas?

E a Maureen respondeu Sim, ele falou. E a Cindy: Bom, não é verdade. Só não deixo que ele venha aqui. Ele tem permissão de levar elas pra passar os fins de semana em Londres, mas não faz isso. Ou diz que vai fazer, mas arruma desculpas. Não quer ser esse tipo de pai, percebem? Dá muito trabalho. O que ele quer é voltar pra casa e, uma ou outra noite, mas não todas, ler uma história pra elas, depois ir ver a peça de fim de ano na escola. Não quer saber do resto. E aí ela disse, tipo, Não sei por que estou contando isso pra vocês. E eu: Ele é meio idiota mesmo, né? E ela riu. O Martin cometeu um monte de erros, ela falou. E continua cometendo.

E o tal do Paul emendou Se ele fosse um computador, seria um caso de erro de programa, aí eu, tipo, E o que você tem a ver com a história? E então a Cindy disse Escuta aqui, fui muito paciente com vocês até agora. Duas estranhas batem na minha porta e me dizem pra reatar com meu ex-marido, um cara que quase me destruiu, eu deixo entrar e até ouço o que elas têm a dizer. Mas o Paul é meu companheiro, e parte da minha família, e um padrasto maravilhoso pras meninas. É isso que ele tem a ver com a história.

E então o Paul levantou e disse Acho que vou terminar o Harry Potter lá em cima, e quase tropeçou no meu pé, e a Cindy se atirou pra segurar ele e falou, tipo, Cuidado, querido, e aí percebi que o cara era cego. Cego! Puta que pariu! Era por isso que tinha um cachorro. Por isso é que ela tinha tentado me *contar* que ele tinha um cachorro (e porque eu estava disparando aqueles troços, tipo, eu pareço ter nove anos de idade?, ah, meu Deus, meu Deus). A gente tinha viajado aquela distância toda pra dizer pra Cindy que largasse um cego e voltasse com um cara que tinha trepado com meninas de quinze anos e tratado a mulher que nem merda. Mas esse detalhe não deveria ter feito diferença, né? Eles ficam o tempo todo falando que querem ser tratados igual a todo mundo. Então vou deixar de lado esse negócio do cara ser cego. Vou dizer, simplesmente, que viajamos aquela distância toda pra dizer pra Cindy que largasse um cara legal, que era bom pra ela e pras filhas, e voltasse com um babaca. Mesmo assim não soava grande coisa.

Mas vou contar o que me pegou de verdade. A única prova de que o Martin tinha qualquer coisa a ver com a Cindy era a gente ter aparecido na casa dela. Isso e as filhas dele, enfim, mas elas só seriam prova de alguma coisa com um teste de DNA e tal. Bom, o que estou querendo dizer é que, do ponto de vista da Cindy, ele podia nunca ter existido. Aquelas pessoas tinham seguido em frente. A Cindy tinha uma vida completamente nova agora. A caminho dali, eu tinha pensado sobre o quanto tinha evoluído, mas não fiz nada além de pegar um trem e depois um ônibus sem

perguntar pra Maureen sobre posições sexuais. A Cindy tinha se livrado do Martin, mudado e conhecido outra pessoa. O passado dela tinha ficado no passado, mas o nosso, sei lá... O nosso continuava por toda parte. Todo dia, quando a gente acordava, lá estava ele. Era como se a Cindy morasse num lugar moderno, tipo Tóquio, e a gente num antigo, tipo Roma ou outro lugar. Mas não funcionava exatamente assim, porque Roma provavelmente é um lugar bacana de morar, é só ver as roupas, o sorvete e os gatinhos e tal — tão bacana quanto Tóquio. E o lugar onde a gente morava não era bacana. Então talvez fosse mais como se ela morasse numa cobertura moderna e a gente em algum cortiço que já devia ter sido demolido faz anos. A nossa era uma casa com buracos nas paredes, e qualquer um podia enfiar a cabeça ali, se quisesse, e ficar fazendo careta pra nós. E a Maureen e eu estávamos ali tentando persuadir a Cindy a se mudar da cobertura bacana dela pro nosso cafofo. Não era lá uma oferta muito atraente, eu percebia agora.

Quando a gente estava de saída, a Cindy falou, tipo, Eu teria mais respeito pelo Martin se ele mesmo viesse me pedir. E eu: Pedir o quê? E ela: Se eu puder ajudar, vou ajudar. Mas não sei de que ajuda ele precisa.

E, ao ouvir isso dela, percebi que tínhamos feito tudo errado naquela tarde, e que tinha um jeito muito melhor.

JJ

O único problema era que o americano com seu típico papo de autoajuda não tinha uma porra de ideia que fosse pra ajudar a si próprio. E, pra ser honesto com vocês, quanto mais eu pensava na teoria dos noventa dias, menos conseguia ver como ela se aplicava a mim. Até onde podia perceber, estava fodido por bem mais que noventa dias. Tinha largado a música, cara, e largar a música não ia ser tipo largar o cigarro. Cada dia sem ia ser muito, muito pior, muito, muito mais difícil. Meu primeiro dia de trabalho no Burger King não seria tão mau, pois eu diria a mim mesmo, saca... Na real, não sei que porra eu podia dizer a mim mesmo, mas pensaria em alguma coisa. Mas, no quinto dia, eu estaria infeliz, e no

trigésimo *ano*... Cara. Nem tentem falar comigo no meu trigésimo aniversário virando hambúrguer. Vou estar bem rabugento nesse dia. E com sessenta e um anos de idade.

E aí, depois de um tempo com essas paradas na cabeça, eu meio que me poria de pé, mentalmente falando, e diria: tá, foda-se, vou me matar. E então me lembraria do cara que a gente viu fazendo exatamente isso, e voltaria a sentar me sentindo verdadeiramente horrível, pior do que antes, ao levantar. Autoajuda era uma bela merda. Nem com bebida na faixa.

Quando voltamos a nos encontrar, a Jess contou que ela e a Maureen tinham ido até um lugar fora da cidade visitar a Cindy.

“Minha ex-mulher se chama Cindy”, o Martin falou. Ele bebia seu *latte* e lia o *Telegraph*, e não estava ouvindo nada, na real, do que a Jess tinha pra dizer.

“Pois é, que coincidência”, ela disse.

O Martin continuou a beber seu café.

“Dã”, disse a Jess.

O Martin baixou o jornal e olhou pra ela.

“Que foi?”

“Era da sua Cindy que eu estava falando, seu mané.”

O Martin ficou olhando pra ela.

“Vocês não conhecem a minha Cindy. A ex-minha Cindy. Minha ex.”

“É isso que estamos te dizendo. Que a Maureen e eu fomos sei lá onde pra falar com ela.”

“Torley Heath”, a Maureen falou.

“Mas é onde ela mora!”, o Martin falou, escandalizado.

A Jess soltou um suspiro.

“Vocês foram visitar a Cindy?”

A Jess pegou o *Telegraph* e começou a folhear, meio que um deboche com a falta de interesse dele antes. O Martin arrancou o jornal dela.

“Por que diabos vocês fizeram isso?”

“A gente achou que talvez ajudasse.”

“Como?”

“Fomos lá perguntar se a Cindy não aceitaria você de volta. Mas ela não quer. Está amarradona num coroa cego. Se arranjou legal. Né, Maureen?”

A Maureen teve o bom senso de ficar olhando os próprios sapatos.

O Martin ficou olhando pra Jess.

“Você é maluca?”, ele falou. “Com autorização de quem você foi lá fazer isso?”

“Com autorização de quem? Minha. País livre.”

“E o que você faria se ela tivesse caído no choro e dito, sabe, ‘Queria muito que ele voltasse?’”

“Ia te ajudar com a mudança. E você teria obedecido com a porra do rabinho entre as pernas.”

“Mas...” Ele tentou articular alguma coisa sem conseguir, aí parou. “Meu Deus.”

“Enfim, sem chance. Ela te acha um perfeito escroto.”

“Se você tivesse ouvido uma palavra do que eu sempre disse da minha ex-mulher, se pouparia a viagem. Você achou que ela me aceitaria de volta? Achou que eu voltaria?”

A Jess deu de ombros. “Valia a pena tentar.”

“E você”, o Martin falou. “Maureen. Não tem nada aí nesse chão. Olha pra mim. Você foi junto lá?”

“A ideia foi dela”, disse a Jess.

“Então você é ainda mais idiota que ela.”

“Todos precisamos de ajuda”, a Maureen falou. “Nem todo mundo sabe o que quer. Vocês todos me ajudaram. Eu queria te ajudar. E achei que esse era o melhor jeito.”

“Como é que isso poderia funcionar agora, se não funcionou antes?”

A Maureen não disse nada, então falei eu.

“E quem de nós não tentaria fazer alguma coisa que não funcionou antes funcionar agora? Agora que vimos qual é a alternativa. Uma porra de

um nada gigantesco.”

“E o que você ia querer ter de volta, JJ?”, a Jess perguntou.

“Tudo, cara. A banda. A Lizzie.”

“Isso é idiota. A banda era uma porcaria. Bom”, ela se corrigiu rápido ao ver minha cara, “uma porcaria não. Mas não era... saca.”

Fiz que sim. Eu sacava.

“E a Lizzie te deu um pé.”

Sacava isso também. O que eu não disse, porque ia parecer mané pra caralho, foi que, se fosse possível, eu voltava o filme até as últimas semanas de banda, e até as últimas semanas com a Lizzie, mesmo com tudo já tão fodido. Eu ainda estava tocando, ainda podia ver ela — não tinha nada do que reclamar, certo? Tá, tudo aquilo estava morrendo. Mas não estava morto.

Não sei por quê, mas dizer na real o que queria, mesmo não podendo ter, era meio que uma libertação. Quando inventei o Tony Cósmico pra Maureen, estabeleci limites pros superpoderes dele porque pensei que talvez descobrisse de que tipo de ajuda prática ela precisava. No fim, o que ela precisava era de férias, e a gente pôde ajudar, então valeu a pena conhecer o Tony Cósmico. Mas, sem limites pros superpoderes, acaba que a gente descobre todo tipo de merda, saca, sei lá, aquilo que está errado com você de saída. Todo mundo passa um tempão sem dizer o que quer porque sabe que não pode ter aquilo. E porque soa feio, ou ingrato, ou desleal, ou infantil, ou banal. Ou porque estamos tão desesperados em fingir que, na real, as coisas vão bem, que confessar a nós mesmos que isso não é verdade parece um passo errado. Vai lá, diz o que você quer. Talvez não em voz alta, se isso pode te meter em encrenca. “Querida nunca ter casado com ele.” “Querida que ela ainda estivesse viva.” “Querida nunca ter tido filhos com ela.” “Querida ter uma caralhada de dinheiro.” “Querida que todos os albaneses voltassem pra porra da Albânia.” O que quer que seja, diz pra ti mesmo. A verdade vai te libertar. Ou isso, ou você leva um murro no nariz. Sobreviver nessa vida que você leva, seja qual for, significa

mentir, e mentir corrói a alma, então dá um tempo das mentiras só por um minuto.

“Queria ter minha banda de volta”, falei. “E minha garota. Quero minha banda e minha garota de volta.”

A Jess olhou pra mim. “Você acabou de dizer isso.”

“Não falei vezes suficientes. Quero minha banda e minha garota de volta. QUERO MINHA BANDA E MINHA GAROTA DE VOLTA. E você, Martin, o que você quer?”

Ele levantou. “Quero um cappuccino”, disse. “Alguém mais?”

“Deixa de ser viadinho. O que você quer?”

“Que vantagem eu levo te contando?”

“Sei lá. Conta e a gente vê o que acontece.”

Ele deu de ombros e sentou novamente.

“Você tem três desejos”, falei.

“Tá. Queria ter sido capaz de fazer meu casamento dar certo.”

“Tá bom, nunca que isso ia acontecer”, disse a Jess. “Porque o pinto você não foi capaz de segurar dentro das calças. Desculpa, Maureen.”

O Martin ignorou.

“E, claro, queria nunca ter ido pra cama com aquela menina.”

“Pois é, bom...”, a Jess falou.

“Cala a boca”, eu disse.

“Sei lá”, o Martin continuou. “Talvez eu só quisesse não ser tão babaca.”

“Taí, falou. Não foi tão difícil, né?”

Eu estava meio que brincando, mas ninguém riu.

“Por que você simplesmente não deseja que tivesse livrado a cara depois de ir pra cama com a menina?”, perguntou a Jess. “Se fosse você, era isso que eu desejaria. Acho que você continua mentindo. Usando os desejos com troços que te façam sair bem na foto.”

“Esse desejo que você falou não resolveria o problema, na verdade, certo? Eu continuaria sendo um babaca. Acabaria pego por alguma outra

coisa.”

“Bom, então por que não desejar que você nunca fosse pego por coisa nenhuma? Por que não desejar que... Como é mesmo aquele ditado dos ovos?”

“Do que você está falando?”

“Alguma coisa com ovos e omelete.”

“Fazer um omelete sem quebrar os ovos?”

A Jess pareceu meio em dúvida. “Tem certeza que é isso? Como é que alguém pode fazer um omelete sem quebrar os ovos?”

“A ideia”, o Martin explicou, “é que não dá pra ter as duas coisas. Fazer um omelete e manter, de alguma forma, os ovos intocados.”

“Muito louco.”

“Pois é.”

“E como daria pra fazer isso?”

“Não dá. Daí a expressão.”

“E pra que guardar as porras dos ovos, se não for pra comer?”

“A gente está meio que se desviando do assunto”, falei. “A questão é desejar alguma coisa que nos fizesse mais felizes. E posso entender por que o Martin deseja ser, saca, uma pessoa diferente.”

“Querida que a Jen voltasse”, disse a Jess.

“É, bom. Entendo. Que mais?”

“Nada. Só isso.”

O Martin desdenhou. “Você não queria ser menos babaca?”

“Se a Jen voltasse, eu não seria tanto.”

“Ou menos maluca?”

“Não sou maluca. Só, tipo. Confusa.”

Houve um silêncio reflexivo. Dava pra perceber que nem todos naquela mesa estavam convencidos.

“Então você vai simplesmente jogar fora dois desejos?”, eu quis saber.

“Não. Posso usar eles, sim. É... Um estoque interminável de erva, talvez? E, sei lá... Ah. Também não seria ruim saber tocar piano, acho.”

O Martin suspirou. “Meu Deus. Seu único problema é esse? Não saber tocar piano?”

“Se eu fosse menos confusa, teria tempo pra tocar piano.”

Paramos por ali.

“E você, Maureen?”

“Já te contei. Quando você disse que o Tony Cósmico só era capaz de arranjar certas coisas.”

“Conte pros outros.”

“Queria que arrumassem um jeito de ajudar o Matty.”

“Tem coisa melhor pra desejar, né?”, disse a Jess.

Sobressalto.

“Como assim?”

“Não, olha só, é que eu estava me perguntando o que você ia dizer. Porque você podia desejar que ele tivesse nascido normal. E aí se pouparia de todos esses anos limpando merda.”

A Maureen ficou um minuto em silêncio.

“E nesse caso quem eu seria?”

“Oi?”

“Não sei quem eu seria.”

“Continuaria a ser a Maureen, sua velha idiota.”

“Não é isso que ela está dizendo”, falei. “O que ela quer dizer é que, tipo, a gente é aquilo que acontece pra gente. Então, se eliminar as coisas que passamos, aí, saca...”

“Não, não estou sacando porra nenhuma”, disse a Jess.

“Se não tivesse existido a Jen na sua vida e... e as outras paradas todas...”

“Tipo o Chas e tal?”

“Exato. Acontecimentos dessa magnitude. Pô, que pessoa você seria então?”

“Uma pessoa diferente.”

“Exato.”

“E, porra, como seria bom.”

E aí encerramos nosso jogo dos desejos.

MARTIN

Era pra ser um gesto grandioso, acho, um jeito de encerrar as coisas, como se aquilo tudo pudesse ou fosse ter algum final. É esse o problema com os jovens de hoje, certo? Passaram a vida vendo finais felizes na tevê. Tudo pede um fim, com sorrisos, lágrimas e acenos. Todos tiveram algum aprendizado, encontraram o amor, se deram conta de seus erros, descobriram as delícias da monogamia, da paternidade, do dever filial, ou da vida em si. No meu tempo, alguém era baleado no fim dos filmes, e depois de aprender apenas que a vida é vazia, melancólica, brutal e curta.

Aconteceu umas duas ou três semanas depois da conversa sobre nossos desejos no Starbucks. Não sei como a Jess tinha conseguido manter a matraca fechada — um feito e tanto pra alguém cuja técnica de conversação consiste em descrever tudo à medida que acontece, ou até antes, com o maior número possível de palavras, feito um locutor esportivo de rádio. Olhando agora, é verdade que, aqui e ali, ela entregou o jogo — ou estaria entregando, caso algum de nós soubesse que havia um em curso.

Uma tarde, quando a Maureen falou que precisava ir embora pra ver o Matty, a Jess abafou uma risadinha e observou, enigmática, que a Maureen ia vê-lo, sim, logo logo.

A Maureen olhou pra ela.

“Vou estar com ele em vinte minutos, se der sorte com o ônibus”, falou.

“É, e depois disso”, disse a Jess.

“Logo logo e depois disso?”, perguntei.

“É.”

“Passo todos os dias a maior parte dos minutos com ele”, a Maureen falou.

E esquecemos o assunto, como costumávamos esquecer completamente tantas das coisas que a Jess dizia.

Uma semana mais tarde, talvez, ela passou a mostrar um interesse até então oculto na Lizzie, a ex-namorada do JJ.

“Onde a Lizzie mora?”, perguntou pra ele.

“King’s Cross. E antes que você diga alguma coisa, não, ela não é uma prostituta.”

“E como ela ganha a vida, prostituição? Haha. Tô só zoando.”

“Pode crer. Piada totalmente sensacional.”

“E onde é que dá pra morar ali? Sem ser prostituta?”

O JJ revirou os olhos. “Não vou te dizer onde ela mora, Jess. Você acha que eu sou otário?”

“Não quero falar com ela. Aquela vagabunda idiota.”

“E por que a Lizzie é vagabunda, exatamente?”, eu quis saber. “Até onde a gente sabe, ela só foi pra cama com um cara a vida inteira.”

“Como é mesmo a palavra? Quando a gente chama de puto e o cara não é, na real, um prostituto? Desculpa, Maureen.”

“Metáfora”, falei. Se alguém começa a falar em puto e prostituto e você sabe imediatamente que aquilo deveria ser sinônimo de “metáfora”, pode muito bem se perguntar se não tem intimidade demais com a pessoa. Pode até se perguntar se deveria mesmo conhecê-la.

“Isso. Ela é uma vagabunda metafórica. Chutou o JJ e provavelmente foi ficar com outro cara.”

“Pode crer, sei lá”, disse o JJ. “Não tenho certeza se ter me dado um pé na bunda condena a pessoa ao celibato eterno.”

E aí passamos a discutir o castigo mais apropriado a cada um dos nossos ex, se a pena de morte ainda seria pouco pra eles e assim por diante, e o momento Lizzie passou, como tantos outros por aqueles dias, sem que reparássemos. Mas a coisa já estava ali, bastava querer fuçar o quarto adolescente atulhado de lixo que era a mente da Jess.

No grande dia, propriamente dito, almocei com o Theo — embora, claro, durante o almoço não fizesse ideia de que era o grande dia. Almoçar

com o Theo já era um evento suficientemente importante. Não falava pessoalmente com ele desde que tinha saído da cadeia.

Ele queria conversar porque tinha recebido uma oferta, na descrição dele, “substancial”, de uma editora respeitável, por uma autobiografia minha.

“Quanto?”

“Eles ainda não falaram em valores.”

“Se você me permite perguntar, então em que sentido a oferta pode ser descrita como ‘substancial’?”

“Bom. Sabe. É uma oferta que tem substância.”

“O que isso significa?”

“Que é real, e não imaginária.”

“E o que, em termos reais, significa ela ser ‘real’? Na realidade?”

“Você está ficando muito difícil, Martin. Se me permite dizer. Dos meus clientes, não tem sido o mais fácil e, por razões diversas, também não atravessa o melhor dos momentos. E na verdade tenho trabalhado com bastante afinco nesse projeto.”

Na hora eu estava distraído, pois tinha reparado que estava pisando num palheiro. Tínhamos ido comer num restaurante chamado “Fazenda”, onde tudo que era servido vinha de uma fazenda. Sensacional, hein? Carne! Batatas! Salada verde! Que conceito! Imagino que precisassem também do palheiro, senão a temática talvez começasse a parecer pouco inspirada. Gostaria de poder relatar aqui que as garçonetes eram animadas, robustas, coradas e usavam avental, mas, claro, eram carrancudas, magras, pálidas e estavam vestidas de preto.

“Mas que trabalho você teve, Theo? Se, como você diz, alguém ligou e fez uma oferta pela minha autobiografia em termos meio que indescritivelmente substanciais?”

“Bom. Fui eu que liguei e sugeri que talvez eles quisessem o livro.”

“Certo. E eles pareceram interessados?”

“Ligaram de volta.”

“Com uma oferta substancial.”

Ele sorriu, condescendente.

“Você não sabe mesmo muito de como funciona o mercado editorial, não é?”

“Na verdade, não. Só o que você me contou até agora neste almoço. Ou seja, que pessoas ligam com ofertas substanciais. É por isso que estamos aqui, aparentemente.”

“Não devemos correr antes de aprender a andar.”

O Theo estava começando a me irritar.

“Certo. Tudo bem. Então me diga como estamos andando.”

“Não, veja bem... Mesmo falar disso já é correr. O movimento é mais, sabe, *tático*.”

“Perguntar como estamos andando é correr?”

“Calminho, calminho.”

“Pelo amor de Deus, Theo.”

“Reagindo assim você já não está sendo calminho, calminho, se me permite dizer. Já está bem agitadinho. Estressadinho até.”

Nunca mais ouvi falar da tal oferta, e nunca consegui descobrir o objetivo daquele almoço.

A Jess tinha convocado um encontro extraordinário pras quatro horas, no amplo e invariavelmente vazio andar de baixo do Starbucks da Upper Street, um daqueles salões com uma porção de sofás e mesas, que se pareceria exatamente com a sala de casa, se fosse uma sala sem janelas e onde só servissem bebidas em copos de papelão que jamais eram levados até a lixeira.

“Por que no andar de baixo?”, eu quis saber quando ela ligou.

“Porque tenho assuntos particulares pra tratar.”

“Que tipo de assuntos particulares?”

“Assuntos sexuais.”

“Ah, meu Deus. Os outros vão estar lá também, certo?”

“Você acha que tenho algum assunto sexual particular que queira contar só pra você?”

“Minha esperança era que não.”

“Tá, como se você não saísse das minhas fantasias.”

“Te vejo mais tarde, tá?”

Peguei um ônibus da linha dezenove do West End até Upper Street porque a grana tinha acabado, finalmente. Aqueles trocados que faturamos nas aparições em talk shows e com assessores de ministros já eram, e eu estava desempregado. Então, muito embora a Jess tivesse explicado, certa vez, que táxis são o meio de transporte mais barato que existe, pois levam a gente aonde quiser de graça e é só chegando lá que o dinheiro é necessário, decidi que fazer um taxista sofrer as consequências da minha pobreza não era uma boa ideia. Em todo caso, o taxista e eu quase com certeza passaríamos todo o trajeto conversando sobre a injustiça de eu ter sido preso, normal um cara querer fazer aquilo, culpa dela sair vestida daquele jeito, e assim por diante. Faz algum tempo que tenho preferido não andar com os taxistas dos tradicionais carros pretos, porque os outros motoristas são tão ignorantes dos moradores de Londres quanto da geografia da cidade. Fui reconhecido duas vezes em um ônibus, uma delas por alguém que quis ler pra mim uma passagem relevante e aparentemente redentora da Bíblia.

Quando me aproximava do Starbucks, um casal mais jovem entrou na minha frente e foi direto pra parte de baixo do café. De início gostei da ideia, claro, porque significava que as revelações sexuais da Jess precisariam ser feitas à meia-voz, se é que seriam; mas aí, enquanto esperava na fila pra pedir meu *chai tea latte*, me dei conta de que a presença de outras pessoas poderia não significar nada, considerando a imunidade da Jess a constrangimentos; e meu estômago começou a fazer o que tem feito desde que passei dos quarenta. E não falo de sentir *um friozinho* na barriga, podem estar certos. Não é isso que acontece com gente mais velha. É mais como se um lado da parede estomacal fosse uma língua e o outro uma

bateria elétrica. E, em momentos de tensão, os dois lados se tocassem, com consequências desastrosas.

Ao descer as escadas, a primeira pessoa que avistei foi o Matty na cadeira de rodas dele. Estava escoltado por dois enfermeiros fortões que, presumi, deviam tê-lo carregado pra baixo, e um deles conversava com a Maureen. E então, enquanto tentava entender o que o Matty estaria fazendo ali, duas meninas loiras correram desabaladas pra mim, gritando “Papai! Papai!”, e mesmo nesse momento não me dei conta, de imediato, que eram minhas filhas. Peguei as duas, abracei, tentei não começar a chorar e olhei em torno do salão. A Penny estava ali, sorrindo pra mim, e a Cindy, numa mesa do outro lado, me olhava sem sorrir. O JJ estava abraçado com o casal que tinha entrado no café logo antes de mim, e a Jess, de pé ao lado do pai e de uma mulher que, concluí, devia ser a mãe dela — era inconfundivelmente a mulher de um assessor de ministro. Era alta, estava vestida com roupas caras e tinha um sorriso medonho que não guardava nenhuma relação com o que pudesse estar sentindo, um autêntico sorriso de campanha eleitoral. No pulso, ela usava um daqueles pedaços de barbante vermelho que a Madonna costuma usar, então, apesar das aparências em contrário, tratava-se de alguém espiritualmente muito profunda. Considerando o talento da Jess pro melodrama, não ficaria de todo surpreso de ver sua irmã ali, mas chequei atentamente e ela não estava. A Jess estava de saia e jaqueta e, como poucas vezes vi, tinha maneirado na sombra dos olhos, quase imperceptível, pra não assustar ninguém.

Coloquei as meninas de novo no chão e levei de volta até a mãe delas. Mas, no meio do caminho, acenei pra Penny, só pra ela não se sentir deixada de lado.

“Olá.” Me curvei pra beijar a Cindy no rosto, e ela, ligeira, desviou. “E então: o que te traz aqui?”, perguntei.

“A garota maluca ali parece achar que talvez seja de alguma ajuda.”

“Ah. E ela explicou como?”

A Cindy deu uma bufada. Eu tinha a sensação de que ela faria aquilo em reação a qualquer coisa que eu dissesse, que bufadas seriam seu método preferencial de comunicação, então fiquei de joelhos pra conversar com as crianças.

A Jess bateu palmas e avançou pro meio do salão.

“Li sobre esse tipo de reunião na internet”, ela disse. “Chamam de intervenção. Fazem isso direto nos Estados Unidos.”

“O tempo todo”, gritou o JJ. “É só o que a gente faz lá.”

“Vejam, se alguém está fodido... ferrado por causa de droga ou bebida ou sei lá o quê, aí o pessoal, amigos e família e não sei mais quem, se reúne pra chegar junto na pessoa e dizer, tipo: ‘Para com essa porra’. Desculpa, Maureen. Desculpa, pai e mãe, meninas. Aqui vai ser um pouco diferente. Nos Estados Unidos, eles contam com um cara treinado, um... Merda, esqueci o nome. No website que olhei ele se chamava Steve.”

Ela remexeu no bolso da jaqueta e tirou dali um pedaço de papel.

“Um facilitador. Normalmente existe esse facilitador treinado, mas a gente não tem um. Não sabia pra quem pedir, na real. Não conheço ninguém treinado em coisa nenhuma. E, também, nossa intervenção vai funcionar meio que ao contrário. Porque estamos pedindo pra vocês intervirem. Somos nós indo até vocês, e não vocês vindo até nós. Estamos dizendo pra vocês: precisamos de ajuda.”

Os dois enfermeiros que tinham vindo com a Maureen começaram a demonstrar algum desconforto nessa hora, e a Jess reparou.

“Vocês não, rapazes”, ela disse. “Vocês não precisam fazer nada. Pra falar a verdade, estão aqui só pra dar uma reforçada no time da Maureen, porque, bom, tipo, ela na real não tem mais ninguém, né? E pensei que vocês dois e o Matty eram melhor do que nada, sacaram? Ia ser meio deprê pra você, Maureen, ficar aí sozinha vendo esses reencontros todos.”

Nisso a gente tinha que dar o braço a torcer pra Jess. Uma vez que se agarrava a um tema, não queria mais largar o osso. A Maureen tentou retribuir com um sorriso agradecido.

“Enfim. Só pra vocês saberem quem é quem. No canto do JJ, temos sua ex, Lizzie, e seu amigo Ed, com quem o JJ tocava na porcaria da banda deles. O Ed veio especialmente dos Estados Unidos. Tenho aqui meu pai e minha mãe, e não é muito fácil encontrar os dois juntos numa mesma sala, haha. O Martin tem ali a ex-mulher, as filhas e a ex-namorada. Ou talvez elas não sejam ex, quem sabe? No final da sessão, pode ser que ele tenha de volta a mulher e a namorada.”

Todos riram, olharam pra Cindy, e então pararam de rir, porque perceberam que isso poderia ter consequências.

“E a Maureen comparece com seu filho Matty e os dois caras da clínica. Então, a ideia é a seguinte. Cada um passa algum tempo conversando com seu pessoal, botando o papo em dia. Aí a gente troca, sai conversando com o pessoal dos outros. Assim fica uma mistura daquele troço dos americanos com uma reunião de pais na escola, porque os amigos e a família ficam no seu canto, esperando ser abordados pelos demais.”

“Por quê?”, perguntei. “Pra quê?”

“Sei lá. Pro que seja. Só pra dar umas risadas. E a gente vai estar aprendendo um pouco, né? Sobre os outros. E sobre nós mesmos.”

Lá vinha ela de novo com seus finais felizes. Verdade que eu tinha aprendido algo sobre outras pessoas, mas nada que não fosse factual. Então podia chegar pro Ed e dizer o nome da banda em que ele tocava, e pros Crichton sabendo o nome da filha desaparecida deles; me parecia improvável, porém, que eles fossem achar isso útil em qualquer sentido ou mesmo que viesse a confortá-los.

E, enfim, o que alguém aprende ou pode aprender na vida, fora horários e o nome do primeiro-ministro espanhol? Espero ter aprendido a não ir pra cama com meninas de quinze anos, mas já tinham me ensinado isso há muito tempo — décadas antes de eu, de fato, ir pra cama com uma. O problema, ali, foi simplesmente que ela me disse que tinha dezesseis. Ora, será que aprendi a não ir pra cama com meninas de dezesseis anos ou

jovens atraentes? Não. E no entanto todas as pessoas que entrevistei na vida me disseram que passando por isso ou aquilo — se recuperando de um câncer, escalando uma montanha, interpretando o papel de um serial killer num filme — tinham aprendido alguma coisa sobre elas mesmas. E eu sempre assentia, sorrindo, quando na verdade queria encostar esse pessoal na parede: “O que foi *exatamente* que você aprendeu com o câncer? Que não gosta de ficar doente? Que não quer morrer? Que perucas dão coceira no couro cabeludo? Vamos lá, seja mais específico”. Suspeito que dizem isso pra si mesmos pra transformar a experiência em alguma coisa que pareça valiosa, no lugar de uma completa e total perda de tempo.

Recentemente, em poucos meses, estive preso, perdi até a última molécula de respeito por mim mesmo, me tornei um estranho pras minhas filhas e pensei muito seriamente em me matar. Esse pequeno inventário há de ser equivalente, psicologicamente, a passar por um câncer, certo? E com certeza é mais complicado do que atuar na porcaria de um filme. Então por que não aprendi absolutamente bulhufas? O que deveria ter aprendido? Certo, descobri que era bastante apegado à minha autoestima, e lamento sua extinção. E também que cadeia e pobreza não são, na verdade, a minha cara. Mas, sabe, poderia ter adivinhado ambas as coisas de antemão. Podem me chamar de sem imaginação, mas suspeito que as pessoas talvez aprendam muito mais sobre elas mesmas se não tiverem câncer. Sobra mais tempo, e bem mais energia.

“Então”, continuou a Jess. “Quem começa falando com quem?”

Nesse momento, uns adolescentes punks franceses surgiram entre nós carregando canecas de café. Seguiram pra uma mesa vazia perto da cadeira de rodas do Matty.

“Ei”, disse a Jess. “Aonde vocês pensam que vão? Pra cima, todo mundo.”

Eles ficaram olhando pra ela.

“Anda logo, não temos o dia inteiro. Vai, vai, vai. *Schnell. Plus vitement.*” Ela espantou todos pro andar de cima e, sem reclamar, lá foram eles; a Jess devia ser só mais um desses incompreensíveis e agressivos nativos de um incompreensível e agressivo país. Sentei à mesa da minha ex-mulher e de novo acenei pra Penny. Foi meio que um daqueles gestos multiuso num bar lotado, uma espécie de cruza entre “Só vou pegar uma bebida” e “Te ligo”, talvez com uma pitada de “Pode trazer a conta, por favor?”. A Penny assentiu, como se tivesse entendido. E aí, com igual inadequação, esfreguei as mãos como se estivesse curtindo a expectativa de um delicioso e nutritivo banquete de autoconhecimento.

MAUREEN

Não achei que eu tivesse muito o que dizer. Afinal, não havia nada, na verdade, que pudesse falar para o Matty. Mas pensei que também não encontraria o que conversar com os dois rapazes da clínica. Perguntei a eles se queriam um chá, mas não aceitaram; e então quis saber se tinha sido difícil descer a escada com o Matty, e eles responderam que, como estavam em dois, não. E falei que nem com dez de mim seria possível trazê-lo até ali, e eles riram, e aí ficamos lá, parados, olhando uns para os outros. E então o mais baixo, aquele que era australiano e tinha o formato de um robô de brinquedo que uma vez dei para o Matty, corpo e cabeça quadrados, perguntou a razão daquela reuniãozinha. Não tinha me ocorrido que eles provavelmente não sabiam.

“Estou tentando entender, mas não saio do lugar.”

“Sim”, falei. “Bom. Deve ser bem confuso.”

“Então, vai. Tira a gente dessa ignorância. O Steve aqui acha que vocês todos estão com problema de grana.”

“Alguns. Não eu.”

Nunca tive de me preocupar com dinheiro, na verdade. Recebo uma pensão por causa do Matty e moro na casa antiga da minha mãe, que me deixou alguma coisinha. E, quando a gente nunca faz nada nem vai a lugar nenhum, a vida é barata.

“Mas vocês têm seus problemas”, disse o rapaz quadrado.

“Sim, temos nossos problemas”, falei. “Mas são todos diferentes.”

“É, só sei que ele ali tem os dele”, disse o outro, Steve. “O cara da tevê.”

“Sim, ele tem seus problemas”, falei.

“E como é que você conhece ele? Não consigo imaginar vocês indo às mesmas casas noturnas.”

E acabei contando tudo aos dois. Não era minha intenção. Simplesmente saiu. E, uma vez que tinha começado, pareceu não importar muito o que ia contar. E aí, terminada a história, vi que não devia ter contado nada, ainda que eles tivessem sido gentis e dito que sentiam muito, esse tipo de coisa.

“Vocês não vão contar pro pessoal da clínica, vão?”, perguntei.

“Por que a gente contaria?”

“Se descobrirem que eu estava planejando deixar o Matty lá pra sempre, podem se recusar a hospedá-lo outras vezes. Podem pensar que, todas as vezes que liguei para vocês irem buscá-lo, estava pensando em me jogar de um terraço em algum lugar.”

Então fizemos um trato. Eles me deram o nome de outra clínica na vizinhança, uma que disseram ser melhor que a deles, e prometi que, se resolvesse me matar, ligaria para a outra.

“Não é que a gente não queira nem saber”, falou o rapaz quadrado, Sean. “E também não significa que não queremos o Matty morando lá na clínica. É só que não gostaríamos de ficar pensando que toda vez que você ligar é porque está encrocada.”

Não sei por quê, mas isso me deixou feliz. Dois rapazes que eu, na verdade, não conhecia tinham me dito que, se sentisse que queria me suicidar, não ligasse para eles, e minha vontade era abraçar os dois. Não queria que as pessoas ficassem sentindo pena de mim, entendem? Queria que me ajudassem, mesmo que ajudar significasse dizer que não ajudariam, se é que posso falar assim sem soar irlandesa demais. E o engraçado era que a Jess buscava justamente isso, quando organizou a

reunião. E ela não esperava que eu conseguisse alguma coisa ali, e só tinha chamado os dois rapazes porque não seria possível trazer o Matty sem os dois, e em cinco minutos eles já me faziam sentir melhor.

O Stephen, o Sean e eu ficamos observando os demais por alguns momentos, vendo como se saíam. O JJ era quem estava indo melhor, pois ele e suas companhias não tinham ainda começado a discutir, na verdade. O Martin e a ex-mulher, em silêncio, olhavam as filhas desenhando, e a Jess e os pais gritavam. O que talvez fosse um bom sinal, caso estivessem gritando pelas coisas certas, mas aqui e ali dava para ouvir a Jess berrar mais alto sobre isso ou aquilo, e nunca parecia ser de grande serventia. Por exemplo: “Não encostei em porcaria de brinco nenhum”. Todo mundo no salão ouviu a frase, e o Martin, o JJ e eu nos entreolhamos. Nenhum de nós sabia de uma história envolvendo brincos, então não queríamos julgar, mas era difícil imaginar que isso estivesse na raiz do problema da Jess.

Sentia pela Penny, que continuava sentada sozinha, então fui perguntar se ela não gostaria de se juntar a nós.

“Tenho certeza de que vocês têm muito o que conversar lá”, ela disse.

“Não”, falei. “Já terminamos, na verdade.”

“Bom, o cara mais bonito da sala ficou com você”, ela disse. Estava falando do Stephen, o enfermeiro mais alto, e olhando para ele dali, daquele lado do salão, entendi o que ela queria dizer. Ele era loiro, tinha cabelo comprido e espesso, olhos de um azul vivo e um sorriso que aquecia o ambiente todo. Era triste que eu não tivesse reparado, mas não penso mais nessas coisas, na verdade.

“Então venha conversar. Ele vai gostar de te conhecer”, eu disse. Não sabia com certeza se ia mesmo, mas, quando o sujeito não tem nada para fazer além de ficar parado ao lado da cadeira de rodas de um rapaz, seria de imaginar que fosse ficar bem feliz de conhecer uma mulher bonita que trabalha na tevê. E o mérito nem foi tanto meu, pois não fiz nada, na verdade, a não ser dizer o que eu disse; mas é engraçado que tanta coisa

tenha acontecido porque a Penny atravessou o andar de baixo de um café para conversar com o Stephen.

JESS

Todo mundo parecia estar curtindo, menos eu. Pra mim foi uma bosta. E isso não era justo, porque eu tinha demorado séculos pra conseguir organizar aquela história de intervenção/ reunião de pais. Fui na internet e arranjei o e-mail do cara que tinha sido o empresário da banda do JJ. E ele me deu o telefone do Ed, e fiquei acordada até, tipo, três da manhã, esperando pra ligar na hora que ele voltasse do trabalho. E, quando contei que o JJ estava ferrado daquele jeito, o Ed falou que viria, e aí ligou pra Lizzie e contou pra ela, que falou que também estava dentro. E teve tudo quanto é tipo de estresse com a Cindy e as crianças, e acabou sendo, tipo, uma porra de um trabalho integral durante uma semana, e o que recebo em troca? Porra nenhuma. Por que achei que conversar com a porra dos meus pais teria alguma porra de utilidade? Não tem uma porra de um dia que eu não fale com eles, e nada muda, nunca. Então que diferença eu achei que teria? O Matty, a Penny e todo mundo em volta? Ou porque era no Starbucks? Acho que tinha esperança que eles talvez fossem escutar, especialmente depois de ter anunciado que a gente estava ali reunido porque precisava da ajuda deles; mas, no momento que minha mãe veio com a história dos brincos, saquei que dava na mesma se eu tivesse catado alguém na rua e arrastado até ali e pedido pra ser adotada ou sei lá o quê.

Nunca mais essa história dos brincos vai ser esquecida. No leito de morte dela a gente ainda vai estar falando disso. É quase, tipo, um jeito dela xingar. Quando estou brava com ela, digo porra pra caramba, e ela, quando está brava comigo, fala desses brincos o tempo inteiro. Nem eram dela, os brincos; eram da Jen e, como eu disse, nunca encostei neles. Ela insiste nesse troço de que, durante aquelas primeiras semanas terríveis, quando a gente sentava do lado do telefone esperando a polícia ligar pra dizer que tinha achado o corpo, os brincos ficaram em cima do criado-mudo da Jen. Minha mãe diz que toda noite ia lá e sentava na cama, e que

tem, tipo, uma memória fotográfica de todas as coisas que via ali toda noite, e que ainda hoje consegue ver os brincos no criado-mudo, ao lado de uma caneca de café e da edição de bolso de um livro ou outro. E aí, quando fomos, tipo, retomando a rotina de trabalho, a escola e a vida normal, ou o mais próximo de uma vida normal que conseguimos ter desde então, os brincos sumiram. E claro que devo ter sido eu que peguei, porque estou sempre roubando coisas. E estou mesmo, admito. Mas o que eu roubo é dinheiro, principalmente, e dos meus pais. Aqueles brincos eram da Jen, e não deles, e também ela comprou o troço no Camden Market por, tipo, cinco libras.

Não tenho certeza se é assim, e não estou me fazendo de coitadinha ou sei lá o quê. Mas pais têm filhos preferidos, né? E como não teriam? Como é que o sr. e a sra. Minogue poderiam não preferir a Kylie em vez da outra filha? A Jen nunca roubava nada deles; lia o tempo inteiro, ia bem na escola, conversava com meu pai sobre reforma ministerial e esses negócios todos de política, nunca vomitou no chão na frente do ministro da Fazenda ou o que seja. Pega essa história do vômito só como exemplo. Foi um falafel estragado, né? A gente tinha matado aula e fumado talvez uns dois baseados, tomado umas garrafinhas de Breezers, então nem foi o que se poderia chamar de uma tarde muito louca. Sério, nem exagerei nem nada. E aí fui comer esse falafel pouco antes de voltar pra casa. Bom, quando coloquei a chave na porta, já estava sentindo o negócio voltando, então eu sabia que tinha sido o falafel que estava me fazendo mal. E não tive chance de chegar até o toalete, né? E meu pai estava na cozinha com o cara do ministério, e tentei usar a pia, mas não deu tempo. Foi falafel e Breezers pra todo lado. Sem o falafel, eu teria vomitado? Não. Ele acreditou que aquilo tinha alguma coisa a ver com o falafel? Não. Se fosse a Jen, eles teriam acreditado? Sim, só porque ela não bebia ou fumava erva. Sei lá. É isso que rola — falafels e brincos. Todo mundo sabe conversar e ninguém sabe o que dizer.

Depois da gente ter discutido tudo de novo o negócio dos brincos, minha mãe falou: O que você quer? E eu, tipo, Você não escuta nada?, e ela: Que parte era pra eu ter escutado? E eu, tipo, No meu discurso ou sei lá o quê, quando disse que precisávamos da ajuda de vocês, e ela: “Bom, o que isso significa? O que a gente deveria estar fazendo e não está?”.

E eu não sabia. Eles me alimentam e me vestem e me dão grana pra beber e escola e tudo mais. Quando falo, eles ouvem. Só pensei que, se dissesse que precisavam me ajudar, ia receber ajuda. Jamais me dei conta de que não tinha nada que eu pudesse dizer, e nada que eles pudessem dizer, e nada que pudessem fazer.

Aí, nessa hora, quando minha mãe me perguntou como é que eles podiam ajudar, foi meio que, tipo, o momento em que o cara se jogou daquele terraço. Tipo, não foi tão horrível nem assustador, ninguém morreu, a gente estava debaixo de um teto *etc.* Mas sabe aquelas coisas bem guardadas que ficam no fundo da cabeça, tipo dentro de um cofrinho? Você pensa, por exemplo: um dia, se não der mais pra levar, me suicido. Um dia, se eu estiver fodida pra caramba, de verdade, entrego os pontos e peço pro meu pai e pra minha mãe segurarem a barra. Enfim, o cofrinho mental estava vazio agora, e a piada era que nunca, em nenhum momento, existiu nada ali dentro.

Então fiz o que normalmente faço nessas situações. Falei pra minha mãe ir se foder e falei pro meu pai ir se foder, e aí fui embora, mesmo sabendo que era pra, mais tarde, eu ter conversado com os amigos e a família dos outros. E, quando cheguei no alto da escada, me senti idiota, mas era tarde demais pra voltar atrás, então simplesmente fui direto pra porta, desci a Upper Street até o metrô Angel e peguei o primeiro que passou. Ninguém veio atrás de mim.

JJ

No momento em que vi o Ed e a Lizzie na Starbucks, senti um pequeno estremecimento incontrolável de esperança. Tipo, é isso! Eles vieram me salvar! O resto da banda está montando as coisas pra gente tocar

hoje à noite, e de lá a Lizzie e eu vamos pra um apartamento bonitinho que ela alugou pra nós dois! Foi o que ficou fazendo esse tempo todo! Procurando um apartamento e decorando pra gente! E... Quem é aquele coroa falando com a Jess? Será que é um executivo de gravadora? Será que o Ed conseguiu arrumar um novo contrato? Não, não conseguiu. O coroa é o pai da Jess, e mais tarde descobri que a Lizzie tinha um novo namorado, que tinha uma casa em Hampstead e a própria empresa de design gráfico.

Desembarquei do sonho rapidinho. A cara e a voz deles não estavam nada animadas, então saquei que não tinham nenhuma novidade pra me contar, nenhum grande anúncio sobre o meu futuro pra fazer. Podia ver amor ali, e preocupação, o que me deixou um pouco emocionado, pra falar a verdade; pra evitar que me vissem sendo um frouxo, abracei os dois por um tempão. Mas eles tinham vindo até o Starbucks a pedido de alguém, e nenhum dos dois fazia a menor ideia do porquê.

“Qual é, cara?”, disse o Ed. “Fiquei sabendo que você não tá muito legal.”

“É, bom”, falei. “Daqui a pouco melhora.” Queria dizer alguma coisa sobre aquela figura, o Micawber, do Dickens, mas não estava a fim de irritar o Ed já antes da gente começar a conversar.

“Aqui não vai rolar nada pra você”, ele disse. “Você tem que voltar pra casa.”

Não queria ter que entrar na história toda dos noventa dias, então mudei de assunto.

“Olha só a sua pinta”, falei. Ele vestia uma jaqueta de camurça que parecia ter custado a maior grana e umas calças de veludo cotelê, e o cabelo, mesmo que ainda comprido, tinha uma aparência saudável e sedosa. O Ed estava igual àqueles babacas que namoram as garotas do ***Sex and the City***.

“Na real nunca quis ter aquele visual de antes. Só andava daquele jeito porque vivia duro. E a gente nunca se hospedava em um lugar que tivesse

um chuveiro decente.”

A Lizzie sorriu discreta. Era difícil ver os dois ali — tipo receber uma visita da primeira e da segunda esposa no hospital.

“Nunca saquei que você tinha esse lance suicida.”

“Ei, cuidado com o que diz. Isto aqui é a sede do Clube dos Suicidas.”

“Pode crer. Mas, pelo que fiquei sabendo, os outros tinham bons motivos. Qual é o seu? Você não tem nenhum, cara.”

“É. A sensação é bem essa.”

“Não foi isso que eu quis dizer.”

“Alguém quer café?”, perguntou a Lizzie.

Não queria que ela saísse de perto.

“Vou buscar com você”, falei.

“Vamos todos”, disse o Ed. E aí fomos, e a Lizzie e eu continuamos não conversando, enquanto o Ed seguia falando, e aquilo pareceu, tipo, uma versão concentrada, adaptada pra fila do café, de anos recentes da minha vida.

“Pra caras como nós, o rock ‘n’ roll é tipo a faculdade”, o Ed falou depois que tínhamos feito os pedidos. “A gente é da classe trabalhadora. Não tem como ficar por aí de zoeira que nem moleques mimados, só se montar uma banda. Passam uns anos e a parada começa a encher o saco, as turnês começam a encher o saco, viver sem grana começa a encher o saco. Aí você arruma um emprego. É a vida, cara.”

“Então, na hora que tudo começa a encher o saco... É, tipo, acabou a faculdade. Nossa formatura.”

“Exato.”

“E quando é que tudo começa a encher o saco pro Dylan? Ou pro Bruce Springsteen?”

“Provavelmente quando eles se hospedarem num hotelzinho de beira de estrada onde não dá pra usar água quente antes das seis da tarde.”

Verdade, na última turnê, a gente ficou num hotel assim na Carolina do Sul. Mas minha memória de lá é o show, que foi quente; a do Ed, o

chuveiro que não esquentava.

“Enfim, estive com o Bruce. Ou, pelo menos, vi ele ao vivo na turnê da volta da E Street Band. E, meu caro JJ, você não é o Springsteen.”

“Valeu, cara.”

“Porra, JJ. O que é que você quer eu diga? Tá, você é o Springsteen. Você é um dos mais bem-sucedidos artistas da história do showbiz. Você apareceu nas capas da *Time* e da *Newsweek* na mesma semana. Você lota estádios uma porra de noite atrás da outra. Taí. Melhorou? Caraca. Vê se cresce, cara.”

“Ah, tá, e você agora é adultinho porque seu velho, de pena, te deu emprego pra você sair catando gente que faz gato de tevê a cabo.”

As orelhas do Ed ficam vermelhas toda vez que ele está a ponto de distribuir socos. Essa informação provavelmente não tem utilidade pra ninguém mais no mundo além de mim, porque, por razões óbvias, o Ed não costuma criar laços realmente profundos com as pessoas que são alvo de seus socos, então elas não chegam a descobrir a parada das orelhas — aparentemente por não conviverem com ele tempo suficiente. Devo ser o único que sabe o momento de se abaixar.

“Suas orelhas estão ficando vermelhas”, eu disse.

“Vai se foder.”

“Você pegou um avião pra vir aqui me dizer isso?”

“Vai se foder.”

“Parem, vocês dois”, a Lizzie falou. Não tenho certeza, mas parece que, da última vez que nós três estivemos juntos, ela disse a mesma coisa.

O cara que estava preparando nosso café nos observava cauteloso. Eu conhecia ele de “oi”, era um cara legal, um estudante, e a gente tinha conversado sobre música algumas vezes. Gostava pra caramba de White Stripes, e eu vinha tentando convencer ele a ouvir Muddy Waters e The Wolf. A gente estava assustando um pouquinho o rapaz.

“Olha só”, falei pro Ed. “Venho sempre aqui. Se você quer me dar porrada, vamos lá pra fora.”

“Obrigado”, disse o fã de White Stripes. “É que, sabe. Vocês até poderiam ficar, se não tivesse mais ninguém, porque você é cliente da casa e a gente gosta de tratar bem os clientes. Mas...” Ele fez um gesto na direção da fila atrás de nós.

“Não, não, entendo, cara”, falei. “Valeu.”

“Deixo o café de vocês aqui no balcão?”

“Claro. Não vai demorar nada. Ele geralmente se acalma depois de ter acertado uma bem dada.”

“Vai se foder.”

E aí saímos pra rua. Estava frio, escuro e úmido lá fora, mas as orelhas do Ed pareciam duas pequenas tochas no breu.

MARTIN

Não tinha encontrado nem conversado com a Penny desde a manhã em que nosso contato imediato com o anjo foi parar nos jornais. Pensava nela com carinho, mas, na verdade, não sentia sua falta, nem sexual nem socialmente falando. Minha libido tinha saído de férias (e o cara precisa sempre estar preparado pra possibilidade de uma aposentadoria precoce ou de um abandono permanente de função); minha vida social se resumia à Maureen, ao JJ e à Jess, o que talvez sugira que andava tão mal quanto meu impulso sexual, ainda mais porque os três pareciam me bastar por ora. E no entanto, quando vi a Penny flertando com um dos enfermeiros do Matty, senti uma raiva incontrolável.

Não é um paradoxo, quando se conhece alguma coisa sobre a perversidade da natureza humana. (Creio que já usei essa frase antes, e portanto ela talvez já tenha começado a parecer mais uma esperteza psicológica do que uma constatação séria. Da próxima vez, devo apenas admitir perversidade e inconsistência, deixando de fora essa história de natureza humana.) Ciúme é uma coisa a que um homem está sujeito a qualquer momento, e o enfermeiro loiro era alto, jovem, bronzeado e loiro. A chance de que ele, mesmo sozinho no andar de baixo do Starbucks, ou

na verdade em qualquer parte de Londres, provocasse em mim uma raiva incontrolável era total.

Olhando agora, eu quase que certamente procurava um pretexto pra abandonar minha família. Conforme suspeitava, tinha aprendido muito pouco sobre mim mesmo nos minutos precedentes. Nem o desdém da minha ex-mulher nem os desenhos das minhas filhas estavam tendo o efeito instrutivo que a Jess desejava.

“Obrigado”, falei pra Penny.

“Ah, tudo bem. Eu estava sem fazer nada mesmo, e ao que parece a Jess acha que isto aqui talvez ajude um pouco.”

“Não”, eu disse, já de cara em posição de inferioridade moral. “Não por isso. Obrigado por ficar aqui flertando na minha frente. Valeu mesmo.”

“Esse é o Stephen”, disse a Penny. “Ele está cuidando do Matty e não tinha ninguém com quem conversar, então vim dar um oi.”

“Oi”, ele falou. Fiquei encarando.

“Imagino que você se ache o máximo”, falei.

“Oi?”, ele disse.

“Martin!”, a Penny falou.

“Você me ouviu”, eu disse. “Babaca convencido.”

Tinha a sensação de que ali, do lado oposto do salão, onde as meninas coloriam seus desenhos, estava outro Martin — um Martin mais gentil e cordato — assistindo à cena boquiaberto e fascinado, e me perguntei por um momento se seria possível voltar a ser ele.

“Saia daqui antes que você faça papel de idiota”, minha ex-namorada falou. Diz muito do espírito generoso da Penny que ela achasse que eu ainda não era um idiota, que a imbecilidade estava a caminho mas ainda dava tempo de me desviar; observadores menos parciais argumentariam que eu já tinha sido atingido em cheio. Mas não importava, porque não me mexi do lugar.

“Enfermeiro. Vida fácil, né?”

“Não muito”, disse o Stephen. Ele cometia o erro primário de me responder como se a pergunta tivesse sido séria, sem malícia. “Bom, é gratificante, claro, mas... Muitas horas de trabalho, salário baixo, plantões. E alguns pacientes são complicados.” Deu de ombros.

“Alguns pacientes são complicados”, falei, com uma vozinha idiota. “Salário baixo. Plantões. Tadinho.”

“Sean”, Stephen falou pro parceiro. “Vou esperar lá em cima. O cara está tendo um ataque aqui.”

“Pode esperar aí e ouvir o que tenho pra te dizer. Fiz a gentileza de ficar escutando essa sua lenga-lenga de herói nacional. Agora é sua vez de escutar.”

Não acho que ele tenha se incomodado por ter de permanecer ali mais uns minutos. Esse tipo de mau comportamento espetacular causa um bocado de fascinação nas pessoas, eu já tinha reparado, e espero não parecer imodesto quando digo que minha condição de celebridade, ou o que havia restado dela, era crucial pro sucesso do espetáculo: personalidades da tevê normalmente só se comportam mal em casas noturnas, cercadas de outras personalidades como elas, então aquela minha decisão de, sóbrio, encarar um enfermeiro no andar de baixo do Starbucks era ousada — possivelmente um divisor de águas. E o Stephen nem tinha como achar, na verdade, que era perseguição pessoal, nem se eu resolvesse cagar nos sapatos dele. Manifestações exteriores de uma combustão interna nunca têm alvo muito certo.

“Odeio gente como você”, falei. “Anda por aí empurrando um rapaz numa cadeira de rodas e acha que merece uma medalha por isso. Como se fosse muito difícil.”

Nessa hora, lamento dizer, peguei a cadeira do Matty e comecei a mexer de um lado pro outro. E de repente, enquanto fazia isso, me pareceu uma excelente ideia colocar uma das mãos na cintura, como pra sugerir que levar pessoas deficientes em cadeiras de rodas fosse uma atividade efeminada.

“Olha o papai, mamãe”, uma das minhas filhas (e lamento dizer que não sei qual das duas) gritou em êxtase. “Ele é engraçado, né?”

“Taí”, falei pra Penny. “Que tal? Pareço mais atraente pra você agora?”

A Penny olhava pra mim como se eu estivesse de fato cagando nos sapatos do Stephen, uma expressão que respondia à pergunta.

“Ei, pessoal”, berrei, embora já tivesse atraído toda a atenção que podia querer. “Eu não sou demais? Não sou o máximo? Você acha que isso é difícil, Loira? Vou te dizer o que é difícil, filhinho. Difícil é...”

Mas aí travei. Como era de esperar, não tinha nenhum exemplo de dificuldade na minha vida profissional muito à mão. E todas as dificuldades que vinha enfrentando recentemente derivavam do fato de ter ido pra cama com uma menina menor de idade, o que significava que não serviam muito pra angariar simpatia.

“Difícil é quando...” Só precisava de alguma coisa pra concluir a frase. Qualquer coisa serviria, mesmo que não tivesse sido experiência minha, diretamente. Dar à luz? Xadrez profissional? Mas não veio nada.

“Terminou, cara?”, Stephen perguntou.

Assenti, tentando de alguma forma comunicar, com o gesto, que estava furioso e indignado demais pra continuar. E então aceitei a única opção aparentemente disponível pra mim e, como a Jess e o JJ, tomei o rumo da saída.

MAUREEN

A Jess estava sempre indo embora de repente dos lugares, então não me importei muito quando ela saiu. Mas o JJ também foi, e o Martin... Bom, comecei a me sentir meio irritada, falando bem a verdade para vocês. Parecia falta de educação, uma vez que todo mundo tinha se dado àquele trabalho todo vindo até ali. E o Martin agiu de um jeito tão esquisito, mexendo a cadeira do Matty para lá e para cá e perguntando se parecia atraente. Por que alguém acharia aquilo atraente? Não era nem um pouco. Parecia um maluco. Justiça seja feita ao JJ, porque levou seus convidados junto com ele quando saiu — não os deixou para trás no Starbucks, como

fizeram a Jess e o Martin. Mas, depois, descobri que tinha ido lá fora brigar com eles, então ficou difícil decidir se também foi mal-educado ou não. Por um lado, ainda estava com os convidados, mas, por outro, estavam juntos porque o JJ queria bater neles. Acho que é falta de educação de qualquer jeito, mas não tanto quanto a dos outros dois.

Quem continuou no Starbucks, os enfermeiros e os pais da Jess e os amigos e a família do Martin, ficou por ali um tempo e então, quando todos começamos a perceber que ninguém ia voltar, nem mesmo o JJ e o pessoal dele, não soubemos muito bem o que fazer.

“E aí, o que você acha: será que acabou?”, quis saber o pai da Jess. “É que não quero... Não gostaria de parecer antipático. E sei que a Jess teve um trabalhão pra organizar isto aqui. Mas, bom... Não sobrou ninguém, na verdade, não é? Você quer que a gente fique, Maureen? Há alguma coisa de útil que a gente, como grupo, ainda possa fazer? Porque, claro, se houver... Digo, o que você acha que a Jess estava esperando? Talvez a gente consiga ajudar a resolver na ausência dela.”

Eu sabia o que a Jess estava esperando. O que ela esperava era que sua mãe e seu pai aparecessem e fizessem tudo ficar melhor, como se espera que façam os pais e as mães. Eu costumava ter esse sonho, há muito tempo, quando me vi sozinha com o Matty pela primeira vez, e acho que é um sonho que todo mundo tem. Todas as pessoas cujas vidas deram muito errado, pelo menos.

De modo que falei para o pai da Jess que achava que ela só queria que as pessoas compreendessem melhor, e que eu sentia muito por não ter sido isso que aconteceu.

“São aquelas porcarias daqueles brincos”, ele disse, e então perguntei do que se tratava e ouvi a história.

“Eram brincos especiais pra ela?”, eu quis saber.

“Pra Jen? Ou pra Jess?”

“Pra Jen.”

“Não sei, na verdade.”

“Eram os brincos preferidos dela”, a sra. Crichton falou. Ela tinha um rosto esquisito. Ficou sorrindo o tempo inteiro enquanto conversávamos, mas era como se tivesse acabado de descobrir, naquela mesma tarde, que sabia sorrir — não tinha cara de quem estava muito habituada à alegria. As linhas de expressão eram do tipo que se formam em alguém com raiva por causa de brincos roubados, e a boca, muito fina, estava contraída.

“Ela voltou pra buscar”, falei. Não sei por que disse isso, e não sei se era verdade ou não. Mas senti que era a coisa certa a dizer. Soava verdadeira, nesse sentido.

“Quem voltou?”, perguntou a mãe da Jess. A aparência do rosto era outra agora. Era um rosto tentando fazer coisas que não estava acostumado a fazer, pois ela de repente pareceu bem desesperada para ouvir o que eu tinha para contar. Não acho que estivesse acostumada a escutar direito os outros. Gostei de ter provocado algo diferente no rosto dela, e foi por isso, em parte, que continuei. A sensação era de estar no comando de um aparador de grama, abrindo caminho no mato alto.

“A Jen. Se ela amava aqueles brincos, provavelmente voltou pra buscar. Vocês sabem como são as meninas dessa idade.”

“Meu Deus”, disse o sr. Crichton. “Nunca tinha pensado nisso.”

“Nem eu. Mas... isso faz tanto sentido. Porque, lembra, Chris? Foi quando outras coisas sumiram de casa. E também aquele dinheiro.”

Não sentia que sumiço de dinheiro valesse para o que eu tinha dito. Podia ver que a explicação para isso talvez fosse outra.

“E falei, na época, que achava que alguns livros tinham desaparecido, lembra? E sabemos que, nesse caso, não foi a Jess.”

E aí os dois riram, como se gostassem da Jess e do fato de que ela até poderia pular do alto de um prédio, mas não lia um livro.

Eu conseguia enxergar e sentir por que aquilo faria diferença para os dois, a ideia de que a Jen tivesse voltado para casa atrás dos brincos. Significava que estava desaparecida, que tinha ido para o Texas, para a Escócia ou andava por Notting Hill Gate, mas não sido morta ou se

suicidado. Significava que eles podiam pensar sobre onde ela estaria, imaginar a vida que levava agora. Podiam se perguntar se não teria um bebê que eles não conheciam e talvez nunca conhecessem, ou um emprego do qual nunca tinham ouvido falar. Significava que, na cabeça deles, podiam seguir adiante como pais normais. Era o que eu estava fazendo quando comprei aqueles pôsteres e aquelas fitas para o Matty — na minha cabeça, estava sendo uma mãe normal, só por um momento.

Era possível acabar com aquela ideia num segundo, achar furos enormes na história, se a gente quisesse, pois o que aquilo mudava, na verdade? A Jen podia ter voltado porque queria morrer usando os brincos. Talvez nem tivesse voltado coisa nenhuma. E, tendo voltado ou não por cinco minutos, continuava desaparecida. Ah, mas sei do que a gente precisa para se manter à tona. Isso provavelmente soa estranho, considerando o motivo original pelo qual fomos todos parar no andar de baixo daquele café. Mas o fato é que, até ali, eu me mantinha à tona, mesmo que, para isso, tivesse precisado subir as escadas que levavam ao terraço do Toppers' House. Às vezes a gente só precisa dar às coisas uma levíssima sacudidela. Só precisa pensar que alguém talvez possa ter vindo pegar seus brincos, e aquela parte do mundo que importa volta a parecer um lugar onde dá para viver por um tempo.

Isso valia para o sr. e a sra. Crichton, porém não para a Jess, que não sabia nada da teoria dos brincos. E era a Jess quem precisava que seu mundo parecesse diferente. Era ela quem tinha estado junto comigo naquele terraço. O sr. e a sra. Crichton tinham seu emprego e seus amigos e todo o resto, então a gente podia até dizer que não precisavam de nenhuma conversa sobre brincos. Que conversar sobre brincos com eles era um desperdício.

A gente podia dizer tudo isso, mas não seria verdade. Eles precisavam desse tipo de conversa — dava para ver pela cara dos dois. Só conheço uma pessoa no mundo que não precisa de conversa nenhuma para se manter à tona, e essa pessoa é o Matty. (E talvez até ele precise. Não sei o que se

passa ali dentro. Não deixe de conversar com ele, dizem, então é o que eu faço, e quem sabe se ele não usa alguma coisa do que falo?) E tem outros jeitos de morrer, além do suicídio. É possível ir deixando que partes da gente morram. A mãe da Jess tinha deixado o rosto dela morrer, e vi quando voltou à vida.

JESS

O primeiro metrô que passou ia no sentido sul, então desembarquei em London Bridge e fui dar uma caminhada. Se vocês tivessem me visto debruçada no parapeito, olhando pra água lá embaixo, teriam pensado: ai, ela está pensando se, mas eu não estava. Tipo, tinha umas palavras passando pela minha cabeça, mas só palavras passando pela cabeça não significam estar pensando, do mesmo jeito que ter um bolso cheio de moedas de um pence não significa que a pessoa seja rica. As palavras que estavam na minha cabeça eram, tipo, caralho, escroto, puta, merda, porra, viado, e elas giravam muito rápido ali dentro, rápido demais até pra que eu mesma conseguisse formar alguma frase. E isso, na real, não é pensar, né?

Então fiquei olhando pra água por um tempo, e aí fui até um quiosque na ponte e comprei tabaco, seda e fósforos. Depois voltei pra onde estava parada antes e sentei pra enrolar uns cigarros, pra ter alguma coisa pra fazer, tipo. Não sei por que não fumo mais, pra ser sincera. Acho que é porque esqueço. Se uma pessoa que nem eu esquece de fumar, que futuro tem o cigarro? Olha só pra mim. Era de apostar que eu fumasse pra caralho, e não fumo. Resolução de Ano-Novo: fumar mais. Pior que se jogar do alto de um prédio não deve ser.

Enfim, lá estava eu, sentada no chão e encostada na amurada da ponte, enrolando meus cigarros, quando vi um professor da faculdade. Ele é, tipo, um coroa, desse pessoal das escolas de arte que anda por aí desde os anos 60. Dá aulas de tipografia e tal, e vi uma ou duas antes de me entediar. Não me incomoda, o Colin. Não usa rabo de cavalo grisalho nem jaqueta jeans desbotada. E não queria ser amigo dos alunos, o que deve significar

que tem seus próprios amigos. Não dava pra dizer a mesma coisa de alguns outros.

Pra não faltar com a verdade aqui, eu provavelmente deveria contar que foi ele quem me viu primeiro, porque, quando levantei a vista do cigarro que estava enrolando, o professor vinha na minha direção. E, pra falar bem a verdade mesmo, deveria dizer também que parte do que eu estava pensando, em outras palavras, aqueles meus xingamentos mentais, provavelmente não se limitava à minha mente, se é que vocês me entendem. Era pra ser um troço só mental, mas, como era coisa demais, um pouco estava escapando pela minha boca. O negócio, tipo, transbordava de dentro de mim, como se os xingamentos estivessem sendo despejados num balde (= minha cabeça) a partir de uma torneira que eu não tinha me dado ao trabalho de fechar depois que o balde encheu.

Era isso que parecia, do meu ponto de vista. Do ponto de vista dele, parecia que eu estava sentada numa calçada enrolando cigarros e xingando sozinha, o que não é exatamente uma cena bonita, né? Ele, tipo, chegou junto e se agachou pra ficar da minha altura, e aí começou a falar baixinho comigo. E disse, tipo, Jess? Você se lembra de mim?

Fazia só, tipo, uns dois meses que eu tinha visto ele, então claro que me lembrava. E falei: Não, e dei risada, o que era pra ser uma piada, mas acabou não sendo entendida assim, porque ele, ainda falando baixinho, disse: Sou Colin Wearing, e fui seu professor na faculdade de artes. E eu: É, ã-hã, e ele: Sim, sou eu, e aí percebi que ele pensou que meu É, ã-hã fosse, tipo, ã-hã, até parece, mas não era pra ser isso. Aquele É, ã-hã era apenas uma tentativa de dizer pra ele que antes eu estava brincando, mas só piorou as coisas. Fez parecer que eu pensava que ele estava fingindo ser Colin Wearing, o que seria uma atitude totalmente maluca. A conversa toda estava tomando um rumo torto. Tipo um carrinho de supermercado com a roda emperrada, porque o tempo inteiro estou achando que é fácil conduzir o negócio, e tudo o que digo simplesmente sai na direção errada.

E ele: Por que você está aqui nesta calçada? E contei que tinha tido uma briga com a porra da minha mãe por causa de uns brincos, e ele, tipo, E agora não pode voltar pra casa? E falei que podia, se quisesse. Que era só pegar a Northern Line de volta até Angel e, dali, um ônibus. Mas que eu não queria. E ele disse: Bom, acho que você não devia ficar sentada aqui. Tem algum lugar pra onde você possa ir? E foi aí que saquei que o professor achava que eu tinha, tipo, ficado louca, então levantei rápido, o que fez ele pular de susto, dei um xingão e saí fora.

Mas aí comecei a pensar de verdade, em vez de só xingar mentalmente. E a primeira coisa que pensei foi que seria muito fácil pra mim ficar louca. Não estou dizendo que levaria na boa uma vida de louca — não é isso. Só quero dizer que tenho muita coisa em comum com esse pessoal que a gente vê sentado nas calçadas xingando sozinho e enrolando cigarros. Alguns parecem odiar as pessoas, e eu odiava basicamente todo mundo. Esses loucos devem ter enchido o saco dos amigos e da família, basicamente o que eu mesma tinha feito. E vai saber se a Jen não ficou louca. Quem sabe esteja nos nossos genes, embora, meu pai tendo chegado a assessor de ministro, talvez seja um desses troços que pulam uma geração.

E eu não sabia pra onde iam essas ideias todas, mas de repente pude perceber que estava mais encrencada do que tinha pensado. Sei que isso soa idiota, considerando que cheguei a pensar em me matar, mas aquilo tudo foi só uma brincadeira e, se eu tivesse mesmo pulado, seria por brincadeira também. Mas e se meu destino fosse continuar neste planeta? E aí? Quantas pessoas eu ainda deixaria putas comigo, e de quantos lugares ainda sairia de repente, até acabar sentada perto do rio xingando em voz alta de verdade? Não muitos, era a resposta.

Então o negócio era voltar — pro Starbucks, ou pra casa, ou pra algum lugar — pra qualquer lugar que significasse não ir adiante. Se a gente está caminhando pra algum lugar e depara com um muro, precisa voltar por onde veio.

Mas aí eu, tipo, achei um jeito de escalar o muro. Ou um pequeno buraco nele por onde podia rastejar e passar pro outro lado, ou sei lá o quê. Topei com um cara e um cachorro muito legal e, em vez de voltar, fui pra cama com ele.

JJ

Fiquei parado lá, na calçada, e falei pro Ed vir pra cima, se isso ia fazer ele se sentir melhor.

“Só vou querer te bater se você me bater antes”, ele disse.

Um desses sem-teto que vendem na rua a revista beneficente deles acompanhava a cena.

“Dá nele”, o cara falou pra mim.

“Cala essa porra dessa boca”, disse o Ed.

“Só estava tentando dar o pontapé inicial”, falou o sem-teto.

“Você cruzou a porcaria do Atlântico porque o JJ estava encrencado”, a Lizzie disse pro Ed. “E agora olha só pra você. Na primeira conversa já quer bater nele.”

“As coisas tomam o rumo que têm que tomar”, disse o Ed.

“Isso aí é aquele papo de ‘um homem deve fazer o que precisa ser feito’? Porque, lamento, mas não significa nada pra gente aqui”, a Lizzie falou. Ela estava encostada na vitrine de um brechó pra caridade, se fazendo de entediada, mas eu sabia que não se sentia assim. Estava furiosa também, mas não queria demonstrar.

“Ele é dos meus”, o Ed respondeu. “Então não interessa o que você acha. Ele entende.”

“Não, não entendo”, falei. “A Lizzie está certa. Pra que viajar essa distância toda pra me bater?”

“É um lance tipo Butch Cassidy e Sundance Kid, é isso?”, disse a Lizzie. “Vocês dois querem ir pra cama, mas não podem, porque são muito machos?”

A comparação teve o efeito de cócegas no sem-teto. Ele riu feito uma hiena. “Vocês já leram a Pauline Kael escrevendo sobre *Butch Cassidy?*

Meu Deus, como ela odiava esse negócio”, o cara falou.

Nem a Lizzie nem o Ed deviam ter a mínima ideia de quem era Pauline Kael, mas eu tinha duas ou três das coletâneas dos artigos dela. Costumava deixar os livros no banheiro, porque são ótimos pra dar uma folheada quando a gente está por ali. Enfim, aquele não era um nome que eu necessariamente esperava ouvir daquele cara em particular naquele momento específico. Olhei pra ele.

“Ah, eu sei quem é Pauline Kael”, ele disse. “Não nasci sem-teto, sabe.”

“Não quero ir pra cama com ele, não mesmo”, o Ed falou. “Quero é dar um soco naquela cara. Mas ele precisa me socar primeiro.”

“Tá vendo?”, a Lizzie respondeu. “Homoerotismo com uma pitada de sadomasoquismo. Dá um beijo nele só e pronto, acabou.”

“Beija o cara”, o sem-teto falou pro Ed. “Beija ou bate. Mas vamos pra ação, pelo amor de Deus.”

Não tinha como as orelhas do Ed ficarem mais vermelhas, e eu já me perguntava se elas não iam simplesmente entrar em combustão e, em seguida, ficar pretas. Ia poder dizer que tinha visto alguma coisa nova, ao menos.

“Você quer me ver morto”, falei pra ela.

“Por que vocês simplesmente não voltam com a banda?”, a Lizzie perguntou. “Pelo menos, com aquele negócio de cantar juntinhos no mesmo microfone, vão ter aqueles enormes pênis elétricos como substitutos.”

“Ah, então é por isso que você não queria ele na banda”, disse o Ed. “Estava com ciúme.”

“Quem falou que eu não queria ele na banda?”, perguntou a Lizzie.

“É, essa sua ideia é completamente furada, Ed”, falei. “Ela não tinha toda essa profundidade. Me chutou precisamente por eu não ter mais uma banda. Só estava interessada em ficar comigo se eu virasse um rockstar e ganhasse uma caralhada de dinheiro.”

“Foi isso que você entendeu do que eu disse?”, a Lizzie quis saber.

De repente pude enxergar minha vida sendo resgatada diante dos meus olhos. Tudo tinha sido um terrível mal-entendido, que agora estava prestes a ser esclarecido com muito riso e muitas lágrimas. A Lizzie nunca quis terminar comigo. O Ed nunca quis terminar comigo. Eu tinha vindo até ali, naquela calçada, pra tomar porrada, e em vez disso ganharia tudo o que sempre quis.

“Não vai ter briga nenhuma, né?”, perguntou o sem-teto, chateado.

“Só se a gente for te encher de porrada”, disse o Ed.

“Deixa eu ver como vai acabar, só isso”, o sem-teto falou. “Não voltem pra dentro. Aqui fora, parado, eu nunca fico sabendo da porra do fim de história nenhuma.”

Ia ser um final feliz, já estava sentindo ele se aproximar. E envolveria nós quatro. No nosso primeiro show depois da volta, podíamos dedicar uma música ao Sem-Teto. Ei — talvez ele até pudesse se tornar nosso *roadie*. Mais: podia fazer um dos brindes no casamento. “Todo mundo devia voltar com todo mundo”, falei, e estava sendo sincero. Era meu grande discurso final. “Todas as bandas que algum dia se separaram, todos os casais... O mundo já tem infelicidade demais do jeito que está, sem que as pessoas precisem estar terminando umas com as outras a cada dez segundos.”

O Ed me encarou como se eu tivesse pirado.

“Você não tá falando sério”, disse a Lizzie.

Talvez eu tivesse feito uma leitura errada da atmosfera do momento. O mundo não estava preparado pro meu discurso final.

“Claaaro que não”, falei. “Pô, saca. Foi só... uma ideia que eu tive. Uma teoria que comecei a desenvolver. Não tinha dado os retoques ainda.”

“Olhem pra cara dele”, disse o sem-teto. “Ah, esse cara estava falando sério, sim senhor.”

“E como ia funcionar com bandas que surgiram de outras bandas?”, o Ed quis saber. “Tipo, sei lá. Se o Nirvana voltasse. Pra isso o Foo Fighters ia ter que terminar. E aí os caras ficariam infelizes.”

“Nem todos”, observei.

“E se a gente pensar em segundos casamentos? Tem um monte deles que são casamentos felizes.”

“E não teria existido o Clash. Porque o Joe Stummer teria continuado com a primeira banda dele.”

“E quem foi sua primeira namorada?”

“A Kathy Gorecki!”, disse o Ed. “Rá!”

“Você estaria com ela até hoje”, a Lizzie falou.

“É, tudo bem”, dei de ombros. “Ela era legal. Não teria sido uma vida ruim.”

“Ela nunca liberou nada!”, lembrou o Ed. “Você nunca conseguiu nem colocar a mão por dentro do sutiã!”

“Tenho certeza que a esta altura já teria conseguido. Quinze anos juntos.”

“Ah, cara”, o Ed falou, naquele tom de voz que a gente normalmente usava quando a Maureen tinha acabado de dizer uma parada de partir o coração. “Não consigo bater em você.”

Descemos um pouco a rua e entramos num pub, e o Ed me pagou uma Guinness, e a Lizzie pegou um maço da máquina de cigarros e colocou na mesa pra gente dividir, e lá ficamos, sentados, o Ed e a Lizzie olhando pra mim como se estivessem esperando que eu recuperasse o fôlego.

“Não saquei que você estava tão mal”, o Ed falou, depois de um tempo.

“E o lance do suicídio — não foi pista suficiente?”

“Pode crer. Fiquei sabendo da história. Mas não sabia que você estava tão mal que quisesse reatar a parada com a Lizzie e a banda. Aí já é um novo patamar de infelicidade, mais além do suicídio.”

A Lizzie tentou não rir, e o esforço resultou num ruído estranho, meio bufante, e tomei um longo trago da minha Guinness.

E de repente, só por um momento, me senti bem. Ajudava o fato de eu amar de verdade uma Guinness gelada; ajudava o fato de eu amar de verdade o Ed e a Lizzie. Ou de ter amado, ou de meio que amar, ou de

amar e odiar, ou sei lá o quê. E talvez pela primeira vez, naqueles últimos meses, eu reconhecia pra valer uma coisa, uma parada que eu sabia que estava oculta lá embaixo, nas entranhas, ou no fundo da minha mente — em algum lugar onde dava pra permanecer ignorada, enfim. E o que eu tinha que confessar era o seguinte: quis me matar não porque odiava viver, mas porque amava a vida. E a verdade, acho, é que muita gente que pensa em se matar sente a mesma coisa — acho que é isso que a Maureen, a Jess e o Martin sentem. Amam a vida, mas está tudo fodido pra eles, e foi por isso que a gente se encontrou, e por isso que continua se vendo. Tínhamos ido parar naquele terraço porque não conseguíamos achar um caminho de volta pra vida, e ser expulso dela do jeito que fomos... Essa porra acaba com o cara. Então, saca, é um ato de desespero, não uma atitude niilista. Uma morte por misericórdia, não um assassinato. Não sei por que de repente me caiu essa ficha. Talvez porque estivesse num pub com pessoas que eu amava, tomando uma Guinness, e sei que já disse isso, mas amo pra caralho uma Guinness, mais ou menos como amo qualquer coisa alcoólica — amo como se deve amar, como uma das glórias da criação divina. E a gente tinha feito aquela cena idiota no meio da rua, e até isso meio que parecia bacana, porque às vezes são momentos assim, momentos complicados pra valer, momentos *intensos*, que fazem a gente se dar conta de que até em tempos difíceis dá pra se sentir vivo por algumas coisas. E tem a música, e as garotas, e as drogas, e um sem-teto que leu Pauline Kael, e pedais uaua, e os sabores das batatas fritas inglesas, e também o fato de eu não ter lido o *Martin Chuzzlewit* ainda, e... Tem tanta coisa.

E não sei que diferença fez essa iluminação repentina. Nada a ver com alguma sensação de querer, saca, abraçar a vida apaixonadamente, jurando nunca deixar escapar até que ela mesma me abandonasse. Em certo sentido, aquilo tornou as coisas piores, e não melhores. Uma vez que a gente para de fingir que tudo é uma bosta e que mal pode esperar pra cair fora, e era isso que eu vinha me dizendo há algum tempo, as coisas se

tornam mais dolorosas, em vez de menos. Falar pra si mesmo que a vida é uma merda é tipo um anestésico, que basta a gente parar de tomar pra ver, na real, como dói, e onde, e não pensem que esse tipo de dor faz lá muito bem pra pessoa.

E foi, saca, bem apropriado que eu estivesse com minha ex-namorada e com meu ex-irmão no momento em que saquei isso, porque ali era a mesma história. Eu amava os dois, e sempre ia amar. Mas não tinha mais onde encaixar eles, todas as coisas que eu sentia não encontravam mais lugar em mim. Não sabia o que fazer com eles, nem eles o que fazer comigo, e a vida não é isso mesmo?

“Nunca falei nada sobre a gente terminar porque você não ia ficar famoso”, disse a Lizzie, passado um momento. “Você sabe disso, não sabe?”

Balancei a cabeça. Não sabia, né? Vocês estão de prova. Nem uma única vez nessa história reconheci algum tipo de mal-entendido, deliberado ou não. Do meu ponto de vista, ela tinha me dado um pé na bunda por eu ser um músico fracassado.

“Então o que foi que você disse? Tenta de novo. Dessa vez vou prestar muita, muita atenção.”

“Não vai fazer muita diferença agora, porque todos já superamos, certo?”

“Meio que já.” Não ia admitir que continuava no mesmo lugar, ou que tinha regredido.

“Tá. O que te falei foi que não podia continuar se você não fosse músico.”

“Na época você nem dava grande importância pra isso. Você nem gosta de música tanto assim.”

“Você não está me escutando, JJ. Você é músico. Não era só uma profissão. É o que você é. E não estou dizendo que vai ser um músico de sucesso. Não sei nem mesmo se você é um bom músico. Era só que simplesmente dava pra ver que, se parasse de tocar, você ia ficar imprestável. E olha só o que aconteceu. A banda acaba e cinco minutos

depois lá está você, no alto de um prédio. Você está preso a esse negócio. E morto sem ele. Ou poderia perfeitamente estar.”

“Então. Tá. Nada a ver com fazer sucesso ou não?”

“Meu Deus, o que você acha que eu sou?”

Mas eu não estava falando dela; estava falando de mim. Nunca tinha olhado por esse lado. Achava que a parada toda tinha a ver com o meu fracasso, mas não. E ali, naquela hora, me deu vontade de me acabar de chorar, porra, na real. E isso porque eu sabia que ela tinha razão, e às vezes a verdade faz a gente se sentir assim. Me deu vontade de chorar porque eu ia voltar a fazer música, e tinha sentido tanta falta. E também porque sabia que, fazendo música, nunca teria sucesso, então a Lizzie estava me condenando a mais trinta e cinco anos de pobreza, nomadismo e desespero, sem plano de saúde, água quente nos hotéis e vivendo de hambúrgueres ruins. Só que de comer esses hambúrgueres, em vez de virá-los numa chapa.

MARTIN

Voltei a pé pra casa, desliguei o telefone e passei as quarenta e oito horas seguintes com as cortinas fechadas, bebendo, dormindo e vendo o maior número de programas sobre antiguidades que pude encontrar. Nessas quarenta e oito horas, diria que corri o sério risco de me transformar na Marie Prevost, a atriz de Hollywood cujo corpo, passado algum tempo da morte, foi descoberto em estado deplorável, parcialmente comido por seu cachorro *dachshund*. O fato de eu não ter um cachorro, ou na verdade nenhum outro animal de estimação, serviu pra me consolar durante aqueles dois dias. Eu certamente ia morrer sozinho, e meu corpo, quando fosse encontrado, certamente estaria em avançado estado de decomposição, mas inteiro, exceto pelas partes que tivessem se soltado por causas naturais. Então tudo bem.

O negócio é o seguinte. A causa dos meus problemas está na minha cabeça, se é ali que se encontra minha personalidade. (A Cindy e outras pessoas rebateriam dizendo que tanto minha personalidade quanto a fonte

de todas as minhas encrências se localizam mais abaixo do que acima da cintura, mas ouçam o que tenho pra dizer.) Tive muitas oportunidades na vida e joguei todas fora, uma a uma, numa série de decisões catastróficamente equivocadas, cada uma das quais pareceu — pra mim e pra minha cabeça — uma boa ideia no momento em que foi tomada. E, no entanto, o único recurso à minha disposição pra corrigir o rumo desastroso que, aparentemente, minha vida estava tomando era essa mesmíssima cabeça, a causa primeira de eu ter me fodido inteiro. Que chance eu podia ter?

Umás duas semanas depois do “programa de família” inventado pela Jess, li minhas anotações daquele período de quarenta e oito horas. Não seria honesto se eu dissesse que, de tão bêbado, esqueci que elas existiam, e, em todo caso, estavam largadas pelo apartamento à vista de qualquer um. Mas precisei de duas semanas pra ter coragem de ler o que tinha escrito, e, assim que terminei, quase me senti compelido a fechar de novo as cortinas e ir buscar a garrafa de Glenmorangie.

O objetivo do exercício era analisar, usando a única cabeça que eu tinha disponível, o porquê de um comportamento tão absurdo da minha parte naquela tarde, além de listar todas as possíveis providências a serem tomadas. Justiça seja feita à minha cabeça — ou, como diriam os comentaristas esportivos, pra não dizerem que estou de marcação —, ao menos ela foi capaz de reconhecer que o comportamento tinha sido absurdo. Só não consegui fazer muita coisa a respeito. A cabeça de todo mundo é assim, ou só a minha?

Enfim, o verso de vários envelopes, a maior parte contendo contas a pagar, exibia a prova deprimente e conclusiva da circularidade do comportamento humano. POR QUE MALTRATAR O ENFERMEIRO?, eu tinha escrito. E embaixo: 1. BABACA? ELE? EU?

2. DANDO EM CIMA DA PENNY?
3. BOA PINTA E JOVEM — FIQUEI PUTO?
4. DE SACO CHEIO DAS PESSOAS.

Esta última explicação, que talvez tivesse parecido brilhante e precisa quando me veio à cabeça, agora soava surpreendentemente verdadeira em sua obscuridade.

Em outro envelope, eu tinha rabiscado POSSÍVEIS PROVIDÊNCIAS (e aliás, por favor, reparem na mudança dos itens de números pra letras, o que presumivelmente tinha a intenção de indicar a natureza científica da investigação).

a. ME MATAR?

b. PEDIR PRA MAUREEN NÃO CONTRATAR MAIS AQUELE ENFERMEIRO

c. NÃO

E a letra “c” parava por aí, ou porque caí num estupor nessa hora, ou porque “não” era uma forma concisa de expressar a solução profunda pros meus problemas. Pensem só em como as coisas seriam melhores pra mim se eu tivesse dito que não faria, se não tivesse feito ou se não fizesse nunca.

Nenhum dos envelopes inspirava muita confiança quanto à minha capacidade de ponderação. Ficava visível que eram obra do cara que recentemente tinha tentado mostrar a um grupo seletivo de pessoas — grupo esse que incluía suas próprias filhas pequenas — que todos os enfermeiros do sexo masculino são efeminados e convencidos: a palavra BABACA certamente daria a um psicólogo forense toda as evidências necessárias pra tal dedução. E, da mesma forma, esse cara que tinha passado a noite de Ano-Novo tentando achar a melhor maneira de pular do terraço de um prédio era exatamente o tipo de sujeito capaz de rabiscar um ME MATAR? em sua lista de afazeres pendentes. Se o pensamento coerente fosse um esporte olímpico, eu teria mais medalhas de ouro do que o Carl Lewis.

Muito claramente eu precisava de duas cabeças, uma vez que duas cabeças pensam melhor que uma e tudo mais. Uma delas precisaria continuar a ser a antiga, simplesmente porque era a que sabia os nomes e os telefones das pessoas, e qual o cereal matinal da minha preferência, e assim por diante; a segunda cabeça seria capaz de observar e interpretar o comportamento da primeira, naquele estilo especialista em vida selvagem

da tevê. Pedir à minha atual cabeça que explique seus pensamentos é tão sem sentido quanto discar o próprio número de telefone: em ambos os casos, dá sinal de ocupado. Ou cai na própria mensagem de caixa postal, se a pessoa tiver esse recurso instalado.

Demorei um tempo vergonhoso pra me dar conta de que outras pessoas também têm cabeças, e de que qualquer uma delas daria uma explicação melhor sobre qual teria sido o propósito daquela minha explosão. Era por isso, eu imaginava, que a noção toda de ter amigos persistia. Aparentemente eu tinha perdido todos os meus mais ou menos na época em que fui pra cadeia, mas conhecia uma porção de gente que de bom grado me diria o que pensava de mim. Na verdade, parecia que minha propensão a decepcionar e alienar as pessoas viria bem a calhar aqui. Amigos e amantes talvez tentassem pegar leve com o episódio do café, mas, como agora eu tinha apenas ex-amigos e ex-amantes, estava em situação ideal. Todo mundo que eu conhecia estaria pronto pra cair de pau em cima de mim.

E eu já sabia por onde começar. Minha primeira ligação foi tão bem-sucedida, na verdade, que nem precisei falar com mais ninguém. Minha ex-mulher foi perfeita — direta, articulada, com uma visão clara das coisas — e acabei por lamentar pelas pessoas que são amadas por aqueles com quem vivem, quando ser odiado por alguém com quem não se vive mais é, claro, a melhor pedida. Quando o sujeito tem uma Cindy na vida, nem mesmo precisa passar pelas amenidades de praxe: sobra só a parte desagradável, essencial no processo de aprendizado.

“Onde você andou?”

“Em casa. Bêbado.”

“Não ouviu as mensagens?”

“Não. Por quê?”

“Ah, é que deixei lá algumas reflexões sobre aquela tarde.”

“Ah, então, era exatamente sobre isso que eu queria falar. Com o que você acha que aquilo tudo teve a ver?”

“Bom, você está desequilibrado, certo? Desequilibrado e cheio de veneno. Um idiota desequilibrado e cheio de veneno.”

Eu senti que era um bom começo, mas ainda sem foco.

“Escuta, gosto do que você está dizendo e não quero parecer mal-educado, mas a parte do idiota desequilibrado não me parece tão interessante quanto a do veneno. Você podia falar um pouco mais dessa segunda coisa?”

“Talvez você devesse pagar alguém pra fazer isso”, disse a Cindy.

“Um terapeuta, você diz?”

Ela desdenhou. “Terapeuta? Não, estava pensando mais numa dessas mulheres que, pela quantia certa, até mijam em cima de você. Não é isso que você quer?”

Parei pra pensar. Não queria descartar nada apressadamente.

“Acho que não”, respondi. “Nunca fez minha cabeça.”

“Eu estava falando metaforicamente.”

“Desculpe. Não estou entendendo, na verdade.”

“Você claramente está tão mal consigo mesmo que não se importa de ser abusado. Não é esse o problema dessas pessoas?”

“Que pessoas?”

“Desses caras que precisam que mulheres... Deixa pra lá.”

Eu começava a perceber vagamente aonde ela queria chegar. Verdade que ser xingado fazia eu me sentir bem. Ou melhor, parecia apropriado.

“Você sabe por que pegou no pé daquele pobre daquele cara, não sabe?”

“Não! Taí, foi precisamente por isso que te liguei.”

Se a Cindy soubesse quanto mal ela podia me fazer parando por ali, seria tentação demais pra ela. Por sorte, porém, minha ex estava determinada a ir até o fim.

“Ora, o cara era quinze anos mais novo que você, e mais bonito. Ele tinha feito mais na vida naquela única tarde do que você na vida inteira.”

Isso! Isso!

“Você fica aí com esse besteiro na tevê e trepando com colegiais, enquanto ele passa o dia empurrando jovens deficientes em cadeiras de rodas, provavelmente em troca de salário mínimo. Não admira que a Penny estivesse interessada. Pra ela, era como trocar Frankenstein pelo Brad Pitt.”

“Obrigado. Isso foi ótimo.”

“Não se atreva a bater o telefone na minha cara. Mal comecei ainda. Tenho doze anos acumulados desse tipo de coisa pra você.”

“Ah, volto a ligar pra saber mais, prometo. Mas por enquanto está de bom tamanho.”

Estão vendo? Ex-mulheres: todo mundo devia ter pelo menos uma.

MAUREEN

Me sinto meio boba explicando o que aconteceu ao final daquela história de intervenção, porque tudo parece coincidência demais. Mas acho que provavelmente só parece coincidência para mim. Sei que já falei aqui que estou aprendendo a sentir o peso das coisas, o que significa perceber o que se pode e o que não se pode dizer sem fazer as pessoas se sentirem mal pela gente. Então, se digo que, até conhecer os outros três, nada tinha acontecido na minha vida, não quero que soe como lamúria. As coisas eram assim, simplesmente. Quando a gente passa o tempo todo num quarto muito silencioso e alguém chega por trás e faz “bu!”, é um pulo de susto. Quando passa o tempo todo na companhia de pessoas baixinhas e aparece um policial de mais de um e oitenta, dá a impressão de ser um gigante. E, se nada acontecia e, de repente, algo acontece, essa coisa parece especial, quase como um Ato de Deus. O nada amplia aquele algo, aquele acontecimento, muda sua proporção.

O que aconteceu foi o seguinte. O Stephen e o Sean me ajudaram a levar o Matty para casa; chamamos um táxi dos grandes e os quatro nos apertamos ali dentro, com os dois enfermeiros e eu espremidos uns contra os outros no banco. E até isso pareceu algo diferente. Alguns meses atrás, eu teria voltado para casa e contado a história ao Matty, caso ele não estivesse comigo na hora. Mas, claro, sem ele ali comigo, não teria havido

nada o que contar. Eu não teria precisado do Stephen e do Sean e a gente não estaria juntos num táxi. Eu estaria num ônibus, sozinha, isso supondo que tivesse ido a algum lugar. Estão vendo o que quero dizer com nada e alguma coisa?

Depois que nos acomodamos no táxi, o Stephen disse para o Sean: “Já arranjou mais alguém?”. E o Sean respondeu: “Não, e não acho que vá conseguir arranjar”. E o Stephen falou: “Vamos ser só nós três, então? Vai ser um massacre”. E o Sean só deu de ombros, e ficamos um tempinho ali, todos olhando pela janela. Eu não sabia do que eles estavam falando.

E então o Sean disse: “Você é boa em jogos de perguntas e respostas, Maureen? Tá a fim de fazer parte da equipe? Não importa se não sabe nada. Estamos desesperados”.

Fico ouvindo as histórias da Jess e do JJ e do Martin, e esse tipo de coisa acontece com eles o tempo todo. Encontram alguém num elevador ou num bar e essa pessoa diz “Quer uma bebida?” ou “Quer fazer sexo?”. E talvez eles estivessem pensando que queriam fazer sexo, então poderia parecer que uma oferta para fazer sexo, bem quando estavam pensando que talvez quisessem isso mesmo, é a mais incrível das coincidências. Mas minha impressão é que não é assim que eles pensam, e tampouco é assim que pensa a maioria das pessoas. É a vida, simplesmente. Uma pessoa esbarra em outra, e essa pessoa está querendo alguma coisa, ou conhece outra pessoa que está querendo, e o resultado é que as coisas acontecem. Ou, posto de outra forma, quando a gente não sai de casa e nunca encontra ninguém, nada acontece. E como poderia? Mas fiquei um momento quase sem conseguir falar. Eu querendo participar de um jogo de perguntas e repostas e aqueles enfermeiros precisando de alguém para a equipe deles — senti um arrepio percorrer minha espinha.

Então, antes de irmos para casa, levamos o Matty até a clínica. O Sean e o Stephen não estavam de plantão, mas tinham amigos que estavam, e os dois apenas avisaram que o Matty ia passar a noite e ninguém nem piscou.

Combinamos de nos encontrar no pub onde a equipe costumava jogar e fui em casa trocar de roupa.

Não sei que parte da história contar a vocês agora. Aconteceu outra coincidência, então estou em dúvida se a coloco aqui, na seção das coincidências, ou mais adiante, depois de ter contado sobre o jogo. Talvez se eu as separar, botando uma afastada da outra, vocês acreditem mais na história. No entanto, não me importo se vão acreditar ou não, porque as coincidências aconteceram mesmo, de verdade. E, em todo caso, ainda não consegui decidir se são ou não coincidências: quem sabe conseguir uma coisa que a gente quer nunca seja coincidência? Se a pessoa quer um sanduíche de queijo e consegue um, não pode ser coincidência, não é mesmo? E, igualmente, se a pessoa quer um emprego e arranja um, também não pode ser coincidência. Essas coisas só podem ser tratadas como coincidências quando não se tem controle nenhum da própria vida. De modo que vou contar agora mesmo: a outra pessoa da equipe era um homem mais velho chamado Jack, que tinha uma banca de jornal bem perto de Archway e me ofereceu um emprego.

Não chega a ser bem um emprego — três manhãs por semana. E não paga muito bem — quatro libras e setenta e cinco por hora. E o Jack me disse que, de início, vou ficar em estágio probatório. Mas ele está chegando a certa idade e quer poder voltar a dormir depois das nove, quando já abriu a banca e separou os jornais e atendeu o movimento maior, que é bem cedo. Me ofereceu a vaga do mesmo jeito que o Sean e o Stephen tinham me convidado para fazer parte da equipe no jogo de perguntas e respostas — brincando, por desespero. No intervalo entre as seções sobre televisão e sobre esportes, me perguntou o que eu fazia, e respondi que não muita coisa além de cuidar do Matty, e então ele disse: “Você não está procurando um emprego, está?”. E um arrepio percorreu minha espinha.

Não ganhamos o jogo. Terminamos em quarto lugar, entre as onze equipes participantes, mas os rapazes ficaram bem satisfeitos. E eu sabia algumas respostas que eles não sabiam. Sabia, por exemplo, que o nome do

chefe da Mary Tyler Moore era Lou Grant. E que o filho do John Major era casado com a Emma Noble, e que Tilly Trotter e Mary Ann Shaughnessy eram personagens criados pela Catherine Cookson. De modo que só aí teriam sido três pontos a menos, o que talvez tenha sido a razão para terem me convidado a voltar no próximo jogo. Aparentemente, o quarto membro do grupo não é muito confiável porque acabou de arrumar uma namorada. Eu disse a eles que não iam encontrar uma pessoa mais confiável do que eu.

Uns meses atrás, li um livro que peguei na biblioteca e contava a história de uma moça que se apaixonou pelo irmão dela, há muito tempo desaparecido. Mas, claro, no fim se revela que o rapaz não era esse irmão, e que ele só tinha dito isso porque gostava de ficar com ela. E também se revela que ele não era pobre. Era rico, muito rico. E, para completar, os dois descobrem que a medula óssea do cachorro dele é compatível com a do cachorro dela, que tinha leucemia e acaba sendo salvo.

Para dizer a verdade, a história não era tão boa quanto parece por essa minha descrição. Era um pouco sentimental demais. Mas o que estou tentando ressaltar aqui é que fico preocupada porque, falando do emprego e de fazer parte da equipe no pub, talvez eu tenha começado a soar como aquele livro. E se, na opinião de vocês, é isso que parece, gostaria de fazer duas observações. Primeiro, que os custos de deixar o Matty sob cuidados são maiores do que as quatro libras e setenta e cinco por hora, de modo que não estou mais rica do que antes, e uma história que acaba sem que a personagem tenha ficado mais rica não é bem um conto de fadas, não é mesmo? Segundo, que não é toda semana que vou poder jogar, porque o quarto membro da equipe sempre pode aparecer, o que acontece às vezes.

Bebi uns gins-tônicas no pub, e os rapazes nem me deixaram pagar nenhuma rodada; disseram que, como substituta na equipe, tinha direito. Talvez tenha sido a bebida que me fez ter uma sensação tão positiva da noite, mas, no final, já sabia que não chegaria ao nosso encontro de 31 de março querendo me atirar daquele terraço, não por enquanto. E essa

sensação, a sensação de que, de momento, eu podia suportar... Queria me agarrar a ela pelo maior tempo possível. Até agora estou indo bem.

Na manhã seguinte ao jogo de perguntas e respostas, voltei a frequentar a igreja. Não tinha entrado numa desde as nossas férias, e fazia semanas e mais semanas que não aparecia na minha, desde a noite no terraço em que conheci os outros. Mas agora podia voltar porque não me via cometendo o pecado do desespero num futuro próximo, de modo que tinha essa possibilidade de retornar e pedir o perdão de Deus. Ele só é capaz de ajudar quando a gente parou de se desesperar, o que, pensando bem... Bom, pensar nisso não é da minha conta. Era uma sexta-feira calma, e não tinha quase ninguém lá. A velha senhora italiana que nunca perde uma missa, sim, e mais umas senhoras africanas que eu não conhecia. Nenhum homem, e ninguém mais jovem também. Fiquei nervosa antes de ir ao confessionário, mas foi realmente tranquilo. Conte a verdade sobre quanto tempo fazia desde a minha última confissão e confessei o pecado do desespero, pelo qual recebi a penitência de rezar quinze vezes o rosário, o que achei muita coisa, mesmo se tratando do pecado do desespero, mas não vou me queixar. Às vezes a gente esquece que Deus é infinito em Sua misericórdia. E Ele não seria se eu tivesse pulado, imaginem só, mas não pulei.

E então o padre Anthony falou: “Podemos te ajudar em alguma coisa? Aliviar esse seu fardo de alguma forma? Porque você deve se lembrar de que faz parte da comunidade aqui da igreja, Maureen”.

E eu disse: “Obrigada, padre, mas tenho amigos que já estão ajudando”. Não contei a que tipo de comunidade pertenciam esses amigos, porém. Não falei que eram todos adeptos do pecado do desespero.

Vocês se lembram do que diz o salmo cinquenta? “Invoca-Me no dia da angústia; eu te libertarei, e tu Me glorificarás.” Fui parar no Toppers’ House porque invoquei uma, duas, muitas vezes, e não fui libertada, e meus dias de angústia pareciam já ter durado tempo demais sem dar sinal de que teriam um fim. Mas Ele me ouviu, afinal, e me enviou o Martin, o

JJ e a Jess, e então o Stephen, o Sean e o jogo de perguntas e respostas, e depois o Jack e a banca. Em outras palavras, Ele provou que estava me escutando. Como é que eu poderia continuar duvidando Dele, com todas essas evidências? De modo que devo mesmo é glorificá-Lo o melhor que puder.

JESS

Aí esse cara do cachorro não tinha nome. Tipo, deve ter tido um, em algum momento da vida, mas me contou que não usava mais, porque não concordava com nomes. Achava que eles impediam a gente de ser quem quisesse e, assim que ouvi a explicação, meio que percebi o que o cara queria dizer. Digamos que vocês se chamem Tony, ou Joanna. Bom, já eram Tony ou Joanna, e vão continuar a ser amanhã. Então vocês estão fodidos, na real. As pessoas sempre vão poder dizer Ah, mas isso é tão a cara da Joanna. Mas aquele cara, ele podia ser, tipo, cem pessoas diferentes num mesmo dia. Me disse pra chamar ele do que viesse à minha cabeça, então primeiro ficou sendo Cachorro, por causa do cachorro dele, e depois Sem-Cachorro, porque fomos num pub e ele deixou o cachorro do lado de fora. O que fez o cara ter duas personalidades completamente diferentes já na primeira hora que passamos juntos, porque Cachorro e Sem-Cachorro são, tipo, sujeitos opostos, né? Um cara com um cachorro é diferente de outro sem. E não dá pra dizer Ah, isso é tão a cara do Sem-Cachorro, largar essa bosta de cachorro no jardim dos outros. Não faria sentido, né? Como é que um Sem-Cachorro ia ter um cachorro que cagasse no jardim dos outros, ou na verdade qualquer outro cachorro, aliás? E o argumento do cara era que todos podemos ser Cachorros ou Sem-Cachorros num único dia. Meu pai, por exemplo, podia virar Não Pai enquanto está no trabalho, porque lá ele não é meu pai. Sei que tudo isso é bem profundo, mas, se a gente botar a cabeça pra funcionar forte, faz sentido.

E, naquele mesmo dia, ele se chamou Flor, porque pegou uma pra mim quando a gente estava atravessando o parquinho perto da Southwark Bridge, depois virou Cinzeiro, porque era o gosto que ele tinha, e Flor

também é o oposto de Cinzeiro. Estão vendo como funciona? Os seres humanos são milhões de coisas num mesmo dia, e o método dele compreendia isso melhor do que, tipo, o modo ocidental de pensar. E só dei mais um nome pra ele, depois disso, mas foi um nome obsceno, então vai ter que ficar em segredo. Quando digo obsceno, quero dizer que pra vocês deve soar obsceno, tipo assim, fora de contexto. Mas só é obsceno, na real, pra quem não respeita o corpo masculino, e na minha opinião isso faz vocês serem os obscenos, e não nós.

Então o cara... Na real, consigo ver uma vantagem no modo ocidental de pensar, e essa vantagem é que, se a pessoa tem um nome, a gente sabe como chamar ela, né? É uma vantagenzinha apenas, e tem milhões de desvantagens, incluindo a maior de todas, que é o lado fascista dos nomes não permitirem que a gente se expresse como seres humanos e nos transformarem numa coisa única. Mas, já que estou falando tanto do tal cara aqui, acho que vou chamar ele por um nome só. Sem-Cachorro serve, porque é menos comum e vocês podem saber de quem estou falando, melhor do que Cachorro, porque talvez vocês pensassem que a história é com a porra de um cachorro, e não é.

Então, depois que a gente tomou umas, o Sem-Cachorro me levou pra casa dele. Não achei que ele teria uma casa, pra ser honesta, andando por aí com um cachorro e tudo mais. Parecia do tipo que talvez estivesse só de passagem, mas claro que peguei o cara em época de vacas gordas. Só que a dele não era, tipo, uma casa normal. O Sem-Cachorro morava numa lojinha atrás da estação Rotherhithe. Mas também não era uma loja transformada em moradia — era uma loja mesmo, embora não vendesse mais nada ali. Já tinha sido, tipo, um armazém das antigas, então tinha umas estantes, uns balcões e uma vitrine grande, que ele mantinha coberta por um lençol. O cachorro do Sem-Cachorro tinha um quarto próprio nos fundos, um lugar que um dia devia ter sido o depósito do armazém. Lojas até que são bem confortáveis, se a gente não se importar com um pouco de desconforto. Dá pra colocar as roupas nas estantes e a tevê em cima do

balcão, onde antes ficava a caixa registradora, um colchão no chão e pronto. E lojas contam com banheiro e água corrente, mesmo não tendo uma banheira ou um chuveiro.

Chegando lá, a gente transou logo de uma vez, pra tirar esse empecilho do caminho. Minha única experiência de uma transa completa, antes dessa, tinha sido com o Chas, e uma experiência nada boa, mas com o Sem-Cachorro foi legal. Deu muito mais certo, não sei se vocês me entendem, porque, com o Chas, nada funcionou direito, nem a parte dele nem a minha, então o negócio todo foi um empenho. Enfim, dessa vez, a parte do Sem-Cachorro funcionou bem, e portanto a minha também, e ficou muito mais fácil perceber por que as pessoas acabam querendo repetir a experiência. Falam tanto da importância da primeira vez, mas é a segunda que importa, na real. Ou a segunda pessoa, pelo menos.

Só ver como fui idiota daquela primeira vez, ficando toda deprimida, chorosa e estressada. Vejam bem, se nessa segunda tentativa eu tivesse me sentido igual, saberia que estava com problemas. Mas, na boa, eu não estava nem aí se voltaria ou não a ver o Sem-Cachorro, e isso só pode significar algum progresso, né? Parece muito mais o jeito como as coisas devem ser pra gente dar certo na vida.

Quando terminamos, ele ligou a tevezinha preto e branco e ficamos largados no colchão assistindo sei lá o quê, e aí começamos a conversar e acabei contando da Jen e do Toppers' House e dos outros. Ele só fez que sim com a cabeça, e aí falou: Ah, eu mesmo estou sempre tentando me matar. E eu, tipo, Bom, parece que você não tem muito a manha, então, e ele: Mas a questão não é essa, né? E eu, tipo, Não? E ele disse que o negócio era, tipo, estar sempre se entregando em oferenda aos deuses da Vida e da Morte, que não tinham nada a ver com a igreja porque são deuses pagãos. E, se o deus da Vida aceitasse a pessoa, então ela continuava a viver. Por isso ele achava que, na noite de Ano-Novo, eu tinha sido eleita pelo deus da Vida, e foi a razão de não ter chegado a me jogar. E falei, tipo, Não cheguei a pular porque sentaram em cima de mim, e o

Sem-Cachorro explicou que era o deus da Vida ali, falando por intermédio daquelas pessoas, o que pra mim fazia perfeito sentido. Porque, afinal, o que mais teria levado o Martin e a Maureen a se darem ao trabalho de me impedir, senão essas forças invisíveis guiando eles? E aí o cara me contou que esse pessoal sem cérebro, tipo o George Bush e o Tony Blair, e os jurados do *Pop Idol*, que essa galera nunca, de jeito nenhum, se entrega em oferenda aos deuses da Vida e da Morte, e portanto nunca consegue provar que tem direito a continuar viva, e que não devíamos obedecer suas leis nem reconhecer suas decisões (tipo as dos jurados do *Pop Idol*). Então não temos que bombardear outros países porque eles nos dizem pra fazer isso, e, se nos disserem que a Fat Michelle ou sei lá quem ganhou o *Pop Idol*, não precisamos aceitar. Podemos simplesmente responder: Não ganhou, não.

E tudo o que ele disse era tão verdadeiro que fez eu me arrepender daquelas últimas semanas, porque, mesmo com o JJ, a Maureen e o Martin sendo, tipo assim, legais comigo, não dá pra dizer que eles eram muito cabeça, né? Não sabiam, tipo, as respostas, como o Sem-Cachorro sabia. Mas outro jeito de ver as coisas é que, sem eles, eu nunca teria conhecido o Sem-Cachorro, porque não teria me empenhado com a história da intervenção, e aí de onde eu fugiria pra acabar encontrando ele?

E, se a gente parar pra pensar, acho que isso também deve ser obra do deus da Vida.

Quando cheguei em casa, minha mãe e meu pai queriam falar comigo. E, no começo, reagi, tipo, Tanto faz, mas eles estavam a fim de conversar de verdade, e minha mãe preparou um chá pra mim e me fez sentar na cozinha, e aí falou que queria se desculpar pelo negócio dos brincos, e que sabia quem tinha roubado eles. E eu: Quem? E ela: A Jen. E fiquei encarando minha mãe. E ela, tipo, É sério. Foi a Jen. Aí falei: Como pode ser? E ela desandou a contar da Maureen ter observado uma coisa que era óbvia e só a gente não estava enxergando, era só parar um pouco pra pensar. Eram os brincos preferidos da Jen e, se só eles tinham sumido e

nada mais, não podia ser coincidência. E, no começo, não consegui sacar que diferença isso fazia, já que a Jen continuava desaparecida. Mas, quando percebi a diferença que fazia pra minha mãe, quando vi como ela estava mais calma, não liguei mais pro motivo dela estar assim. O mais importante era que minha mãe estava querendo ser mais legal comigo.

E aí fiquei ainda mais agradecida ao Sem-Cachorro. Porque ele tinha me ensinado aquele modo profundo e claro de pensar, que permitia ver as coisas como eram na real. Então, mesmo que minha mãe não estivesse enxergando a real, e não soubesse que, por exemplo, os jurados do *Pop Idol* não conseguem provar que têm direito a continuar vivos, enxergava, sim, algo que talvez funcionasse pra ela e fizesse ela parar de ser tão vaca.

E agora, por causa dos ensinamentos do Sem-Cachorro, eu tinha a sabedoria de aceitar a visão dela, em vez de dizer que era idiota ou sem sentido.

MARTIN

Quem, talvez vocês quisessem perguntar, daria o nome de um filho de Pacino? Os pais do Pacino, Harry e Marcia Cox, eis quem.

“Se me permite a pergunta: de onde veio esse nome?”, perguntei pro Pacino quando fomos apresentados.

Ele me olhou espantado, embora eu deva observar que se espantava com mais ou menos qualquer pergunta. Era um garoto grande, dentuço e vesgo, o que tornava particularmente infeliz sua falta de inteligência. Se alguém algum dia precisou da compensação do carisma e da beleza, essa pessoa é o Pacino.

“Como assim?”

“De onde saiu o seu nome?”

“De onde saiu?”

A ideia de que nomes saíssem de algum lugar era claramente novidade pra ele; dava na mesma se eu tivesse perguntado de onde vinham suas unhas do pé.

“Tem um ator de cinema famoso que se chama Pacino.”

Ele me encarou.

“Tem?”

“Você nunca ouviu falar dele?”

“Não.”

“Então você acha que seu nome não tem a ver com isso?”

“Não sei.”

“Você nunca perguntou?”

“Não. Não fico perguntando sobre o nome de ninguém.”

“Certo.”

“E de onde que vem o seu?”

“Meu nome? Martin?”

“É.”

“De onde vem?”

“É.”

Travei na frente dele por um momento. Me deu um branco. Fora a resposta óbvia — que tinha vindo dos meus pais, exatamente como Pacino era ideia dos pais dele (embora ele talvez se admirasse até mesmo com essa informação) — tudo que eu podia responder era que meu nome tinha origem francesa, assim como o dele, italiana. Consequentemente, teria dificuldades pra explicar por que Pacino era cômico e Martin não.

“Tá vendo? É uma pergunta difícil. Não significa que eu sou burro, só porque não consigo responder.”

“Não. Claro que não.”

“Senão você é burro também.”

Não era uma possibilidade que eu pudesse descartar totalmente. Tinha todo tipo de razão pra estar começando a me sentir burro.

O Pacino é um aluno da sétima série de uma escola pública do meu bairro cujo nível de leitura eu supostamente devia ajudar a melhorar. Tinha me candidatado voluntariamente pra tarefa depois da minha conversa com a Cindy e de ter visto um pequeno anúncio no jornal local: o Pacino era minha primeira estação no caminho rumo a uma vida

respeitável. Um longo caminho, entendo, mas esperava, não sei por que, que o Pacino representasse uma estação mais adiante. Se fôssemos pensar que minha vida respeitável fica, digamos, em Sidney, e que tinha começado a viagem na estação de metrô de Holloway Road, imaginava que o Pacino seria a escala noturna do voo, o lugar onde meu avião pararia pra reabastecimento. Conseguia ser realista a ponto de perceber que, com ele, não faria o percurso todo até o destino final, mas dedicar voluntariamente uma hora a um menino idiota e nada interessante devia contar um bom tanto em milhas aéreas, certo? Durante nossa primeira aula, no entanto, já tropeçando nas palavras mais simples, me dei conta de que aquela escala estava mais pra Caledonian Road do que pra Cingapura, e que tinha pela frente mais umas vinte e tantas porcarias de estações de metrô só pra chegar ao aeroporto de Heathrow.

Começamos com um troço absurdo sobre futebol que ele queria ler, um livro de letras enormes contando a história de uma menina com uma perna só que superava a deficiência e o machismo dos colegas de time pra ser tornar capitã da equipe da escola. Mas, justiça seja feita ao Pacino: quando viu o rumo que a coisa tomava, ele ficou revoltado, conforme era de esperar.

“Ela vai marcar o gol da vitória na final, né?”, perguntou, meio indignado.

“Temo que seja esse o caso.”

“Mas ela só tem uma perna.”

“Verdade.”

“E ainda por cima é uma menina.”

“Sim, é.”

“Que escola é essa, né?”

“É de se perguntar.”

“Estou perguntando.”

“Você quer saber o nome da escola?”

“É. Quero ir lá com meus amigos pra gente rir deles por terem uma menina de uma perna só no time.”

“Não tenho certeza se é uma escola de verdade.”

“Então a história nem é real?”

“Não.”

“Estou pouco me fodendo pra esse negócio, então.”

“Boa. Vai lá e escolhe outra coisa.”

Ele voltou às estantes da biblioteca, fuçou um pouco, mas não conseguiu achar nada que pudesse interessar.

“Pelo que você se interessa de verdade?”

“Na real, por nada.”

“Nadinha?”

“Gosto bastante de fruta. Minha mãe diz que sou um comedor de fruta campeão.”

“Certo. Já tem por onde começar.”

Ainda restavam quarenta e cinco minutos da nossa hora.

E aí: o que vocês fariam? Como é que alguém começa a gostar de si mesmo pra querer viver um pouco mais? E por que minha hora com o Pacino não operou essa mágica? Acho que a culpa foi dele, em parte. Ele não *queria* aprender. E também não era o tipo de criança que eu tinha em mente quando me candidatei àquilo. Estava esperando um menino que fosse notavelmente inteligente, mas prejudicado por alguma circunstância doméstica, alguém que só precisasse de uma hora extra de aula por semana pra se tornar uma espécie de prodígio da classe trabalhadora. Queria que aquela minha hora semanal fizesse a diferença entre um futuro entregue à heroína e um futuro estudando letras em Oxford. Era esse o tipo de criança que eu queria e, em vez disso, me dão um garoto cujo principal interesse era comer frutas. Ora, ele precisava de leitura pra quê? Existe um símbolo universal pra indicar o banheiro masculino, e tinha a mãe dele na hora de consultar a programação da tevê.

Talvez a questão fosse essa, a total e desesperadora inutilidade da coisa. Talvez assim, sabendo que está fazendo alguma coisa tão claramente sem utilidade, a gente possa se gostar mais do que alguém que indiscutivelmente ajuda pessoas. Talvez eu acabasse me sentindo melhor que o enfermeiro loiro, e pudesse maltratar ele de novo, só que dessa vez o convencido seria eu. É uma moeda como outra qualquer, a autoestima. A gente passa anos poupando e pode acabar com tudo numa noite, se quiser. Eu tinha torrado quarenta e tantos anos de economias em poucos meses, e agora precisava começar a poupar novamente. Calculo que o Pacino renderia uns dez pence por semana, então levaria algum tempo até eu poder voltar a pagar por uma noitada.

Taí. Agora sou capaz de terminar aquela frase: “Difícil é ensinar o Pacino a ler”. Ou ainda: “Difícil é recriar a si mesmo, pedacinho por pedacinho, sem manual de instruções ou a menor ideia de onde encaixar as peças mais importantes”.

JJ

A Lizzie e o Ed foram numa daquelas lojas bacanas da Denmark Street e compraram pra mim um violão e uma harmônica com suporte de pescoço; e, quando o Ed e eu estávamos indo pra Heathrow, ele me disse que queria me pagar a passagem de volta.

“Não posso ir pra casa ainda, cara.”

Eu estava indo até o aeroporto pra me despedir, mas a viagem de metrô até lá demorava um tempão do caralho, aí a gente acabou conversando sobre outra coisa além de qual porcaria de revista o Ed ia escolher pra comprar na banca.

“Não tem nada neste país pra você. Vai pra casa, forma uma banda.”

“Já tenho uma aqui.”

“Onde?”

“Aquela galera, saca?”

“Você pensa neles como uma banda? Aqueles coitados, aqueles porras daqueles... malucos que a gente conheceu no Starbucks?”

“Já tive uma banda de coitados e malucos antes.”

“Ninguém nunca foi maluco na minha banda.”

“E o Dollar Bill?”

O Dollar Bill foi nosso primeiro baixista. Era mais velho do que a gente, e tivemos que nos livrar do cara depois de um incidente envolvendo o filho do zelador da escola.

“Pelo menos o Dollar Bill sabia tocar, porra. E aqueles seus amiguinhos?”

“Não somos esse tipo de banda.”

“Não são banda nenhuma. Qual é, então a parada é pra sempre? Você vai ter que andar por aí com eles até todo mundo morrer?”

“Não, cara. Só até todo mundo ficar legal.”

“Até todo mundo ficar legal? Aquela garota é pirada. O cara nunca mais vai conseguir levantar a cabeça em público. E a coroa tem um moleque que mal consegue respirar sozinho, porra. Quando é que essa galera vai ficar legal? Você faz melhor se esperar que eles fiquem bem mal. Aí vão pular logo daquela porra daquele prédio, e você pode voltar pra casa. É sua única chance de final feliz.”

“E você?”

“Que porra tudo isso tem a ver comigo?”

“Qual vai ser seu final feliz?”

“Do que você tá falando?”

“Quero saber que tipo de final feliz está ao alcance do resto da população. Me explica isso aí. Porque o Martin, a Maureen e a Jess estão fodidos, mas você... Você tem um emprego catando gente que faz gato de tevê a cabo. Aonde é que vai chegar com isso?”

“Vou chegar aonde eu chegar.”

“Pode crer. Me diz que lugar é esse.”

“Vai se foder, cara.”

“Só estou tentando argumentar.”

“Pode crer. Já saquei. Minha chance de final feliz é a mesma dos seus amigos. Valeu. Você se importa se eu esperar chegar em casa pra me dar um tiro? Ou prefere que eu faça isso aqui mesmo?”

“Ei, não foi isso que eu quis dizer.”

Mas disse, acho. Quando a gente chega ao ponto que cheguei na noite de Ano-Novo, pensa que as pessoas que não acabaram indo parar no mesmo terraço estão a milhões de quilômetros dali, a todo um oceano de distância, mas não estão. Não tem oceano nenhum. Mais ou menos todo mundo está em terra firme, e ao alcance da mão. Não estou tentando dizer que a felicidade fica bem perto, basta querer enxergar, ou alguma merda desse tipo. Não estou dizendo pra vocês que os suicidas não estão tão longe assim das pessoas que são capazes de seguir em frente; estou dizendo que pessoas capazes de seguir em frente é que não estão tão longe assim de quem acaba com a própria vida. Talvez isso não devesse ser tão reconfortante pra mim quanto sinto que é.

Nossos noventa dias chegavam ao fim, e acho que o suicidólogo do Martin sabia do que estava falando. As coisas tinham mudado. Não muito rápido, nem muito dramaticamente, e talvez também não tivéssemos feito muito pra que mudassem. E no meu caso, pelo menos, a mudança não tinha sido nem mesmo pra melhor. Podia afirmar honestamente que minhas condições e perspectivas seriam ainda menos invejáveis em 31 de março do que eram na noite de Ano-Novo.

“Você vai mesmo seguir adiante com isso?”, o Ed perguntou quando chegamos ao aeroporto.

“Seguir adiante com o quê?”

“Sei lá. Com a vida.”

“Não vejo por que não.”

“Sério? Merda, cara. Você deve ser a única pessoa que acha isso. Pô, todo mundo ia entender se você tivesse pulado. Na real. Ninguém ia pensar, saca, que desperdício. O cara jogou tudo pro alto. Porque o que tinha pra jogar? Nada. Não seria desperdício nenhum.”

“Valeu, cara.”

“De nada. Só dou minha opinião.”

Ele estava sorrindo, e eu estava sorrindo, e a gente estava apenas conversando um com o outro do jeito que sempre conversamos sobre qualquer coisa que tivesse dado errado nas nossas vidas; só parecia um pouco mais cruel que o normal, acho. Em outros tempos, o Ed estaria me dizendo que a garota que tinha acabado de partir meu coração preferia mesmo ele, de qualquer jeito, e eu estaria dizendo que a música que ele tinha demorado meses compondo era uma bosta, mas agora havia muito mais em jogo. Ele tinha razão, porém, provavelmente mais razão do que nunca. Não seria desperdício nenhum. O truque é perceber que, mesmo assim, o cara tem direito a envelhecer.

Tocar na rua não é tão ruim. Tá, é ruim, mas não é terrível. Bom, tá, é terrível, mas não é... Volto outra hora pra concluir a frase com algo ao mesmo tempo verdadeiro e que exalte a vida. No primeiro dia, uma puta de uma sensação boa, porque fazia tanto tempo que eu não pegava num violão, e o segundo dia foi bem legal também, por eu já não estar mais tão enferrujado e sentir que tudo voltava aos poucos, acordes, canções e autoconfiança. Depois disso, a sensação era a de tocar na rua, e tocando na rua eu me sentia melhor do que entregando pizzas.

E o pessoal põe grana mesmo na caixinha. Faturei dez libras tocando “Losing My Religion” pra uma galera de jovens espanhóis na frente do Madame Tussaud, e só um pouco menos que isso de um bando de suecos ou sei lá o que no dia seguinte (“William, It Was Really Nothing”, Tate Modern). Se desse pra assassinar um sujeitinho, tocar na rua seria o melhor emprego que eu podia querer. Ou, pelo menos, o melhor envolvendo tocar violão em calçadas, enfim. O tal cara se autointitula Jerry Lee das Calçadas, e o lance dele é se instalar bem perto de algum cara feito eu e tocar exatamente a mesma música, só que, saca, uns dois compassos atrás. Aí começo a tocar “Losing My Religion” e ele toca “Losing My Religion”, e paro, porque o resultado é terrível, e então ele para também e todo

mundo ri, porque, porra, que parada mais engraçada, hahaha, e aí mudo de lugar e ele imediatamente muda junto. E não interessa a música, e nisso eu devo admitir que o cara meio que impressiona. Achei que ia pegar ele com “Skyway”, dos Replacements, que mandei só pra encher o saco, e que é uma música que talvez umas dezenove pessoas no mundo conheçam, mas o cara acompanhou. Ah, e todo mundo joga suas moedas pra ele, que, claro, é o gênio ali, não eu. Passei um sermão no sujeito certa vez, na Leicester Square, e fui vaiado geral, porque a galera toda ama ele.

Mas imagino que todo mundo tem um colega de trabalho com quem não se dá bem. E, se as boas metáforas pra imbecilidade e a futilidade do cotidiano no trabalho andam em falta pra vocês — e sei que não deve ser bem o caso de todos —, essa do Jerry Lee das Calçadas, vamos combinar, é páreo duro.

MAUREEN

Nos encontramos no pub que fica bem em frente ao Toppers’ House para nossa celebração dos Noventa Dias. A ideia era beber algumas doses, subir no terraço, refletir um pouco sobre tudo e então ir comer um curry no Indian Ocean da Holloway Road. Eu estava insegura quanto a esta última parte, mas os outros disseram que a gente ia pedir alguma coisa que eu concordasse.

Só não queria subir no terraço.

“Por que não?”, a Jess quis saber.

“Porque as pessoas vão lá pra se matar”, respondi.

“Dã”, disse a Jess.

“Ah, então você curtiu estar lá no Dia dos Namorados, é isso?”, o Martin perguntou a ela.

“Não, não *curti*, exatamente. Mas, sabe.”

“Não, não sei”, o Martin falou.

“Faz parte.”

“As pessoas sempre dizem isso de coisas desagradáveis. ‘Ah, no filme tem um cara que arranca os próprios olhos com um saca-rolhas. Mas faz

parte.' Vou te dizer o que mais faz parte: cagar. E ninguém nunca mostra isso nos filmes, certo? Vamos sair pra ver gente cagando hoje à noite."

"E quem vai deixar?", perguntou a Jess. "As pessoas trancam a porta."

"Então você ia ficar vendo se não trancassem."

"Se não trancassem, todo mundo ia achar que faz parte, né? Aí eu ia ficar vendo, sim."

O Martin soltou um gemido e revirou os olhos. A gente podia pensar que ele era muito mais inteligente que a Jess, mas parecia que nunca ganhava dela numa discussão, e ali tinha sido pego outra vez.

"Mas as pessoas se trancam porque querem privacidade", o JJ falou. "E talvez também queiram quando estão pensando em se matar."

"Então você está dizendo que devemos simplesmente deixar que levem o plano adiante?", disse a Jess. "Porque não acho que isso esteja certo. Talvez hoje a gente consiga impedir alguém."

"E como isso se encaixa nas ideias do seu amigo? Pelo que entendi, você agora é da opinião de que, quando se trata de suicídio, melhor deixar o destino decidir", o Martin falou.

A gente tinha acabado de falar de um sujeito sem nome chamado Sem-Cachorro, o qual disse para a Jess que pensar em se matar era perfeitamente saudável, algo que todo mundo devia fazer.

"Nunca falei nada dessa p..."

"Desculpe. Eu estava parafraseando. Pensei que não tínhamos o direito de intervir."

"Não, não. A gente pode. A intervenção é parte do processo, entende? Tudo o que a pessoa precisa fazer é pensar sobre o troço, e, aí, que aconteça o que tiver que acontecer. Se a gente tiver que impedir alguém, os deuses já terão dado o recado."

"Se eu fosse um deus", disse o Martin, "você seria exatamente o tipo de pessoa pra me servir."

"Você está sendo malicioso?"

"Não. Estou te elogiando."

A Jess pareceu satisfeita.

“E então, vamos procurar alguém?”, ela perguntou.

“E como a gente faz pra procurar?”

“Pra começar, pode ser que a pessoa esteja aqui mesmo.”

Demos uma examinada à nossa volta, no pub. Passava só um pouquinho das sete e não tinha muita gente ali ainda. No canto perto do banheiro masculino, uns rapazes de terno viam alguma coisa num celular e riam. Na mesa mais próxima do bar, três moças olhavam fotografias e riam. Na mesa ao lado da nossa, um casal jovem ria por nada e, no balcão, um sujeito de meia-idade lia um jornal.

“Gente demais rindo”, a Jess falou.

“Ninguém que ache engraçado ler mensagens de texto está pensando em se matar”, disse o JJ. “Não devem ter nenhuma questão interna importante.”

“Já li algumas mensagens de texto engraçadas.”

“Bom, pois é”, o Martin falou. “Não tenho certeza se isso contradiz o que disse o JJ.”

“Cala a boca”, a Jess respondeu. “E aquele cara ali, lendo jornal? Está sozinho. Provavelmente é nossa melhor chance.”

O JJ e o Martin se entreolharam e riram.

“Nossa melhor chance?”, disse o Martin. “Então você está dizendo que precisamos convencer alguém neste pub a não se matar, esteja a pessoa pensando nisso ou não.”

“É, bom, esses idiotas rindo é que não vão subir lá, né? O cara ali parece mais, tipo, profundo.”

“O cara está lendo a seção de turfe da p... do *Sun*”, o Martin falou. “Daqui um minuto um camarada dele aparece e os dois vão descer quinze chopos e um curry.”

“Esnobe.”

“Ah, e quem é mesmo que acha que o sujeito precisa ser profundo pra querer se suicidar?”

“Todo mundo aqui”, disse o JJ. “Certo?”

Tomamos duas doses cada um. O Martin bebeu duas das grandes de uísque com água, o JJ, Guinness, a Jess, Red Bull e vodca, e eu, vinho branco. Três meses antes, provavelmente teria ficado tonta, mas agora parecia que eu bebia bastante, e me senti apenas animada e afetuosa. Os relógios tinham sido adiantados no domingo anterior e, embora já parecesse noite quando pisamos na rua, lá em cima, no terraço, ainda se via um resto de luz em algum lugar da cidade. Nos encostamos na amurada, bem junto do local onde o Martin tinha cortado o arame da cerca de proteção, e olhamos para o rio, no sentido sul.

“E aí?”, disse a Jess. “Alguém a fim de pular?”

Ninguém falou nada, porque a pergunta não era séria, então todo mundo apenas sorriu.

“Isso só pode ser uma coisa boa, certo? A gente ainda estar por aqui?”, o JJ falou.

“Dã”, disse a Jess.

“Não, sério”, o JJ respondeu. “Não foi uma pergunta retórica.”

A Jess soltou um palavrão e perguntou o que ele queria dizer com aquilo.

“Pô, sério, eu queria saber”, disse o JJ. “Querida de verdade saber se... saca.”

“Se é melhor a gente estar por aqui do que não estar.”

“Pode crer. É isso. Acho.”

“Pras suas filhas é melhor”, a Jess falou.

“Acho que sim”, disse o Martin. “Mesmo a gente nunca se vendo.”

“Pro Matty também é melhor”, o JJ falou, e eu não disse nada, o que fez todo mundo lembrar que, na verdade, a situação do Matty não melhorava em nada.

“Todos aqui temos nossos entes queridos, enfim”, disse o Martin. “E nossos entes queridos preferem que a gente esteja vivo do que morto. No geral.”

“Você acha?”, a Jess quis saber.

“A pergunta é se acho que seus pais querem que você continue viva? Sim, Jess, seus pais querem que você continue viva.”

A Jess fez cara de quem não acreditava nele.

“Por que a gente não pensou nisso antes?”, perguntou o JJ. “Na noite de Ano-Novo? Em nenhum momento pensei nos meus pais.”

“Porque as coisas estavam piores naquele dia, acho”, o Martin falou. “Família é que nem, sei lá. A força da gravidade. Às vezes mais forte, às vezes mais fraca.”

“É. Só se pra você a gravidade é isso. Como se a gente pudesse flutuar de manhã e, de noite, mal conseguisse levantar um pé do chão.”

“Pense nas marés, então. A gente nem repara o empuxo quando... Bom, enfim. Vocês entenderam o que quero dizer.”

“Se um cara aparecesse aqui agora, o que vocês diriam pra ele?”, o JJ quis saber.

“Eu falaria dos noventa dias”, a Jess respondeu. “Porque dá certo, né?”

“É”, o JJ falou. “Deu certo porque nenhum de nós está pensando em se matar hoje. Mas, saca... Se ele perguntasse pra gente por quê, se dissesse: ‘Então me digam que grandes coisas aconteceram com vocês pra decidirem que não iam mais pular’... O que a gente ia responder?”

“Eu contaria do meu emprego na banca”, falei. “E do jogo de perguntas e respostas no pub.”

Os outros baixaram a vista. A Jess pensou em dizer alguma coisa, mas cruzou o olhar com o JJ e mudou de ideia.

“Pode crer, pô, você tá indo bem”, disse o JJ, depois de um tempo. “Mas, p..., eu estou tocando na rua, cara. Desculpa, Maureen.”

“E eu sou um fracasso ajudando o menino mais tapado do mundo a melhorar seu nível de leitura”, o Martin falou.

“Não seja tão duro com você mesmo”, disse a Jess. “Você é um fracasso em um monte de coisas diferentes. É um fracasso com suas filhas, nos relacionamentos...”

“Ah, claro, já você, Jess... Você é um p... sucesso na vida. Manda bem em tudo.”

“Desculpe, Maureen”, o JJ falou.

“É, Maureen, me desculpe.”

“Eu não conhecia o Sem-Cachorro há noventa dias”, disse a Jess.

“Ah, claro”, o Martin falou. “O Sem-Cachorro. O único feito sem precedentes de que qualquer um aqui pode se gabar. Com exceção da equipe de perguntas e respostas da Maureen, evidentemente.”

Não cheguei a lembrá-lo da banca. Sei que não é muita coisa, mas talvez parecesse que eu estava esfregando na cara um pouco demais.

“A gente podia falar do Sem-Cachorro pro nosso hipotético suicida. ‘Ah, sim. A Jess aqui conheceu um cara que acha que ninguém devia ter nome e que todo mundo devia andar por aí se suicidando o tempo inteiro.’ Isso vai animar nosso amigo.”

“Não é isso que o Sem-Cachorro pensa. Você está querendo f... com a ideia dele. Pra que você foi começar isso, JJ? A gente tinha saído pra curtir, e agora todo mundo ficou deprimido pra c...”

“Pode crer”, o JJ falou. “Desculpa. Eu só estava me perguntando, saca. Por que a gente continua por aqui.”

“Obrigado”, disse o Martin. “Obrigado por isso.”

Ao longe podíamos ver as luzes da London Eye, a roda-gigante à beira do rio.

“Enfim, não precisamos decidir isso agora, certo?”, perguntou o JJ.

“Claro que não”, o Martin respondeu.

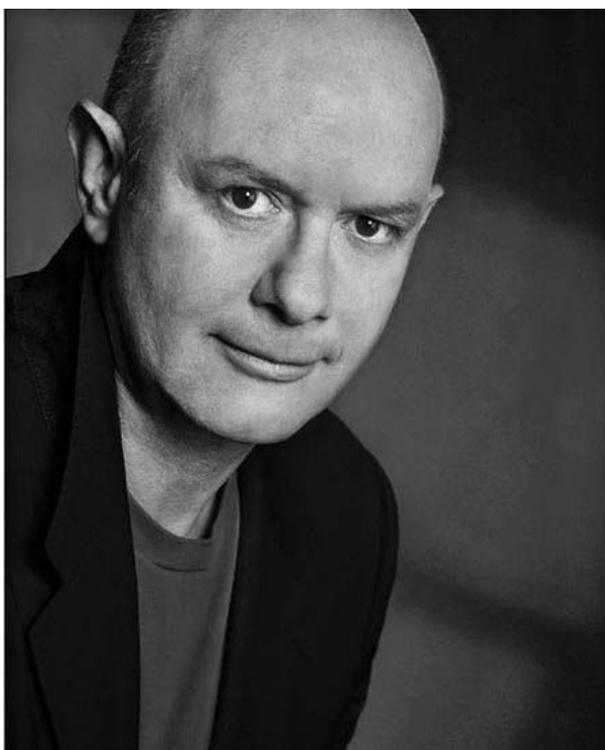
“Então que tal se a gente se desse mais seis meses? Pra ver como nos saímos?”

“Aquele negócio lá está girando mesmo?”, o Martin falou. “Não dá pra saber.”

Ficamos observando a roda-gigante por um longo tempo, tentando descobrir. O Martin tinha razão. Não parecia que estava girando, mas devia estar, acho.

# Agradecimentos

Obrigado a Tony Lacey, Wendy Carlton, Helen Fraser, Susan Petersen, Joanna Prior, Zelda Turner, Eli Horowitz, Mary Cranitch, Caroline Dawnay, Alex Elam, John Hamilton.



SIGRID ESTRADA

NICK HORNBY nasceu em 1957, em Redhill, Inglaterra. Formado na Universidade de Cambridge, publicou uma dezena de livros, entre os quais *Febre de bola*, *Alta fidelidade* e *Um grande garoto*, que ganharam versões cinematográficas. Em 1997 fundou, com outros pais, um centro de excelência no tratamento de crianças autistas na Inglaterra, a TreeHouse.

Copyright © 2005 by Nick Hornby

Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

A Long Way Down

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Thaís Totino Richter

Luciane Helena Gomide

ISBN 978-85-8086-990-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

Capa

Parte 1

Parte 2

Parte 3

Agradecimentos

Sobre o autor

Créditos